O Ministério do Turismo e a Casa do Bom Menino de Arapongas
apresentam:

De Corpo e Alma

VOLUME III - A ÚLTIMA PÁGINA

“A função da educação é ensinar a pensar intensamente e pensar criticamente. Inteligência mais caráter: esse é o objetivo da verdadeira educação.”

– Martin Luther King Jr.

Dedicatória

Aos nossos alunos sonhadores que têm coragem para embarcar conosco nos desafios e que provam cotidianamente que quem sonha grande e se esforça, atinge a linha de chegada.

De Corpo e Alma

VOLUME III - A ÚLTIMA PÁGINA

Projeto – Professora

Andressa de Oliveira Fante Reis

Colaboração – Professora

Thais Cunha Barreto

Colaboração – Apoio

Danielle Oliveira Naciso

Capa e Ilustrador Gráfico

Rafael dos Santos Calizotti

Revisão Historiográfica

Pedro Alberto Tazawa Delmont Pais

Revisão de Texto

Vanderlei de Souza

Diagramação e Supervisão Gráfica

Claudinei A. Fernandes

Casa do Bom Menino de Arapongas – Projeto Crescer

Presidente: Paulo Hermínio Pennacchi

Conselho Fiscal/Coord. Estratégica: Maria Cleide Zanin Pennacchi

Secretário: Luiz Antônio Sartório

Tesoureiro: Reginaldo Giroldo

Gestora Educacional: Andressa de Oliveira Fante Reis

Coordenadora Pedagógica: Aline de Oliveira

Assistente Pedagógica: Letícia Maria Brambila da Luz

……

Arapongas, PR

Novembro de 2022

……

Impressão e acabamento: Idealiza Gráfica e Editora Ltda

Tel: (43) 3373-7876

sac@idealizagraf.com.br

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, fotocopiado, gravado ou outro, sem autorização prévia por escrito dos autores.

Os infratores serão processados na forma da lei.

Todos os direitos reservados à Casa do Bom Menino de Arapongas.

Arapongas PR, 2022.

Agradecimentos

Por meio de muita dedicação e amor, mais um livro foi finalizado, encerrando a entusiasmante história da trilogia “De Corpo e Alma”. Essa que representou tantos marcos, atravessou as dificuldades da pandemia e que segue ganhando os nossos corações com as aventuras de Helena e todo o desenvolvimento da trajetória de cada um dos personagens.

Alcançar a tão esperada linha de chegada é satisfatório, entretanto ter o conhecimento de que cada passo foi aproveitado e que o caminho foi repleto de bons momentos é ainda mais recompensador. Portanto, nós nos encontramos extremamente orgulhosos de nossos alunos, por serem essas pequenas estrelas cheias de criatividade, alegria e força de vontade.

Mais que tudo, agradecemos a Deus por abençoar e permitir que esse projeto de incentivo à leitura e à escrita continuasse da melhor forma imaginável.

Além disso, nosso agradecimento a toda equipe que se manteve perseverante durante esses três anos e depositou o mesmo empenho em cada volume, de forma que a qualidade sempre aumentasse.

Gratidão especial a todos os patrocinadores através da Lei de Incentivo à Cultura do ano de 2022. Como sempre, pessoas que conhecem a transparência e respeitam o trabalho da instituição, que tem como missão edificar pessoas através da educação, chamada Casa do Bom Menino de Arapongas.

Prefácio

"Há um ditado chinês que diz que, se dois homens vêm andando por uma estrada, cada um carregando um pão, ao se encontrarem, eles trocam os pães; cada um vai embora com um. Porém, se dois homens vêm andando por uma estrada, cada um carregando uma ideia, ao se encontrarem, trocam as ideias; cada um vai embora com duas.

É esse o sentido do nosso fazer: repartir ideias, para todos terem pão".

Mário Sérgio Cortella

Nas últimas três décadas, o mundo e o modo de vida foram transformados pela tecnologia digital. As mudanças e avanços foram tão repentinos e impactantes que muitas confusões acabaram surgindo e permanecendo até hoje. Em algum momento se convencionou, por exemplo, que se uma criança ou um adolescente tem a esperteza para baixar um aplicativo ou criar e editar perfis nas redes sociais, tem também a habilidade necessária para lidar com todas as adversidades desse mundo complexo em que vivemos. Muitos jovens, de posse das habilidades que os colocam em vantagem na lida com as ferramentas do mundo digital, passam a olhar com certo desdém para os mais velhos, as lições de vida e a inteligência emocional tão necessários para enfrentar e vencer as adversidades do dia a dia.

Na área do ensino, essa situação também tem trazido muitos impactos. E às mudanças causadas pela chegada da tecnologia digital, somaram-se também os múltiplos problemas trazidos pela pandemia, que isolou muitas pessoas, aumentou a ansiedade e a agressividade, expondo

de maneira cruel, em muitos lares, a dificuldade que as pessoas têm para as coisas mais simples da vida, como o diálogo em família. Resultado: indisciplina nas escolas, indiferença, falta de respeito e de comprometimento, evasão escolar... Problemas que alcançam as instituições ligadas ao ensino, onde as equipes precisam se desdobrar e renovar constantemente suas ações no sentido de atender da melhor maneira possível às demandas apresentadas pelos alunos e seus familiares.

No caso do Projeto Crescer, um esforço nesse sentido o Grupo de Apoio Familiar (GAF), que nasceu com o propósito de ir muito além da mera necessidade de dar algumas satisfações protocolares à comunidade escolar. Seu objetivo maior é compartilhar interesses e missões, tendo em vista a aprendizagem dos alunos. Os encontros com os pais ou responsáveis mostram as intenções educativas do Projeto e a evolução da aprendizagem, além de discutir estratégias conjuntas para melhorá-la.

Escola e família vivem um impasse. Ambos têm dificuldades em orientar sua conduta na educação dos filhos/alunos em um mundo tão diferente do que viveram na infância. Diante desse quadro, torna-se evidente a necessidade do GAF a fim de repensar a relação entre a escola e a família, aumentando os espaços de participação compartilhada com o objetivo de estabelecer vínculos e estreitar a convivência, para que ambas tenham clareza sobre as dificuldades e carências que cada segmento vivencia na arte diária de educar os filhos/alunos em parceria.

Outro passo importante no Projeto Crescer foi a adoção do sistema de ensino por nível, em que o aluno é atendido de forma individualizada, conforme o seu ritmo e a sua capacidade de adquirir e processar o conhecimento, e não por série ou idade, em que o grupo era atendido de modo uniforme. A abordagem individual e personalizada respeita as diferenças de cada aluno e propicia um ambiente de aprendizagem mais adequado, embora traga uma missão ainda mais desafiadora para

os educadores. No fundo, é atrás dessa atenção individualizada que todos estão correndo, seja através de postagens nas redes sociais, seja no círculo de amigos e mesmo na família. E a falta dessa atenção, desse respeito sobre ser tratado com características próprias e únicas, vem tornando as pessoas cada vez mais agressivas ou ousadas em suas postagens, em suas atitudes, em seus questionamentos.

Criar filhos nunca foi uma tarefa fácil. E criar filhos num mundo em constantes e rápidas transformações, é obviamente muito mais difícil. Cada geração enfrenta desafios diferentes de acordo com a sua época. Cada contexto é diferente e necessita de visões de mundo diferentes para ser compreendido em sua totalidade. É hora de agir com ousadia, com criatividade e com coragem pela educação que queremos. Você está lendo esse livro porque o Projeto Crescer é capaz de ousadias como essa: reunir alunos e professores para produzir uma trilogia que atravessou a pandemia encantando corações e mentes com a história de uma garota chamada Helena. A educação é a nossa paixão e quando se trabalha com paixão, não há limites.

Boa leitura.

Paulo Hermínio Pennacchi

- Presidente da Casa do Bom Menino de Arapongas

Apresentação

O ditado popular que afirma que ondas calmas não criam marinheiros excelentes, repletos de experiência e conhecimento, nunca fez tanto sentido para o Projeto Crescer como nos últimos anos. Afinal de contas, quem diria que teríamos capacidade e perseverança suficientes para concretizar essa trilogia dentro de um contexto de situações completamente inesperadas e que demandariam tamanha resiliência de todos os envolvidos.

Entretanto, desafios são assim: impossíveis para aqueles que não estão dispostos a dedicar o tempo, trabalho, planejamento e amor necessários para que esses sejam superados.

Dessa forma, contando com estudantes criativos, profissionais empenhados e com o apoio dos patrocinadores, o volume III, chamado de "A última página", foi desenvolvido no decorrer do ano de 2022, através das aulas semanais das oficinas de Produção Textual e de Arte.

Agora acompanhamos uma Helena bem mais madura, porém que segue com seu espírito ousado e aventureiro, sendo eles refletidos em suas decisões do dia a dia. Outrossim, ela acompanha e participa de todas as mudanças pelas quais o seu país natal passa, afinal de contas, a Polônia já não é a mesma desde o início da década de 70.

Os alunos foram longe, dando destinos inimagináveis aos personagens, enquanto a Casa do Bom Menino de Arapongas também alcançou resultados que antigamente encontravam-se distantes, provando de novo que não limitar os horizontes das crianças e proporcionar um ensino inovador e de qualidade fazem absolutamente toda diferença.

Orgulho é a palavra que define este momento.

Sumário

Dedicatória *3*

Agradecimentos *8*

Prefácio *9*

Apresentação *13*

1. Coração indeciso 16

2. De lagarta a uma borboleta 32

3. A quebra da máscara 52

4. De volta para você 67

5. Até que a pressão nos separe 83

6. Quebrando padrões 96

7. Formação de uma intriga 108

8. Amor ou apego? 121

9. Ainda estamos conectados? 140

10. Era para ser assim? 157

11. Amigos então? 171

12. Conhecendo culturas 188

13. Religando as almas 207

14. O antigo objeto e uma nova emoção.....224

15. Outono inesquecível.....242

16. Juntos até o fim 258

17. O amor vem dos escombros.....275

18. Desenterrando memórias 293

19. O nascer da vida.....310

20. Um novo recomeço 324

Autores das ilustrações 337

Autores Projeto Crescer I.....339

Coautores Projeto Crescer I 347

Autores Projeto Crescer II 351

Coautores Projeto Crescer II.....356

Patrocinadores.....359

1

Coração indeciso

— Eu escolho… Você!

Digo sem nenhum resquício de dúvida ao apontar para a pessoa escolhida, surpreendendo a todos que assistiam aquela confusão, quando notaram que o meu indicador apontava para o centro do meu peito.

— Eu escolho a mim mesma e a respeitar os meus sentimentos. Eu escolho dançar sozinha ao tomar uma decisão precipitada que machucará um de vocês desnecessariamente.

Para o meu alívio, uma valsa calma preencheu o lugar ao final de minha fala. Engolindo em seco, sem olhar a reação dos meus amigos, eu me dirigi à pista de dança, rodopiando sozinha em meio à multidão de pares que dançavam. A música estava alta o suficiente para que ninguém atrapalhasse o meu devaneio, em meio aos meus pensamentos de alguém que não soube quem amar. Ou talvez eu simplesmente soubesse que, naquele momento, o certo era priorizar-me.

Por alguns segundos meu olhar se voltou para Edgar e Amélia, que discutiam o ocorrido.

— Olha, eu simplesmente não consigo entender…

— Mas será que não entra nada em sua cabeça?! – disse Amélia brava.

— Como você consegue apoiar aquela escolha, Amélia? Era simples, Helena só tinha que escolher um, Benjamin ou Thomas – disse Edgar em um tom quase irritado.

— Não é tão fácil assim, principalmente para Helena, que está sempre tentando deixar todos felizes! – disse Amélia um pouco mais calma.

— Tudo bem Amélia, você venceu. Não precisa concordar comigo – Edgar se rendeu, cansado de tentar validar seu argumento. No fundo, ele não parecia discordar completamente de Amélia, mas queria defender seus amigos.

Deixei-me levar pelo embalo de várias músicas que tocaram, misturando-me aos demais estudantes, quase tornando-me parte daquele ambiente, até que vi Laura se aproximando, e o meu estômago revirou ligeiramente ao pensar na possibilidade de ela trazer à tona os últimos acontecimentos. Se ela questionasse meus sentimentos, eu me encontraria em uma situação problemática, visto que nem eu sabia ao certo o que eles significavam.

— Helena, está tudo bem? Todos estão comentando sobre o que aconteceu e isso com certeza deve estar te incomodando. Apenas quero que saiba que estou aqui com você, independentemente do que aconteça – disse Laura ao olhar para mim com um semblante de preocupação.

— Ai, Laurinha. Eu acho que, no final das contas, estou bem. Foi uma escolha um tanto quanto importante para mim – disse sorrindo e tentando transparecer uma confiança que eu não sabia se possuía verdadeiramente, visto que, até aquele momento, eu ainda me perguntava interiormente o porquê de tudo aquilo.

Junto com a minha amiga, vejo Benjamin lançar um furioso e confuso olhar diretamente para mim após perceber que eu o encarava e, assim, familiares notas começaram a soar pela pista de dança. Ele puxou uma garota chamada Amanda para dançar. Senti um desânimo tomando conta de mim, ao mesmo tempo que a música que representava nossos momentos mais felizes na casa da árvore passou a ter outro significado.

De repente, senti um cutucão em meu braço, era Laura com uma expressão indecifrável.

— Helena, aquele não é o Benjamin beijando a Amanda? Isso mesmo?

Fiquei paralisada e diversas perguntas surgiram. Eu ainda não compreendia direito o que sentia por ele. O que estava acontecendo comigo? Benjamin e Amanda? Meu Deus!

Eu precisava sair daquele lugar. Eu queria chorar, dançar, ou nem sabia do que precisava ao certo.

Entendendo o que se passava dentro de mim, Laura estendeu a mão e me levou para o banheiro, tirando-me de meus devaneios.

— Helena? Helena, diga alguma coisa! – ela me sacudiu, deixando-me um pouquinho tonta.

— Quer saber, Laura? Agora já foi. Ele de fato tem o direito de fazer o que quiser, mas essa também é a MINHA noite e eu posso te garantir que não vou deixar de aproveitá-la ao máximo. Ele não tem o direito de me entristecer por isso! Não hoje.

Olhei profundamente para Laura naquele pequeno banheiro, para a minha melhor amiga que estava bem ali, no instante em que mais precisava. E tive certeza de que jamais teria qualquer pessoa que sequer pudesse ser comparada a ela, que estava comigo desde sempre. Eu sabia que também havíamos vivido momentos de tristeza, mas adorava me lembrar do quanto eu era feliz estando ao seu lado, e de como ver ela sorrindo e contente me fazia bem.

Decidimos voltar e aproveitar intensamente aquela noite que jamais viveríamos de novo, dançaríamos todos os ritmos e beberíamos o máximo de ponche que conseguíssemos.

Com essa mentalidade, voltamos para a festa e Rita veio falar conosco.

— Helena! – Ela gritou por conta da música alta — Thomas está te procurando, disse que é urgente.

E antes que eu pudesse questioná-la, ela desapareceu no meio da multidão.

Alguns segundos depois, Tony, o jogador de futebol americano que aparentemente tinha uma leve queda pela minha melhor amiga, aparece e a convida para a pista de dança, aquela onde os solteiros riam e os apaixonados se entreolhavam encantados. Antes que Laurinha pudesse recusar, coloquei a mão em seu ombro e acenei com a cabeça, afinal de contas, aquela também era a noite dela.

Aproveitei a oportunidade e fui falar com Thomas, que se encontrava parado perto dos salgadinhos, para descobrir o que era tão urgente.

— Thomas? Rita disse que estava me procurando – falei, com medo do que poderia vir em resposta.

— Sim, Helena. Queria me desculpar por ter te colocado em uma situação tão constrangedora.

Ele passou a mão diversas vezes pelos cabelos durante sua fala, em um gesto de puro nervosismo. Eu assenti com a cabeça, e tomei fôlego para responder, mas ele me interrompeu.

— Eu também queria te entregar uma carta. Acredito que às vezes consigo ser péssimo em demonstrar minhas emoções, então decidi escrever - afirmou ele, observando-me abrir o simples e improvisado envelope feito de guardanapo de papel espesso e lacrado com um ade-

sivo de caderno.

Passei os olhos pelas linhas, porém decidi ler em casa.

— É um gesto lindo, Thomas.

Um fraco e sincero sorriso atravessou meus lábios ao reparar no capricho depositado na carta, apesar de suas humildes matérias-primas. Então continuei.

— Mas prefiro ler em casa. Isso seria algum problema para você?

Ele negou com uma expressão entristecida, e saiu, aparentando desconforto. E eu… bem, fui procurar por Laura, após ficar mais uns dez minutos tentando me conter para não fazer exatamente isso.

Enquanto vagava pelas mesas cobertas por toalhas agora não tão limpas, fiquei refletindo sobre o quanto havia sido pressionada emocionalmente com aquela situação sobre Benjamin e Thomas, que aquilo simplesmente não podia ser saudável e que eu não desejava que ninguém passasse por isso, de ter que lidar com pensamentos insistentes e indecisos e que nunca, nunca nos deixavam sozinhos ou em paz.

No final das contas, foi Laura que me encontrou, vindo quase desesperada em minha direção.

— Você viu o Tony, Helê? – questionou ela.

— Na verdade não, Laurinha. Por quê?

— Ele comentou que iria ao banheiro, mas não voltou até agora. Será que aconteceu alguma coisa? Ou eu comentei algo que o tenha afastado?

— Não fique paranoica, Laurinha. Venha! Eu te ajudo a procurá-lo. Podemos começar indo até a prima dele, com certeza já está perto da hora dos pais dela chegarem, lembra?

— É verdade, Helê. Como eu pude esquecer isso? Mas por que ele não avisaria nada?

— Bem, acho que vamos descobrir isso exatamente agora. Você lembra o nome dela, Laura? Eu esqueci completamente.

— Você sequer chegou a perguntar o nome dela, Helê? Ou a senhorita estava focada demais em seu plano para isso? – Laura colocou as mãos na cintura e ergueu uma de suas sobrancelhas, sem soar ofensiva de forma alguma.

Eu levei uma de minhas mãos à testa. Como eu havia pulado uma parte tão fundamental ao conhecer alguém quando tivemos nosso primeiro diálogo? Por sorte, ou mais provavelmente bênçãos do Criador, foi a menina que deu o primeiro passo e veio nos cumprimentar.

— Oi, meninas, tudo certo? Vocês viram o Tony? Já passou do tempo combinado e eu simplesmente não vejo ele em canto nenhum.

— Na realidade, viemos te perguntar exatamente isso, é…

— Maggie, eu percebi apenas depois que nós duas simplesmente pulamos a parte das apresentações. Ou pelo menos metade dela, não é Helena?

— Eu me indagava o mesmo, acredita? – soltei uma fraca risada, pelo fato de ter ficado um pouco sem graça.

— Mas, voltando ao assunto inicial, se ele não está com você e

com a sua amiga, onde o meu primo está, Helena?

— Essa é uma excelente pergunta, de fato – disse Laura, erguendo uma de suas sobrancelhas, com um ar levemente desconfiado.

— Acho melhor nos separarmos e procurarmos. Eu vou para a fila do banheiro e para o refeitório. Helena, você procura pelo pátio e na sala de esportes. Laura, você se importa de procurar no campo e na sala dos superiores? – Maggie organizou.

— O ponto de encontro pode ser na mesa de ponches! – determinei por fim.

— Vamos começar! – falamos em coro.

Após um período de tempo, todas voltamos ao ponto combinado.

— Meninas, e aí? Boas notícias? Conseguiram encontrar? – questionou Laura.

— Até agora nada – disse Maggie.

Direcionamos nossos olhares ao redor, avistando um rapaz do time de Tony, então resolvemos pará-lo para constatar se ele possuía alguma informação sobre o misterioso paradeiro do amigo.

— Edd, você viu o Tony? Estamos procurando por ele há muito tempo e não fazemos a menor ideia de onde ele possa estar – perguntou Laura aflita, surpreendendo-me pelo fato de ela ter conhecimento do nome dele.

— Meninas, o Tony já foi embora há um bom tempo. Vocês não sabiam?

Após responder, Edd voltou-se novamente para o seu grupo de amigos. E então eu percebi que os olhos de Laura lacrimejavam e estavam cada vez menores.

— O que vocês acham de irmos dançar e nos divertir? Não ligue para o Tony, os garotos são imprevisíveis e cruéis mesmo - afirmei, tentando acalmar Laura, que fazia de tudo para segurar o choro.

Embora eu tivesse aprendido a minha lição com Benjamin, não tinha certeza se verdadeiramente acreditava nas minhas próprias palavras, afinal as meninas também agiam antipaticamente em diversas situações. Atitudes como aquela não eram atreladas ao gênero, e sim ao caráter da pessoa, apesar de também serem motivadas em ocasiões onde os indivíduos se encontram nos seus limites ou com as emoções à flor da pele.

Laura soltou um suspiro profundo e limpou a garganta antes de se dirigir a nós.

— Sabe, eu acho que ele provavelmente teve uma boa razão para se distanciar que nós simplesmente não compreendemos agora, Helê. O Tony não é assim, e não faz o seu feitio simplesmente desaparecer sem mais nem menos.

Minha amiga defendeu Tony calmamente, recuperando sua compostura, porém sem faltar com a educação ou ser grossa. Eu não sabia se era porque ela confiava facilmente nos outros, ou porque era boa em interpretar a personalidade das pessoas.

— Vamos começar uma batalha de dança? Os meus pais vão vir daqui a pouco e não há nada que eu possa fazer a respeito do meu primo ter evaporado. Mas uma coisa é certa: podemos escolher permanecer abaladas por isso ou reagir. E eu não sei quanto a vocês, mas eu não

estou nem minimamente interessada na primeira opção.

— Ah, eu não sei não, meninas.

— Vamos, Laurinha. Vai ser legal! – afirmei, abraçando seu braço direito e a puxando para mais próximo da pista.

Enquanto Maggie e eu convidávamos estudantes para competir, Laura esperava sentada à mesa, toda entristecida.

Os participantes chegaram ao centro do campo e começaram a disputa, a qual era em duplas, contando especificamente com 15 pares distintos. A rodada inicial ocorreu entre dois pares: Maggie contra mim e Amélia contra Edgar.

Edgar e Amélia levaram um pouco a sério demais e foi preciso declararmos empate, pois, ao contrário, eu tinha a impressão de que eles ficariam presos à competição eternamente e não dariam o braço a torcer.

E assim a batalha foi se desenrolando. Rita entrou no meio em uma determinada parte, me impressionando com a forma com a qual a saia de seu lindo e autoral vestido balançava elegantemente conforme seus passos ritmados. Até mesmo Laura participou, se desprendendo de seu anterior semblante desmotivado.

Fui pega de surpresa pelos honestos sorrisos que invadiram meus lábios mesmo após todo aquele estresse que eu havia passado alguns minutos atrás. Fui retirada dos meus pensamentos ao perceber duas novas silhuetas adultas que passavam pelo salão e se aproximavam de Maggie. Ela estava distraída, comendo salgadinhos ao lado de Laura, que descansava, reclinada em uma cadeira. Uma pontada de curiosidade me atingiu e eu fui descobrir o que estava se passando.

Eram os pais de Maggie, a mãe com a postura reta e ar que transmitia autoridade, enquanto o pai era dono de traços mais suaves no rosto, que davam a ele um tom mais paciente. Eu parei antes de começar a explicar a situação para eles, quando notei que ambos estavam com os olhos inchados e ligeiramente rosados. A senhora colocou a mão no ombro da Maggie.

Eles contaram que o irmão de Tony havia sofrido um acidente e estava no hospital e que os pais dele vieram buscá-lo mais cedo e pediram desculpas por terem que deixar Maggie na mão.

Ninguém teve coragem de perguntar o quão grave era o acidente em questão, não depois que Maggie apenas se despediu de nós e seguiu silenciosamente o senhor e a senhora. Sua expressão tinha se transformado, ela não estava com medo das críticas de seus pais em relação ao seu comportamento no baile, era algo mais profundo e intenso, quase como se a família tivesse se comunicado telepaticamente, deixando que uma informação aparentemente muito importante sobre a questão passasse despercebida por mim e por Laura.

O clima anteriormente alegre pairou sobre nós agora como uma neblina opaca de desconforto. Era como se não pudéssemos mais nos divertir depois de uma notícia tão trágica. Não parecia justo.

Alguns minutos se passaram e os pais da Laura chegaram para nos buscar, perguntando se gostaríamos que eles entrassem e esperassem aproveitarmos os nossos últimos momentos da festa. Porém, ao notarem os nossos semblantes, admitiram que talvez aquela não fosse uma ideia tão boa.

Já no carro, perguntamos se Laura poderia ir dormir em minha casa, e os pais dela deixaram, acredito que para nos animar. Enquanto estávamos na estrada, minha amiga acabou pegando no sono e encos-

tando a cabeça em meu ombro.

Aproveitei o momento de privacidade para ler a carta de Thomas, então desdobrei o envelope que estava guardado em um bolso que encontrei em meu vestido.

Helena,

Devo começar dizendo que te amo? Ou talvez pelo fato de que eu não poderia negar que os dias que passamos juntos na viagem para Gdansk foram os mais felizes da minha vida? Ou que, no curto espaço de tempo que nos conhecemos, eu me apaixonei completamente por você? A verdade é que você me conquistou, Helena, seu jeito cativante de ser, sua sinceridade, dentre tantos outros detalhes que não caberiam no papel. Não vou pressioná-la para escolher um de nós dois e não ficarei triste caso eu não seja privilegiado de receber esse troféu, que é o seu amor. Caso isso ocorra, acharei um meio de dar a volta por cima e futuramente encontrar um outro alguém que esteja ao meu lado, embora não tenha certeza de que isso seja possível. Saiba que eu te amo e gostaria de viver esse amor intensamente, mas que entendo, aceito e respeito qualquer que seja o caminho que você decida trilhar.

Thomas.

Necessitei de alguns minutos para digerir aquelas palavras, ele era sempre tão direto em relação a esses assuntos, e eu ainda estava começando a me habituar a isso, a essas ocasiões onde o Thomas tímido se metamorfoseava quando o assunto ia para esses temas.

Por incrível que possa parecer, a carta trouxe uma inesperada leveza ao meu coração, uma coisa que eu não saberia ao certo como explicar, caso alguém me questionasse. Notei que estávamos terminando o trajeto e que Laura estava sutilmente se mexendo, portanto, dobrei

novamente o envelope e coloquei-o no bolso antes que ela pudesse sequer abrir os olhos.

Quando chegamos em minha casa, cumprimentamos minha avó e meus pais. Então resolvemos assistir televisão, comer *kolacz* e tomar uma grande caneca de cappuccino. Enquanto a Laura escolhia o filme, eu estava preparando as comidas.

— Já escolheu, Laurinha?

— Achei esse aqui interessante, o que acha?

— Parece ser uma boa alternativa, Laurinha.

O filme iniciou, mas não conseguimos prestar atenção, pois conversávamos sobre a festa.

— O que você achou do baile, Helena?

— Ah, honestamente, Laurinha? Eu diria que teve os seus altos e baixos. E você?

— Eu não poderia descrever a noite de uma melhor maneira, Helê. O que você acha de um belo pote de sorvete para encerrarmos com chave de ouro?

— Isso aí! Ótima ideia! Minha avó comprou nos sabores de morango e baunilha. Mas, obviamente, tem que ser o primeiro.

— Claro que não, Helê, tem que ser de baunilha!

E continuamos discutindo amigavelmente, até que minha avó Aurora bateu na porta do quarto e entrou.

— Por que vocês estão brigando?

— Ela quer sorvete de baunilha, enquanto eu quero de morango, vovó. Mas não estamos brigando de verdade.

— Tem os dois sabores, cada uma pode pegar uma caneca do que preferir.

— Muito obrigada, Dona Aurora. Gentileza da senhora – agradeceu Laura.

— E como foi a festa?

Contamos um breve resumo dos últimos acontecimentos para a minha avó.

— Quer dizer, tirando algumas partes, foi muito divertido, vovó – afirmei.

— O que houve, meninas?

— Bom, como sempre, garotos sendo garotos, Dona Aurora – disse Laura.

— Como sempre. Lembro-me até hoje do pior baile da minha vida.

— O quê? Como foi? – falamos em coro.

— Eu estava no baile de formatura de minha escola e me encontrava aproveitando muito ao lado das pessoas que eu amava, mas como nem tudo são flores, quando as luzes se acenderam e a música parou, o diretor subiu no palco e falou "Vamos agora apresentar o trabalho de lembranças da equipe de jornal deste ano. Esta foto foi tirada na feira

de ciências…”. Enfim meninas, não é tão relevante assim, vamos falar sobre vocês.

Fiquei curiosa para saber o porquê de vovó ter mudado de assunto repentinamente.

— Tudo bem, Dona Aurora! Você deve ter seus motivos para não desejar compartilhar essa história – disse Laura.

— Obrigada por entenderem, meninas. Vou me deitar, pois já está tarde. Tomem o sorvete e depois façam o mesmo. Combinado?

— Não se preocupe, vovó! Boa noite! – despedi-me dela com um beijo em sua bochecha.

Mais tarde, colocamos os nossos pijamas. Laura adormeceu no sofá, então comecei a imaginar como teria sido caso a noite fosse diferente, mas sei que tudo acontece por alguma razão e que não adiantava tentar mudar o passado. As coisas aconteciam conforme o destino e as vontades do Criador, então eu determinei que não me agarraria às partes ruins daquela experiência, principalmente por elas estarem fora do nosso controle. Afinal, a vida não era feita apenas de alegria e precisávamos aprender a lidar com tal fato.



2

De lagarta a uma borboleta

É verdade que temos algumas novidades. Afinal, com apenas 18 anos eu já estou na faculdade. Com o ser humano curioso que habita em mim, fui incapaz de resistir aos encantos do jornalismo e mergulhei fundo nesse mundo.

Estudo na Universidade Marie Curie Sktodouska. Fica perto de Lublin, então eu não precisei me mudar para os dormitórios, o que de certa forma é um alívio, já que os rumores espalharam que os quartos não são nada aconchegantes. Porém, vejamos alguns dos diversos pontos positivos do campus: aqui temos uma cafeteria enorme que vende lanches divinos e uma praça onde passamos os intervalos. Lá os jogadores dos times de esporte treinam. Um deles é o meu colega Andrew Zersthktaura. Ele namora a Petronella Karkire, que não gosta muito de mim, então acabamos nos afastando por conta disso.

O campus é lindo. Dentro dele há um jardim de papoulas, o qual é cuidado pela senhorita Wiktoria Karkire, diretora auxiliar da faculdade e mãe de Petronella. Eu adoro sentir o perfume das flores. Isso me acalma, além de me lembrar do campo próximo à minha residência. Mas, embora as refeições vendidas não sejam muito caras, eu ainda prefiro os lanches da minha avó Aurora, portanto sempre os trago de casa.

Eu estou adorando o meu curso de Jornalismo, pois descobri que sou apaixonada por ele e estou me dedicando ao máximo para alcançar sucesso aqui. No início do ano, tivemos uma recepção calorosa e maravilhosa por parte dos veteranos, fazendo com que nos sentíssemos acolhidos, o que apenas aumentou minhas expectativas que, graças ao Criador, estão sendo correspondidas, apesar de nem tudo ser exatamente como eu imaginei.

Honestamente, o que mais me anima é termos que viajar para fazer trabalhos acadêmicos, como entrevistas e reportagens, apesar de

ainda estarmos no começo e isso ainda não ter acontecido. Mas eu não vejo a hora, pois eu amo explorar e conhecer lugares novos, e faz tanto tempo desde que tirei meus pés de Lublin e das cidades próximas. Minha animação não é somente pelo passeio e sim pelo desejo de me divertir enquanto aprendo a teoria na prática e ganho mais experiência na minha área.

Além disso, algo inusitado se desenrolou há pouco tempo: meu namoro com o Thomas. Estamos juntos há pouco mais de um ano, mas as borboletas em meu estômago ainda se agitam quando me lembro do pedido.

Naquela noite, depois de sair do trabalho, quando já estava em meu quarto, escutei alguém me chamando. A pessoa sussurrava meu nome embaixo da janela, então me virei e vi o Thomas estalando os dedos e caminhando em círculos. Ele aparentava estar nervoso.

Fui rapidamente para a entrada da cozinha, após pegar meu casaco para me proteger da noite fria lá fora, então fui em direção ao Thomas e o convidei para irmos até a casa da árvore, onde seria possível conversar melhor.

— Nossa, Helena. Você está belíssima! – elogiou Thomas com a voz trêmula.

— Pare de bobagem, Thomas. Eu estou de pijama e toda descabelada, pois estava quase dormindo – dei uma leve cotovelada em seu braço, por brincadeira.

— Desculpe chegar no meio da noite, Helê. Mas eu não conseguia parar de pensar em uma coisa e… bem, fiquei tão inquieto que simplesmente me troquei e vim sem pensar muito. Mas… como eu posso dizer isso? Olha, preciso que você me ouça atentamente e depois me

responda com o seu coração. No dia que eu te conheci, não me apaixonei perdidamente, mas você já sabe disso.

Olhamos um para o outro, Thomas abaixou a cabeça enquanto comprimia os lábios para segurar uma risada, uma que eu não me preocupei em conter, acabando por contagiá-lo também. A nossa história havia começado de uma forma… interessante, se é que podíamos chamá-la assim. Após se recompor, ele continuou:

— Mas depois de um tempo, fui tropeçando até que finalmente caí pelo seu jeitinho de ser, pelas ondas de seus cabelos, por sua fidelidade e honestidade. Até que o baile aconteceu e, meu Deus, aquilo foi desastroso.

Rimos novamente, eu não sabia onde Thomas queria chegar, mas estava me divertindo muito com a situação. Aquela festa havia tido as suas complicações, nunca imaginaria que, olhando para trás agora, eu enxergaria graça em tudo aquilo.

— E você sabe que nós optamos por manter a nossa amizade como estava e que eu prometi que seguiria em frente. E eu segui, quero dizer, tentei, ou melhor, fingi, nem tenho mais certeza. Eu desejava te dizer isso há anos, porém nunca tive coragem para admitir que… eu não te superei, Helê.

Ele deu um suspiro, tomando coragem, antes de soltar a última parte da frase, e eu senti um leve aperto no coração. Depois do baile e da cartinha feita de papel de guardanapo, levamos alguns dias até finalmente conversarmos. Eu acabei falando que não tinha interesse romântico nele e que ansiava para que aquele clima estranho chegasse ao fim, afinal de contas, se gostar de alguém significava arrasar com uma bela amizade, eu não queria aquilo, então cortei qualquer linha de esperança que ele poderia ter, mesmo que precisando omitir alguns sentimentos e

mentir sobre outros em nossos diálogos na época.

— Eu tenho a necessidade de te perguntar, para o caso de sua opinião ter mudado com o passar dos anos, e caso não tenha vou realmente me contentar desta vez, mas, Helena, você quer namorar comigo?

Aos poucos, voltamos à nossa antiga relação, dividimos histórias, tristezas, alegrias e tudo correu bem. Como bons amigos, estávamos lá um para o outro, mesmo quando Thomas teve que admitir para si mesmo que precisava conversar com um psicólogo, pois os seus traumas às vezes simplesmente transbordavam e ele quase se afogava, ou quando eu chorei por me achar uma péssima filha por não ter a capacidade de ter evitado tudo de ruim pelo qual meu pai passou, ou por ter cogitado que ele tinha me abandonado, julgando-o sem ter conhecimento de nada.

— Thomas eu…eu…

Thomas e eu havíamos nos tornado muito próximos, naturalmente, sem todas aquelas pressões, sem que fosse algo forçado. Aquilo, desta vez, parecia certo.

— Eu aceito namorar com você, Thomas.

Expirei de maneira pesada, soltando as palavras antes que pudesse mudar de ideia. E, embora eu acreditasse que elas eram as responsáveis por aquele incômodo peso que apertava o meu coração, me surpreendi ao notar que, mesmo após ter respondido, alguma coisa ainda se encontrava presa ali, incomodando-me.

— Thomas, eu fico nervosa e com medo de nós não darmos certo, mas os sábios não dizem que sempre é válido dar uma chance para o amor? Portanto, vou seguir o conselho deles: eu aceito.

Reafirmei, não sei se para convencer Thomas ou a mim mesma de que eu de fato havia dito aquilo. Afinal de contas, relacionamento é algo muito sério, como já afirmava meu avô. Depois disso, nós compartilhamos de um delicado beijo, que se encerrou com sorrisos aconchegantes de ambos os lados.

Conversamos por um tempo, mas precisávamos nos despedir, pois no dia seguinte tínhamos aula logo cedo.

Depois que ele foi para sua casa, permaneci por volta de mais duas horas na casa da árvore, pensando em como minha vida mudaria a partir daquela noite. Uma avalanche de emoções me pegou de surpresa, arrastando lágrimas inesperadas pelas minhas bochechas. Saí correndo para minha casa, em prantos, e fui buscar auxílio na companhia de Barth, que por incrível que possa soar, ficou em silêncio me observando enquanto eu me acalmava.

Minha mente me levou para lugares inesperados naquele momento e comecei a refletir sobre como tudo se encaminhava. Eu havia feito as pazes com Benjamin e continuávamos nutrindo uma boa amizade, embora eu evitasse encará-lo diretamente quando possível, mas ele havia se mudado para a Rússia há poucas semanas, para treinar hóquei no gelo, a nova modalidade que ele agora seguia após ter deixado de lado o futebol americano, por ter notado uma carência gigantesca de oportunidades naquele esporte na nossa região. Conversávamos por cartas vez ou outra, para nos atualizarmos a respeito das novidades. Talvez contasse que eu aparentemente comecei a namorar e que, por alguma desconhecida razão, ansiava que ele estivesse fisicamente presente, bem aqui, para ouvir meu desabafo e me ajudar a compreender porque eu me encontrava em prantos, apesar de nada triste ou ruim ter ocorrido.

— Helena, Helena está dormindo! Acorda, acorda, Helenaaa!

Em alguma parte da noite acordei com Barth gritando o meu nome. Eu havia pego no sono antes de voltar para o meu quarto, então esfreguei meus olhos ligeiramente inchados, passei a mão nas macias penas do meu papagaio e fui direto para a minha cama, cuidadosamente, para não despertar ninguém.

Lembrar da maneira como meu namoro havia começado trazia à tona uma mistura de emoções, mas pela necessidade de voltar ao mundo real eu saí do conforto dos edredons e abri as cortinas para o início de mais um dia.

Escovei os meus dentes, troquei-me, coloquei meu velho macacão e uma camiseta roxa. Assim me dirigi até a cozinha e dei um abraço em minha amável avó Aurora.

— Bom dia, vovó!

— Bom dia, Heleninha.

Sentei-me à mesa e tomei uma xícara de chá, acompanhada por duas fatias de pão preparado pela minha avó no dia anterior.

— Que o Criador te abençoe, vovó! Estava muito bom! Vou aproveitar que hoje é domingo para dar uma passadinha no campo de papoulas.

— Tudo bem, Heleninha. Até mais tarde.

— Até! Eu te amo.

Antes que eu alcançasse a porteira, dei meia volta e fui buscar Barth, pois queria que ele esticasse um pouco as asas e fosse passear comigo.

— Barth, onde está você?

— Barth aqui, Barth aqui!

— Trouxe um pedaço de maçã para você.

— Maçã! Barth gosta de maçã!

Dou um pedaço da fruta para ele e então seguimos o nosso caminho.

Aproveitando que já estava perto da caixa de correios, peguei a correspondência.

— Nossa, aparentemente o Criador estava ouvindo meus devaneios mais cedo! Veja só, Barth: uma carta do Benjamin. Acha que é uma boa ideia eu abri-la antes do almoço?

Dei um beijo na cabeça do meu papagaio e abri o envelope.

Helena,

Como tem passado os seus dias? E a Laura, como está? Você precisa escrever o endereço dela na carta que for me enviar de resposta, porque eu tenho a sensação de que, caso eu pergunte por ela para você novamente, ao invés de escrever para ela diretamente, a Laura pegará o primeiro ônibus que encontrar e virá aqui tirar satisfação. Ou talvez não, mas com certeza ela ficará brava.

Você não imaginaria, mas estou treinando para um jogo muito importante de hóquei. O meu treinador finalmente decidiu me prestigiar com essa nova oportunidade e estou muito animado para mostrar que

posso jogar com garra e que sei o que fazer quando o jogo vai para rumos indesejados. Será em outro país, por isso duvido que você consiga vir, o que é uma pena.

Terminei recentemente o meu relacionamento, acredita? Com a Elizabeth, a menina de cabelos brancos, olhos cor de mel, pequenos lábios e mãos quentes como o verão mais intenso, que citei para você. Acho que simplesmente não era para ser, sabe? É difícil de explicar, mas eu acho que já podia adivinhar o rumo para onde o meu namoro estava indo.

Mas tudo bem, tenho que me prender à ideia de que, querendo ou não, somos jovens e muitas pessoas ainda chegarão e se retirarão de nossas vidas. É um ciclo que não dá para controlar.

Mudando de assunto, você tem alguma novidade? Como está o Thomas? Já faz mais de um ano desde que vocês estão juntos, não é? Diga que mandei um "olá".

Enfim, espero que a universidade esteja te agradando, você parecia bastante ansiosa para o começo do semestre, ou, como você diria, "demasiadamente entusiasmada". Como está sendo a experiência de cursar Jornalismo?

Seu amigo,

Benjamin.

Fiquei surpresa, pois fazia um tempo desde que não conversava com Benjamin, assim corri para dentro e fui logo procurando uma caneta e uma folha de papel para já trabalhar na minha resposta.

— Helena, você não ia ao campo? Por que está de volta tão cedo?

— Vou fazer uma carta antes de ir, vovó.

— Tudo bem. – Ela respondeu levantando suavemente suas sobrancelhas em um tom que emanava curiosidade, mas não fez nenhuma outra indagação.

Assim, alcancei minha penteadeira o mais rápido possível e comecei a escrever.

Querido Benjamin,

Quanto tempo, não? Como tem passado, meu caro amigo? O meu curso de graduação é sensacional, melhor do que eu imaginava, definitivamente não me arrependo, você tinha razão quando disse que era exatamente "a minha cara". Passamos um tempo considerável de nossas existências no emprego, o que faz com que simplesmente não faça sentido não aproveitar todas as chances que aparecem para fazermos algo que gostamos. Creio que a faculdade ainda abrirá muitas portas para mim, e eu tenho a intenção de passar por todas aquelas que possuírem algo a acrescentar em minha carreira.

Ah, o Thomas está ótimo, conseguimos vagas no mesmo campus, apesar de serem em áreas diferentes, e não se preocupe, deixarei um bilhetinho no envelope com o endereço de Laura, para solucionarmos esse problema de uma vez por todas, afinal de contas, você está corretíssimo, pois eu não desejaria me encontrar em sua pele caso a Laurinha percebesse que você ainda não tem as informações necessárias para enviar cartas a ela. Eu também ficaria furiosa no lugar dela, apesar de ser incapaz de imaginar nossa amiga tomando atitudes que

fossem de fato preocupantes por conta de uma emoção negativa como essa. Ela é sempre tão polida.

É realmente uma pena que as coisas não tenham funcionado com a sua ex-namorada, pelo que você me contava, ela parecia ser uma pessoa adorável. Mas decepções amorosas às vezes fazem parte da nossa história, infelizmente. Saiba que pode desabafar comigo, embora leve um tempinho até que suas palavras cheguem até mim, estou aqui.

Boa sorte nos jogos! Eu não ficaria nervosa se fosse você, afinal de contas seu desempenho nos esportes "È il tuo cavallo di battaglia", não é verdade?

Um abraço,

Helena

De tarde, Thomas e eu combinamos de tomar um sorvete para refrescar a cabeça, mas no caminho decidimos que antes da sorveteria passaríamos na universidade para que ele entregasse um documento que faltava para finalizar sua matrícula.

— Deu tudo certo, Helena! Que surpresa! Eu vou começar a cursar aqui nesta segunda-feira mesmo.

Thomas ficou muito animado e ansioso para começar o seu curso.

— Thomas, essa notícia é maravilhosa. Não vejo a hora de te mostrar a cafeteria. Lá tem uma torta muito boa, mas nada que se compare aos trabalhos realizados em sua padaria.

— Quanto mais você fala sobre a universidade, mais fico em-

polgado!

— O que você está cursando mesmo?

— Estou cursando Administração, Helena. Por que quero ajudar a minha família a cuidar melhor da padaria.

— Que legal, Thomas! Como vão as coisas por lá?

— Nada bem, Helena. A clientela diminuiu bastante, por isso decidi cursar Administração, para ajudar a expandir e manter a padaria. Achávamos que seria mais simples, mas ter um negócio exige bastante conhecimento e estratégia.

— É por isso que você ultimamente vive andando com aqueles panfletos?

— Exatamente, estamos com uma promoção para atrair mais clientes – disse Thomas, enquanto balançava uma sacola de panfletos. Você quer ajudar a espalhá-los qualquer dia?

— Claro que sim, Thomas. Conte comigo.

Depois do sorvete, ele me levou até a minha casa, onde nos despedimos com um abraço.

No dia seguinte, caminhei pela biblioteca do campus antes do sinal soar, decidida a achar um livro bom para as horas vagas. O local era extremamente silencioso, então me afundei na leitura até que senti um leve tapinha nas costas. Virei para ver quem era e, para minha surpresa, era meu bom e velho amigo, o Edgar.

— Oi, Helena! Que surpresa te encontrar aqui!

— Edgar! Como vai?

— Vou bem, mas meio cansado. Estudar Medicina não é fácil. Pouco tempo de lazer e muitos estudos e leituras.

— Ah, eu nem imagino. É realmente muito esforço, mas no final valerá a pena, certo?

— Bem…você está certa. Adoro cuidar das pessoas e sei que todo tempo que dedicamos aos estudos será recompensado futuramente. Disso eu não tenho dúvidas!

— Você tem razão, Edgar! Meu avô sempre dizia que tudo que nos propomos a fazer, devemos sempre nos dedicar ao máximo, pois sempre colheremos bons frutos. E você está colhendo, olha só!

— Helê, seu avô parece ter sido muito sábio e esperançoso. Eu queria ter tido a oportunidade de conhecê-lo – respondeu Edgar, enquanto segurava uma pilha de livros que pegou da biblioteca.

— Você o amaria, não tenho dúvidas disso! E quem diria que você acabaria escolhendo Medicina e não Enfermagem.

— Então, Helê. Lendo os meus antigos livros, me interessei muito pela parte das cirurgias, então resolvi mergulhar de cabeça e me arriscar fazendo Medicina.

— Você está morando no campus? Faz tanto tempo que não te vejo andando por Lublin.

— Estou sim, Helena. Depois que meus pais faleceram e minha tia voltou para a Ucrânia com o seu novo marido, precisei de um lugar para morar. Consegui uma bolsa da universidade para manter meus gas-

tos e um alojamento. Divido o quarto com um garoto que também faz Medicina, mas está no terceiro período. O nome dele é Gabriel, ele é um máximo, você precisa conhecê-lo.

— Meu Deus, Edgar! Sua vida deu uma reviravolta e mesmo assim você se manteve firme. Eu te admiro, sabia? Lembro de quando você sofreu essa perda. Eu nem sabia o que dizer. E claro que quero conhecer o Gabriel quando surgir a oportunidade.

— Fazer o que, Helê? Infelizmente o universo tem dessas de vez em quando. A presença deles faria toda a diferença, entende? Espero que estejam orgulhosos ao ver como estou alcançando minha independência. Mas, mudando de assunto, você gostaria de ir à festa de boas-vindas do curso de Medicina? Será no sábado à noite.

Edgar me convidou, redirecionando a nossa conversa. Eu tinha a impressão de que ele sempre fazia isso quando os temas eram sensíveis, embora não o culpasse. Talvez fosse uma alternativa para não esmorecer.

— Eu adoraria, Edgar, mas já fui nas boas-vindas do curso de Jornalismo, com os outros calouros e… olha, acho que por esse mês a Helena aqui teve mais festas que o suficiente.

Passei a mão na testa fingindo enxugar um suor inexistente. Aquilo era verdade, a fase de recepção havia finalizado e eu precisava permanecer focada.

— Que legal, Helena. Dizem que as festas universitárias são as melhores.

Ele piscou com uma única pálpebra, animado.

— Helena, preciso ir. Meus braços estão formigando com essa pilha.

— Claro! Eu amei te ver! Tchau, Edgar! Até outro dia!

Nos despedimos com um simples sorriso, já que as mãos de meu amigo estavam cheias de livros.

Ele foi falar com o bibliotecário e eu caminhei para fora. Fiquei triste por não achar um livro, mas feliz por encontrar um bom e velho amigo.

Depois da faculdade, fui almoçar com a Amélia enquanto conversávamos sobre a carreira militar dela.

— Conte-me mais, Amélia, sobre esse seu processo seletivo para entrar no exército.

— Ah, Helena, é muito difícil e trabalhoso. Faz dois meses que estou esperando o resultado, e até agora nada. Mas é sempre assim, a ansiedade faz parte do jogo.

— Estou muito orgulhosa de você, e não tenho dúvidas de que será aprovada - respondi enquanto segurava a mão de Amélia, para confortá-la.

— Muito obrigada, Helena. Mas vamos falar de outra coisa, para amenizar o nervosismo.

— Claro que sim! Você está sabendo que meu irmão Theodor, que mora na Rússia, comprou uma casa lá com a Ísis, eles até se casaram.

— Não fiquei sabendo, Helena. Como estão indo por lá?

— Ele está trabalhando como cosmonauta para uma agência espacial soviética, enquanto Ísis é engenheira mecânica dos veículos espaciais.

— Eu nem sabia que existiam engenheiras nessa área. Eles devem estar trabalhando muito.

— Com certeza! A Ísis é muito corajosa para focar sua carreira em uma área que lida com tantas fórmulas e equações, eu não me vejo fazendo isso de maneira alguma.

— Pois é! Prefiro fazer 230 flexões do que lidar uma única tarde de minha vida com isso. Mas enfim, cada louca tem o seu sonho, é só dar uma olhadinha para nós e perceber que isso tudo é verdade.

Depois que Amélia foi embora, encontrei-me com Anna para fazer um planejamento para o trabalho que meu professor Marcelo havia passado em aula. Minha turma de Jornalismo iria para a Áustria cobrir os Jogos Olímpicos de Inverno, em fevereiro deste ano, 1976. As equipes esportivas estavam na capa de todos os jornais que eu avistava e os líderes estavam esperançosos. Essa seria a primeira vez que eu sairia do país.

— Helena? Você não fez anotações? – Anna me cutucou.

— Fiquei tão atenta na explicação que nem lembrei de abrir o caderno, desculpe. Você pode me emprestar as suas? – perguntei envergonhada, coçando a parte de trás do cabelo.

— Claro que sim. Eu te empresto meu caderno, mas preste atenção para o professor não te achar desinteressada na próxima vez, viu?

— Pode deixar, Anna! Prestarei mais atenção, prometo.

Despedindo-me de Anna, aproveitei a companhia de Thomas até o trabalho, que saiu rapidamente quando meu chefe começou a me repreender por ter chegado 40 minutos atrasada. Acenei discretamente para meu namorado e escutei o sermão em silêncio, não poderia me defender, mas quem adivinharia que o ônibus passaria cinco minutos antes do horário? Definitivamente, não era uma boa ideia deixar as obrigações para o último segundo.

Sentei-me em frente à minha mesa e lidei com toda a minha demanda de trabalho, saindo alguns minutos após meu expediente para compensar o atraso. Antes de seguir para a casa de minha amiga Laura, fui até a sala do meu chefe novamente para me desculpar e prometer que seria mais cuidadosa da próxima vez.

— Helê, hoje o meu dia foi longo, viu?

Ela se alongou, estalando suas costas antes de jogar-se na cadeira da cozinha e beliscar alguns salgadinhos que eu havia comprado no caminho.

— O que aconteceu, Laura? O que foi tão cansativo?

— O professor se alongou tanto nas aulas hoje, que quase não tive a chance de almoçar antes de ir para o meu estágio na clínica. Nunca imaginei que Medicina Veterinária fosse tão desgastante.

— Não desanime, Laura! Vamos enfrentando um dia por vez, e tudo se encaminhará.

— Sim! É isso mesmo, Helena. Eu apenas dou banho nos cachorros por enquanto, mas é um ponto de partida.

— Exatamente, Laurinha. Logo pegarão confiança em você, afinal você é demasiadamente responsável e ama animais. Recordo-me que você contou que quando era criança tinha um cachorrinho chamado Tenko, não é? Pela foto que mostrou, ele era muito fofinho.

— Sim, era mesmo. Esse foi um dos motivos de eu ter escolhido essa profissão.

— E como está sua trajetória para se tornar uma futura jornalista?

— Tudo novo e fascinante. Agora recebemos um trabalho de campo. Vamos cobrir os Jogos Olímpicos de Inverno em breve.

— Que máximo, Helena! Quando tiver mais detalhes, quero saber de tudo.

— Pode deixar, Laura! Você será uma das primeiras.

Por volta das 21h50min, peguei um táxi e fui direto para casa. Ao entrar, me deparei com minha mãe e meu pai sentados no sofá. Eles se levantaram e vieram até mim, encarando-me fixamente nos olhos com expressões preocupadas.

— Boa noite, mãe e pai. Eu estava na casa de Laura, mas esqueci completamente de avisar. Perdoem-me.

— Tudo bem, mas precisamos ser avisados da próxima vez, viu? Sabemos que você já é adulta, mas não custa nada poupar seu pai e sua mãe de um infarto – afirmou minha mãe, sendo propositalmente exagerada.

Meu pai concordou e fez um sinal com a mão que indicava que

estava de olho em mim, fazendo com que eu precisasse de concentração para manter meu rosto sério e não rir.

Minha família definitivamente era o meu alicerce e, mesmo nos desentendendo ocasionalmente, eu não sabia como retribuir ou como expor minha imensa gratidão a ela.

Enquanto estava deitada e tentando dormir, refleti a respeito de como minha vida havia mudado com o passar do tempo, lembrando-me de quando era adolescente e estava desesperada para encontrar meu pai, conduzindo-me por diversas enrascadas e colocando a minha amizade com Benjamin e Laura à prova.

Laura se manteve ao meu lado, foi paciente e continua me apoiando, o que é recíproco. Já Benjamin bateu as asas para mais longe em busca de seus objetivos, embora eu estivesse certa de que, assim como eu em relação a meu amigo, ele permanecia torcendo por mim.

Além disso, eu acredito que tenha parado de ser fascinada com a ideia de possuir uma família "normal" e padronizada. Desde o retorno de meu pai, encarei as mudanças de forma mais positiva, aceitando que as curvas de nossas vidas desenham a nossa história. E o medo de tornar-me cinza ao alcançar a maioridade diminuiu, ao passo que aprendi que ninguém tem o poder de apagar a nossa essência.



3

A quebra da máscara

Logo que acordei, fui me preparar para a viagem à Áustria. Certifiquei-me de avisar o meu chefe de que ficaria fora durante alguns dias, explicando o motivo, e prometi a ele que compensaria aquelas horas perdidas assim que eu voltasse. Por sorte, ele compreendeu totalmente e aconselhou que eu aproveitasse ao máximo sem me prender a distrações, pois aquela seria uma chance única e que eu poderia desenvolver habilidades muito úteis para o meu emprego.

Como a estação que coloria o ambiente naqueles meses era o inverno, e a Áustria era tão fria quanto a Polônia, precisei pensar bem no que levaria.

Optei por dois casacos: um preto e outro branco. Coloquei duas calças na minha mala, as duas pretas, uma jeans e outra de alfaiataria, além de um terninho azul bebê. Também peguei um pijama, meias e algumas peças mais estilosas. Minha mãe já tinha separado os produtos de higiene para mim, e a minha avó havia limpado meu tênis e uma bota, além de ter escolhido dois gorros e um cachecol.

Quando finalizei a bagagem, tomei um banho, me troquei e, quando estava prestes a ir comer, vi meu pai segurando uma caixa de presentes.

— Bom dia, filha, como você está? – perguntou meu pai, caminhando em minha direção com uma caixa de presentes. Mesmo tendo nos reencontrado há alguns anos, o canto de sua boca sempre inclinava ligeiramente para cima quando ele me chamava assim.

— Estou ótima, pai! Muito animada com a ideia de viajar para outro país.

— E eu estou muito feliz por você, minha querida. Você merece todos esses frutos que está colhendo. Eu não poderia ser mais abençoa-

do por ser seu pai e de Theodor.

— Obrigada, pai. Eu não vejo a hora de chegar lá! – estava quase saltitando de tanta animação.

— Um marco tão especial merece uma surpresa tão marcante quanto. Kataryna venha aqui, por favor. Você não vai querer perder a reação de nossa filha – meu pai disse, enquanto balançava a caixa de um lado para o outro.

— Estou indo, esperem por mim – gritou minha mãe, enquanto corria para a sala e desamarrava o avental sujo de farinha.

— Para que tanto suspense? Estão aumentando minha curiosidade!

— Temos uma surpresa! – responderam em couro.

Era demasiadamente fofa a forma como eles agiam quando estavam na presença um do outro ultimamente. Eu os imaginava como aqueles casais de livros de romance.

— Helena, como você está indo fazer matérias e reportagens, compramos uma coisa que você vai precisar muito – falou mamãe de mãos dadas às minhas.

— Sim! E queremos mostrar que te apoiamos nesta nova etapa e que você pode contar conosco eternamente – completou o meu pai.

Eu recebi a caixa e comecei a abri-la, mas não imaginava o que seria. Ela pesava pouco e o embrulho era todo azul com um laço prata.

— Eu não acredito! Eu amo vocês! Mas, meu Criador, vocês gas-

taram uma fortuna para que eu pudesse realizar esse sonho, e sabem que não precisava. Mas muito obrigada mesmo! Não vou decepcioná-los! Eu nem sei como retribuir – falei, com os olhos tomados por lágrimas.

O tão secreto e especial presente era uma câmera, mas não uma qualquer, e sim uma Pentax K1000, um recente lançamento, com obturador que podia chegar à velocidade de um segundo a 1/1000 de segundo.

— Você não tem que retribuir, é nossa filha! Somente queremos que seja feliz fazendo o que ama – respondeu minha mãe.

— Agora sim, podemos comer! Sua avó está na horta e logo vem.

— Claro, papai! Estou faminta!

Depois da refeição, coloquei os últimos itens na minha mala e mochila, como meus cadernos, canetas e câmera. Ao me despedir de vovó Aurora e de meus pais, percebi a preocupação em seus olhares, mas sabia que estavam contentes por mim.

Quando cheguei na faculdade fui até o pátio principal onde encontraria Thomas, mas como cheguei com 10 minutos de antecedência, ele ainda não havia chegado. Então aproveitei e comprei dois cafés e me sentei para esperá-lo.

— Oi, Helê. Espero que não tenha demorado muito – cumprimentou Thomas, com as mãos para trás.

— Claro que não, acabei de chegar. Trouxe um café para você.

Entreguei o copo e ele segurou em minhas mãos, e se aproximou para um beijo gentil e consentido.

— Você está animada para essa viagem?

— Absolutamente sim! Ah, eu não vejo a hora de ter minha primeira experiência no exterior.

— Só é uma pena que meu aniversário seja daqui a dois dias. Eu gostaria que você estivesse comigo, mas fazer o quê?

— Eu entendo sua frustração e também fico triste por ter que deixá-lo, mas não posso deixar essa oportunidade escapar, Thomas, você entende, não é? – eu queria confortá-lo e ficar ao seu lado para aquela data especial, mas não abriria mão dos Jogos Olímpicos.

— Tudo bem, Helena. Você sabe que é importante para mim sempre ter todos que eu amo por perto neste dia, mas eu não posso te impedir de ir para a Áustria. Você está ciente do meu posicionamento e discorda dele, e acho que isso é normal. Agora preciso ir, pois a minha aula está para começar.

— Certo, tenha uma ótima aula. Meu coração sentirá muito a sua falta, mas em um piscar de olhos estarei de volta.

Um singelo incômodo apertou meu peito. Apesar de suas palavras, eu não sabia afirmar sem nenhuma dúvida que ele torcia por mim na viagem, o que me entristeceu ligeiramente. Embora o nosso amor fosse verdadeiro, eu não deixaria que esse se transformasse naquele tipo que te prende e te impede de voar, portanto bastava torcer para que aquele rápido desentendimento fosse superado rapidamente.

Thomas se despediu com um abraço levemente desconfortável. Agora, com 18 anos, Thomas havia passado por algumas transformações, pois apesar de seus cabelos loiros ainda brilharem como a luz do sol, contrastando com seus olhos verdes e marcantes, seu temperamento

estava cada vez mais diferente e exigente. Eventualmente, eu sentia que ele estava desenvolvendo alguns traços um pouco controladores, mas que tentava esconder esse lado, ou fazer com que as palavras não expressassem tão nitidamente suas intenções.

Talvez eu conversasse sobre isso com ele em algum momento, pois, de certa forma, eu tinha a sensação de ter sido discretamente levada a carregar uma singela culpa por aquela situação, e ele sabia que eu detestava qualquer gênero de manipulação. Eu simplesmente não tinha a obrigação de limitar meus sonhos por conta do meu relacionamento, e o mesmo apoio que ele recebia de mim deveria ser recíproco.

Ainda chateada com a atitude de Thomas, caminhei até o ônibus.

— Espere! – escutei uma voz me chamando.

— Oi, tudo bem? – falei, olhando para uma garota com um monte de malas antes de ir ajudá-la a carregar as bagagens.

— Muito obrigada. Você é a Helena, correto?

— Sou sim, e você?

— Anna… eu me chamo Anna. Sou da sua turma na aula de Fotografia.

— Claro! Lembro-me de você! Perdoe-me por não lembrar de seu nome logo de primeira.

Eu definitivamente possuía a necessidade de aprimorar minha memória fotográfica e minha habilidade de decorar o nome daquelas pessoas que conheço, antes que isso me fizesse passar por mais diálogos desconfortáveis.

— Não tem problema, eu também sou péssima com nomes – afirmou ela, rindo.

Caminhando até a porta do veículo, decidimos nos sentar juntas.

— Bom dia, alunos! Vocês estão prontos para uma viagem memorável? – perguntou Marcelo, professor de Reportagem.

Além dele, iria também a professora Renata. Nosso ônibus era muito confortável e bem conservado, com assentos almofadados. A sua capacidade era de quarenta e oito pessoas e ele tinha um banheiro.

Depois de nos acomodarmos, Anna e eu começamos a conversar um pouco sobre o trabalho que, segundo nossas anotações, consistia em:

Assistir a três modalidades (patinação, esqui e hóquei no gelo).

Fazer registros fotográficos das partidas e também dos atletas.

Realizar entrevistas após as competições.

Escrever uma reportagem para cada um dos esportes prestigiados.

Com todos os critérios marcados no meu bloco de notas, comecei a mexer em minha câmera, descobrindo suas funções, o que levou muito tempo, já que essa era a primeira vez que tentava.

Quando estava quase pegando no sono, a professora Renata comunicou que havíamos chegado em Innsbruck, na Áustria. O ônibus, ao passar pela fronteira, foi parado por militares e inspecionado, visto que fiscalizações assim eram muito frequentes, pelo temor de ataque, espionagem ou fuga para os países vizinhos.

Desci do ônibus e avistei lindas palmeiras e outras espécies de árvores em volta do hotel, mas o que mais me chamou atenção foi uma senhora precisando de ajuda. Ao invés de esperar o professor fazer a chamada, para verificar se todos estavam lá, fui logo correndo auxiliar a senhora com suas malas.

— Obrigada! Você é uma jovem tão linda. Essas dores nas costas realmente são um empecilho, quando você chegar na minha idade vai entender… Ai, ai.

— Imagina! Isso é o mínimo que eu posso fazer por você!

— Qual o seu nome, moça bonita?

— O meu nome é Hele…

— Helena!!!

Ao ouvir aquele grito, confesso que fiquei arrepiada instantaneamente. Era a minha professora, ela parecia estar furiosa.

— Helena, vamos! Todos estão lá dentro esperando por você!

— Desculpe, professora! É que essa senhora estava precisando de ajuda.

— E cairia a boca avisar antes de sair? Vamos lá pessoal, precisamos de colaboração para que isso funcione. Vocês são jornalistas adultos ou estão brincando de fazer reportagem?

— A senhora está certa. Peço desculpas novamente.

Despedi-me da senhora com um sorriso envergonhado e voltei para o grupo, após ela ter me olhado de forma compreensiva.

Para a minha surpresa, os quartos seriam mistos, e por conta de um erro de comunicação o nosso havia uma cama de casal e uma de solteiro, ao invés de todas serem individuais. Assim, para não gerar transtornos, decidimos que a outra menina e eu dividiríamos a de casal, enquanto o garoto ficaria com a outra. Eu não tinha muita afinidade com esses meus dois colegas de turma, portanto, geralmente nos comunicávamos apenas quando era necessário. Não que não nos entendêssemos, mas pelo fato de não possuirmos assuntos em comum.

Finalmente, depois de longas quatorze horas na estrada, era divino descansar em um dormitório decente, com uma cama extremamente confortável. Apenas naquele instante minha ficha a respeito da localização onde eu me encontrava havia caído, e uma onda de energia subitamente me alcançou.

Comecei a planejar mentalmente a roupa que usaria, mas me dei por conta que todos já estavam prontos e esperando que eu me arrumasse para descermos. Rapidamente abri minha mala e escolhi as peças para aquela ocasião, provavelmente comeríamos fora antes de ir para os jogos. Peguei um terninho azul bebê e uma blusa de lã branca, que pedi para vovó confeccionar quando comecei a fazer Jornalismo. Prendi meus cabelos com um coque, coloquei minha pulseira de pingentes e rapidamente desci as escadas do hotel para encontrar com meus colegas da faculdade. Fomos a um café, que não ficava muito longe.

Chegamos e logo fiquei entusiasmada, pois nunca havia tomado café em um lugar tão bonito e chique como aquele. Entramos e enquanto caminhávamos até uma das mesas vazias, reparei a decoração estupenda daquele lugar. O tema era “Olimpíadas”, o que tinha uma perfeita conexão com o contexto de nossa viagem e também com o evento atual que prendia a atenção de toda a cidade. Pegamos os cardápios e fiquei surpresa com a variedade de opções, pois eram comidas típicas de di-

versos países.

Passei os olhos por um dos pratos do Canadá, e me interessei, pois já havia visto aquela refeição em séries e filmes. Assim que o garçom se aproximou de nossas mesas, fizemos os pedidos.

— Bom dia, pessoal! O que vocês apreciarão esta noite?

— Eu gostaria de um croissant, de Paris, por favor – afirmou Anna.

— Vou optar pelos ovos mexidos com bacon estadunidense, por favor – foi a vez de Mathias, nosso colega.

— Um Cassoulet francês aqui, por gentileza – escutei *Andrew* se pronunciar de uma das mesas ao lado, um colega com o qual eu costumava conversar nas primeiras semanas de faculdade.

— Dois, na verdade – completou Petronella, sua namorada, evitando olhar na nossa direção.

— Bom dia! Eu vou provar o delicioso *Maple Syrup* com panquecas e um copo de leite com mel, por favor – requisitei educadamente.

O *Maple Syrup* era um famoso xarope de bordo típico do Canadá.

Havia outras pessoas conosco e cada uma disse exatamente o que gostaria de comer. O mais interessante é que poucos pedidos foram iguais. Após alguns minutinhos aguardando, pudemos nos deliciar com as refeições.

— Que lugar fantástico! Estou encantada! – comentou Anna en-

quanto comia.

— Sim, é tudo muito bom e aconchegante. Gostaria que o tempo aqui passasse mais devagar – acrescentou Mathias.

Depois que saímos do café, por volta das 10h, decidimos passear pelo centro da cidade de Innsbruck e observar um pouco da cultura do país e da população local.

A cidade estava coberta de neve e algumas pessoas usavam pás para retirar o excesso da frente de suas casas; já nas ruas, eram alguns caminhões que realizavam o trabalho. Fazia muito frio, o chão parecia de algodão, coberto por uma macia camada de branco.

Meu casaco rapidamente encheu de flocos, mas a sensação de liberdade durante a caminhada era inexplicável e fazia valer a pena as juntas ligeiramente endurecidas pela temperatura. Eu nunca havia apreciado tamanha paz comigo mesma.

Caminhava pisando na neve e jogando-a para cima. Um outro país, com pessoas desconhecidas, inimagináveis aventuras e histórias. Naquele momento, tive certeza de que era isso que eu queria para minha vida: conhecer novos lugares, culturas, climas e indivíduos diferentes. Sentia como se pertencesse ao mundo e não a um único lugar. Talvez realmente fosse verdadeira aquela comparação que outrora minha mãe fizera, comparando-me a um pássaro. Eu me identificava com eles, desejava voar e não criar raízes em um específico solo eternamente, como as árvores.

— Helena? Tudo bem? – a voz de Anna encontrava-se rouca, por conta do frio.

— Tudo, por quê? Aconteceu alguma coisa? – indaguei, voltan-

do para a realidade.

— Você está encarando essa árvore faz um bom tempo, Helena. Então fiquei levemente preocupada contigo – seu tom expressava uma contagiante diversão, enquanto ela soprava as mãos numa tentativa de se aquecer.

— Perdão. Eu parei no meio da calçada e encarei uma árvore? Estava de fato viajando. Quer dizer, abstratamente falando.

— Imaginei – ela abriu um sorriso – Vamos beber algo morno? Estou congelando.

— Claro! Também estou com frio. Vamos até aquela barraca! Vejo alguns copos, então deve ser algo para beber – indiquei com a mão e começamos a andar.

— Boa tarde! O que desejam? – perguntou uma moça que usava um avental na cor verde, assim como a sua barraquinha.

— Oi! Tudo bem? Moça eu estou quase implorando por uma bebida quentinha. Você venderia alguma? – indagou Anna.

— Com absoluta certeza! O nosso chá de ervas finas e anis é sucesso de vendas, desejariam provar?

— Obrigada! Vamos precisar de dois, por favor! – minha amiga continuou.

— Anna, olha que livraria bonita! Vamos até lá? – sugeri enquanto retirava o dinheiro do bolso.

— Claro!

Pagamos o chá e fomos até a livraria. As portas eram de vidro e logo na entrada uma escada de madeira rústica com corrimão dourado levava os visitantes para o segundo andar. Dentro do estabelecimento, muitas estantes com diversos tipos de livros, algumas plantas e mesas para leitura.

— Anna, olha que edição maravilhosa! Eu estava procurando há muito tempo e não encontrava em Lublin.

— Nossa, Helena! Lembro desse livro, o professor Franck que indicou, não é mesmo?

— Sim, foi ele mesmo. O professor Franck é um amante da literatura.

— Vamos comprar? Podemos dividir o valor e o livro, eu leio e depois você – sugeri a Anna, já que o preço era relativamente caro para duas estudantes.

— Pode ser! Assim as duas fazem a leitura e economizamos também – finalizou ela.

Retornamos ao hotel com o intuito de tomar banho e nos arrumarmos.

— Eu trouxe tantas roupas. Não sei qual colocar! – pensei em voz alta.

Suspirei, então vesti uma blusa de lã marrom, que era de minha mãe, uma touca, botas de couro, uma calça de lã preta e soltei o cabelo para completar.

Já que desejávamos chegar cedo para garantir lugares que privi-

legiassem a captação de imagens com a câmera e os demais estudantes estavam demorando, pedimos permissão para os professores e então pegamos um táxi até a *Innsbruck Sports Arena*, onde escolhemos nossos lugares na arquibancada. A imprensa oficial encontrava-se inteiramente ali, com repórteres que falavam os mais diversos idiomas.

Uma das primeiras apresentações foi de uma patinadora ucraniana, cujo nome era Valentyna Voroniev. Ela era uma ótima atleta, além de ser linda, empoderada e de ser apoiada pelo Soviet Central da Ucrânia. O nervosismo que me preencheu era quase palpável quando me imaginei em seu lugar. Um avassalador frio na barriga me dominou quando presenciei um de seus majestosos saltos, e então eu soube que aquele, definitivamente, seria um espetáculo inesquecível.



4

De volta para você

— Vamos pegar uma pipoca? – perguntou Anna, animada com a competição.

— Vamos sim, mas bem rápido, para não perdermos os próximos competidores.

Percebendo que boa parte da arquibancada estava lotada, decidi permanecer para guardar nossos lugares até que minha amiga retornasse. Para minha surpresa, ela voltou acompanhada pelo nosso professor Marcelo, que se sentou ao nosso lado.

A apresentação seguinte foi do norte-americano Terry Kubicka, e quando ele iniciou seus movimentos, Anna comentou que já havia competido na patinação artística quando era mais nova. Mas, quando eu estava prestes a expressar o quanto achava aquilo sensacional, os berros e assovios dos torcedores prenderam minha atenção.

— Que máximo, Helena! Isso é muito legal. Eu amo a patinação – gritou Anna, empolgada.

O patinador deu seu último salto, todo ginásio torceu e eu não perdi nem um "click" com a minha câmera. Empolgados, todos à minha volta se abraçaram e ergueram placas com o nome "Terry" e a bandeira dos Estados Unidos.

— O que foi isso? – perguntei curiosa.

— Um *Black flip*, uma manobra muito perigosa na patinação artística. Eu nunca a vi sendo executada antes! – explicou Anna.

— Nossa! Eu não acredito que teremos um material inédito assim! Olha as fotos que eu consegui!

— Ficaram ótimas, Helê! Vamos arrasar! Agora olhe, os jurados já decidiram as notas dele.

Paramos de conversar e olhamos na direção da bancada que avaliava cada atleta. Eles estavam anunciando as notas. Esperamos até que o resultado fosse compartilhado. Absolutamente incrível: ele havia tirado 9,75.

— Fantástico! Essa nota foi muito alta, dificilmente alguém o alcançará – afirmou Anna, enquanto saltava e me abraçava animada.

— Você tem razão! Acredito que, se ele continuar assim até a prova final, terá grandes chances de ganhar a medalha de ouro.

Enquanto observava os aplausos da arquibancada e as pessoas que gritavam felizes, uma memória agradável de vida passou diante de mim e eu consegui sentir o cheiro da pipoca que minha mãe fazia quando assistimos aos jogos em família na televisão.

Lembrei-me também das risadas de vovó Aurora quando o meu irmão Theodor se encontrava alvoroçado ao ver seus atletas favoritos. O aroma dos doces que a vovó Aurora preparava para comermos ao assistir às partidas era quase real e a imagem de Barth comendo as suas batatinhas ao meu lado no sofá invadiu minha visão.

— Helena? Você está me ouvindo? – Anna me cutucou.

— Sim, estava pensando um pouco em como gostaria de partilhar esse momento com meus familiares – respondi ainda atordoada por meus devaneios.

— Não se preocupe, Helê. Tenho certeza de que vocês ainda terão oportunidades para isso.

— Estou muito feliz por estar aqui, sabia Anna? Sinto-me tão interessada ao ver tantas pessoas de diferentes países e que seguem regimes políticos distintos, convivendo juntas, respeitando-se e, além disso, interagindo. Os capitalistas não parecem ser tão ruins assim como os descreveram para nós na infância, você não acha? – refleti com os olhos cheios de lágrimas.

— Isso é realmente maravilhoso, Helena. Eu nunca estive em contato com pessoas de países capitalistas. É bem diferente dos livros de história – Anna, assim, como eu, estava intrigada com as novidades.

Por conta de alguns imprevistos não informados abertamente para o público, dez minutos de intervalo foram anunciados.

— O que acha de tirarmos uma foto nossa naquele painel com os arcos olímpicos? Eles são a representação da união dos continentes, cada um simboliza um deles: América, Europa, Ásia, África e Oceania – sugeri enquanto retirava o protetor de lentes da minha câmera.

— Eu não gosto muito de tirar fotos minhas, Helê, mas aceito a proposta.

O professor Marcelo se ofereceu para cuidar de nossos lugares, então saímos.

Eu não entendia o porquê de Anna não gostar de fotografias suas, já que ela era tão bonita, com seus curtos e ondulados cabelos caindo nas laterais de seu rosto, sua pele clara e olhos grandes e castanhos. Anna tinha um estilo alternativo, parecia um personagem de um filme.

— Oi, com licença! Você poderia tirar uma foto nossa? – pedi a uma moça que passava por nós.

— Claro que sim! Será um prazer – ela vestia uma camiseta dos Estados Unidos.

— Prontinho! - completou ela após se posicionar e apertar os botões.

— Muito obrigada! – agradecemos sorrindo.

Enquanto tirávamos mais algumas fotos no ginásio de patinação, percebi que um senhor nos olhava de maneira diferente, como se tivesse incomodado com alguma coisa.

— Anna, da próxima vez que eu for à sinagoga, certamente agradecerei ao Criador pela oportunidade de estar presente aqui - comentei, desviando meu olhar do homem.

— Vocês são mesmo inacreditáveis. Não bastava terem se vitimizado anos atrás e convencido boa parte da população mundial de que nós éramos os errados e cruéis. Agora também andam por aí, poluindo os lugares por onde passam com suas sujas crenças – o senhor que eu havia notado anteriormente protestou, caminhando em nossa direção e segurando uma bandeira que não pude identificar.

— Calma, senhor! O que aconteceu? - questionou Anna, irritada.

Eu estava paralisada e não conseguia dizer nada. Por mais que tentasse, as palavras pareciam ter me abandonado quando notei a tatuagem que o homem, o qual nem sequer havia perguntado o meu nome, carregava na lateral de seu pescoço: uma suástica. Eu mal podia imaginar como alguém poderia ser detentor de tamanha covardia e falta de empatia para marcar permanentemente na pele tal tenebroso símbolo, que representava o nazismo e tudo que esse defendia.

Eu nunca havia me sentido assim. Era como se um filme passasse na televisão, ao qual eu apenas assistia e não podia tomar nenhuma decisão. Um súbito pavor tomou conta de mim ao passo que o senhor chegava mais perto.

— Para piorar, o sotaque deixa claro que são duas polonesas. Deveriam ter destruído aquele país de uma vez por todas na Segunda Guerra Mundial – disse ele, e repentinamente apanhou um dos pulsos de minha amiga.

— Tire suas mãos de mim e pense duas vezes antes de ofender as pessoas. Você deveria ter vergonha. É um senhor e tem essa mentalidade infantil? – Anna se defendeu, livrando-se do aperto dele e afastando-se.

— Por que você não cala a sua boca e volta para o seu país?

Eu não acreditava no que se passava logo à minha frente. Estávamos sendo vítimas de xenofobia, sofrendo preconceito pelo fato de sermos de um país diferente. Eu não sabia como esse senhor a princípio havia percebido que éramos polonesas de uma distância tão considerável, até que vi Anna, furiosa, batendo no peito com a camiseta de nossa terra natal.

— Eu tenho muito orgulho de ser da Polônia, tenho orgulho de minha história, de todo meu povo e também de minha amiga e da religião seguida por ela – rebateu ela, enquanto batia no peito com a camiseta do nosso país, uma que eu não havia percebido que ela havia colocado quando chegamos.

Percebi um braço me puxando e berrando alguma coisa que não compreendi. Os seguranças do local rapidamente nos retiraram do estádio e nos levaram até uma sala onde explicamos o ocorrido desde o começo.

Graças ao Criador, conseguimos voltar e terminar de assistir à patinação artística. O senhor foi levado para a salinha com os seguranças depois que nós saímos de lá. Mesmo naquela situação, ele me encarou profundamente, sem expressar nenhum arrependimento por seus atos. Não fomos informadas de seu paradeiro, mas eu ansiava para que ele tivesse sido preso ou, ao menos, expulso de lá.

Depois que a última apresentação terminou, fomos comprar algo para comer, pois não comíamos nada a um número considerável de horas.

— Meninas, na outra esquina do ginásio tem um restaurante. Lembro de ter visto quando estávamos indo para o ginásio – sugeriu Mathias, um colega que também nos acompanhava na viagem.

— Acho que também vi esse restaurante. Se não me falha a memória, ficava ao lado de uma loja de sapatos – concordou Anna.

— Vamos até lá então, temos quatro horas antes do jogo de hóquei começar – completei e comecei a guardar minhas coisas na bolsa.

— Eu soube o que aconteceu com vocês durante a patinação, eu sinto muito, meninas - disse Mathias.

— Tudo bem. As pessoas às vezes são cruéis e não sabem respeitar o próximo – respondi dando um ponto final nessa situação.

Na realidade, eu me encontrava extremamente chateada comigo mesma por conta de minha covarde reação no evento. Eu sabia como me defender, não devia ter ficado calada enquanto ele falava aquelas coisas asquerosas ou tratava violentamente a minha amiga. Aquilo nunca mais viria a se repetir, embora parte do meu consciente ainda agradecesse ao Criador por ter guiado os seguranças até lá. Afinal de contas, nunca se

sabe quando alguém mal-intencionado pode estar carregando uma arma consigo.

Caminhamos até o restaurante, a cidade estava fria e nevava muito. Quase caí no chão ao pisar em um graveto coberto de neve, por sorte Anna estava à minha frente e virou-se rapidamente a tempo de me segurar e impedir a queda.

— Meu Deus, Helena! Você está bem? – perguntou Mathias.

— Estou bem sim, foi só um escorregão. Obrigada.

— Tome cuidado, Helena, você não gostaria de se machucar e perder os jogos. – aconselhou Anna.

— Claro que vou tomar cuidado! Não vou perder o jogo de hóquei de jeito nenhum.

Chegamos ao restaurante e logo fomos recebidos e atendidos por um garçom.

— Olá, pessoal! O que vão pedir? - perguntou o garçom.

— Eu gostaria de uma *apfelstrudel*, a famosa torta de maçã dos austríacos, e um chá de cereja – pedi enquanto observava a decoração do lugar.

— Para mim, este *wiener schnitzel*. Parece-me muito apetitoso.

— Eu vou querer o mesmo e uma fatia de *sachertorte* – completou Anna, após a fala de Mathias.

— Certo! Logo trarei aqui para vocês.

— Muito obrigada – respondemos em coro.

Após comer, voltamos ao hotel e nos preparamos para o jogo de hóquei.

— Nos vemos em uma hora aqui no térreo, tudo bem? – sugeri, já subindo as escadas.

Enquanto tomava banho, refleti um pouco sobre aquele dia e como havia passado por diferentes situações, as quais nunca imaginaria.

Escolhi uma meia calça e uma calça preta de alfaiataria por cima, coloquei uma blusa de gola, feita de lã que a vovó Aurora tinha costurado no meu último aniversário, e um casaco comprido todo preto com capuz. Calcei meu tênis e comecei a arrumar meus cabelos. Prendi uma parte das mechas e deixei a outra solta, passei uma maquiagem bem leve, peguei minhas luvas e desci para encontrar Anna e Mathias.

— Estão esperando há muito tempo? Acabei me atrasando porque me distraí com as notícias do jornal.

— Não se preocupe, Mathias! Acabei de chegar e você não está tão atrasado como a Anna.

Esperamos mais alguns minutos e então decidimos subir até o quarto dela para verificar se estava tudo bem.

Batemos na porta duas vezes até que finalmente Anna saiu, ela transmitia uma sensação estranha, parecia não estar muito bem.

— Oi, Anna. Você está bem? Mathias e eu ficamos preocupados e resolvemos vir até aqui para te buscar.

— Sim, sim – ela balançou a cabeça e pegou sua bolsa.

— Tem certeza? Você está diferente… – insisti um pouco mais.

— Estou bem! Só senti um mal-estar de repente, mas já passou.

— Vamos pegar um ônibus para o jogo então? – sugeri, ainda preocupada.

O ginásio era muito moderno e bem iluminado com as suas arquibancadas lotadas de torcedores. Como estávamos lá para tirar fotos do jogo, fomos até o local reservado à imprensa. Dessa vez, faríamos entrevistas com os atletas no final da partida, pois Anna dominava quatro línguas: polonês, inglês, espanhol e francês.

O jogo começou com *Face-Off*, onde um jogador de cada time se posiciona no centro da quadra e o juiz lança o *puck* (pequeno disco de metal). Eles devem arremessá-lo usando o *Stick*, um taco geralmente feito de plástico ou de madeira. No início, o objetivo era ficar com *puck* e fazer a jogada tentando pontuar, colocando-o dentro do gol adversário. Toda vez que a partida era interrompida, os participantes iam até o meio da quadra para realizar o *Face-Off* novamente.

A partida ficava cada vez mais intensa e os jogadores se locomoviam cada vez mais rápido. Era a primeira vez que assistia hóquei no rinque, uma quadra coberta de gelo.

Em cima de seus patins e com *stick* nas mãos, o jogador 22, na tentativa de pontuar, lançou o *puck* com tanta força que fez com que a torcida fosse à loucura e comemorasse antes mesmo do disco entrar nas redes. Foi nesse momento que o guarda-redes do Canadá brilhou, lançando-se ao chão e esticando-se para defender, evitando o ponto e fazendo com que a torcida canadense cantasse e gritasse com o grande

feito.

O jogo estava muito difícil para a URSS. Eles estavam perdendo de 2 X 0 até o fim do primeiro tempo, que durou 20 minutos. Logo no início do segundo tempo, após o *Face-Off*, a União Soviética sofreu uma grave falta, pois enquanto o jogador 22 patinava com *stick* na mão, empurrando o disco em direção ao gol, seu adversário cometeu a "*Cross Checking*", uma falta que ocorre quando o jogador usa o *stick* para barrar a passagem de outro.

O juiz paralisou o jogo e os canadenses ficaram furiosos. Durante o tumulto, o rapaz que usava a camiseta de número 22 retirou seu capacete e, por um momento, acreditei que seu rosto fosse familiar, mas não insisti na ideia.

Ele era alto e magro, mesmo com as diversas proteções usadas, que o faziam parecer um pouco mais forte e grande. Seus cabelos eram curtos e pretos, os olhos azuis e... Era o Benjamin! Como poderia não reconhecê-lo? Afinal, havíamos passado boa parte da infância e adolescência dividindo momentos incríveis e ele até mesmo foi meu primeiro…

— Helena, você fotografou isso? – disse Anna, com as mãos em meus ombros e me sacudindo.

— Desculpe, não fotografei, o que aconteceu?

— Uma linda jogada da URSS, eles marcaram um gol esplêndido. Não acredito que perdeu!

— Perdão, acabei me distraindo. Vou estar mais atenta a partir de agora.

Com o início do terceiro tempo, todos nas arquibancadas ficavam cada vez mais ansiosos para o resultado final. A União Soviética conseguiu uma bela troca de passes e o Benjamin finalizou colocando o disco direto nas redes, sem chance nenhuma do Canadá se defender.

Com dois minutos finais para o fim do jogo, o juiz marcou mais uma falta a favor da União Soviética, pois o jogador 14 da seleção canadense havia agarrado outro da URSS, uma falta conhecida como "*Holding*". Com a cobrança da falta e as trocas de passe, o time conquistou uma virada histórica em cima do Canadá, país famoso e renomado no hóquei no gelo.

Ao soar o apito final, os canadenses desmoronaram no chão. Ninguém acreditava naquela derrota. Por outro lado, os soviéticos vibraram enquanto se abraçavam e desfilavam, saudando os que estavam sentados nos bancos próximos.

Nos posicionamos para começar as entrevistas com os atletas. Como o time soviético havia ido para o vestiário, iniciamos o questionário com os canadenses até que eles retornassem.

Depois de aproximadamente trinta minutos, quando os atletas já estavam indo embora, e minha equipe de trabalho recolhia os materiais, avistei o Benjamin saindo pelas portas dos fundos do ginásio e, sem pensar demasiadamente, saí correndo para cumprimentá-lo.

Até que ele me viu e me deu um forte abraço, e nossos olhares se encontraram, como se nunca tivéssemos nos afastado.

— Olá! Não acredito que é você mesmo! Você está muito diferente – afirmou ele, com sorriso largo em seu rosto.

— Quem não pode aceitar que você está aqui sou eu! Quase não

te reconheci com o equipamento. Você está tão diferente!

— Você sabe, Helê, precisei ganhar músculos para o hóquei. Afinal, o esporte exige bastante agilidade e força física. Mas o que te trouxe para esta terra, Helê?

— Realmente, Benjamin! Além disso, faz um bom tempo que não nos encontramos, portanto é normal estranhar as mudanças. Aliás, eu vim para a Áustria por conta de um trabalho da universidade. E você, como estão as coisas? Onde está morando?

— Por enquanto, não tenho um lugar fixo, estou muito ocupado com o hóquei, então pode-se dizer que acompanho o time nas viagens e que, por enquanto, tecnicamente não tenho lugar para chamar de lar. Mas e você e o Thomas? Li na última carta que ainda estão juntos.

— Está tudo bem, na medida do possível. Inclusive, sinto muito pelo seu recente término.

— Não se preocupe com isso, Helê. Mas e o trabalho da faculdade? Parece ser uma ótima oportunidade para aprender na prática. O que exatamente você precisa ter nele? Posso ajudar em alguma coisa?

— Então, eu preciso recolher materiais de fotografia e escrita para uma reportagem sobre algumas modalidades dos Jogos Olímpicos de Inverno. Nós também acompanhamos a patinação artística e fizemos fotos das apresentações. Assim que chegarmos na Polônia, precisaremos montar uma seção para o jornal impresso com as imagens e alguns depoimentos dos atletas. Especificamente para o hóquei no gelo, também queremos falar sobre a origem do esporte e a popularidade dele em alguns países.

— Nossa, Helena, que máximo! Você deve estar adorando tudo

isso, não é mesmo? Sempre amou escrever, contar histórias e fazer pesquisas.

— Sem dúvidas, Ben! Também estudaremos a respeito do esqui, que acontecerá amanhã. Vou escrever um artigo de opinião sobre as pistas onde as competições estão acontecendo.

Tivemos uma longa conversa sobre nossas atuais vidas e alguns momentos de nossa infância, quando éramos inseparáveis.

Continuamos conversando por algumas horas, até que começamos a escutar alguns barulhos que pareciam com fogos de artifício. Então me lembrei que aconteceria um show deles. Como pude me esquecer disso?

— Benjamin, vamos lá ver o show de fogos? – convidei sem raciocinar muito sobre.

— Claro! Eu estava ansioso para assistir, mas estou com muita fome. Você quer uma pipoca ou um espetinho?

— Vou aceitar sim, obrigada! – respondi, balançando a cabeça para concordar.

Assistimos ao espetáculo juntos. Sentada ao lado de Benjamin, observando as lindas cores das linhas que se formavam no céu agora noturno e as pessoas acompanhando esse momento mágico, me senti como se ele nunca tivesse saído de perto de mim e como se o tempo que passamos separados só tivesse feito com que nossos laços apertassem cada vez mais. Benjamin foi meu melhor amigo por vários anos e, independente das surpresas que o futuro trouxesse, seu lugar no meu coração jamais seria ocupado por outro alguém.

Com a cabeça encostada nos ombros de Ben, uma sensação de paz tomou conta de mim, como se eu estivesse no lugar onde deveria, na hora e com a pessoa certa. Então continuei assistindo ao show.

Quase dormindo, levei um singelo susto com o som de uma das brilhantes explosões, e, por um segundo, quase me deixei levar pelo instinto de abraçar meu amigo, mas algo lá no fundo do meu consciente me alertou que aquilo poderia ser relativamente perigoso e eu me contive.

— Eu senti a sua falta, Helê – sussurrou Ben.

E antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, o Ben me envolveu em seus braços carinhosamente, fazendo eu me sentir da mesma forma como no ensino médio. Embora não houvesse nada de errado em abraçar nossas amizades e nenhum ato desrespeitoso fora realizado, pensei em Thomas, e algo não me pareceu correto naquela situação.

Depois de um curto período de tempo aproveitando o calor de seu abraço, uma voz nos interrompeu anunciando o fim da noite de fogos. Afastei-me e quebrei o silêncio.

— Bom, acho que é isso. Eu preciso voltar, Ben, antes que o pessoal me procure.

— Será que eles já não foram embora, Helê? Eu posso te acompanhar se você quiser, conheço a cidade.

Acenei positivamente com a cabeça, me sentindo muito feliz e ao mesmo tempo confusa sobre algumas coisas. Então, fomos andando até o local em que eu estava hospedada. Na entrada do hotel, me despedi dele com um rápido abraço e um amigável beijo no rosto.





5

Até que a pressão nos separe

O restante da viagem se desenrolou de forma pacífica e não fugindo muito do planejado. Os dias passaram, nós presenciamos os atletas praticando a modalidade de esqui e fizemos nosso trabalho como estava previsto. Depois da noite dos fogos de artifício, não tive outras chances de ver Benjamin antes de ter que pegar o ônibus de volta para Lublin com meus amigos, mas talvez realmente fosse melhor daquela maneira, afinal de contas, estávamos trilhando caminhos que não aparentavam ser direcionados para os mesmos destinos, e seria bom proporcionarmos espaço um para o outro, para que pudéssemos seguir adiante e crescer individualmente.

O Benjamin era uma parte da minha história, uma que eu encontrara a necessidade de deixar para trás para seguir em frente, embora eu desejasse que ele encontrasse as mais belas aventuras por seu caminho.

Ao chegar em casa cansada, decidi que precisava passar uma tarde com minha família após tantos dias longe dela. Assim, dei a ideia de organizarmos um piquenique e todos concordaram. Minha mãe levaria os salgadinhos, meu pai, as bebidas, vovó Aurora faria seu extraordinário e insubstituível bolo de cenoura com cobertura de chocolate, Thomas traria algumas gostosuras de sua padaria e eu cozinharia algumas batatas para que o Barth também participasse da ocasião.

A data marcada nos recebeu com uma tarde com ventos frios, porém ensolarada e agradável. Assim, coloquei uma jardineira e uma blusa de mangas largas depois de prender meu cabelo com um laço azul que havia ganhado do meu namorado.

Como ainda não possuía muitas fotos com Thomas, resolvi levar a minha aliada câmera para também registrar aquela reunião em família e alguns pontos de vista da paisagem.

— Helena? Venha, filha, nós já estamos prontos! Ande logo! –

minha mãe chamou e eu rapidamente fui para a sala de estar onde ela estava.

Corri para pegar o meu papagaio antes de partirmos para as proximidades do lago Zemborzyck, onde havíamos combinado de nos encontrar umas duas horas antes do pôr do sol. Thomas ainda não havia chegado e eu já estava começando a me preocupar, mas afastei esses pensamentos e fui ajudar meu pai a retirar os alimentos e demais objetos do carro.

Estendi a toalha no chão, servi meu papagaio com suas batatinhas cortadas e cozidas sem nenhum acréscimo de tempero e então fui andar para capturar algumas fotografias da natureza.

Por conta do inverno, as flores encontravam-se no formato de delicados botões completamente fechados, mas que já eram detentores de uma extraordinária beleza. Passeando, me concentrei em uma pequena tartaruga que passava por ali através de passos lentos e fiquei espantada pela coragem dela de sair de seu esconderijo naquele tempo. Aproximei-me cautelosamente para não assustá-la, procurando ângulos que me proporcionariam lindas fotos até que um estranho som vindo de meu abdômen me alertou que meu estômago encontrava-se vazio, portanto retornei para onde tínhamos estendido a toalha na grama.

Para o meu desapontamento, Thomas ainda não havia aparecido, completando uma hora inteira de atraso, então comecei a me questionar se algo sério não teria acontecido. Afinal de contas, não nos falávamos pessoalmente desde nossa despedida na faculdade, e eu tinha muitas coisas para compartilhar sobre minhas novas experiências e, principalmente, eu já sentia uma singela saudade de conversar com ele após mais de uma semana longe. Para convidá-lo para o piquenique, eu havia telefonado para a padaria, mas não era a mesma coisa.

Percebendo minha aflição, minha mãe veio puxar assunto:

— Helena? Sei que não sou a melhor em ler emoções em nossa casa, mas existe algum específico motivo para essa desanimada expressão em seu rosto?

— Será que aconteceu alguma coisa com o Thomas, mãe? Estou inquieta por conta da demora dele.

— Calma, meu amor. Deve ser somente um imprevisto na padaria, não esquente sua cabeça com isso. Agora venha se sentar conosco e nos conte tudo sobre a Áustria.

— Isso mesmo, filha! E não esqueça nenhum detalhe! – meu pai completou com uma piscadinha.

Dei a eles um sorriso singelo, respirei fundo e resolvi levantar o meu humor e me juntar a eles, sentando ao lado de Barth para lhes contar sobre tudo.

— Oi, gente. Desculpe o atraso… – afirmou uma voz alguns minutos depois.

Levantei meus olhos para me deparar com Thomas.

— Pelo amor do Criador, Thomas! Eu estava a um passo de arrancar meus fios de cabelo por preocupação. O que houve?

— Eu acabei me distraindo no trabalho e esqueci completamente que o piquenique estava marcado para hoje. Desculpe mesmo.

— Tudo bem… – respondi, desconfortável com a situação – Venha, vamos comer.

Enquanto eu terminava de atualizar a todos sobre as minhas recentes aventuras, todos se satisfaziam com os alimentos. Falei sobre os jogos e as modalidades que tive o privilégio de prestigiar pessoalmente, deixando meu pai fascinado ao descobrir que os soviéticos venceram os canadenses no hóquei no gelo, visto que o time do país americano era o berço do esporte e também possuía um dos times mais vitoriosos na modalidade.

Contei a respeito de minha nova amiga Anna e da forma como ela me salvou de um potencial tombo que poderia ter tornado meus passeios pela Áustria um tanto quanto mais dolorosos, deixando minha avó curiosa e ansiosa para que eu convidasse minha amiga para um almoço para que elas se conhecessem.

Enquanto conversávamos, Thomas me encarava sem deixar nenhuma palavra escapar, mas não pude imaginar o que se passava em sua mente.

— Fico feliz que tenha se divertido, filha.

— Ah, papai! Eu amei cada segundo. Tudo era mágico e tão moderno. Era como se eu achasse uma porta secreta para um mundo completamente novo! Claro que ocorreram alguns pontos não tão legais assim, mas eu não deixaria que eles estragassem nada de qualquer forma.

Em um determinado momento da tarde, meu pai pediu que nos concentrássemos nele por alguns instantes.

— A propósito, tenho um comunicado a fazer. Depois de tantos anos fora de casa, servindo a marinha e dando meu próprio sangue por ela, decidi que não trabalharia mais fora para nunca mais termos que lidar com a distância, – ele direcionou um olhar caloroso à minha mãe – então eu oficialmente declaro que continuarei cuidando permanente-

mente das plantações da família. Já comecei a organizar tudo e, a partir de agora, teremos tomates, morangos, cogumelos e groselhas na nossa terra, além das outras coisas que já nascem em nosso sítio.

— Eu amo groselhas! – disse minha mãe, animada.

— Eu sei disso, e é exatamente por esse motivo que nossa primeira safra será em sua homenagem. Além disso, já era tempo de fazermos algumas mudanças e de comercializarmos o que nossas plantações trazem de produção para mantermos as finanças da família.

Coloquei o pedaço de bolo que estava segurando ao meu lado e bati algumas palmas para o meu pai, contagiando a todos enquanto trocávamos sorrisos e risadas esperançosas.

— Que ótima notícia, Bartolomeu! Fico feliz com sua animação e empenho em cuidar de nossa família! – afirmou vovó enquanto cortava um pedaço de bolo.

Enquanto aproveitávamos o restante da tarde, meu pai contou que ele e minha mãe pretendiam renovar os votos de casamento e que os planos eram que a cerimônia fosse daqui a seis meses. Alegrei-me com a notícia, eu não poderia estar mais feliz ao ver meus pais partilhando de um amor tão inspirador e genuíno.

Ficamos ali por mais alguns minutos até que Thomas me chamou para ajudá-lo a buscar uma torta que estava no carro de sua mãe, o qual se encontrava estacionado a apenas alguns metros de distância. Assim, nós nos afastamos do grupo e ele quebrou o silêncio.

— Helê, você ainda está chateada comigo? Sabe que não fiz de propósito.

Inspirei profundamente para organizar uma resposta.

— Eu não compreendo, Thomas. Simplesmente não entra na minha cabeça como você conseguiu esquecer isso após não nos encontrarmos por tantos dias. Permaneço tentando tirar esses pensamentos da minha mente, mas é como se você nem tivesse sentido a minha falta.

— Helena, você sabe que não é assim. Estou suando para que as coisas na padaria deem certo, você sabe que não estamos em bons lençóis. Assim, tento me concentrar ao máximo no trabalho, não quero deixar minha família na mão.

Ele se justificou de cabeça baixa e, no fundo do meu coração, eu sabia que não havia mentiras naquelas palavras.

— Eu sei! De verdade, Thomas, e admiro profundamente esse seu lado, mas você passou pela minha cabeça tantas vezes nos jogos, até quando encontrava alguém que eu não via há séculos…

— Você encontrou alguém conhecido na Áustria, Helena? É que você não comentou nada sobre isso.

— Eu realmente não citei que me deparei brevemente com Benjamin? – eu lembrava perfeitamente de não ter citado isso, por alguma razão sentia um nó na garganta quando cogitava contar.

— Não. Acabou pulando essa parte por engano – ele não parecia acreditar naquilo.

— Bem, ele estava representando a URSS no hóquei, e já que Anna e eu fomos entrevistar os atletas, nós conversamos um pouco depois do jogo e assistimos o show de fogos de artifício juntos, antes que ele me acompanhasse de volta ao hotel por já estar escuro. Mas, fora

isso, nada aconteceu.

— Ah, entendi – foram suas únicas palavras por longos segundos, cabisbaixo.

— Helena, você ainda possuía sentimentos pelo Benjamin quando começamos a namorar? Por favor, seja sincera.

— Thomas, o Ben era um bom amigo, então alguns resquícios de certas emoções ainda existiam dentro de mim. Mas somente isso: resquícios. E hoje não restam nem migalhas disso, não precisa se preocupar ou ficar enciumado. Você confia em mim, não é?

— É claro que sim, Helê. Desculpe pelo ciúme, você tem toda minha confiança, mas ele não. Algumas pessoas não deixam o passado para trás.

— Esqueça isso, Thomas. Éramos adolescentes com 15 anos de idade.

— Eu entendo que soa imaturo, mas se você se colocasse no meu lugar por um instante também ficaria ao menos angustiada, no mínimo.

— Basta, Thomas! Você tem que superar isso! Ele ainda é meu amigo.

— Tem razão, desculpe.

Depois do diálogo, levamos a torta e ele anunciou que iria para casa por ter diversos afazeres. Eu acenei com a cabeça concordando, pois havia compreendido que nenhum de nós dois suportaria passar mais um segundo imerso naquele clima desconfortante. Navegaríamos por outros assuntos quando a maré se acalmasse.

Na manhã seguinte, no campus da universidade, explorei o departamento de ciências biológicas com Edgar.

— Mas é sério, Helena. Minha vida virou de cabeça para baixo desde que estudo Medicina, principalmente meu relacionamento com a Amélia. Mal conseguimos nos ver agora.

Dei vários conselhos para meu amigo e sugestões de como ajudar Amélia a se sentir melhor mesmo com a distância, para que retornassem a ser aquele casal quase perfeito que eu conhecia. Ele agradeceu e logo chegamos ao laboratório, onde ele teria suas aulas naquele dia.

Era um espaço tranquilo, com equipamentos de última geração, onde era possível desenvolver remédios para diversas doenças, embora a maioria não fosse comercializada, pelo fato de eles ainda serem estudantes.

O que mais prendeu minha atenção foi a estrutura de todo o departamento. Tudo era bem conservado, as paredes eram brancas com detalhes em azul e o piso, de madeira.

Além disso, os estudantes pareciam extremamente focados em suas atividades, sem notarem o que ocorria em sua volta.

No caminho para minha classe, reparo em familiares mechas loiras: Thomas. Ele dialogava com uma menina que não identifiquei. Ligeiramente irritada, passei como se não tivesse notado os dois.

— Ei, Helena! Você está aí! Você iria passar reto, está tudo bem? Não é muito do seu feitio demonstrar ciúmes. Isso não é nada, ok?

— Não é isso, Thomas. Apenas dormi mal na noite passada.

Preocupado, Thomas me ofereceu um café, e eu aceitei. Infelizmente acabamos nos estranhando mais uma vez por eu ter sido grossa com ele em um determinado momento, entretanto dei o braço a torcer e pedi desculpas, apesar do clima não melhorar completamente por conta disso. Aparentemente estávamos passando por uma fase um tanto quanto delicada em nossa relação.

Após o último sinal, almocei e fui caminhando até o jornal onde trabalhava. Durante minha tarde, corrigi textos, editei algumas fotos e fui ao refeitório para tomar um cappuccino, onde me deparei com Anna.

Ela me explicou que havia ido ao médico por conta de alguns problemas de saúde, o que fazia sentido, pois ela frequentemente faltava às aulas e também houve uma situação na Áustria onde ela não aparentava estar cem por cento bem. Ela contou que na noite anterior havia sentido um forte mal-estar após o jantar, e que isso levou seus pais a convencê-la de procurar ajuda médica mais cedo.

Juntas, terminamos de corrigir uma matéria a respeito da passeata que havia acontecido no centro de Lublin. Ela selecionou as melhores fotografias enquanto eu relia e conferia se o texto estava isento de erros ortográficos. Dessa forma, as horas correram e nosso expediente chegou ao fim.

Para minha surpresa, meu namorado me esperava do lado de fora do jornal, me oferecendo uma carona para casa e também um convite para jantar com seus familiares ainda naquele dia.

Como eu desejava por tempos mais calmos entre nós, concordei.

— Sem mais brigas? - sugeri.

— Com certeza! Eu estava esperando que você afirmasse isso.

Odeio quando não estamos bem.

— Igualmente.

Aproveitando a música que tocava no rádio, percebi que havíamos chegado apenas quando ouvi:

— Oi, Helena! Estávamos ansiosos te esperando! - cumprimentou Heloísa, a irmã mais velha do meu namorado, que tinha 20 anos. Atrás dela estavam minha futura sogra, a avó de Thomas e seu irmão mais novo.

— Oi, Helô! Eu não poderia deixar de vir, apesar da rotina ligeiramente cansativa. Ainda mais sabendo que sua mãe preparou uma torta exatamente para esta ocasião.

— Entre, querida, como foi o trabalho? Mal podemos esperar para saber sua opinião sobre minha nova torta de uvas! – convidou a mãe de Heloísa.

— Muito obrigada, Marya. E foi ótimo, embora cansativo e ligeiramente longo. Mas temos que ir à luta para alcançar nossos sonhos, não é?

— Exatamente, querida. Viu, Thomas, como eu te disse ela é uma menina muito esperta! É perfeita para casar!

— Falando nisso, quando vem o casamento? Na idade de vocês eu já estava casada e esperando meu primeiro nenenzinho, uma bênção na minha vida. Não espere ficar muito velha, viu?

— Não esquente sua cabeça com isso ainda, vovó. Somos jovens ainda.

Thomas respondeu, meio sem jeito, notando que eu havia ficado constrangida pelo comentário inconveniente de Dona Antônia.

Marya anunciou que o jantar estava pronto, comemos todos em silêncio enquanto eu misteriosamente me sentia observada pelos demais na sala. Agradeci pela refeição e Thomas me levou para minha casa com o carro de sua mãe.

A estrada seguia tranquila, até que reparei em uma figura peluda correndo no campo de papoulas: Heiko, o pobrezinho estava perdido.

Pegamos ele e o colocamos no banco de trás do carro. Em minha casa, meu namorado improvisou uma caminha ao lado de minha cama para o cachorrinho, assim poderíamos ir atrás de sua dona no dia seguinte, quando estivesse claro. Agradeci e o elogiei pelo ótimo trabalho e criatividade na elaboração da caminha. Assim, ele foi embora e eu peguei um de meus livros para ler até pegar no sono.



6

Quebrando padrões

Percebendo que eu era a única pessoa presente na sala e que não havia nenhum sinal do professor Liam Pacheco, que nos ensinava idiomas, me dirigi até a secretaria para questionar a respeito daquela situação.

— Bom dia, senhorita Helena! Infelizmente o professor Liam se ausentou de suas atividades hoje para lidar com algumas questões relacionadas ao recente acidente que seu filho sofreu – explicou a secretária.

— Nossa, que trágico. Eu sinto muito por eles, tomara que o Criador ajude na recuperação do filho do professor. Mas obrigada pela informação, moça.

Rezando para que o ocorrido não fosse muito grave, fui direto para a cantina, ciente de que naquele horário eu não me depararia com nenhuma fila e, para minha surpresa, encontrei Rita comprando um lanche e um suco natural de laranja. Aproximei-me, cumprimentei-a e fiz o meu pedido que era similar ao de minha amiga, apenas mudando o sabor do suco, visto que eu havia pedido um de maracujá.

— Faz tempo que eu não te vejo por aqui, Ritinha! Você se recuperou totalmente do seu acidente?

— Sim, Helena. Graças a Deus! Depois de sua visita, fiquei três semanas no hospital, mas não houve nenhuma complicação que impedisse minha alta após isso.

— Rezei muito ao Criador pela sua melhora, Rita. É maravilhoso que esteja de volta. Mas me conte com mais detalhes o que aconteceu! Na época, era tudo tão recente que tive vergonha de perguntar.

— Então, Helê, eu estava saindo da faculdade de carro umas 11h40min para almoçar, pois meu expediente iniciava às 13h, mas aca-

bei me desesperando por ter muitos afazeres naquele dia e, na pressa, não coloquei o cinto de segurança. E você já sabe que é quando a gente menos espera que as coisas acontecem. Assim, eu estava dirigindo na velocidade correta e tranquilamente, foi quando um carro na contramão e fora de controle veio em minha direção. Resumindo a ópera, eu desviei, mas acabei colidindo com uma árvore, pois o freio não conseguiu parar o carro antes da batida.

— Pelo Criador, Rita! Como você saiu dessa situação?

— Nem eu sei dizer, Helê. Na hora perdi a consciência. Como estava sem o cinto, dei de cara no vidro da frente do carro e, olha, não foi legal. No hospital, avisaram que eu havia trincado o braço, quebrado duas costelas e tido uma lesão na cabeça, por conta do choque com o vidro. Assim, eu fiquei internada e precisei de cirurgia. Ainda bem que deu tempo de frear ao menos um pouco, pois se a situação em meu crânio fosse pior, só Deus sabe o que aconteceria.

— É um alívio te ver saudável de novo, Ritinha.

Ficamos conversando sobre a vida, e ela me contou várias histórias sobre o tempo que passou no hospital, inclusive da vez que ficou no mesmo quarto de uma moça que não possuía uma de suas pernas. Assim, Rita tomou coragem para puxar assunto:

Aos olhos de Rita

— Oi! Prazer, eu me chamo Rita, e você? Desculpe a inconveniência, moça, mas o que houve com sua perna?

— Prazer, Rita. Chamo-me Esperança. E quanto a sua pergunta,

eu não me incomodo. Eu estava na praia, e existiam alguns boatos sobre um tubarão que rodeavam a área, porém não acreditei e peguei minha prancha de surfe para ficar flutuando na água, já que aquele não era um dia para onda. Nadava calmamente quando avistei os salva-vidas me fazendo sinais esquisitos que ignorei. Quando me dei por conta, a galera já estava correndo para a margem, assim eu virei para trás e vi uma enorme barbatana a uns três metros de distância. Paralisei e, depois disso, fui derrubada da prancha, vi vermelho na água e gritei por conta de uma dor aguda na coxa que logo se perdeu na adrenalina. O resto você pode adivinhar…

— Que criatura cruel, Esperança. Eu sinto muito.

— Não se preocupe. Você vai se surpreender com isso, mas acredite ou não, parte da culpa foi minha.

— O quê? Como assim?

— Na verdade, os seres humanos não fazem parte das presas dos tubarões naturalmente, a não ser que eles estejam famintos e sem outras opções. Tanto que se repararmos nas histórias, esses animais raramente se alimentam das pessoas que atacam, mas sim deixam ferimentos muitas vezes fatais.

— Não faz sentido. Se não gostassem, por que morderiam?

— Eles não têm uma visão excelente, então, no meu caso, ele deve ter achado que eu era uma grande tartaruga e não euzinha com as pernas para fora da prancha. Então ele testou uma mordida e logo desistiu. O problema é que eu realmente gostava daquele pedaço, que era minha perna. Mas os avisos estavam lá e eu fui teimosa, e, só entre nós, dizem as más línguas que eles acham a carne humana ruim que só Deus na causa. Matamos bem mais da espécie deles por ano que ao contrário.

Com os olhos arregalados, eu me encontrava chocada com a história e conhecimento de Esperança e ela ainda falava quando um homem foi transferido para o nosso quarto. Por sua vez, ele perdera uma parte de seu braço e, assim como a outra moça, se recuperava da cirurgia.

— Olá! – ela e eu dissemos em harmonia.

— Boa tarde, senhoritas. Não se incomodem comigo, podem seguir a conversa.

— Está tudo bem? Você está com dor, senhor… – esperei que ele completasse.

— Marcos. Meu nome é Marcos e o de vocês? E não esquente sua cabeça garotinha, como um lenhador que corta pinheiros de até vinte e três metros, era de se esperar que em alguma hora eu me machucaria. Afinal, quem trabalha com machado tem que ter cuidado, já dizia o meu pai. Mas neste caso eu estava com uma serra elétrica derrubando uma árvore, com o tronco grosso e pesado, e quando ela estava prestes a cair, tombou para o meu lado, e o gênio aqui tropeçou em seus próprios pés ao correr, caindo. Só deu tempo de rolar no solo um pouco antes que o tronco atingisse o chão e, infelizmente, parte do meu braço, que ficou preso. Sozinho, no meio de uma trilha, esperei umas quatro horas até que um grupo de escoteiros passou e chamou o resgate.

— Santo Deus, Marcos! Aliás, o meu nome é Rita.

— E o meu é Esperança. Mas quem diria "Marcão", salvo pelos vendedores de biscoito, cara?

— Pois é, nem eu acreditei.

Os dois riram e eu fiquei sem graça, pois não sabia se seria apro-

priado rir junto ou se eles se sentiriam ofendidos. Afinal de contas, eu não fazia ideia de como era estar em seus lugares. Até que uma pergunta surgiu na minha mente:

— Marcos, Esperança. Vocês pretendem usar alguma prótese?

— Olha, Rita, né? Eu adoraria, pois preciso cortar madeira para vender, além disso eu amo confeccionar brinquedos com os pedaços que sobram para crianças necessitadas. O problema é que próteses de mão são um absurdo de caras, dependendo do modelo.

— Consegui uma excelente promoção em uma prótese de perna. Vou experimentá-la assim que o ferimento cicatrizar. Mas eu me incomodo muito com a questão das roupas.

Instantaneamente, uma lanterna acendeu em cima de minha cabeça, uma vez que eu curso Moda na universidade.

— Conte-me mais sobre essa questão das roupas, Esperança!

— Não vejo modelos adaptados que sejam bonitos ou estilosos no mercado, pelo menos eu nunca vi. Eles geralmente são mais caros e sem graça. Além disso, ouvi relatos de que não é nada fácil colocar calças com a prótese ou mesmo sem ela.

— Esperança, Marcos, posso tirar as medidas de vocês? Eu curso Moda, então ficaria honrada se vocês deixassem que eu confeccionasse algumas peças para vocês. Criar é simplesmente minha paixão.

Aos olhos de Helena

— Helena, estou tão animada com esse projeto! Na verdade, eu já costurei algumas roupas para eles, e adivinha? Foi um sucesso! Agora

ambos de vez em quando até fazem algumas encomendas e, diferentemente de várias pessoas, estão dispostos a pagar um valor que valha a pena, sabe? Por terem consciência da qualidade dos produtos. Muitos deviam aprender com os dois. Existem pessoas que parecem só abrir a boca para falar de promoção. E, sabe, não faço preços exagerados, mas preciso que seja suficiente para cobrir os gastos e ter alguma sobra.

O entusiasmo em seu olhar era quase palpável.

— Cuidado Ritinha, está quase falando como uma capitalista – comentei brincando.

— Não diga isso, Helê – ela abriu um sorriso – mas me sinto tão feliz, talvez até singelamente realizada. Imagina se transformo isso em um negócio, ou até monto uma loja? Será que isso seria permitido?

— Parece algo brilhante, Rita. Acho que a minoria das pessoas enxerga as dificuldades do pessoal com deficiência. Acho que você deveria se aventurar por essa ideia! Mas como pretende custear tudo isso? – perguntei empolgada.

— Assim: a princípio quero usar os materiais disponíveis na universidade, sabe? E a mão de obra será apenas a minha, por enquanto.

— Sensacional, Rita! Já consigo imaginar as lindíssimas roupas que você fará.

Olhei o relógio da cantina que confirmou o fim da minha aula vaga. Assim, me despedi de Rita com um beijo no rosto e fui para a sala. Desta vez aprenderíamos sobre a linguagem verbal e não verbal.

Até um determinado ponto, o conteúdo estava muito interessante, entretanto a partir da metade tornou-se demasiadamente entediante,

o que fazia sentido, já que a metodologia escolhida pelo professor era extremamente cansativa, repetitiva e monótona. Desta forma, fui encostando minha cabeça na janela ao observar a chuva que começava a cair das nuvens agora acinzentadas no céu. Estava quase pegando no sono, quando escutei meu nome.

— Helena, por favor, poderia nos dar um exemplo de cada uma das duas linguagens?

Voltei minha atenção novamente para o professor e para o restante dos estudantes que me encaravam.

— Desculpe, professor. O senhor se dirigiu a mim?

— Claramente, senhorita Helena. Poderia me dar um exemplo de cada, por favor?

Fiquei parada por alguns instantes, tentando elaborar uma satisfatória e improvisada resposta, mas as palavras que escaparam da minha boca foram:

— Ah, eu…

Fui bruscamente cortada pelo agudo barulho do sinal que preencheu o ambiente e me salvou, graças ao Criador.

Levantei rapidamente e guardei meus pertences na mochila e fui almoçar. Desta vez, optei por ir de ônibus até o jornal. A chuva caía pelas janelas do veículo e meus pensamentos foram levados até Heiko. Eu havia explicado a situação para minha família, levado ele para fazer suas necessidades na grama no nosso quintal e também garantido que tivesse comida suficiente no prato, entretanto, ainda estava torcendo para que ele não fizesse muita bagunça e nem causasse transtornos.

Ao passar pelas portas do jornal, recebo uma surpresa.

— Boa tarde, senhorita Helena! Que bom que você já chegou. Precisamos de sua ajuda urgentemente, pois um dos nossos repórteres faltou hoje e precisamos que você o substitua e vá ao centro da cidade para cobrir a passeata que está acontecendo por lá.

— Outra? Tenho certeza que Anna e eu corrigimos uma matéria sobre uma passeata no centro há pouco tempo.

— Pois é, minha cara. Mas você já sabe como funciona: cidadãos insatisfeitos com algumas posturas do governo, rivalidade entre a União Soviética e os Estados Unidos, dentre outras coisas relacionadas a insatisfação com o governo. Se os cidadãos querem algo, eles lutam por isso, e tal fato não é exatamente uma novidade, quero dizer, esse comportamento. Mas são notícias fresquinhas para a matéria da semana, o que significa que nós temos que escrever sobre isso definitivamente. Além disso, aparentemente o motivo da nossa passeata de hoje é que existe um novo movimento político e estão buscando apoiadores.

Álvaro, meu chefe de redação, era definitivamente muito inteligente, eu me sentia honrada pela oportunidade de fazer uma matéria sozinha tão cedo, embora estivesse levemente insegura sobre a essa responsabilidade.

— Claro, pode confiar em mim! O que exatamente tem que ser feito, Álvaro?

— Muito bom! Tudo que precisa fazer é acompanhar a passeata, conseguir boas fotos e fazer entrevistas com os apoiadores. Registre todas as respostas que valerem a pena, seja pelo gravador de voz ou por anotações, entendido? Já chamei um táxi para te levar até o local, então é só arrumar as suas coisas e partir.

— Sim, senhor! Muito obrigada pela oportunidade, não vou decepcioná-lo.

Antes de fechar a porta do táxi, fui capaz de captar um singelo sorriso nos lábios de Álvaro, o que indicava que ele me achava uma funcionária promissora.

Além do motorista, outros dois jornalistas dividiam o carro comigo. Eles eram uma dupla do mesmo jornal que eu trabalhava, e também cobririam a passeata, entretanto seria por outra perspectiva, perguntando aos comerciantes e moradores locais o que eles pensavam sobre todo aquele alvoroço e aglomerado de pessoas.

Compartilhei com eles o fato de estar ansiosa por aquela ser a minha primeira matéria oficial e eles foram gentis e prestativos, ajudando a me acalmar e a restaurar minha confiança.

Chegando ao local, tirei fotografias com a minha câmera nova e entrevistei alguns indivíduos, dentre eles um senhor de idade que carregava uma bandeira. O evento não foi muito longo, mas foi pacífico, exceto por alguns raros problemas causados por um ou outro que queria chamar atenção, entretanto rapidamente as tropas do exército chegaram e dispersaram a multidão.

De volta ao meu habitual local de trabalho, montei a matéria sozinha e entreguei ao meu superior, que ficou bastante satisfeito com o resultado. Naquela tarde, fui para casa com a sensação de dever cumprido.

Apesar do cansaço, peguei Heiko e pedi ao meu pai que nos desse uma carona de carro. Fomos até o campo de papoulas, onde desci com o Heiko no colo para tentar encontrar a dona dele. Eu lembrava de seus traços, entretanto fazia quase três anos que eu não a via, assim teria

que ficar bem atenta. Enquanto caminhava com o cachorrinho no colo, avistei uma menininha de olhos escuros, pele negra e cabelos crespos, ela parecia estar procurando por algo ou alguém e se lamentando.

— Como eu pude perder meu melhor amigo? Nunca vou me perdoar se ele não voltar.

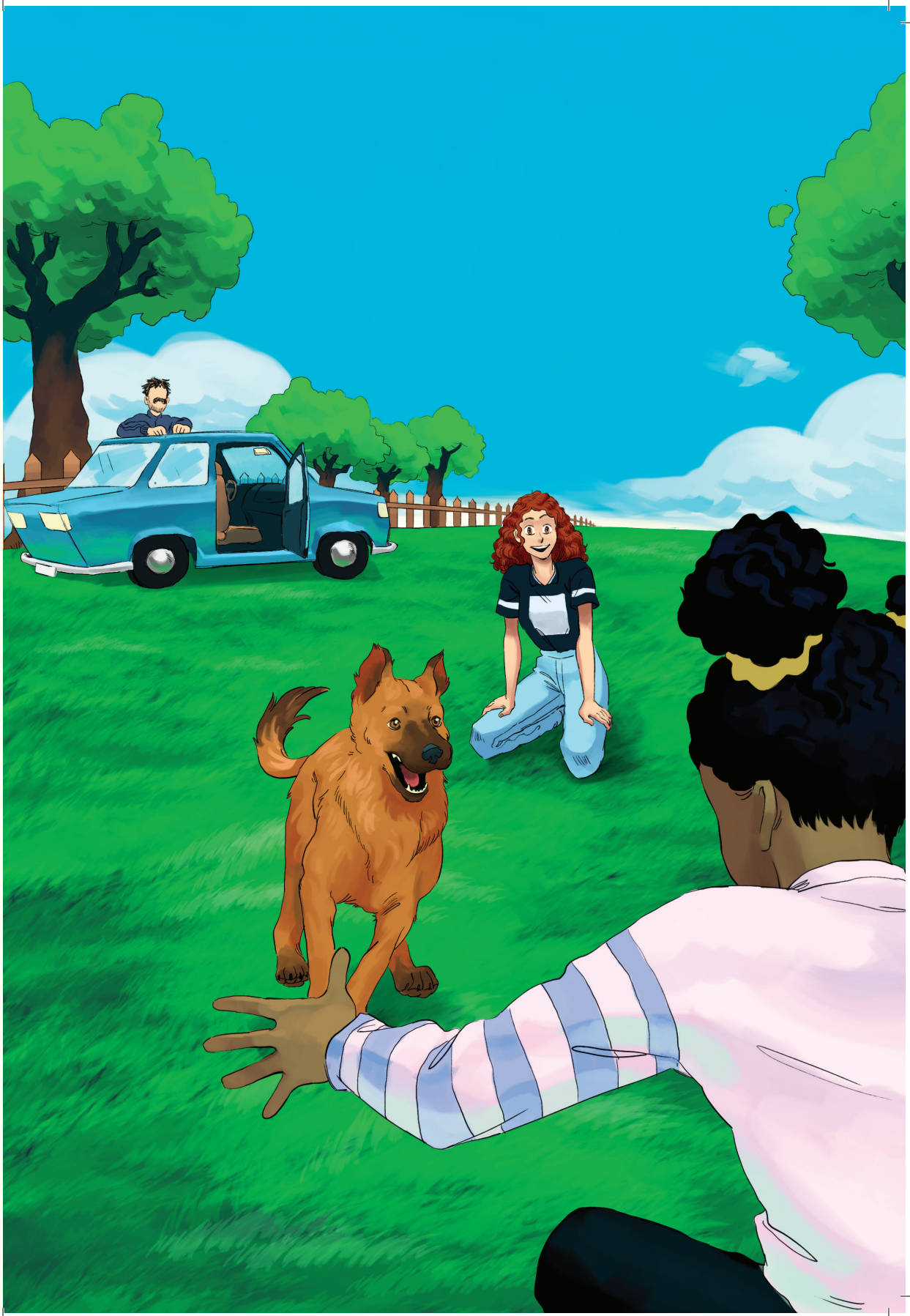
— Oi! Por um acaso esse seu amiguinho não teria pelos caramelos? – soltei-o do meu colo, que foi logo correndo em direção a ela.

Eu abri um sorriso de orelha a orelha junto com a menininha ao ver aquela adorável cena. Momentos como aquele faziam com que o nosso dia realmente valesse os desafios.

— Eu posso perguntar o seu nome? O meu é Helena.

— Ester! Eu me chamo Ester. Muito obrigada, Helena. Onde você o encontrou?

Expliquei resumidamente a história e descobri que Heiko havia fugido de casa por ter ido atrás de um vagalume no meio da noite, o que me fez rir. Finalizei a noite em casa lendo Peter Pan e tive sonhos felizes.



7

Formação de uma intriga

Uma extraordinária animação tomou conta de mim assim que abri os olhos, ainda deitada na cama. Aquele seria o grande dia de minha formatura, depois de longos quatro anos de estudo. Antes mesmo que eu conseguisse processar mais alguns pensamentos, minha mãe invadiu meu quarto e abriu as cortinas entusiasmada.

— Já passou do horário de alguém levantar. Acorda, Helena, pois hoje o dia promete! – ela cantarolava enquanto puxava meu cobertor.

— Mãe, que horas são? Preciso dormir mais um pouco… – disse, puxando a coberta de volta.

— Levante, mocinha. Hoje é o grande dia.

Tentando me convencer a todo custo, ela saiu e retornou com um cabide em mãos, era o vestido que eu usaria naquela noite. Embora não conseguisse enxergá-lo por conta da capa protetora, eu adivinhei apenas olhando a expressão sorridente de minha mãe.

— O papai já foi buscar o vestido na casa de Rita? Ok, você venceu, despertou minha curiosidade, já acordei.

— Mas nem sonhe em experimentá-lo estando toda suada, senhorita. Vou levá-lo comigo para garantir que não suje.

— Olha, isso é muito injusto, mas tudo bem. Vou tomar banho e daqui a alguns minutos me junto a você para o café da manhã. Depois eu experimento ele – cruzei meus braços e parei para observar minha mãe que saía do cômodo com um ar brincalhão. Eu não a imaginaria tendo aquela atitude alguns anos atrás.

À mesa, encontravam-se minha mãe e avó somente, pois meu pai estava trabalhando na plantação desde que o sol havia nascido.

— Está contente, minha filha?

— Sim, mãe, mas estou um pouco nervosa por conta do discurso que terei que apresentar – admiti.

— Não se preocupe, Helena. Você se sairá bem, como em todas as outras ocasiões em que se deparou com algum desafio – minha avó me tranquilizou enquanto soprava seu café.

— Exatamente, Helena. Sua avó está correta, pois você sempre se dedica a tudo que faz, colhendo bons frutos.

Depois que finalizamos a refeição, fui ler um pouco para acalmar os nervos, deitando no sofá da varanda para tal atividade. Perdi-me em meio àquela maravilhosa história por um bom tanto de horas, até que escutei a voz de minha avó.

— Helena, ajude-me com o almoço, por favor.

— Claro, vovó. Mexer um pouco com as panelas também será ótimo para me distrair.

Ao passo que cortava alguns legumes e refletia sobre os anos que se passaram, fui interrompida por uma pergunta da minha avó.

— Você pretende continuar trabalhando naquele jornal perto do campus agora que finalizou a faculdade?

— Por enquanto sim, vovó. Pelo menos até surgir um novo desafio ou uma oportunidade em um jornal maior.

— Muito bem falado, senhorita jornalista. Sempre almeje grandes coisas, afinal de contas os nossos objetivos só se tornam fatos se nós

acreditarmos – ela suspirou profundamente – seu avô estaria orgulhoso em te ver se formando e realizando um sonho.

— Obrigada – sussurrei, tentando impedir que a saudade ressurgisse e me atingisse com força, aquele definitivamente não era um tema fácil de se tratar.

Depois desse curto diálogo, cozinhamos em silêncio, entretanto o clima na cozinha estava harmonioso e tranquilo, preenchido pelos aromas dos ingredientes que se espalhavam no ar.

Todos esses anos frequentando a universidade durante quase todos os dias da semana me modificaram, transformando-me em uma nova pessoa, agora mais responsável e trabalhadora.

Meus pensamentos voaram até os Jogos Olímpicos de Verão daquele ano, que aconteceram em Moscou e que sofreram um grande boicote. Meus colegas de classe e eu pudemos presenciar tudo em primeira mão, já que, para o trabalho final do curso, fomos levados até lá para que os professores pudessem avaliar o quanto havíamos evoluído profissionalmente desde o primeiro ano de estudo.

Ainda por conta desse conflito entre países capitalistas e socialistas, que continuava se desenrolando por conta da Guerra Fria, influenciados pela iniciativa dos Estados Unidos, aproximadamente sessenta e três países deixaram de ir competir na URSS, o que caracterizou um dos maiores boicotes já vistos nos Jogos Olímpicos.

Os noticiários apontaram que isso ocorrera por conta da invasão ao Afeganistão, em 1979, liderada pela União Soviética, mas eu particularmente não sabia dizer se essa era a única razão, afinal de contas as duas nações nutriam uma considerável e quase palpável rivalidade há algumas décadas.

De qualquer forma, a União Soviética liderou o quadro de medalhas com 195 delas, sendo que 80 foram de ouro.

Apesar de toda aquela confusão, os jogos foram belíssimos e resultaram em um prato cheio para que nós jornalistas recolhêssemos materiais inéditos para nossas reportagens.

Outra coisa que chamou minha atenção foi o fato de não ter visto Benjamin competir, o que imaginei que o teria deixado arrasado, pois, até onde era de meu conhecimento, já que havíamos perdido o contato, ele treinava muito para arrasar nas partidas de hóquei e, pelo que eu observei nos estádios, havia muitos patrocinadores em busca de pequenas e brilhantes estrelas nos esportes.

Somente mais tarde fui entender que a modalidade no gelo havia sido disputada apenas nos Jogos Olímpicos de Inverno daquele ano, enquanto nos de verão contamos somente com o hóquei sobre a grama, o que fazia todo sentido, mas também me deixou levemente chateada, pois uma parte de mim tinha criado esperanças de reencontrar meu velho amigo. De qualquer forma, o Criador sabia o que fazia e talvez fosse mais vantajoso se os nossos caminhos não se cruzassem mesmo.

— Helena? Você está me escutando? – questionou minha avó, segurando a travessa de batatas.

— Oi? Sim, vovó. Desculpe, estava pensando nas Olimpíadas deste ano, quando fui com a faculdade para o trabalho de finalização do curso.

— Ah, eu me lembro. Você adorou aquele passeio. Mas venha, é hora de servir o almoço. Chame seu pai na plantação e eu chamo Kataryna que se encontra no quarto, por favor – ela completou.

— Sim, senhora. Combinado!

Assim aconteceu e com os membros da família de mãos lavadas, nos sentamos nas cadeiras. Antes de iniciarmos a refeição, o meu pai fez uma oração pela nossa vida e eu a completei:

— Senhor, nosso bom Deus, estamos todos reunidos diante de ti para te agradecer por todos aqueles anos que o Senhor guardou e protegeu o meu pai das mãos daqueles sequestradores e permitiu a sua volta em segurança para casa, fazendo com que nossa família estivesse reunida novamente e pudéssemos recuperar todos os momentos perdidos no tempo.

O sorriso estampado no rosto de minha mãe e o brilho em seus olhos revelavam a tamanha felicidade de reencontrar o amor de sua vida. Eu continuei:

— Agradeço pelas lembranças felizes que guardamos do meu avô Wicenty e por todos os ensinamentos dele, que permanecem guardados eternamente em nossos corações. Palavras não são suficientes para expressar o que eu sinto, mas muito obrigada por absolutamente tudo que tem proporcionado em nossas vidas.

— Amém! – finalizamos em coro.

Aproveitamos a comida e a companhia uns dos outros até que eu pedi licença para me retirar para elaborar o meu discurso de formatura.

Peguei um lápis e as palavras logo começaram a surgir em minha mente. Assim fui transferindo-as para o papel, seguindo meu coração.

Primeiramente, boa noite a todos. Gostaria de agradecer pelo privilégio de ser a oradora da nossa turma nesta noite que, embora repre-

sente a nossa despedida, também carrega muita alegria.

Hoje, concluímos mais uma etapa de nossas vidas e, sem dúvida, essa é apenas uma das diversas vitórias que ainda estão por vir.

Hoje, somos finalistas, mas nem sempre foi assim. Quando entramos nesta instituição enfrentamos uma complexa fase de adaptação, uma preparação para um objetivo maior, novos colegas, professores e constantes desafios que nunca paravam de surgir. Pois é, vamos levar todas essas lembranças conosco.

Talvez amanhã nós ainda falaremos com os amigos que fizemos aqui, mas quem sabe daqui a uma semana? Um mês ou semestre? É complexo afirmar se sequer nos reconheceremos depois de dez anos, por exemplo. Mas está tudo bem, a vida nos separa, mas as memórias permanecem, as risadas nas engraçadas e mais inusitadas situações continuam gravadas e ressoam em nós.

Quem sabe se daqui a alguns anos nós não iremos olhar para trás e pensar: "Por onde será que anda o pessoal da minha querida turma?", ou talvez nem tão querida para alguns, mas tudo certo também. De qualquer forma, será nesse momento que os nossos corações apertarão e somente teremos a saudade.

Certa vez me disseram a seguinte frase: "Há coisas que são boas por um instante, outras, por um determinado período, mas apenas algumas são para sempre". E o que poderia ser a universidade senão um conjunto de momentos eternos em nossa mente?

A escola foi o palco de nossas primeiras interações sociais, onde começamos a adquirir nossas primeiras responsabilidades, onde moldamos os primórdios de quem somos.

Na física existe uma teoria chamada de “Teoria do Caos”, que fala sobre como os acontecimentos aparentemente irrelevantes podem vir a ter consequências gigantescas no futuro. Uma das frases mais famosas a respeito é: “Até mesmo o simples bater de asas de uma borboleta pode vir a causar um enorme furacão”.

Parece um tanto absurdo, mas foi exatamente o que nos ocorreu. Os sussurros do passado que diziam “Corra atrás! Estude, siga em frente. Você é capaz!” tornaram-se furacões e mudaram nossas vidas, contribuindo para que estivéssemos aqui hoje.

Ansiamos por concluir esta etapa da vida por tanto tempo, mas agora, no fim, vemos quanta falta ela nos fará. Sentiremos saudades das brincadeiras, sorrisos, dos amigos, do cheiro dos livros novos, e até mesmo dos puxões de orelha, mesmo que desses últimos nem tanto.

É. Realmente nada foi fácil e nada será. Aprendemos, dentre várias coisas, que a pontualidade é demasiadamente importante e que as regras são feitas para serem seguidas, exceto algumas, se é que vocês me compreendem. Devemos ser solidários uns para os outros, fazer valer a nossa voz, pois sem esforço não vamos a lugar nenhum e o que alcançamos é apenas uma pequena parte do que ainda podemos conseguir.

O relógio não parou e agora somente nos resta agradecer. A todos que estão aqui, nossos pais, familiares, professores, pois sem vocês nada disso seria possível.

Além disso, nossa homenagem aos ausentes, àqueles que partiram, mas que ainda fazem parte da nossa torcida, mesmo que lá de cima.

Algumas lágrimas solitárias escorreram, caindo sobre o papel quando eu pensei em meu avô Wicenty e aceitei a ideia de que elas talvez se repetissem no palco mais tarde.

Onde quer que estejam, esperamos que se sintam orgulhosos do grande passo que damos hoje e dos que ainda atingiremos com nossos próprios pés.

Por fim, nos despedirmos daqui com um singelo obrigado pode parecer simples demais, mas, com a minha experiência, eu diria que às vezes não há palavra que carregue mais sinceridade e significado do que esta. Portanto, obrigada por absolutamente tudo.

Logo que terminei meu discurso, fui me arrumar para a minha formatura. Eu me encontrava extremamente entusiasmada para experimentar o vestido que Rita havia confeccionado. Esse havia sido um presente de Thomas, que certo dia me disse que arcaria com todos os custos do modelo e que eu poderia encomendá-lo com quantos detalhes eu desejasse, pois aquele seria um dia que jamais tornaria a se repetir.

Retirei a capa protetora do cabide, apoiando-a em cima da cama. O vestido era belíssimo, preto com bolinhas brancas, um laço que apertava a cintura, possuía um singelo decote na parte superior do busto e uma saia rodada. Como eu já esperava, serviu perfeitamente, mais uma meia-calça por conta do frio e um salto negro de ponta fina.

Após me vestir, fiz uma leve maquiagem em meu rosto com uma sombra clara e um batom avermelhado. Prendi os cabelos em um coque e dei o toque final com uma tiara que ganhara de minha mãe em meu aniversário de 16 anos.

Uma vez que eu estava pronta, saí do meu quarto, deparando-me com meu irmão Theodor e Ísis assim que passei pela porta.

— Theo! Ísis! O que fazem por aqui? – questionei enquanto recebia cada um deles com um abraço.

— Você realmente achou que eu perderia a formatura da minha única irmã?

— Sinceramente… – provoquei de maneira brincalhona e Ísis levou a mão à boca para esconder uma risada enquanto Theo me encarava fazendo cara feia.

— Vamos então? Já estão todos esperando no carro – sugeriu Ísis e eu assenti com a cabeça antes de pegar o braço que meu irmão havia oferecido, como se fosse acompanhar alguém da nobreza.

— Hoje a noite promete! Aposto que alguém aqui está ansiosa pela festa.

— A cerimônia com as becas também é bastante bonita – Ísis afirmou, dando leves cotoveladas em meu irmão.

— O que foi? Não finja que não sabe que é a melhor parte. Ou será que devemos relembrar como foi quando a senhora se formou em Engenharia e… – sua esposa pisou fortemente em seu pé.

— Ignore ele, Helena. Garanto que nada demais aconteceu naquela festa – ela se justificou com uma risada desconfortável que dizia exatamente o oposto de suas palavras. Então eu ri, peguei em seu braço também e nós três fomos juntos para fora.

Graças ao Criador, consegui fazer o meu discurso sem muitos transtornos, recebendo uma salva de palmas no final, o que me deixou aliviada. Todos estavam presentes, além disso, Anna, Rita, Laura e diversos outros amigos estavam completando sua graduação. Depois de jogarmos os chapéus para cima, entregamos as becas para os professores responsáveis e nos dirigimos até o local da festa.

— Laura! Que bom que te encontrei. Queria te apresentar a alguém. Você já conhece a Anna? – perguntei, apontando para a minha outra amiga que eu havia achado há poucos minutos.

— Prazer em conhecê-la, Laura. Chamo-me Anna Becker.

— Igualmente – as duas apertaram as mãos e, por alguma razão desconhecida, o clima ficou pesado enquanto elas se encaravam.

Desviando minha atenção das meninas, meu olhar encontrou-se com o de Thomas e ele veio nos cumprimentar.

— Você estava linda lá em cima, Helena – ele me elogiou e beijou suavemente minha bochecha.

— Estava mesmo, não é? Parabéns, Helê. Seu discurso foi emocionante – Laurinha concordou animada e apertou meus ombros sorrindo.

— Não poderíamos ter votado em alguém melhor para representar a turma – completou Anna.

— Parem com isso, ou vão me deixar envergonhada! Vamos mudar de assunto, vocês já espiaram os doces daquela mesa? E dizem os boatos que o sabor de bolo escolhido foi de chocolate com morango. O buffet não poderia ter ficado mais perfeito!

— Falando nisso, olha só quem já está provando aquelas guloseimas! – segui com os olhos os dedos de Laura, que estavam apontando para Amélia e Edgar, que já atacavam os docinhos.

Chamamos eles e partimos para a pista de dança, que estava lotada, ao passo que todos se mexiam ao som de uma música alegre e com

um ritmo contagiante.

Dancei com os meus amigos e com a minha família, agradecendo pelo fato de minha mãe ter lembrado de trazer minha câmera, afinal de contas, sem isso eu não teria a oportunidade de registrar os movimentos robóticos que meu irmão tinha inventado e que tiraram risadas de todos em volta, as lágrimas de orgulho de meu pai, minha avó perguntando para as cozinheiras qual era a receita do recheio do bolo, dentre todas outras situações que posteriormente ficariam ótimas em um álbum de fotografias.



8

Amor ou apego?

Diversas religiões têm um determinado dia da semana que carrega algum significado especial e para nós, judeus, é o sábado. Esse é voltado para o descanso e para expressar gratidão ao nosso Criador pelas bênçãos que nos proporciona.

Finalizei minha primeira refeição da manhã, tirei o pijama e fui visitar meu amigo com penas.

— Bom dia, Barth! Vim te trazer algumas batatinhas cozidas, já que você já comeu as frutas que eu trouxe antes de dormir.

— Helena, Helena! Saudades, saudades!

— Eu sei meu velho amigo, é que estive um pouco ocupada. Mas me perdoe por não ter te dado tanta atenção, está bem?

Enquanto Barth saboreava suas batatinhas cozidas, comecei a desabafar com ele. Embora soubesse que ele era um papagaio e que talvez não fosse detentor das mais desenvolvidas habilidades de compreensão das palavras humanas, ele era meu companheiro fiel e sempre me aconselhava.

— Ah, eu nem sei como descrever precisamente as minhas emoções hoje, acredita? Tem um misto de sentimentos dentro de mim. Barth, a sua ficha já caiu pelo fato de eu estar completando vinte e cinco primaveras? O calendário aponta que já estamos em 1983. Você tem ideia de quantas vezes a terra girou em torno da estrela da nossa galáxia só nesse meio tempo em que eu existo? É como se esses anos tivessem passado na velocidade da luz.

Ele me olhou confuso e quase derrubou um pedaço que segurava com a pata.

— Ok, talvez ter passado a minha infância e adolescência ao lado de Theodor, que só falava de cosmonautas, tenha afetado um pouco os meus neurônios, você tem razão. Mas Barth, a questão aqui é: será que realmente tenho vivido como protagonista ou como narradora de uma história que apenas resume os acontecimentos ao invés de aproveitá-los? Ou mesmo esquecendo-me de vários detalhes?

Sentei no chão frio e deixei minhas mãos caírem em meu colo.

— Sabe? Eu agradeço continuamente pelo que já desfrutei nesta vida, Barth, pelos indivíduos que conheci, inclusive pelos que já fizeram meu coração pulsar mais forte ou que deixaram uma marca, mesmo que essa tenha sido ruim, pois pode ser interpretada como aprendizado. Você não acha interessante que sejamos moldados em nossa trajetória, em parte, por aqueles que cruzam nossos caminhos? Cada existência é única, Barth, épica, inédita e emocionante ao seu modo.

Suspirei profundamente.

— Sinto saudades daqueles que partiram e que ajudaram a fazer do meu universo um lugar melhor, mas será que alguma hora eu serei capaz de ter uma influência positiva assim na vida de alguém também? Quero dizer, meu avô Wicenty se dedicou tanto para trazer um pouquinho a mais de paz no mundo durante alguns conflitos, seu retorno depois da carreira de espião foi motivo de tanta alegria em minha casa, isso tudo antes de eu nascer, e suas lições ainda geram frutos em nossa família atualmente, o que é, no mínimo, impressionante.

Vendo que eu estava indo muito longe no assunto e talvez me perdesse, dei uma pausa e organizei meus pensamentos.

— Barth, eu desejo seguir o exemplo dele, entende? Tenho 25 anos, sou graduada e sinto-me reconhecida profissionalmente, então não

é como se não estivesse caminhando para frente e orgulhando meu avô, mas falta alguma coisa. Você saberia me dizer o que é?

Voltei minha visão para o meu papagaio, que limpava suas penas.

— É claro que não sabe… Aliás, eu te contei que vão completar três anos desde que fui promovida a gerente de criação da revista feita pelo mesmo jornal em que trabalho desde os 18 anos? Diferente das notícias impressas e distribuídas pela cidade, essas são entregues no endereço dos nossos clientes que pagam pelo serviço mensalmente.

Parei de falar e acariciei as penas de meu papagaio. Eu amava cada parte do que fazia, não poderia ter escolhido uma profissão que combinasse mais com isso. Agora, era responsável por selecionar a temática das matérias que iriam para a revista, escolher quais reportagens, fotografias, artigos e colunas tinham maiores probabilidades de agradar os assinantes e dividir todas as atividades entre as oito pessoas que trabalhavam junto comigo, entre elas, Anna, que estava sendo meu braço direito em vários aspectos.

Além disso, eu também revisava todos os materiais produzidos por minha equipe e possuía minha coluna individual, onde escrevia sobre alimentos e novidades na área agrícola.

Certa vez, publiquei a história das batatas, que eram consumidas pela população há séculos. Dei destaque para a época em que muitos países próximos, e até mesmo o nosso (a Polônia), foram atingidos por uma desesperadora fome e pobreza. Os governantes até chegaram a sugerir que tais tubérculos fossem consumidos para acalmar a dor das vazias barrigas dos cidadãos.

Havia até uma lenda a respeito das pessoas de um determinado território que ficaram receosas em consumir o alimento, por ser uma

raiz de aparência diferenciada. Dessa forma, o rei do lugar teve uma brilhante ideia e mandou que se plantasse batatas em volta do castelo, para que seu povo percebesse que as batatas eram boas, já que até os nobres as consumiam.

Assim, quando elas cresciam e ficavam apropriadas para o consumo, muitos roubos aconteciam nas plantações, então o rei ordenava que os soldados simulassem uma perseguição, mas que em hipótese alguma os impedissem de levar o alimento. Dessa forma as batatas se popularizaram pela extensão do reino e contribuíram para que a fome da região fosse amenizada.

Voltei para a realidade ao sentir as garras do meu papagaio bagunçando o topo de meus cabelos, então me despedi dele e fui para a sala ao escutar a voz de meu pai.

— Oi, pai. Escutei você me chamando.

Ele estava com a Torá nas mãos, um dos livros sagrados do judaísmo.

— Helena, você foi a escolhida para fazer a leitura da Torá desta vez, tudo bem?

— Mas é claro!

Ele me entregou o livro e eu sentei na poltrona da sala confortavelmente enquanto esperava o restante da família se juntar a nós.

Fiz a leitura com concentração, prestando atenção em cada uma das frases e no que elas representavam. Após isso, meu pai fez uso da palavra para orar e expressar gratidão pelo bem-estar de nossa família e por todas as conquistas que alcançamos.

— Eu adoro essas ocasiões onde nos sentamos juntos para fazer as orações, isso nos une e fortalece nossos laços.

— Tem razão, vovó. Tomara que jamais percamos este hábito.

— E não vamos, Helena. São tradições judaicas que tratamos com seriedade e que passamos de geração em geração. Do pôr do sol de sexta-feira até o de sábado, sempre estaremos assim, nos dedicando às nossas preces e atos de caridade - completou minha mãe.

Inesperadamente, alguém abriu a porta sem aviso prévio e, antes mesmo que nos assustássemos, fomos surpreendidos pela visita de meu irmão e de Ísis.

— Vejam só que bênção, não é à toa que somos cobertos de luz quando estamos na presença do Criador! – comemorou minha mãe ao levantar-se do sofá e ir abraçar o filho e a nora.

— Também senti muito a sua falta, mãe. A senhora não faz ideia de como é passar tanto tempo longe de vocês!

A sala foi tomada por um silêncio sufocante, até que meu irmão se corrigiu. Afinal de contas, ela entendia cristalinamente como era ser obrigada a se afastar de alguém que amava profundamente.

— Desculpe, mãe. Não foi isso que eu quis dizer, é claro que a senhora sabe. A família inteira na verdade.

Vovó Aurora limpou a garganta e então quebrou o clima ruim.

— Venham aqui e me deem um abraço apertado! Por que não avisaram que viriam? Eu teria preparado uma bela torta de maçã.

— Queríamos fazer uma surpresa, Dona Aurora – justificou Ísis com um sorriso radiante.

— Deixem de história e nos atualizem sobre tudo que tem ocorrido lá na Rússia!

— Concordo com o Bartolomeu. Vamos até a cozinha. Vocês devem ter muitas novidades, assim podemos conversar enquanto preparo um suco de laranja e algumas torradinhas rápidas.

Papai estava emocionado com a situação, pois mesmo após o seu retorno ele e meu irmão não tiveram muitas oportunidades para interagir, já que suas visitas eram breves e espaçadas, em decorrência dos empregos do casal.

— Como anda o trabalho, meu filho? Eu já soube que agora você não brinca mais com foguetes de papelão, mas como é a experiência? E você, Ísis? Tenho que admitir que muitos fatos já me surpreenderam na marinha e mesmo assim eu nunca imaginei que teria uma engenheira mecânica de naves como nora. Vocês não param de me impressionar um dia sequer.

— Estão trabalhando bastante? – questionou vovó, antes que respondessem meu pai.

— Demais, Dona Aurora!

— Nem me fale. A Ísis é ainda mais ocupada do que eu, sempre leva um pouco de seus projetos para finalizar em casa. Eu estou esperando ser convocado para uma nova missão como cosmonauta e, enquanto isso, fico responsável pelo curso preparatório para os novos recrutados. É muito interessante, pois eles me olham do mesmo jeitinho admirado que eu fazia com meus superiores quando entrei nessa carreira. É um

máximo.

— Isso é simplesmente incrível, Theo – afirmei, envolvendo os dois simultaneamente em meus braços.

— Obrigada, Helena! Ficamos muito felizes por vocês nos apoiarem. E pensar que à primeira vista não nos demos muito bem.

— Exatamente! E eu continuo te admirando, talvez até mais intensamente, visto que agora você sabe bem mais sobre tecnologia, além de ter a habilidade necessária para trocar lâmpadas – afirmei, fazendo referência à época em que nos encontramos pelas primeiras vezes.

— Ah! Dissemos que nos mudamos para uma casa nova? Guardando parte do dinheiro que conquistamos, compramos uma casa do jeitinho que Theo e eu desejávamos, lá na Rússia. Ela é tão adorável, vocês devem nos visitar assim que puderem.

— Que orgulho! Vocês são duas preciosidades! – afirmou mamãe, demasiadamente alegre.

Aquele era um pedido interessante, mas que demoraria um pouco para ser atendido, visto que viagens para o exterior eram caras, principalmente para tantas pessoas, e os dois raramente tiravam muitos dias de folga. Mesmo com o fim da corrida espacial há alguns anos, os avanços nessa área não pararam. Além disso, notava-se uma inesperada fase de cooperação na área da ciência entre os Estados Unidos e a União Soviética agora, ou seja, meu irmão e minha cunhada tinham uma grande demanda de trabalho para cumprir.

Depois que a nossa euforia foi controlada, meu irmão juntou as mãos, como se o nervosismo fosse complexo para controlar, e educadamente convocou uma reunião familiar na sala.

— Chamei vocês aqui porque possuo uma notícia importante para compartilhar.

— Pois então fale de uma vez! Antes que eu me desespere com essa expressão em seu rosto, meu neto – pediu vovó, inquieta.

— Bom, como vocês já sabem, Ísis e eu somos casados há mais de cinco anos agora. Então, como casal, tomamos uma decisão: a de ter um bebê.

— Que Deus seja louvado! Mas espere um minuto, vocês não são um pouco novos para pensar nisso? - disse meu pai ao se levantar do sofá.

— Claro que não, Bartolomeu. O Theodor já tem vinte e oito anos, eles são bem grandinhos.

Permaneci quieta, observando a situação, também achava normal que as pessoas tivessem filhos quando já estavam maduras para tal responsabilidade, mas apenas se isso fosse o que elas almejavam.

— Exatamente, mãe! E o mais relevante é que Ísis e eu estamos preparados para decolar nesse universo, é o que desejamos. Nos sentimos totalmente prontos. Mas, voltando ao assunto, minha amada esposa e eu gostaríamos de falar que… como posso colocar isso em palavras? É…

— Eu estou grávida! – afirmou Ísis sorridente, mas impaciente pela enrolação de meu irmão.

Surpresa irradiou das expressões de todos na sala, juntamente com felicidade, um pouco de confusão e preocupação. No meu caso, eu me encontrava radiante e praticamente explodi de alegria.

— Uhuuul! Eu vou ter um sobrinho! Quer dizer, será menina ou menino? Vai chegar logo, não vai? Aah, já posso começar a comprar algumas roupinhas? – gritei entusiasmada, mal conseguindo me conter.

Ísis começou a rir e pediu gentilmente para que eu me acalmasse, assim começou a responder minhas perguntas.

— Bem, eu estou quase completando três meses de gestação e ainda não sei se será uma garotinha ou um menininho. Talvez optaremos por esperar a data do parto para descobrir, mas não sei se aguentarei conter minha curiosidade durante a ultrassom – ela passava a mão na barriga enquanto falava, apesar de esta ainda não ser muito aparente.

— É isso, logo teremos um neném engatinhando pela nossa nova casa na Rússia – completou Theo, após dar um beijo na testa de Ísis.

— Rússia? – questionei sem raciocinar muito.

— Lá é o nosso lar agora, Helê. Não faria sentido nos mudarmos para qualquer outro lugar.

— Você tem razão Theo, por um segundo esqueci desse detalhe – respondi.

— Ah, eu achei que vocês passariam uma temporada de pelo menos alguns meses aqui em Lublin, para a chegada do pequenino, eu poderia ajudá-los até que pegassem o jeito de dar banho e outros detalhes. Além disso, é sempre bom estar em torno da família nesses momentos.

— Vovó Aurora…

— Eu não entendo a decisão, mas respeito, meu neto. Cabe a vocês escolherem o que é melhor para o bebê. Eu não estarei presente,

mas os pais e parentes de Ísis estarão lá, e tenho certeza de que cumprirão bem os papéis de ensiná-los – minha avó o interrompeu com a voz rouca, parecendo estar chateada.

— Não fiquem tristes! Continuaremos vindo para visitar e enviaremos muitas fotos pelo correio – Ísis tentou amenizar a situação, ligeiramente sem jeito.

A vovó Aurora expirou profundamente e balançou as mãos, como se afastasse o humor ruim antes de se pronunciar.

— Tudo bem, pessoal! Hoje é um dia feliz, pois essa é uma notícia maravilhosa. Um novo membro se juntará à nossa família, então vamos nos animar e aliviar a tensão! Posso não estar lá quando o pequenino vier ao mundo, mas posso aproveitar cada minuto que temos agora! Venha Ísis, conte-me quais são seus pratos favoritos, não podemos permitir que faltem nutrientes nessa barriguinha.

Conversamos durante algumas horas sobre a gestação de Ísis, quais os nomes que ela e meu irmão haviam separado como possíveis opções e quais eram as emoções que giravam em torno daquele momento especial. Eu ainda não sabia se pretendia ter filhos no futuro, mas ouvindo todos falarem sobre o tema eu notei o quanto era um assunto sério e que exigia muita preparação prévia, tanto financeira como psicologicamente.

Acredito que era por conta disso que, diferentemente de diversos outros lares, na minha casa, nem meus pais nem meus avós nos pressionavam para gerar herdeiros. Eles compreendiam o peso daquela responsabilidade e que aquele tipo de amor incondicional que os pais tinham por seus filhos não poderia ser forçado em ninguém. Ter uma criança, apesar de seus inúmeros lados maravilhosos, exigia sacrifícios, determinação, dedicação e uma paciência divina. Eu sentia orgulho de

meu irmão por dar um passo tão significativo com sua esposa, apesar das variadas obrigações que ambos possuíam.

Afastei-me do grupo e fui fazer um bolo para comermos no lanche da tarde enquanto eu escutava o rádio. Este falava que, no ano anterior, haviam dado início a um programa que queria fazer reformas e abrir a economia do país para o mercado. Ademais, a Polônia também estava passando por um processo de melhoria dessa economia, o que aparentemente era bom para sairmos da crise que enfrentávamos havia um tempo e que afetava a população de maneira negativa.

Também comentaram sobre algo chamado PIB, que aparentemente era um número que mostrava para os outros lugares do mundo se o nosso país era considerado desenvolvido ou não.

Notei que eu não compreendia muito a respeito desses assuntos, e me questionei se não deveriam ensinar mais sobre o tema para os adolescentes na escola, afinal de contas, deixávamos muitos direitos de lado simplesmente por não termos as devidas informações. Fiquei assustada ao perceber que tudo isso era reflexo de uma sociedade que pouco conhecia ou se envolvia na política.

Naquela noite, eu comecei a pesquisar mais e a me atualizar nessas questões, para saber de verdade qual era o meu papel como cidadã e quais eram as atitudes que eu poderia tomar para ajudar a melhorar a nossa realidade.

Na tarde seguinte, fui passear perto do lago com a minha sogra para aproveitarmos o dia de sol. Ela estava me contando a respeito de todas as mudanças que haviam enfrentado desde que vieram da Alemanha e que ela conhecera um homem pelo qual se interessara.

— Sabe, Helena, fazia muito tempo que eu não me sentia assim.

Desde que o pai de Thomas, Frederick, foi assassinado, nunca mais me envolvi com ninguém.

— Eu nem imagino o quanto tem sido difícil enfrentar isso sozinha, Marya. E ainda com seus três filhos para criar. Mas quem é esse senhor sortudo?

— Eu posso te contar mais sobre ele, mas necessito que prometa não comentar com Thomas ainda. Eu desejo fazer isso pessoalmente.

Eu assenti com a cabeça.

— O nome dele é Calebe, ele veio da Ucrânia há três anos e tem uma sapataria logo na frente da padaria. A princípio, apenas nos cumprimentávamos de manhã, mas então os diálogos ficaram maiores e… Ah! Nós temos tanto em comum! Quero apresentá-lo para as crianças, mas tenho receio de suas reações.

— Tenho muito respeito pela senhora, sabia? E eu sei que não pediu por nenhum conselho, mas se eu pudesse te oferecer um eu sugeriria que a senhora não se privasse da felicidade que merece. Seus filhos são crescidos, e mesmo que não aceitem de primeira, cedo ou tarde vão compreender.

Seguimos andando enquanto Marya desabafava a respeito de como sentia-se completa ao lado de Calebe, como amava a forma como ele a tranquilizava e era companheiro nas dificuldades também.

Ela foi embora, eu me sentei numa toalha estendida na grama na beira do lago e senti um forte aperto no coração, porque aquelas palavras não eram aplicadas a mim e a Thomas.

Comecei a refletir sobre os casais que circulavam à minha volta

durante a vida, e em como eles aparentavam compartilhar de uma intensa emoção que jamais encontrei em meu relacionamento. Nós dois nos esforçávamos para que desse certo, e isso era bom, mas no meu ponto de vista os envolvidos em um namoro precisavam amar profundamente um ao outro.

Eu desejava o brilho no olhar de minha mãe ao encontrar o meu pai no corredor de casa, mesmo após anos separados, a confiança de minha avó ao esperar vovô Wincenty finalizar sua missão como espião na guerra, os sorrisos sinceros que escapavam de Marya ao falar de Calebe e a visão de futuro que Theo compartilhava com sua esposa.

Ao invés disso, Thomas e eu sequer planejávamos frequentemente futuros que incluíssem um ao outro, e tal fato me preocupava e confundia. Flutuei em meus pensamentos até reparar em uma mão que pairava quase imperceptivelmente sob meu ombro, essa que pensei ser de Thomas, mas, para minha surpresa, enxerguei meu avô sorrindo carinhosamente ao espiar com o canto do olho.

Balancei a cabeça e dirigi novamente a visão para aquela direção, enxergando apenas o céu ao invés de qualquer silhueta que fosse, percebendo que havia sido apenas um sonho.

Voltando para casa, aproveitei o ar puro e observei os botões ainda fechados das flores, enquanto acalmava a saudade de meu avô que tinha preenchido meu peito. Os conselhos dele eram tão esclarecedores, com eles eu era capaz de enxergar meus problemas por perspectivas totalmente diferentes e ainda contava com seu carinho e atenção. Se a minha paixão por Thomas verdadeiramente fosse passageira, vovô saberia o que fazer.

Depois de vários anos de namoro, não éramos mais jovens que tinham acabado de completar dezoito anos. A magia e fantasia do início

era divertida, mas agora que passara, eu não identificava uma conexão na nossa relação.

Atravessando a nossa plantação, avistei meu pai recolhendo seus pertences após trabalhar com amor e dedicação. Assim eu o chamei para retornarmos juntos para casa.

Antes de me acompanhar, com os olhos cansados, porém satisfeitos, ele pegou um besouro de uma folha e mostrou para mim.

— Eu enxergo felicidade neste besouro, acredita, filha? Você pode até não entender, mas sabia que as coisas simples geralmente detêm valores extraordinários?

Concordei, sem saber ao certo o que responder, pois minha mente ainda girava em torno das questões do meu namoro.

— Mas sabe onde eu não vejo alegria neste instante, filha? No seu rostinho. Existe algo que te incomoda?

Paramos perto do tronco cheio de folhas que servia de base para minha velha casa na árvore, aquela que meu pai e eu desmontamos havia uns dois anos, pois a madeira se encontrava fraca após enfrentar desde a neve do inverno até os insetos da primavera por tanto tempo. Planejamos reformá-la, entretanto, sem mais crianças para brincar nela, não valia a pena, então a fotografamos pela última vez e seguimos em frente.

— É complexo, papai.

— Trabalho? Seu futuro sobrinho ou sobrinha? Thomas? Opa! Captei uma mudança de expressão na última palavra, marinheira, seu disfarce foi desmascarado novamente.

Não contive a fraca risada que ganhou vida em minha garganta com a brincadeira de meu pai, como se eu fosse de novo uma criança fantasiada na marinha polonesa. Repentinamente, lágrimas brotaram e competiram corrida em minhas bochechas e eu chorei intensamente.

— O que será que está acontecendo comigo? – disse enxugando os lágrimas que se multiplicavam.

Ele pacientemente esperou até que eu me acalmasse, e eu abri meu coração, explicando o que estava me afligindo.

— Pai, o senhor poderia, por favor, me explicar o que é o amor?

Ele olhou para cima enquanto raciocinava.

— Filha, acho que é amor só pode ser compreendido uma vez que já se o tenha sentido. Então eu que te pergunto. Conhecendo-te, acho improvável que não o tenha, pois ama a nossa família, por exemplo, então no fundo você já sabe a resposta, não é? A parte romântica que estamos tratando é só algo adicional, mas que não muda a essência do sentimento.

Eu somente abaixei a cabeça.

— Venha, tenho uma coisa que pode ajudar.

Fomos até o quarto de meus pais, onde ele abriu uma gaveta e retirou um envelope desgastado, revelando que este era uma carta que minha mãe havia escrito na época em que ele estava na marinha, mas que fora devolvida pelo correio por não chegar até ele, assim só pôde recebê-la quando retornou.

Bartolomeu,

Sinto sua falta todos os dias, falta de seu toque, de suas risadas e do seu companheirismo. Diga-me onde está e eu irei até você, pois não consigo mais ficar tão longe, eu te amo por inteiro, então imploro para que retorne cedo.

Fomos destinados a nos apaixonar, e isso me fez a pessoa mais contente do mundo. O único arrependimento que carrego é o de não termos nos conhecido antes e o de não possuirmos a oportunidade de aproveitar por mais alguns minutos as emoções extraordinárias que surgem quando estou ao seu redor, essas que não sou capaz de explicar, mas sei perfeitamente que sim, é amor. Afinal, o amor só pode ser compreendido uma vez que já se tenha o sentido.

Eu quero você, exclusivamente você, a ponto de não conseguir sequer imaginar ter que seguir em frente com a sua ausência, pois o que temos é a arte mais bela que um dia alguém já viu.

Eternamente sua,

Kataryna

— É isso, filha. O amor é desse jeito. É ficar bem apenas estando ao lado da pessoa, poder contar com ela, sentir saudades e mesmo assim não se deixar derrubar pela distância. Mas ele definitivamente não nos causa angústia e sofrimento, não pelos motivos errados. Se o seu velho pai aqui ainda elabora bons conselhos, deixe-me te falar: não se prenda, se o que você e o Thomas compartilham for inferior a isso. É claro que nem tudo é sempre mil maravilhas, os indivíduos têm seus defeitos e discutem de vez em quando, mas acho que passei o que desejava.

Ele bateu a mão nas coxas como se buscasse coragem para ad-

mitir algo.

— Filha, eu desacreditei do amor durante o meu sofrimento, e não me orgulho disso, mas estaria mentindo descaradamente se te iludisse prometendo que é sempre fácil. Hoje eu sei que sua mãe é minha alma gêmea, mas só me permiti acreditar nisso de novo depois que a reencontrei, porque doía demais continuar nutrindo esperanças quando nem o básico me era garantido. Mas, no seu caso, passa-me a leve impressão de que nunca foi o Thomas, não é, filha?



9

Ainda estamos conectados?

O relógio marcava sete horas da manhã, e da minha janela eu vi que o dia continuava um pouco nublado. Levantei e coloquei o colar que meu pai havia me dado e que possuía um pingente, era lindo, talvez uma das coisas mais bonitas que já havia ganhado.

Saí dos meus pensamentos quando percebi minha mãe com uma expressão de sono encostada na porta do meu quarto.

— Bom dia, minha filha. Queria ir com um penteado hoje para o trabalho, consegue fazer em mim, por favor?

Ela me olhou sorrindo, não havia como negar um pedido tão fofo, mas admito que estranhei ligeiramente, pois por mais que fazer penteados em minha mãe fosse algo que eu gostasse desde criança, havíamos perdido esse costume.

— Claro, mãe! Sente- se aqui. O que vai querer? - pergunto a ela, penteando seu cabelo, meio amassado por conta da noite de sono.

— Eu aceito sugestões, qualquer uma desde que incluam a bandana laranja que comprei ontem.

Eu assenti e pensei em algo.

A macia textura de seus fios fez com que memórias antigas fossem remexidas e eu lembrei que amava aquela sensação e proximidade. Ela era uma das mulheres mais lindas que já havia conhecido e minha inspiração.

Prendi um pouco das suas mechas da frente para trás, arrumei a franja e finalizei colocando a bandana de forma que a base do triângulo feito com o tecido ficasse acima da franja. Ela estava deslumbrante e cheia de luz quando viu seu reflexo no espelho. Vê-la feliz transmitiu-

-me a mesma emoção.

— Ainda acho que você deveria virar minha cabeleireira particular – nós duas caímos na risada.

Mas meu sorriso desapareceu no momento exato que avistei a hora. Faltavam somente vinte minutos para as oito horas da manhã.

— Pelo Criador! Mãe, preciso ir! Eu te amo, você está magnífica, beijos…

Saí antes que pudesse ouvir sua resposta, por conta do atraso. Se o tempo fosse um ser vivo, certamente teria asas poderosas. Minha sorte era que o ponto mais próximo de ônibus era apenas dois quarteirões de casa. A viagem era ligeiramente longa, mas eu apreciava o caminho de ônibus, pois podia dedicar alguns minutos para observar as pessoas e as coisas ao meu redor, o que alegrava meu espírito.

Paramos por alguns segundos enquanto uma garotinha ruiva atravessava a rua na faixa de pedestres e eu tive um déjà vu. Ela se parecia comigo, assim me imaginei na época em que tinha aquele tamanho e refletia sobre o quanto eu havia me metamorfoseado. Agora eu era a Helena de 25 anos, uma jornalista profissional.

Encarar meu reflexo era levemente estranho, mas analisar o meu interior era ainda mais. Meu cabelo tinha escurecido um pouco, mas as sardinhas ainda continuavam ali nos mesmos lugares, e talvez eu tivesse crescido uns quinze centímetros, mas não saberia afirmar com absoluta certeza se a última parte não era apenas parte da minha imaginação. Eu via o mundo e os cidadãos de um jeito diferente, pois tinha passado pelo que chamam de amadurecimento, além de ter me tornado mais responsável. Ademais, em algum determinado momento eu percebi o quanto estava me amando mais, as mudanças de fato eram para melhor, e eu

verdadeiramente estava orgulhosa de mim mesma.

Desci os degraus do veículo já ciente que meu chefe não toleraria mais atrasos depois daquele. Eu definitivamente precisava tirar minha carteira de motorista para não depender mais da lentidão dos veículos públicos. Definitivamente eu enxergava apenas vantagens nisso, porque não precisaria me molhar no ponto de ônibus nos dias chuvosos, levaria Laura e meus amigos para os lugares onde poderíamos nos divertir, e também ajudaria mamãe e papai, poupando-os dos estresses nas estradas, dirigindo em seus lugares.

Senti um cutucão no meu braço, era uma senhora me perguntando as horas, dei um sorriso e olhei no relógio.

— São 07h59min! – então ela acenou com a cabeça e agradeceu.

Quatro minutos depois eu estava no jornal, e fiquei surpresa por ter conseguido entrar durante o tempo de tolerância da empresa.

De longe vi Glória, minha amiga de trabalho, ela chegara havia pouco tempo do Quênia e tinha a mesma idade que eu. Ela era albina e era absurdamente encantadora e linda, muito mesmo, principalmente seu cabelo que era crespo e branco. Todos os dias nós duas íamos juntas tomar café, o que deixava a realização de nossas rotinas mais alegres.

— HELENA!!! Achei que não iria vir trabalhar, você está bem? – ela caminhou em minha direção e me abraçou forte, me rodeando com seu agradável perfume de lavanda.

— Glória! – digo dando uma risada e abraçando-a de volta – Eu perdi a noção do tempo, estava arrumando o cabelo da minha mãe, mas não ultrapassei a tolerância, graças ao Criador.

— O que vamos comer hoje? Vi que abriu uma nova padaria que vende tortas de morango. Não parece chique, Helena?

Marcamos que depois do almoço iríamos lá e assim fomos cada uma para os nossos respectivos setores do jornal. Glória trabalhava no setor criativo da instituição, e era muito talentosa.

Antes de subir para o segundo andar do prédio, cumprimentei a recepcionista Rute e o rapaz que sempre ficava na porta do elevador e também era responsável pelas manutenções do aparelho.

— Bom dia! Eu vou para o segundo andar, por favor.

— Bom dia, senhorita Helena! Como desejar.

Embora parecesse ser maçante, chegar no escritório, escrever e editar era uma rotina que eu amava, principalmente porque geralmente lidava com os conteúdos capturados durante minhas reportagens, transformando-os em matérias, diga-se de passagem, demasiadamente interessantes para o jornal.

As horas passaram voando, e ao invés de almoçar, fui ao setor criativo para encontrar Glória, que pegou seu casaco e então saímos.

Confesso que torta de morango e café com leite às duas horas da tarde era surrealmente delicioso, além disso, passar um tempo longe do escritório era bom para espairecer, clarear as ideias e ter mais inspiração para novas matérias.

— Glória, já são 15h. Vamos?

Ela me olhou e assentiu com a cabeça.

— Vamos sim, tenho que terminar a capa do jornal de segunda que vem! Olha, vou te falar, Helena, esse está dando dor de cabeça, viu? O diretor propôs uma temática um tanto quanto inusitada, e estamos com dificuldade de agradá-lo com a capa. Mas, pensamento positivo, sinto que estamos quase lá.

— Não se preocupe tanto, Glória, isso só vai atrapalhar sua criatividade. Vocês sempre surgem com criações estupendas e sei que não será diferente agora.

Retornamos ao prédio e Rute me comunicou que havia alguém solicitando falar comigo pelo telefone, o que estranhei.

— Alô? Boa tarde, quem fala é a Helena aqui do jornal. Como posso ajudar?

— Boa tarde, senhorita Helena. Por favor, suba até minha sala, é urgente.

Era uma voz feminina que eu não identifiquei e vinha da sala do meu chefe.

— Não entendi, Rute. Por que tem uma moça na sala do nosso chefe?

— Descubra pessoalmente, minha querida. Aparentemente temos inesperadas novidades – afirmou ela com uma risada enquanto arrumava os óculos.

— Glória, vou indo então. Nos encontramos novamente na segunda.

— Boa sorte, Helê. Qualquer coisa, me liga.

Despedimo-nos com um abraço e eu andei apressada para pegar o elevador. O que havia acontecido? Não me lembrava de ter feito nada de errado, mas estava quase ficando louca pela ansiedade. Será que eu havia deixado passar algum erro na matéria que fora enviada para a gráfica?

Em frente à porta, inspirei profundamente duas vezes e bati no material de madeira até escutar uma voz dando permissão para que eu entrasse.

— Com licença, me chamou? - disse e quando ergui a cabeça me deparei com uma moça de cabelos curtos pretos e cadeirante. Eu não fazia ideia de quem era.

— Boa tarde. Chamei sim, Helena! Meu nome é Olívia e sou a nova chefe. Prazer em te conhecer. Acontece que eu ouvi muitas coisas boas de você e por isso te convoquei. Vamos conversar sobre sua carreira, ok?

Choque, era isso que meu rosto transparecia.

— Claro. Aliás, prazer em conhecer a senhora também – dei um pequeno sorriso de alívio e me sentei para escutar.

— Austrália. Já ouviu falar, Helena?

Ligeiramente confusa, respondi:

— O país que fica na Oceania? Já sim, mas em que a Austrália se relaciona com a minha carreira exatamente, senhora Olívia?

— Onde quero chegar com isso? Simples, seu antigo chefe me pediu para escolher alguém para ser a nossa correspondente estrangeira

na Austrália e, após analisar seu currículo, notei que você seria a pessoa ideal para o cargo – afirmou ela alegremente.

Apesar da animação em sua voz, o sorriso dela enfraqueceu quando viu que em nenhum momento eu esbocei reação.

— Helena? Você não gostou? – ela questionou um pouco apreensiva – Poxa, achei que você iria gostar.

— Claro que eu gostei, senhora Olívia! É que jamais imaginei mudar de país, e é surreal pensar que agora tenho uma oportunidade grandiosa assim. Eu… eu preciso responder agora? Quero dizer, a senhora poderia me proporcionar apenas alguns dias para digerir o assunto? – pedi olhando para baixo, porque não conseguia encará-la.

Ela limpou a garganta antes de responder:

— De fato, é uma grande decisão e eu entendo. Posso te oferecer alguns dias, fica combinado dessa maneira? Acho que era isso! Pode se retirar, Helena. Vá para casa e pense direito e com calma, afinal de contas será uma mudança radical em sua vida, não é verdade? Tenha uma excelente tarde.

"Será uma mudança radical em sua vida". Tal frase ecoava na minha cabeça incessantemente. Aqui, na Polônia, eu tinha bons amigos, Thomas, um bom emprego e uma família incrível que sempre estava presente, e eu era extremamente grata por tudo isso. Mas, dali a uns dois meses, eu poderia estar na Austrália. Por um lado, eu enfrentaria a dor de ter aberto mão de todo o resto, mas, por outro, eu iria evoluir profissionalmente, conheceria novos lugares, pessoas, sentimentos e conquistaria minha independência em sua totalidade.

O medo é capaz de nos impedir de viver experiências extraordi-

nárias, portanto eu não deveria me prender a ele. Mas aceitar significava mergulhar profundamente e se arriscar por correntes de vento nunca exploradas previamente. Eu, Helena, uma jornalista de vinte e cinco anos, trabalhando na Austrália como correspondente estrangeira, representando um jornal renomado. Emoções fortes tomavam conta de mim apenas em pensar nessa possibilidade, quase como se me empurrassem para uma decisão que aparentemente era até óbvia demais.

De todo modo, desprendi-me um pouco dessas reflexões e me permiti um momento de paz e tranquilidade ao lado de meus amigos naquela noite, pois havíamos marcado de ir ao parque de diversões.

No ponto de encontro, percebi ter sido a última a chegar, então logo cumprimentei a todos e notei que minha amiga Amélia parecia meio distante. Entretanto não perguntei nada sobre, afinal de contas, eu compreendia que todos tinham momentos ruins e difíceis, e muitas vezes não desejávamos falar sobre eles. Porém, Ritinha não pensou da mesma forma:

— Amélia, está tudo bem contigo?

— Claro, Rita. Por que não estaria? Mas, mudando de assunto, onde está Thomas, Helê? – sua voz estava trêmula, como se estivesse escondendo algo de nós, mas, por ora, decidi não insistir, pois estava ocupada demais com a frustração que brotou de meu interior quando justifiquei a ausência do meu namorado.

— Thomas? Ele não virá hoje. Novamente surgiu com mais uma de suas desculpas esfarrapadas para cancelar o compromisso. Sabe, eu realmente não compreendo o que está se passando entre nós dois, essa não é a primeira nem a segunda vez, é como se ele estivesse tão distante… Ultimamente, nos mostramos completamente distintos do que prometemos ser um para o outro no início do relacionamento. Quase

como se um abismo surgisse repentinamente e trouxesse consequências devastadoras.

— Como assim, Helê?

— Ah, Amélia, não temos mais um vínculo tão forte, nossa confiança fraquejou ligeiramente, ele anda tão ciumento e parece nunca arranjar tempo para as conversas que de fato importam. Mesmo que eu tenha a iniciativa, ele sempre pula para trás.

Ao concluir meu repentino desabafo, pensei nas palavras de meu pai quando conversamos. Ele perguntou se eu achava que Thomas não era minha alma gêmea e eu simplesmente paralisei por alguns segundos e desviei do tema o mais rápido que fui capaz. Escapando das amarras de meus devaneios, notei ter falado mais do que o questionado, criando com isso um clima estranhamente melancólico no grupo, um que Laura quebrou instantaneamente:

— Ei, gente! Vamos deixar nossos problemas de lado ao menos hoje? Olhem bem a sua volta, nos encontramos em um parque de diversões. Andem, venham comigo!

Ela nos puxou para o brinquedo mais perto.

— Montanha-russa? Será que já devemos começar por ela, Laura? - tentei não transparecer que era o brinquedo que eu mais estava ansiosa para ir - por ser radical certamente serviria como distração dos problemas que eu enfrentava.

— Claro, Helê! Montanhas-russas são tradição em todos os parques! Ande logo, vamos!

— Esperem! – interveio Edgar – Estou faminto, vou ver se com-

pro algo para nós comermos. Mas tem que ser algo delicioso, então talvez eu demore alguns minutos. Podem ir em frente, encontro vocês daqui a pouquinho.

Ele saiu correndo antes que pudéssemos impedir e eu tampei uma risada automática com a mão. Era mais claro do que a neve que Edgar estava com medo da altura, e não pude conter o riso ao ouvir a desculpa esfarrapada que ele havia dado para se afastar e não admitir sua fraqueza.

Laurinha pegou minha mão e me arrastou para a fila, as meninas nos acompanharam e eu finalmente entendi o motivo do pavor de Edgar: a adrenalina. Os gritos de Rita ardiam meus ouvidos conforme o carrinho corria pelas curvas e descidas, chacoalhando a todos os presentes. Laura segurou firme em sua cadeira quando viramos de ponta-cabeça, mas Amélia prendeu minha atenção por alguns instantes. Ela permanecia estática com uma expressão inabalada, como se aquela velocidade nem fizesse diferença.

O brinquedo parou e nós descemos, arrumando os nossos cabelos que encheram de nós após a curva que nos deixou de ponta-cabeça. Eu abri um sorriso de orelha a orelha, agradecendo ao Criador por me abençoar com amizades tão leais como as de Laura, Amélia, Rita e Edgar.

Entretanto, algo ainda não se encontrava certo com Amélia. Antes que qualquer um de nós a questionasse sobre isso, ela nos surpreendeu com um comunicado:

— Meninas, eu não posso mais suportar isso. Está na cara que vocês já perceberam que ando agindo estranho desde o começo do passeio, e o motivo por trás disso é que eu arrumei um novo trabalho. Serei segurança das duas filhas de um homem que ocupa um cargo de poder

considerável no governo da Polônia.

Apesar da notícia ser absurdamente maravilhosa, Amélia contava com um tom triste, e antes que concluísse a fala, Rita interrompeu:

— Isso é incrível, Amélia! Meus parabéns! É tão bom ver que as coisas estão dando certo para ti. Ah, já que estamos falando de novidades boas, deixe-me contar que finalmente consegui abrir…

— Rita, escute-me! O lado ruim é que terei que viajar muito e, embora isso seja uma peça fundamental para que eu alcance a profissão dos meus sonhos, eu não quero deixar Edgar para trás. Principalmente agora, nesta grande etapa da vida dele, onde está trabalhando em um dos melhores hospitais da região. Eu não sei o que fazer, estou desesperada, não sei como contar para ele, muito menos como nossas vidas serão daqui para frente.

Dei um passo à frente e abracei carinhosamente a minha amiga, que se encontrava em uma situação desesperadora e que eu compreendia muito bem.

— Calminha, Amélia. Edgar sempre foi compreensivo, e essa é uma decisão muito importante para você, então não precisa tomá-la com tanta pressa.

Ela se acalmou e nos contou mais detalhadamente a respeito de todos os sentimentos que enchiam o seu peito naquele instante.

— É que ao mesmo tempo que a distância pode nos fortalecer, ela também nos afasta e isso é tão injusto.

Desviei meu olhar para o lado e vi que Edgar se aproximava de nós, então fiz um sinal para mudarmos de assunto ainda desconfiada se

ele havia escutado alguma parte.

— Desculpe a demora, meninas. Do que vocês estavam falando? Algo sobre afastar e fortalecer?

Edgar segurava uma quantia generosa de cachorros-quentes nas mãos com certa dificuldade, assim fui ajudá-lo a distribuir aquelas delícias entre o grupo.

— Não era nada não, Edgar! Só estávamos conversando sobre… Sobre, é…

— Minha nova loja de roupas! – exclamou Rita, como um anjo salvando sua amiga.

— Era isso mesmo que eu estava tentando falar, mas não sabia se você queria dar a notícia por si só, Ritinha. Por que não conta tudo de novo, já que o Edgar estava sumido?

— Desculpe, gente. Mas vocês sabem, essas filas são longas.

Instantaneamente levantei uma das sobrancelhas para ele.

— Bom, como vocês já sabem, ultimamente eu andei desenhando e fazendo na prática vários modelos de roupas, inclusive adaptados para pessoas com algum tipo de deficiência física. Também é do conhecimento de vocês que eu estava me organizando para abrir uma loja que fosse exclusivamente minha, ao invés de somente vender as peças para outros lugares. Então a novidade é: finalmente terminei as obras naquele lugar que eu havia alugado e abriremos as portas na próxima semana. Aliás, estão convidados para a cerimônia de abertura e podem trazer convidados. Estou tão animada! Nem estreamos ainda e já fechamos o primeiro mês com encomendas.

— Você é extraordinária e uma inspiração para o nosso grupo, Rita! Você merece absolutamente seu sucesso por completo! – afirmei e fui abraçá-la.

— Estou tão orgulhosa de você, e olha que nem sou seu pai. Pode ter certeza de que estaremos lá e que levaremos os nossos familiares para garantir que a casa fique cheia!

— Parabéns, Ritinha! – disse Amélia sorridente, quase como se não tivesse estado a um passo de chorar minutos atrás.

Conversamos por mais de uma hora, gastamos todos os nossos *tickets* nos brinquedos, aproveitando ao máximo e literalmente deixando os problemas de amanhã para o dia seguinte, impossibilitando-os de prejudicar aquele "hoje".

Por fim, Amélia e Edgar foram embora juntos de moto, pois ela já sabia dirigir e tinha carteira, Rita foi de ônibus e eu peguei carona com Laura e seus pais, que coincidentemente encontramos na fila de pipoca doce.

No dia seguinte, após ter finalizado toda a minha rotina, fui para casa me arrumar, pois Thomas me acompanharia em um restaurante que recentemente havia sido inaugurado em Lublin.

Aproveitamos a noite, comendo e conversando como há muito tempo não fazíamos juntos. Estava sendo perfeito, os assuntos fluíam naturalmente e o sabor de cada prato pedido era maravilhoso.

Entretanto, enquanto eu comia a sobremesa, um silêncio repentino tomou conta da mesa e persistentemente se instalou ali por alguns minutos. Até que, pegando-me desprevenida enquanto eu admirava a decoração do estabelecimento, Thomas se levantou e deu a volta em

torno da mesa e ajoelhou-se na minha frente, fazendo a pergunta mais difícil que eu já precisei enfrentar e responder.

— Não consigo nem descrever ao certo as várias maneiras com as quais você me completa, mas sei do fundo de meu coração que o que sinto por você é um dos mais honestos e inocentes dos amores. E eu não sou tão esperto na elaboração de palavras bonitas como você, mas… Helena Bennet Davies, você quer se casar comigo?

— O quê? Thomas… Eu não sei se é o momento ideal para isso. Eu…

Embora eu acreditasse que certamente paralisaria em uma situação como aquela, não me apavorei, mas soltei um suspiro profundo para tomar coragem e dizer a verdade, uma que eu sabia há um período relativamente longo, mas não queria admitir. E talvez seja culpa do fato de meu ser não ter sido preenchido por todas aquelas emoções borbulhantes que deveriam acompanhar os pedidos de casamento, mas decidi que já era hora de colocar um fim naquela situação, e parar de adiar o inevitável.

— Thomas, eu não desejo magoar, e digo isso com toda a minha alma, mas isso não vai funcionar, acho que é melhor para os dois se encerrarmos por aqui.

Os olhos dele se arregalaram, confusos, e suas pálidas bochechas foram tingidas de rosa, por conta dos demasiados olhares voltados para o nosso diálogo.

— Como assim, Helê?

— Thomas, eu te amei, e o que tivemos não foi uma mentira. E sei que o amor jamais deveria acabar nos relacionamentos sinceros, mas

no nosso…. Não tenho mais certeza se temos o que é preciso para seguir adiante um ao lado do outro. Perdoe-me, Thomas.

Rapidamente peguei os meus pertences e fui para casa, sem olhar para trás para me manter inteira durante o trajeto, além disso não seria capaz de encarar a expressão de Thomas ou de ver o que ele faria depois que eu virasse de costas.

Abri a porta esperando caminhar sozinha pela quieta casa até o meu quarto, todavia deparei-me com o meu pai no cantinho do sofá, tomando seu chá.

— Boa noite, filha. Tudo bem? Como foi o jantar com Thomas?

Minha visão ficou embaçada por lágrimas em instantes e fui correndo para o confortante abraço de meu pai no sofá, onde desmoronei.

— Pai, eu me sinto tão mal pelo que aconteceu. Não queria ter humilhado o Thomas daquele modo, eu sempre achei que o amava, mas do nada esses sentimentos sumiram e, Deus, eu juro que tentei segurá-los, mas…

— Filha, não há nada de errado em não possuir sentimentos românticos por alguém, você não pode forçar a si mesma em um namoro que não deseja. Está tudo bem se colocar como prioridade, não se culpe assim.

Eu nem imagino o que faria sem o apoio do meu pai naquela noite, que deixou que eu me acalmasse e teve paciência para me escutar enquanto eu contava cada detalhe. Por algum motivo desejei que a Laura e o Ben estivessem ali, que existisse alguma possibilidade de voltarmos para as partes alegres de nossa infância, onde sonhávamos livremente e não quebrávamos corações.





10

Era para ser assim?

Despertei com a respiração ofegante no meio da madrugada, e, embora a noite estivesse quieta, os barulhos da minha cabeça pareciam preencher o ambiente de forma sufocante. Retirei meus braços dos cobertores e encarei o relógio que marcava quase três horas da manhã.

Levantei da cama sem muita coragem, sentando-me na beira do colchão, e comecei a pensar na noite anterior. Será que eu havia sido demasiadamente cruel com o Thomas? Talvez meu pai estivesse correto na nossa conversa sobre o amor... Mas se nunca foi sobre o Thomas, era sobre quem? Naquele dia do baile, eu optei por priorizar meu amor próprio, mas agora era diferente. Não sentia como se tivesse escolhido a pessoa errada, eu nutria emoções por ele e, de fato, não me arrependia de nenhum minuto que mantivemos nosso relacionamento, como se fosse somente um desperdício de tempo.

Batidas na porta interromperam meus pensamentos, era meu pai quem se encontrava do outro lado daquela enorme peça de madeira. Limpei a garganta e permiti que ele entrasse.

— Helena, o que está fazendo acordada tão tarde? Está tudo bem aí?

— Oi, pai... Nada preocupante, apenas uma insônia desencadeada pelos recentes acontecimentos, ainda estou digerindo tudo isso, não é exatamente algo fácil de lidar – meu olho começou a lacrimejar, mas consegui segurar a vontade de chorar.

— Ah, ainda sobre o Thomas, minha filha?

— Sim, pai... ainda sobre ele. Você não acha que é um erro, quero dizer, toda essa história de amar? Eu não fui capaz de segurar os sentimentos que eu já tive por Thomas, e isso é confuso de tantas maneiras que o senhor não faz ideia. Eu não pretendia iludi-lo, nunca quis tal

coisa e nem planejei nada de errado. Então, se eu não possuía intenções ruins, o que nós tínhamos era real, ou seja, o amor não deveria se esgotar, não é?

Não suportando mais conter as lágrimas, permiti que elas escorressem pelo meu rosto enquanto olhava meu pai, suplicando sem palavras por alguma ajuda que fizesse aquela tempestade acabar.

— Helena, não se prenda a essas cobranças sem fundamento. Você provavelmente gostava dele, mas não era tão intenso assim. E está tudo bem cair em paixão quando se é nova, os jovens fazem isso.

O que o meu pai estava afirmando realmente possuía algum sentido, afinal, eu já havia me apaixonado antes por Benjamin na época do colégio. O responsável pelas primeiras ocasiões onde borboletas invadiram o meu estômago. Perto dele eu era preenchida por uma inesperada segurança e agia livremente e sem restrições ou instintos de me esconder. No caso, tais emoções haviam sido sufocadas pela distância, o que possivelmente indicava que também não eram amor em sua integridade. Éramos duas crianças na fase mais alegre da vida, pintando nossos caminhos com cores únicas que, mais tarde, viriam a desenhar os traços de nosso futuro.

Suspirei pesadamente e decretei que eu definitivamente não me martirizaria por ter sido sincera e ter livrado a nós dois de um casamento que simplesmente não funcionaria como imaginado, mas sim viria repleto de amarras e insatisfações mais delicadas de lidar com o passar dos anos.

As reflexões de meu pai clarearam em minha mente como o sol que surge com a dissipação das cinzentas nuvens das manhãs nubladas, e fiquei quieta por alguns instantes para aproveitar o silêncio que agora adentrava o quarto, uma vez que os bagunçados murmúrios de minha

agitada cabeça se aquietavam.

Agradeci novamente ao Criador pelos ventos que sopraram meu pai para Lublin após sua árdua trajetória, pois se não fosse por eles eu não contaria com o apoio de um dos indivíduos em quem mais confio em toda a face do planeta Terra.

Apesar de termos passado por mais de uma década sem nos comunicarmos, ele compreendia meu interior, quase como se minhas aflições ou forma de raciocinar pertencessem a ele próprio. Eu não sabia de nenhuma teoria que insinuasse a existência de alguma telepatia entre pais e filhas, mas claramente havia algo de especial na nossa família.

Já eram quatro horas da manhã e eu me questionei se ainda teria uma janela de tempo para algum sono antes do início de minhas atividades cotidianas, então me despedi de meu pai e ajoelhei no tapete, perto da cama, para fazer uma oração.

— Meu Criador, que sempre me envolve em calmaria, peça para um de seus anjos continuar a encher esta casa de paz, que o meu espírito encontre morada em sua casa, que meus nervos deixem de ficar tensos na sua presença e que a serenidade reine aqui. Querido Criador, que minhas orações deixem acesa a vela que me permite te enxergar, não com os olhos, mas com a alma, que eu encontre um sono tranquilo embalada em seus braços e que eu ache minha força em seus sábios e perfeitos ensinamentos. Além disso, peço perdão quando não expressei gratidão suficiente por todas as bênçãos que o senhor proporciona em minha vida, mas por favor, me guie para que minhas críticas jamais sejam desconstrutivas e para que minha energia nunca seja drenada pelos obstáculos na trajetória. Que eu floresça e traga felicidade para as pessoas à minha volta, amém.

Enrolei-me nos cobertores novamente e logo fui tomada pelo

cansaço, entrando em um sono profundo. Não ouvi o despertador. Então, quando levantei, fui logo me ajeitando para correr até o jornal.

Entretanto, ouço alguém batendo na porta quando estava prestes a abrir a geladeira e pegar um copo de suco de laranja e, como não havia mais nenhuma pessoa na cozinha, fui atender ao chamado.

— Heloísa!?

— Helena, podemos conversar?

— Claro que sim, entre! Desculpe a pressa, mas realmente tem que ser breve, estou quase atrasada – abri espaço para que ela passasse e nos dirigimos à mesa de jantar.

— Não se incomode com isso, não vim aqui para enrolações, só quero saber o porquê de você ter machucado o meu irmão. Olha, Helena, eu precisava vir perguntar, pois nunca imaginei que você nutrisse qualquer intenção de iludi-lo, então preferi vir te questionar sobre isso para saber o que houve.

Meu sorriso se desfez e fiquei séria, mentalmente suspirando devido ao desgaste e estresse que aquela situação estava provocando. Eu desejava que nós dois superássemos esse ligeiramente traumático fim de relacionamento, mas isso não seria possível se fantasmas do nosso passado me perseguissem em minha residência logo pela manhã.

— Ferir Thomas nunca foi minha intenção. É que, eu não sei como te explicar isso, Helô, mas…

— Mas o quê? Como assim não sabe explicar?! Você mentiu para ele sobre o que você sentia, deixou que ele acreditasse que você o amava quando na verdade era mentira. Helena, isso foi cruel. Você não

viu como ele chegou em casa depois daquele jantar.

— Eu realmente amei Thomas, tive memórias lindas com ele, mas…

Respirei fundo para clarear meus pensamentos e balancei a cabeça. Embora eu respeitasse muito a Heloísa, éramos adultas e precisávamos compreender que certos aspectos das nossas vidas eram particulares. Além do mais, ela deveria ter o bom senso de refletir a respeito do quanto aquele era um tema íntimo para mim também.

Eu já não era mais criança, não era necessário dar satisfações a respeito de minhas atitudes para qualquer indivíduo que me questionasse e, apesar de detestar a ideia de ser ignorante com alguém, limites tinham que ser estabelecidos se eu não quisesse que todos achassem que possuíam o direito de entrar na propriedade da minha família sem a nossa autorização para pedir satisfação de assuntos que não lhes interessavam, ou mesmo de expor suas opiniões de forma desrespeitosa, como se eu tivesse a obrigação de aceitá-las calada.

— O mínimo que poderia ter feito era ter terminado antes, mas ao invés disso preferiu dar esperanças para um futuro que vocês claramente jamais compartilhariam. Estou muito triste com você, Helena, saiba que tenho nojo dessa sua infantilidade e que não te perdoarei tão fácil – os olhos dela marejaram – então apenas… Apenas deixe a gente em paz e… Fique longe dele, por favor.

— Heloísa, com todo o respeito, quero que você deixe esta propriedade imediatamente. Não é porque costumávamos ser amigas que você está na razão para vir aqui na minha casa e falar comigo como se eu não possuísse valor. Reflita a respeito de quais são os seus lugares de fala e tenha certeza de que nenhum deles te proporciona liberdade para se intrometer no meu relacionamento.

Ela arregalou os olhos imediatamente ao se chocar com a frieza carregada de meu tom e engoliu em seco. Assim, percebendo que ela prestaria mais atenção nas palavras, suavizei minha voz antes de concluir.

— Eu entendo e admiro todo o carinho que você tem pelo seu irmão, verdadeiramente, pois eu também tenho um e não gostaria de vê-lo passar pelas portas de casa com o coração partido e… Eu sinto muito. Fui direta com você, pois eu também acabei de terminar um relacionamento de anos e estou lidando com isso. E eu garanto que não é fácil para nenhum dos lados. Nosso namoro não funcionou e está tudo bem, porque nada do que vivemos foi uma mentira. Mas não é certo nos forçarmos em um relacionamento que não carrega mais amor, não é mesmo? Heloísa, se Thomas e eu tivermos que conversar para amarrar algumas pontas que continuam soltas, assim vamos fazer. Eu não vou aceitar que você se intrometa nisso. Não é porque eu não te considero, mas porque essa é a nossa intimidade, minha e de seu irmão, e os nossos problemas são resolvidos com diálogos somente entre os dois.

Ela pressionou seus lábios um contra o outro, de modo que apenas uma fina linha de sua boca era visível. Assim, eu me afastei da mesa e peguei na maçaneta, abrindo passagem para que ela saísse.

Quando ela já caminhava em direção ao quintal, eu me despedi:

— Caso, em um dia mais calmo, você deseje falar sobre isso com tranquilidade, terei prazer em te receber e serei inteiramente sincera. Mas até lá, prefiro manter um espaço mais respeitoso entre nós. Que o Criador te acompanhe.

Ela partiu e eu fechei a porta devagar, me certificando de que ninguém havia presenciado aquela cena, mas aparentemente todos da casa já se encontravam em outros lugares, lidando com suas obrigações.

Pressionei as costas contra a tábua de madeira gelada e fui escorregando lentamente até sentar no chão, onde chorei honestamente e com intensidade, lavando a frustração, culpa e tristeza que pesavam em meu peito.

Após aquele enorme estresse, fui até o campo de papoulas que carregava um ar perfumado embaixo de um calmo céu nublado. Uma enchente de perguntas sem resposta inundou meus pensamentos. Precisar de um espaço não era sinal de fraqueza, e eu ainda estava tão magoada por conta da discussão com Heloísa que mal podia falar com a voz estável.

Ao longe, escutei algumas vozes e virei meu corpo em direção a elas para observar uma pequena família feliz que fazia um piquenique, e senti paz ao ouvir os sons de suas risadas sinceras e leves após aquele temporal pelo qual eu havia passado.

Suspirei profundamente. Aparentemente a vida adulta tinha desses momentos, onde precisávamos encontrar por nós mesmos o nosso acolhimento. Perdi a noção das horas e voltei correndo para casa, descobrindo que já eram 13h30min. Eu havia perdido o turno da manhã e o telefone fixo da minha residência tocou sem cessar até que eu atendi. Era a Glória, perguntando se algo de errado havia acontecido. Engoli rapidamente um pedaço de torta, pois já era tarde para preparar qualquer almoço e, antes de sair correndo pela porta, parei em frente a um espelho e passei uma leve maquiagem após reparar em meus olhos inchados e olheiras nítidas.

Cheguei no prédio e logo fui recebida pela minha colega de trabalho do setor criativo, que me ajudou a arrumar o tom da base e outros detalhes da maquiagem, pois, segundo ela, eu precisava melhorar muito naquilo. Passei na sala da senhora Olívia para justificar minha ausência,

sem entrar em muitos detalhes, e garanti que eu compensaria aquelas horas perdidas. Ela tocou no assunto da proposta, mas apenas afirmei que estava tomando minha decisão e que, em breve, eu a informaria, agradecendo novamente pela oportunidade.

Após meu expediente, percebi que havia contado para um número extremamente limitado de pessoas sobre a chance de ser correspondente estrangeira na Austrália e que também já fazia várias semanas que eu não via Laura e Anna, portanto resolvi ver se elas se encontravam em casa.

Agora elas moravam juntas, dividindo o aluguel em uma forte e independente parceria. Se alguém me questionasse no início da faculdade, eu jamais diria que as duas se dariam tão bem posteriormente. Na verdade, nossa amizade como um trio se consolidou na época em que descobrimos a situação e ajudamos Anna com seus transtornos alimentares. Na primeira viagem que fiz junto com ele para os Jogos Olímpicos de Inverno, eu desconfiava que algo estivesse errado, entretanto não imaginava a seriedade de tudo.

Hoje em dia, toda vez que eu observo Anna terminar uma refeição completa com prazer, eu sinto um calorzinho no coração, pois antigamente ela não era capaz de manter a maioria das refeições por muito tempo em seu estômago, pois colocava uma pressão avassaladora em si mesma para não ganhar alguns quilinhos, o que foi demasiadamente prejudicial para a sua saúde na época. Lembro-me de ocasiões onde Laura e eu tivemos que correr com ela para o hospital por conta de desmaios e demais sintomas repentinos provocados pela fraqueza. Foi preciso muita determinação e paciência para que nossa amiga superasse o seu transtorno, mas, graças ao Criador, que colocou profissionais capacitados e gentis no caminho dela, tudo havia ficado bem.

O mais interessante era que Laura, embora fosse uma das pessoas que menos tivesse contato direto com Anna, foi a primeira a desconfiar que ela necessitava de ajuda, tomando atitudes a respeito disso e me alertando para fazer o mesmo.

Mais tarde, depois que nos graduamos, Anna fez uma campanha publicitária promovendo a recém-aberta clínica veterinária de Laura, todos os resquícios de competitividade entre as duas, que sinceramente pareciam ter medo de que a outra roubasse minha amizade, simplesmente desapareceram.

Quando cheguei, ambas assistiam televisão, mas assim que escutaram a campainha vieram me abraçar. Preparamos uma torta de ervilhas, cenoura e atum para comermos em redes estendidas entre árvores no quintal e colocando uma mesinha na grama para apoiar os pratos e copos.

Voltamos para o interior da casa e assistimos ao filme de terror "Psicose", enquanto devoramos a torta. Fui embora ocultando os recentes eventos relacionados a Thomas e a Austrália, pois resolvi que o justo seria deixar que os membros da minha família fossem os primeiros a ter conhecimento do meu possível novo emprego.

Chegando em casa, finalmente fui contar à minha família sobre a gigante proposta que havia recebido.

Todos estavam juntos em volta da mesa de jantar, e minha avó servia uma deliciosa sopa de beterrabas que infestava o ar da cozinha com seu aroma adocicado. Há alguns dias, ela havia mencionado que faria tal receita, pois aparentemente esse tubérculo, a beterraba, era fonte de vários nutrientes que seriam fundamentais para o bom andamento da gestação de Ísis, que estava sendo tratada como princesa por todos da casa, inclusive por mim. Afinal de contas, carregar uma nova criança

que se juntaria à família e seria amada incondicionalmente por todos os presentes, era sempre uma bênção divina.

Já que estávamos reunidos ali, resolvi que seria o momento ideal para anunciar as novidades:

— Preciso falar com todos vocês sobre uma proposta maravilhosa que recebi hoje no trabalho.

— Pois então fale, Helena. Você me deixou curiosa – afirmou minha avó.

— Não sei se meu coração aguenta tantas surpresas – minha mãe deu um largo gole em seu suco.

— Pois então se prepare, mãe, pois eu consegui uma promoção no emprego, ou seja, tenho a chance de me tornar uma correspondente estrangeira no jornal! Mas temos um porém: vou precisar partir para a Austrália e eu não desejo abandonar a vocês.

Terminei de falar e todos ficaram chocados, em um tremendo silêncio que perpetuou até que vovó Aurora o quebrou.

— Ah, meu Deus! Que o Criador seja louvado! Parabéns minha neta! Embora meu coração parta por saber que você pode se afastar de nós, eu fico feliz por você ter conquistado essa oportunidade brilhante, que será incrível para você! Imagine só, como você sempre fala: novas amizades e culturas diferentes te aguardam!

Ela deu uma pausa e limpou a garganta antes de prosseguir.

— Você será feliz e irá explorar esse mundo para fazer o que sempre sonhou. Esses meus netos e suas manias de baterem as asas para

longe de Lublin, mas tudo bem. Além disso, o seu pai nos contou sobre Thomas e nós estávamos reparando que a senhorita necessitava mesmo de novos ares para espairecer. E infelizmente esse povo é muito chato e, se você continuar aqui, sofrerá uma grande pressão por ter recusado o pedido de casamento, já que se encontra numa idade em que muitos consideram ter passado do tempo de se arranjar. Esse povo e sua língua afiada não te dariam paz. Pois então vá e conte tudo sobre suas aventuras, tendo consciência de que torcemos por você.

Vovó me abraçou e uma sensação de alívio me preencheu, era ótimo contar com o apoio de minha família, eles nunca me deixavam na mão.

Encarei o meu irmão mais velho, que sustentava um sorriso de orelha a orelha.

— Então alguém vai deixar a órbita do planeta mãe e seguir para criar seu próprio sistema solar? Sabia que ainda viveria para ver esse momento!

Ísis beliscou ligeiramente seu esposo e disse:

— Não fique importunando sua irmã, Theo. Não ligue para ele, Helena. Você não se arrependerá desta experiência, portanto simplesmente se jogue nela!

— Eu sabia que esse dia chegaria em breve, mas acho que o coração de uma mãe nunca se encontrará preparado para ocasiões assim.

Quase não compreendi a última parte da frase de minha mãe, pois sua voz foi afinando à medida que lágrimas brotaram e meu pai a abraçou, me lançando um meio sorriso que indicava que ele estava orgulhoso.

Todos concordaram que eu deveria ir, portanto decidi seguir meu coração e mergulhar no que eu amava fazer: ser jornalista e viajar.

Por alguns instantes, pensei em Thomas e em como eu desejava que ele achasse a felicidade. Depois de todo o caos que ele enfrentou na adolescência, agora ele precisava de alguém que ficasse ao seu lado em Lublin, o ajudasse a guiar a padaria para a sustentabilidade e sucesso. Além disso, quando eu o analisava, sentia que a pessoa que se casaria com ele possuiria uma áurea que transmitisse tranquilidade, conforto e estabilidade, coisas que não foram permitidas a ele na juventude, visto que se mudou para a Polônia em um cenário cheio de incertezas, traumas e medos.

Entretanto, essa não seria eu, simplesmente pelo fato de que eu não almejava criar raízes em qualquer lugar fixo, por enquanto. Simplesmente éramos pessoas incompatíveis e diferentes no quesito perspectiva de futuro, então só restava a esperança de que a nossa amizade não se perdesse no tempo ou no abismo que se cria depois dos términos.

Eu voaria o mais longe que conseguisse, deixando marcas e também sendo marcada por todos os momentos e sentimentos que ainda não haviam chegado. Eu abriria minhas asas e pegaria uma carona com os ventos do destino, tirando proveito de cada mísera chance de descobrir novas curiosidades e emoções.

A vida ainda guardava diversas reviravoltas que me alcançariam e disso eu não possuía dúvida alguma, entretanto eu as esperava ansiosamente.



11

Amigos então?

Antes do trabalho, fui até a padaria para tentar falar com o Thomas, mas ele não se encontrava, portanto fui até a sua residência, onde ninguém me atendeu e acabei desistindo após quase trinta minutos de insistência.

Pelo visto, as duas horas nas quais deixei de dormir para levantar com antecedência haviam sido claramente desperdiçadas, então me contentei com tal fato e me dirigi para o trabalho, embora ainda contrariada com a situação.

Dediquei o caminho até o prédio em pensamentos a respeito de minha nova função, e minha barriga revirou algumas vezes ao imaginar ter que viajar logo e não conseguir nenhuma oportunidade de esclarecer as coisas com meu agora ex-namorado. Apesar de estar completamente certa de meus passos àquela altura, eu devia uma explicação decente a ele, não que isso fosse alguma espécie de obrigação estabelecida, mas eu sabia que, mesmo não compartilhando mais uma relação próxima, ele ainda era meu amigo, e isso vinha de anos atrás, previamente à ocasião em que oficializamos o nosso namoro. E, para mim, ser fiel a uma amizade ocupava um lugar mais alto na minha lista de prioridades do que qualquer vergonha e orgulho relacionados ao fim do meu relacionamento.

Amigos não te quebravam em mil pedaços e depois mudavam-se de país, deixando-te para trás, como se não valesse nada. E Thomas era uma pessoa muito gentil para que eu o tratasse com tanta crueldade. Afinal de contas, já havia apanhado tanto da vida e ainda preservava um bom coração que, embora não mais me pertencesse, possuía muito amor e carinho para distribuir ao mundo.

Encontrei minha chefe no corredor quando estava me dirigindo até a sua sala e tratei logo de conversar com ela.

— Bom dia, senhora Olívia!

— Bom dia, senhorita Helena. Como está a sua manhã?

— Muito bem, graças ao Criador, ou talvez um pouco…. Estagnada, digamos assim. Mas, eu pensei muito sobre a proposta e queria contar para a senhora que, se a vaga ainda estiver disponível, eu adoraria trabalhar como correspondente estrangeira para o jornal.

A senhora Olívia olhou profundamente para mim, mostrando um singelo sorriso que curvava suavemente seus lábios para cima.

— Fico contente com essa notícia, Helena, mas, se me permite ser ligeiramente curiosa, o que te levou a tomar tal decisão?

— Bem, não é todo dia que recebemos uma chance assim, não é verdade? Eu amo viajar, escrever e ser jornalista, então não seria justo que nada me prendesse a Lublin e me impedisse de alcançar esse sonho, não é mesmo?

— Sábia decisão, eu tinha certeza que não me decepcionaria com você. Pode passar no meu escritório mais tarde para combinarmos os próximos passos? Mas já posso adiantar que, nesta primeira viagem, sua colega de trabalho Glória te acompanhará na Austrália para que ela possa aprender com você antes de seguir para a França sozinha, enquanto a senhorita terá outro país como destino. É bom que se deem bem, pois provavelmente serão as companheiras uma da outra em várias outras ocasiões. Então, vamos preparar tudo e torcer.

— Sim, senhora. Muito obrigada novamente. Tenha um ótimo dia – afirmei, mal conseguindo conter a felicidade que crescia em meu interior.

Glória seria a parceira ideal para a aventura. Além do mais, seria ótimo contar com alguém que eu já conheço e tenho afinidade ao invés de simplesmente ser jogada em meio a um mar de estranhos pensamentos duvidosos.

Após o final do expediente, fui até a casa de Anna e Laura, surgindo sem aviso prévio, batendo palmas em frente à residência que possuía uma fachada no estilo escandinavo e logo minhas amigas me receberam de braços abertos.

— O quê?! Duas semanas? Você só pode estar brincando, Helena. Por que ir tão rápido assim para lá? Você estará literalmente em outro continente! E, meu Deus, eu estou sinceramente chocada com toda essa história com Thomas, eu sinceramente achava que vocês eram como um modelo de casal ideal.

— Calma Anna, eu sei que é muita informação, mas a Oceania nem é tão longe assim – comentei, rindo com a reação dela após eu apresentar um resumo das últimas semanas.

— Tem razão, Helena, só precisamos caminhar e nadar por alguns milhares de quilômetros até a Austrália – brincou Laura, sorrindo – mas fico muito contente por essa sua oportunidade. Além disso, você merece ganhar o mundo. Mas admito que sentirei uma falta enorme da sua presença.

Na última parte de sua frase, os olhos de Laura estavam tomados de lágrimas.

— Exatamente, Helê! Não esqueça de telefonar de vez em quando, por favor – completou Anna.

— Não vamos chorar ainda, meninas, pois temos duas semanas,

ou seja, tempo suficiente para a organização de uma festa de despedida maravilhosa. Vamos convidar nossos amigos e a sua família também. Será que deveríamos chamar o Thomas? O que vocês acham?

— Eu não sei… O que você acha, Helena? Ah, será que seus pais deixariam que a festa fosse no galpão do sítio de sua família? Seria um lugar perfeito e que acomodaria a todos.

— Claro que sim! Essa festa será fantástica. Ah, e sobre Thomas, podemos chamá-lo sim, embora eu duvide muito que ele venha, visto que não sou capaz nem de encontrá-lo ultimamente. Mas, mudando de assunto, muito obrigada, verdadeiramente, as duas são mais preciosas que as mais caras esmeraldas. Eu amo vocês, sabiam?

Envolvi as duas em um abraço coletivo apertado, e depois passamos um tempo aproveitando um adocicado chá de hibisco enquanto conversávamos e comíamos cookies.

Nos despedimos e eu segui para a minha casa debaixo de um céu estrelado e magnífico, sentindo-me extremamente leve e em paz.

Fui até a padaria diversas vezes durante a semana, e o local que antes representava um de meus refúgios, onde poderia expressar todos os meus sentimentos e ainda comer os melhores docinhos, tornou-se um ponto de constantes frustrações, pois o meu alvo nunca se encontrava, quase como se tivesse evaporado. Eu não sabia ao certo como enfrentaria Thomas, mas isso tinha que acontecer e o tempo estava se esgotando.

Desta vez, finalmente vejo ele de longe, trabalhando no balcão, feliz e com um sorriso no rosto, usando um avental branco enquanto atendia uma mulher de meia-idade. Entretanto, quando me viu, sua expressão fechou-se bruscamente, num piscar de olhos, o que não me surpreendeu. Num dia, namorados, no outro, estranhos novamente.

— Thomas? - disse nervosa e observando ele preparar um café, ou seria um cappuccino?

— Podemos conversar?

Ignorando-me completamente, ele apenas continuou o que estava fazendo.

— Thomas Klein?! Eu não vou desaparecer simplesmente por conta da força da sua mente, sabia? Não é tão fácil assim.

Respirei fundo e suavizei a voz.

— Olha, eu não me orgulho do que ocorreu, mas vou partir em pouco mais de uma semana, então… Você sabe que não é correto deixarmos assim.

Observei que seus olhos levemente se abriram um pouco mais na parte que eu relevei que ia embora, indicando que sua armadura havia trincado, fazendo-o ceder.

— O que foi Helena? Não está vendo que estou ocupado? Podemos conversar, mas não agora. Espere um pouco que eu já te atendo.

Eu paralisei, Thomas raramente falava assim, mas eu não o culpava. Pelo menos tinha alcançado meu objetivo.

Coloquei minhas coisas em cima de uma banqueta que estava vazia e aguardei.

Ele lentamente finalizou o cappuccino da senhora e eu me aproximei do balcão, enquanto ele me encarava de modo estranho.

— E então? Existe alguma coisa em que eu possa te ajudar? – ele

usava um tom neutro, indecifrável e que escondia com destreza qualquer sentimento carregado por trás dele.

— Sobre o jantar…

— Eu não sei o porquê de termos que debater isso. É simples Helena, eu te fiz um pedido e você recusou. Pronto, a vida é assim e temos que aceitar.

— Não vai perguntar por que recusei? Não quer satisfações?

Naquele instante, desejei estar num campo de papoulas longe de tudo e todos, o que era contraditório, já que eu tentava alcançar aquele momento há dias.

— Helê, não vale a pena ficar mexendo na ferida e questionando sobre o assunto, sendo que já sei as respostas! Na verdade, você me contaria uma de duas versões: a que você quer que eu saiba e a outra que você esconde, até de si mesma.

Ele me olhou com um semblante triste, de quem já amou e não obteve reciprocidade.

— Helena, continuei com você, porque queria que se tornasse mútuo, que no seu tempo você fosse capaz de me amar de volta, mas, no fundo eu sentia que seu coração não batia por mim, não do jeito que eu desejava. Pedir-te em casamento e escutar você recusar me fez ter certeza de que não é amor. No final eu continuei insistindo no erro, mesmo já tendo previamente desconfiado do resultado. E tudo bem, pois foi um risco que decidi tomar por conta própria. Não estou bravo e nem chateado. Estou mal por você não ter me falado antes, por não ter explicado seus sentimentos com clareza, mas é somente isso e…. Vai passar.

Um nó surgiu em minha garganta e de repente eu desejei ser capaz de contradizê-lo, falar que o sentimento era recíproco e que ele não precisava ser submetido àquelas emoções ruins ou se recuperar novamente de uma situação que o quebrasse. Em sua voz eu pude escutar sinceridade e uma paixão verdadeira enterrada nas entrelinhas, mas estava feito e mentiras somente prolongariam o inevitável. Portanto, obedeci ao conselho de meu pai e tomei meu caminho para a saída, afirmando antes de virar as costas:

— Thomas, você entende que não foi uma ilusão, correto? E que, nem por um segundo, eu quis te ferir. Algo mudou entre nós e, se eu aceitasse o pedido, definitivamente não acabaríamos em um "feliz para sempre". Você realmente consegue entender o que estou querendo dizer?

— É claro que entendo – seu semblante estava triste – você tentou fazer o seu melhor para não provocar danos, não tenho nada para te culpar sobre isso. Mas agora eu tenho que ir atender os clientes, tudo bem? Tenha uma boa tarde, Helena.

— Boa tarde, Thomas. E… Não esqueça de ser feliz, combinado?

— Igualmente.

Caminhei em direção a porta da padaria, mas parei e virei para trás brevemente.

— EI, THOMAS! – gritei antes de sair – Amigos?

Ele me encarou com um olhar surpreso, com um sorriso desanimado no rosto e acenou com a cabeça, concordando, antes de se voltar para a senhora que estava fazendo um pedido.

Talvez aquilo tivesse sido um adeus, que nenhum de nós dois admitiria em voz alta.

Aos olhos de Thomas

Lá se ia a menina dos meus sonhos, detentora dos cabelos da cor da luz emitida por um pôr do sol, que possuía a capacidade de iluminar até as maiores cidades.

Soltei uma suave risada enquanto balançava a cabeça e meus olhos se enchiam de lágrimas ao perceber que eu não iria esquecê-la, provavelmente não por completo.

Eu ainda esperava vê-la de branco, não mais ao meu lado, mas no de alguém que fosse digno e que despertasse em seu coração sentimentos tão intensos e sinceros que a preencham com um amor profundo e denso, daqueles que transbordam o coração.

Ela se foi e nunca mais voltará a ser minha menina. Havíamos participado de perto da vida um do outro durante dez anos, e eu tinha me apaixonado perdidamente.

Mas os términos geralmente não são repentinos, e eu já notara previamente que a nossa conexão se encontrava enfraquecida há algum tempo. Pois é, aparentemente os pequenos atos do cotidiano realmente são capazes de desgastar as relações, caso não prestemos atenção neles.

Ainda choraria pela perda de minha companheira mais tarde, pela agora definitivamente esfarelada esperança de observá-la caminhando em direção a mim no altar, vestida de noiva. Mas, por enquanto, eu me contentaria apenas em acenar com a cabeça e deixá-la partir sem culpa ou amarras que não permitiriam liberdade em relação ao nosso passado.

Posteriormente eu dedicaria meu tempo para me soltar também, afinal de contas, embora eu não fosse capaz de me imaginar caindo de amores novamente, eu sabia que sempre existia uma chance de se renovar. Tomaria o recentemente assumido relacionamento de minha mãe como um exemplo que provava jamais ser tarde para virar a folha e começar a escrever em uma nova página.

A ilusão é como uma miragem, onde imaginamos nos encontrar em um paraíso quando não possuímos nada de fato concreto. Eu poderia facilmente definir a Helena como um sonho, arriscando-me a afirmar ser um dos melhores que já me envolveram. Ela era o paraíso e eu precisava acordar e aprender a seguir minha jornada até encontrar um lugar que, de fato, eu pudesse chamar de meu.

Aos olhos de Helena

Refleti bastante enquanto voltava para casa, um alívio sem fim pairava sobre meus ombros que estavam leves após finalmente conseguir conversar com Thomas de forma decente.

Com os conflitos resolvidos entre mim e meu ex-namorado, eu pude aproveitar meus últimos dias em Lublin antes de seguir para a Austrália, tendo dedicado as últimas horas antes da minha festa para me despedir da minha família adequadamente, visto que eu possivelmente não teria tal oportunidade posteriormente, por conta da correria que seria para arrumar todas as malas, ajustar os detalhes restantes e seguir para o aeroporto.

Andei até a plantação, onde meu pai trabalhava, dedicando cada gota de sua atenção nas atividades. Encostei em seu ombro com o dedo indicador.

— Oi, pai. Eu posso falar com você um pouquinho?

— Claro, filha. Ai, que massada! Quase cortei meu dedo nesse galhinho.

Tampei minha boca com a mão para esconder uma risada que escapou sem aviso prévio, não querendo ofendê-lo enquanto ele esfregava o dedo na roupa para amenizar a dor.

— Posso saber o porquê de a senhorita estar rindo?

— Não leve para o lado pessoal, papai. É só que eu costumava usar exatamente essa expressão quando era mais nova e as coisas não saíam como o planejado. Não sei de onde havia pegado esse costume, mas virou quase uma marca registrada na época. Fazia tempo que não ouvia um "Que massada!" saindo de outra boca que não fosse a minha.

— É como diz o ditado, não é?

— Tal pai, tal filha – completamos em harmonia.

— Enfim, pai, eu vim aqui para falar sobre outra coisa. O senhor já sabe que aceitei a viagem para a Austrália e que vou embarcar no avião amanhã. Portanto eu queria passar alguns minutos ao seu lado para podermos nos despedir de forma adequada. Quero dizer, é claro que vamos falar "Tchau" amanhã, mas o senhor entendeu.

Seus olhos encontraram os meus, e pude enxergar uma pitada bastante generosa de preocupação neles, mas ele sorriu e me puxou para um abraço.

— Você vai arrasar. Sabe muito bem disso.

Imaginei se ele se encontrava apreensivo pelo fato de eu estar indo para longe, visto que tantos acontecimentos cruéis o cercaram

quando precisou fazer o mesmo. Além disso, não sei se era por conta do abraço, mas o meu coração estava apertado e preenchido por um pontinho de vontade de voltar atrás e rasgar as passagens para a Austrália, mas isso não ocorreria na realidade. Ele me soltou e eu quebrei o silêncio.

— Para o senhor ver, tantos anos separados e agora sou eu quem está indo embora. Mas você sabe que não é definitivo, pai. Vou retornar para visitas. É uma promessa.

— Eu só tenho esperanças de que esses benditos ventos te levem por paisagens seguras, filha. Às vezes eles têm a péssima mania de agir com má fé, infelizmente.

Repentinamente, uma sombra de angústia percorreu o rosto de meu pai, mas foi passageira. Indaguei-me se lembranças de tempos difíceis o levaram novamente para aquela cela escura e cheia de imundícies, ou mesmo para as ocasiões onde ele era torturado, e uma súbita onda de ódio por aqueles que o maltrataram me percorreu, fazendo com que eu fechasse os punhos com força. No fundo eu sabia que deveria rezar para que o Criador tivesse misericórdia por aquelas almas, que deveriam saber que as maldades têm consequências avassaladoras para o espírito. Inclusive, na mesma oração eu pediria desculpas por não ter certeza se seria capaz de oferecer honesto perdão para os responsáveis.

Para a minha alegria, logo suas feições voltaram ao normal, relevando apenas o cansaço rotineiro e lábios curvados para cima, em sinal de contentamento.

Deixei meu pai finalizar suas atividades.

Em seguida, entrei em casa e fui falar com a minha mãe, que se encontrava no quarto. Por alguma razão que não pude identificar, nos

recordamos de várias situações e ela começou a chorar. Minha mãe me pediu desculpas pelas vezes que mentiu, omitiu ou que teve atitudes que nos afastaram no passado, enquanto eu fiz o mesmo, entretanto pelo fato de não ter levado o lado dela em consideração, não ter tido empatia ou por ter agido de forma impulsiva, deixando que uma cratera se abrisse entre nós na minha infância.

Era no mínimo interessante perceber o quanto nossa relação havia se fortalecido nos últimos anos, a maneira como, agora, nos apoiávamos uma na outra como verdadeiros pilares que participavam de uma construção como um todo: a nossa família.

Vovó Aurora, utilizando de toda a sua esperteza, logo notou que estávamos falando de um tema relevante e apareceu no cômodo com um prato de biscoitos quentinhos e um café fresquinho, colocando-os no pequeno armário ao lado da cama. Assim, ela requisitou a rebobinagem do assunto, então contamos desde o início.

No final, minha avó disse que estava feliz por eu ser corajosa a ponto de seguir meus sonhos, mesmo que esses implicassem em mudanças drásticas.

Eu rezava para que o Criador tivesse ao menos salpicado um pouco da perseverança de minha avó em mim, quando minha mãe me trouxe ao mundo, visto que sua força era admirável e esplêndida. Eu sentiria falta dela.

Honestamente, as palavras de vovó me espantaram em múltiplos aspectos, então eu dediquei alguns segundos especialmente para reparar em suas delicadas ruguinhas e guardar aquela imagem.

Por fim, mas não menos importante, estavam eles, Ísis, Theo e agora o meu sobrinho (ou sobrinha) que se desenvolvia confortavel-

mente no ventre de sua mãe.

Somente Deus compreendia o amor que nutria por aqueles dois, o quanto estava ansiosa para o nascimento do bebê e para a primeira visita que fariam a Lublin após a criança já ter chegado ao mundo. Uma que talvez eu perdesse, e isso me deixava frustrada. Ver o meu único irmão tornando-se pai era muito importante para mim, mas um dos malefícios da distância era justamente ser obrigada a lidar com as ocasiões onde perdemos fases importantes da vida das pessoas especiais para nós.

De qualquer forma, eu não me julgaria por estar partindo, afinal de contas, assim como Theo fez, parecia estar no nosso sangue essa necessidade de sair e desbravar novos horizontes. O meu irmão havia exagerado um pouco neste tópico, tendo como alvo o espaço sideral, enquanto eu me encontrava satisfeita em ir para outro continente que ainda se localizava no nosso planeta de nascença.

As nossas profissões, graças ao Criador, já estavam encaminhadas, e nós dois crescíamos e nos aventurávamos por nossos próprios destinos.

Fui até o jardim, onde os dois aproveitavam o clima agradável. Para o meu espanto, Ísis, que há alguns dias antes havia se mostrado como uma figura de calmaria e sensatez, ficou toda emotiva com o nosso diálogo e me deu um grande abraço, demandando que eu telefonasse todos os dias.

O Theo colocou a mão em meu ombro e explicou que aquelas variações de temperamento eram em decorrência dos hormônios liberados no corpo da esposa, por conta da gravidez, e que esses podiam deixá-la volátil em determinadas situações.

Achei todo aquele drama levemente engraçado e refleti a respei-

to das inúmeras transformações que ocorriam na rotina dos pais quando descobriram que esperavam um bebê. Ao mesmo tempo, reparei no fato de que não ansiava passar por aquela experiência por enquanto e fiquei pasma ao notar também que Thomas e eu jamais havíamos tocado no assunto de forma mais séria, sem que fosse através de curtos comentários.

Quando terminei minhas despedidas, anunciei especialmente ao meu pai e à minha mãe que levaria meu papagaio comigo para a Austrália. Ambos ficaram confusos, tentando compreender porque eu gostaria de tamanha responsabilidade em outro país, sendo que eu encontraria muitos problemas para lidar. Expliquei a eles que o pássaro me faria companhia, que seria indispensável para mim ter um pedacinho de casa por lá e, já que mais ninguém poderia se juntar a mim, elegi Barth como meu acompanhante oficial. No final, eles não se opuseram, embora se encontrassem visivelmente receosos.

Mais tarde, me arrumei para a festa de despedida com meus amigos. Laura se fez presente, assim como Edgar, Rita e alguns outros amigos. O local era enfeitado com uma decoração impressionante e estava cheio de luzes coloridas A lista de músicas era extremamente variada, permitindo que diferentes danças ocupassem espaço na pista.

Como eu já suspeitava, Thomas optou por não comparecer, entretanto não fiquei magoada, pois cheguei à conclusão de que provavelmente faria o mesmo caso estivesse em seu lugar.

No outro dia, o correio veio entregar a minha carteira de habilitação bem a tempo, o que me deixou extremamente animada. Afinal de contas, eu me mudaria de país, e seria mais viável ser legalmente capaz de alugar um automóvel do que ser dependente de motoristas desconhecidos dirigindo táxis, além de ser mais econômico.

No fim do dia, se eu fizesse a análise marginal, que é quando

vemos se os custos que teremos a mais vão compensar ou se serão desperdícios, eu veria que os gastos com a habilitação valeriam a pena. Memórias de Thomas me ensinando esse termo na época da faculdade, quando ainda não havia terminado o curso de Administração, foram desbloqueadas; então respirei pesadamente, rezando novamente para que ele ficasse bem.



12

Conhecendo culturas

Depois de deixar minha vida em Lublin, e de uma série de abraços das pessoas mais importantes para mim, que precederam a minha entrada no aeroporto, eu me encontrava confortável no avião em uma poltrona ao lado de Glória, que encarava a paisagem, encantada com a nova perspectiva.

— Ah! Helena, estou tão animada! Dê uma espiadinha nesta vista, é magnífica! Será que devemos registrá-la em uma fotografia? Imagina como ficaria lindo na capa da revista que o pessoal assina por mês. Já consigo até pensar no título "Viagens Austriagníficas", ou melhor, "O oceano de belezas do maior país da Oceania: a Austrália. ", ou ainda, "Austrália, suas grandiosidades, singular fauna e esplêndidas paisagens".

Soltei uma sincera e discreta risada, a Glória definitivamente havia nascido para isso. Agora eu compreendia o porquê de a terem empregado no setor criativo da instituição.

— Você não acha que o último título está muito extenso, não?

— Eu não sei. Dizem que apenas os títulos desinteressantes têm que se prender a regras como limite de palavras. Mas talvez você tenha levantado um ponto, pois tantas palavras poderiam estragar a harmonia da capa. Se bem que o pessoal do design sempre dá um jeito nisso. Mas seria uma frase muito longa para os consumidores lerem nos poucos segundos em que passam em frente à banca de revistas. Vou trabalhar nisso. Você sabia que aqui existe um polvo bem pequeninho e que pode te matar? Dizem que é muito venenoso. Será que vamos conseguir ver algum na praia?

— Glória, de todas as repentinas situações que podem acontecer, a que eu menos almejo é encontrar um polvo venenoso durante meus banhos de mar.

— Acho que você tem razão nesse ponto. Mas ele deve ser tão bonitinho, valeria a pena dar só uma espiadinha, imagina? Eu não sei quanto a você, mas o que eu de fato espero não me deparar é com uma daquelas aranhas-teia-de-funil na nossa casa. Soube que o veneno delas é potente.

— Agora você está começando a me apavorar, Glória. Vamos mudar de assunto antes que eu fique paranoica com a possibilidade de, em qualquer lugar, achar algum animal que tenha a capacidade de me matar de uma forma muito dolorosa. Aliás, onde você adquiriu essas informações esquisitas? O que tem lido ultimamente?

— Mas é óbvio que foi em um artigo científico de alto reconhecimento!

— Ah, é? Eu não sabia que vendiam artigos científicos na lanchonete do aeroporto, senhorita consumidora de leituras acadêmicas.

Puxei um folheto colorido de um de seus bolsos, que estavam vendendo próximo ao local em que compramos um suco antes do avião chegar. Ele possuía um resumo com ilustrações dos animais mais perigosos da Austrália e um título ridiculamente exagerado para atrair a atenção dos turistas.

— Está bom, está bom. Você me pegou, ok? Mas era tão interessante e baratinho! Não pude resistir. Agora devolva o meu folheto, eu preciso me preparar para possíveis ocasiões em que eu encontre um bicho desses.

— E quem te disse isso? O folheto? Você sabe que isso só reforça alguns estereótipos chatos sobre o lugar e criam paranoias na sua cabeça, correto?

— Uma boa jornalista tem a obrigação de estar preparada para tudo. Não venha chorando para o meu lado se um dia estiver gravando a natureza e um canguru surgir.

— É… eu realmente não saberia o que fazer nessa situação. Talvez tirar uma foto para as futuras gerações? Também tenho certeza de que uma boa jornalista teria essa obrigação.

Nossos olhos se encontraram e começamos a gargalhar no meio do avião, atraindo alguns olhares curiosos. Aparentemente formaríamos uma boa dupla e era ótimo saber que eu contaria com uma companheira que possuía harmonia.

Desembarquei do avião com Barth no ombro, junto de minha colega de trabalho, assim nós passamos pela alfândega, nossos passaportes foram carimbados e enfrentamos os procedimentos adequados para entrar com Barth, visto que existiam algumas verificações a serem feitas pelo fato de ele ser uma ave silvestre. Após a viagem cansativa, agora eu era oficialmente uma correspondente estrangeira do jornal em uma de suas primeiras missões na Austrália.

Estávamos ligeiramente nervosas, porém muito confiantes de que tudo daria certo. Um recomeço em outro país era exatamente o que eu ansiava, então me agarrei na esperança de continuar me identificando com minha carreira, assim como meu irmão Theodor.

Agora, fora de casa, Glória e eu iríamos nos sustentar sozinhas em alguns aspectos, como alimentação, e seríamos responsáveis por pagar todas as contas, além de sentir na pele um pouco do trabalho árduo de uma família para se manter. Entretanto, o jornal cobriria a maioria das despesas básicas, como moradia, energia elétrica, luz, saúde e locomoção, o que era vantajoso e nos permitia ter um melhor aproveitamento de nossa renda com outras demandas.

Já que não ficaríamos fixas em nenhuma cidade, um lugar já havia sido alugado previamente, então recebemos as coordenadas para chegar ao nosso novo endereço. Saímos do aeroporto de táxi para enfrentar um trajeto longo até nossa residência, já com um grande aperto no coração de saudade. Admito que precisei conter a risada ao ver os olhos do motorista se arregalando ao notar a quantidade de bagagem que carregávamos, além de um papagaio. Por sorte, tudo coube no porta-malas e Barth não fez nenhuma sujeira no banco estofado ou importunou o senhor, recebendo até elogios por suas brilhantes penas.

Finalmente chegamos. Moraríamos em um apartamento com uma vista embriagante que, embora de fato fosse um pouco pequeno e, de certa forma, apertado, era suficiente para duas pessoas e um papagaio tagarela. Subimos pelo elevador com nossas malas e a chave do apartamento, que pegamos na recepção após apresentar as nossas identidades.

Arregaçamos as mangas e iniciamos uma caprichada faxina antes de guardar os nossos pertences, limpando desde o chão até o interior dos armários. Além disso, lavamos todas as louças da cozinha, cortinas e roupas de cama (deixando apenas uma ou outra para utilizarmos naquele dia). Fizemos um delicioso assado de vegetais com carne cozida para nos saciarmos antes de guardar os nossos pertences pessoais em seus respectivos lugares.

Ao entardecer, estávamos exaustas, exceto por Barth que havia somente nos observado e feito suas refeições, enquanto colocávamos a mão na massa. Todavia, aquele cantinho estava por fim com carinha de lar, então tomamos nossos banhos e fomos dormir.

Glória e eu estávamos muito ansiosas, mal podíamos esperar para colocar em prática o que aprendemos em quatro anos de faculdade, principalmente na matéria que ensinava sobre reportagens no exterior.

— Helena...Helena, acorda! Não podemos nos atrasar, hoje inicia-se um novo ciclo.

— Está bem Glória, estou levantando!

Bocejei e me alonguei preguiçosamente enquanto meus olhos se ajustavam à luz e encaravam o novo cenário com o qual eu me depararia de manhã, ao invés de meu quarto com sua estante de oito nichos, cheia de livros. Meu papagaio voou até a minha cama e eu acariciei a parte de trás de sua cabeça.

— Glória, ainda faltam mais de três horas para precisarmos sair de casa. Você me privou de horas preciosas de sono, sabia?

— Era exatamente esse o objetivo. Ou vai me dizer que você não gostaria de dar uma volta pelas redondezas antes de trabalhar? Temos tempo de nos aventurar pelo bairro, descobrir onde se localizam as conveniências, farmácias e feirinhas. Ontem um dos vizinhos me contou que inclusive tem uma clínica de massagem aqui perto. Ele disse que é excelente para dor nas costas.

— Nessa idade com dor nas costas? Não é meio cedo, Glória?

— Vai me dizer que você nunca teve esse problema por ficar sentada com má postura, enquanto editava os textos das matérias?

— Honestamente, já enfrentei isso uma vez e foi insuportável. Mas aprendi a deixar a coluna reta e, principalmente, a ter disciplina para alongamentos diários. Desde então nunca mais passei por isso.

— Eu deveria aprender com esse seu exemplo, Helê. De vez em quando me sinto até crocante de tanto que meu corpo estala. Enfim, vamos? Anda logo e se arruma. Se eu voltar aqui e você ainda não estiver

pronta…

— Sim, Glória. Ou devo dizer senhora Kataryna Bennet? Daqui a pouco vamos passar em frente a uma loja e você me dirá "na volta a gente compra".

— Olha que um dia eu vou sumir, aí eu quero ver o que você fará! – exclamou ela, imitando outra frase típica de algumas mães.

Enquanto ela saía pela porta rindo, eu peguei um dos meus travesseiros e o atirei, mirando precisamente na cabeça de minha amiga, que estava de costas. Ela levou um susto, mas pegou o objeto macio antes que esse caísse no chão.

— É de presente? Obrigada, estava precisando mesmo de um travesseiro a mais.

— Mas olha só que ousadia!

Fui correndo em sua direção, peguei meu travesseiro e fechei a porta em tom de brincadeira, afirmando:

— Em quinze minutos estarei com você na cozinha!

— Combinado! Mas anda logo, pois vou fazer ovos mexidos e o mínimo por essa minha gentileza é você aparecer enquanto eles ainda estiverem quentes.

— Está bem, agora você está me deixando com medo. Soou muito como a minha avó desta vez.

— Helena, se eu fosse você eu agradeceria a Deus por ter essa porta nos separando neste exato instante. Mas se apresse, eu já vou lá

preparar o café da manhã, viu? Inclusive, amanhã será a sua vez de cozinhar e não tolero objeções a respeito do assunto.

Escutei seus passos se afastando antes que eu pudesse contradizê-la, assim fui trocar de roupa e colocar mais comida para o meu papagaio.

— Acho que já podemos sair.

— Entendido, só preciso pegar os equipamentos e já descemos! Aliás, recomendo que você faça o mesmo, pois depois de andar pelo bairro seria bom já irmos direto para o *Opera House*.

Nossa aventura, fazendo várias matérias por diversos lugares turísticos na Austrália, havia começado. A primeira parada para fazermos as reportagens era Sydney, onde nos encontrávamos agora, uma das maiores cidades da Austrália, principalmente conhecida mundialmente pela *Opera House*, uma casa de espetáculos, criada entre os anos 1959 e 1973 e projetada pelo arquiteto dinamarquês Jorn Utzon.

Um lugar absurdamente incrível, com o qual nós duas estávamos totalmente encantadas pela tamanha beleza local. Era literalmente um espetáculo! Isso me surpreendeu de uma forma inexplicável. Aquele lugar era responsável por uma visão perfeita e grandiosa, era detentor de uma brisa refrescante que circulava a esplêndida arquitetura toda esquematizada. A cada passo, uma sensação diferente.

— Que lugar adorável!

— Acho que nossa matéria ficará incrível, Glória. Tivemos a sorte de ter reservado ingressos para hoje, a apresentação de ballet rendeu imagens sensacionais.

— Nem me fale. Eu queria estar em Lublin apenas para espiar as expressões da nossa chefe Olívia quando ela ver as imagens pela primeira vez. Definitivamente nos superamos.

Fizemos uma pausa para ir até um restaurante almoçar. Onde pedimos por duas taças de vinho e duas porções de tiras de carne com molho barbecue.

— Ah, eu estou salivando, que cheiro divino. Obrigada, Criador, por nos permitir ter essa experiência maravilhosa.

— Amém! Helena, você é religiosa? Reparei naquele grande livro que você trouxe de Lublin. Nunca te perguntei sobre isso.

— Na verdade eu sou judia, acredita? Aquele livro no meu quarto é a Torá. Uso para rezar e ler a palavra do Criador. Mas é verdade que não chegamos a tocar no tema. E você, Glória? Segue alguma religião?

— Fui criada pelos meus pais na igreja católica, mas minha família é bem diversificada quando se trata de religião, então sei um pouquinho de várias crenças.

— E como foi isso? São muito diferentes?

— Eu não sei afirmar isso com propriedade. Mas, no geral, nunca tivemos muitos conflitos. O pessoal se respeitava bastante e, embora fossem em igrejas distintas com seus rituais característicos, eu percebi que muitos princípios eram semelhantes. Por exemplo: o amor ao próximo e o respeito são defendidos na maioria. Acho que era por isso que nos dávamos bem, acreditávamos em histórias distintas, porém, na essência e no fundo do coração, todos almejavam e defendiam coisas extremamente semelhantes, geralmente relacionadas a uma vida de paz e justiça.

Concordei com a cabeça e apoiei o queixo no pulso enquanto mastigava um pedaço saboroso da carne, digerindo o ponto de vista de Glória. Parando para raciocinar, até que a sua fala fazia sentido, inclusive ela me falou que os judeus apareciam na Bíblia católica como um povo abençoado, então me questionei se várias crenças possuíam relações umas com as outras na história.

Passamos no apartamento para verificar como Barth estava se adaptando ao seu novo lar e também o levamos para esticar as asas em um parque na quadra de cima. No geral, ele aparentava estar se acostumando, pois não havia destruído nada no interior do imóvel, além de se alimentar e brincar normalmente.

Cheguei até a cogitar a possibilidade de levá-lo junto para acompanhar alguma reportagem futuramente, mas por ora eu me contentaria em deixá-lo nos acompanhar para os estabelecimentos que frequentamos em nosso cotidiano, como padarias e feiras, até o momento em que eu me sentisse totalmente confiante a respeito de seu treinamento e obediência, que me surpreendiam a cada dia.

Após alimentar novamente meu amigo com penas, Glória e eu nos locomovemos para o Harbour Bridge, uma ponte de aço construída em 1932. Quando chegamos lá, já era quase fim da tarde, portanto conseguimos admirar a beleza do pôr do sol na ponte, um momento maravilhoso, daqueles que dão vontade de congelar eternamente. Por sorte, jornalistas sempre tinham o privilégio de tornar isso realidade através de fotografias.

Em um piscar de olhos, anoiteceu e retornamos para o apartamento, felizes por concluirmos todas as tarefas de uma ótima forma.

Meus dedos mindinhos do pé formaram pequenas bolhas que representavam um dia de trabalho cansativo, porém inesquecível. Famin-

tas, aproveitamos uma excepcional *pavlova*, uma sobremesa enfeitada com frutas vermelhas e cuja aparência lembrava a de um bolo.

— Eu sei que teoricamente é errado comer a sobremesa primeiro, mas isso está quase me matando de tão perfeito.

— É como já afirmavam os filósofos: clássico "crocante por fora e macio por dentro" nunca falha, Glória.

— Estou absolutamente certa de que essa citação não pertence a nenhum filósofo. Só um minuto, Helena, é isso!

— O quê?! Não acompanhei a linha de raciocínio, podemos rebobinar?

— O título da nossa matéria, falando do show no teatro. *Opera House*: crocante por fora e macio por dentro. Uma metáfora simbolizando que as apresentações lá são tão perfeitas como um doce que possui tais características. Será uma chamada criativa que explicaremos no decorrer do texto.

— Eu já comentei que você definitivamente nasceu para isso, Glória?

— Afirmativo, minha amiga. Aliás, muito obrigada pelo elogio.

Na tarde seguinte, enviamos nossas matérias pelo correio, em um malote que sairia de avião naquela semana, indo diretamente para a Polônia. Enquanto não recebíamos a resposta, nos dedicamos à coleta de alguns dados que serviriam para a realização de uma pesquisa sobre os moradores de um bairro específico de Sydney.

— Barth! Devolva agora mesmo a minha escova de dentes! Ela

é minha posse. Helena, dê um jeito em seu papagaio, fazendo um favor? Se eu ficar com bafo a culpa será toda sua, só para deixar claro.

— Glória, você não acredita na mensagem que recebi de nossos superiores! Barth, seja bonzinho e pare de importunar nossa amiga, desse jeito ela não vai gostar de você.

— Ah, chata, chata. Tá bom, tá bom.

Minha colega pegou sua escova com rapidez e mostrou a linha para o meu papagaio, então eu me questionei qual dos dois era o mais infantil e sorri, aproveitando aquele clima agitado e agradável que geralmente era presente em nosso apartamento.

— Agora que minha higiene bucal está em dia, você pode seguir, Helena – disse ela, conferindo seus brancos dentes no espelho. Então, eu revirei os olhos e prossegui.

— A senhora Olívia ligou afirmando que nossa matéria está impecável e que fizemos um ótimo trabalho juntas! Além disso, ela também agradeceu pela nossa dedicação como excelentes profissionais! Somente elogios, Glória!

— Eu não esperava menos de nós! Mas admito que é libertador me livrar desse frio na barriga que me perseguia enquanto não recebíamos retorno. Já temos o nosso próximo destino? Olha, eu não vou aguentar passar mais uma semana perguntando as mesmas coisas para pessoas diferentes.

— Então, ela me explicou sucintamente, mas enviou todas as orientações detalhadamente por correio. Aliás, elas provavelmente chegarão a qualquer momento.

Naquela mesma tarde, a carta chegou, com todas as orientações, passagens previamente compradas, endereço da próxima hospedagem, entre outras informações.

Na viagem ao estado de Queensland, nosso próximo alvo, descobrimos que uma outra casa havia sido alugada pelo jornal. Eu estava me divertindo bastante e escrever reportagens sobre esses locais era uma ótima distração para minha mente, a qual ainda se incomodava vez ou outra com os problemas que eu havia abandonado em Lublin.

— Você acha que vai ter tubarões aqui? Eu sei que nós matamos bem mais deles e que não participamos da lista favorita de refeições deles, mas eu prefiro prevenir.

— Não seja medrosa, Helena! Nós estamos na Grande Barreira de Corais, foque nos pontos positivos. Além do mais, mergulharemos com profissionais capacitados, eles sabem o que estão fazendo.

— Sinto que você não negou a existência de tubarões aqui, Glória. Mas vou confiar em seu ponto de vista. Pense que poderia ser pior, em algumas partes do oceano existem até baleias assassinas que comem seres humanos.

— Helena, você sabe que as orcas não são baleias e sim golfinhos, não é?

— Claro que não, Glória. O nome é literalmente baleia assassina. Sei que pareço fácil de enganar, mas não é para tanto também. Outrossim, a senhorita não anda lendo aqueles folhetos de cafeteria de novo não, não é?

— Primeiramente, deixe os meus folhetos fora disso. Mas, sobre as orcas, é realmente verdade. Elas são grandes golfinhos que caçam e

se alimentam de baleias, principalmente de seus filhotes. Essa confusão se deu por conta de um erro de comunicação, pois elas eram chamadas de "assassinas de baleias" em outra língua, mas traduziram erroneamente para "baleia assassina". Fora isso, também temos o fato de que, por ela ser enorme, não se assemelha com os golfinhos que estamos acostumados a ver. E, só para constar, temos sim registros de orcas em Queensland, saberia disso se lesse os folhetos que critica.

Um arrepio me percorreu até atingir o último fio do topo da minha cabeça, enquanto Glória soltava uma longa e divertida risada por conta da minha reação.

Ela pegou minha mão e me puxou para continuarmos caminhando, indo para a Grande Barreira de Corais da Austrália, que possuía inúmeras espécies de peixes coloridos, moluscos e estrelas-do-mar, além de tartarugas e golfinhos. Inclusive, eu esqueci completamente de meus temores quando entrei na água e pude observar toda a vida que habitava aquela imensidão de corais vibrantes. Admito que até aquele instante da minha existência, Queensland foi onde me senti mais inspirada para escrever.

Surpreendi-me ao ler na carta que pegaríamos um cruzeiro, mas isso aconteceu. Seria curioso descobrir como Barth e eu iríamos reagir em alto mar, além do fato de que o passeio renderia um maravilhoso complemento para a matéria.

No navio, eu me surpreendi com o comportamento de Barth, pois enquanto eu ficava um pouco enjoada ao olhar para o papel com o balanço do mar, ele parecia superalegre e ouso até mesmo dizer que preferiria ficar por lá, do que retornar para casa. Nunca havia presenciado voos tão bonitos por parte de Barth, ele ia tão longe que eu mal era capaz de acompanhá-lo com a visão. Mas ele sempre retornava para o

meu braço ou para uma superfície ao meu lado, o que me proporcionou um alívio gigantesco, além de fortalecer a nossa confiança.

Após o cruzeiro, visitamos o arquipélago das cerca de 74 ilhas de Whitsunday, que eram completamente estonteantes, com areias branquinhas e águas cristalinas.

Depois de fazer algumas reportagens, também foi lá onde decidimos descansar um pouco, dar um tempo na escrita para também aproveitar a nossa viagem, que até então estava sendo ótima. É claro que por exceção de alguns mínimos deslizes. Afinal, de vez em quando, em momentos de reflexão observando as águas, algumas questões, inclusive aquelas que envolviam Thomas, vinham à minha cabeça, espalhando confusões e frustrantes pensamentos que atrapalham algumas atividades do cotidiano.

Peguei-me suspirando, encostada na borda do navio que nos levava para outra das ilhas que pertenciam ao arquipélago de Whitsunday, enquanto olhava as pequenas ondas que se formavam na superfície do oceano a partir de diversos fatores, e fazendo carinho no Barth até que Glória tocou o meu ombro.

— Está tudo bem, Helena? Parece distraída hoje.

Encarei-a por alguns instantes, perguntando-me se valeria a pena incomodar minha colega com problemas pessoais, e logo notei que ela provavelmente só sabia o que havia acontecido comigo através de rumores. No fim do dia, eu geralmente possuía facilidade em separar a minha vida profissional da pessoal, e vários diziam que isso era uma boa qualidade, embora eu não tivesse certeza disso, afinal de contas podíamos até fingir que não, mas todas as situações boas ou ruins nos impactavam e não existia de fato uma fórmula mágica para que ignorássemos todas as nossas dificuldades assim que colocássemos os pés no

prédio do jornal.

— Glória, eu já te contei que quase fui noiva? – deixei que uma leve, curta e triste risada de incredulidade percorresse meus lábios.

— Eu já ouvi algo a respeito desse assunto, mas achei que fosse mentira, já que você nunca comentou e também por ter aceitado ser correspondente estrangeira tão rápido, como se não tivesse impedimentos. Posso perguntar o que aconteceu?

— É uma longa história, mas os boatos possivelmente carregavam alguma verdade. Acontece que nós dois terminamos no dia em que ele me pediu em casamento, ou melhor, eu terminei. Acho que é por isso que fico pensativa às vezes, sinto e sei que quebrei o coração dele, e acho meio injusto que eu esteja adorando a minha nova profissão e criando novas memórias e experiências depois de tê-lo abandonado sem olhar para trás. Já refleti sobre isso em tantas ocasiões e sempre chego às mesmas conclusões, mas parece que nunca fica mais fácil aceitar os rumos que o nosso destino levou, sabe? Será que estou ficando maluca, por não ter superado ou me perdoado completamente ainda?

— Eu não acredito que você esteja ficando maluca, Helena. Está provando ter empatia. Quero dizer, olha a sua volta, tantas paisagens magníficas e você ainda é capaz de tirar alguns segundos para se colocar no lugar de seu ex-namorado, mesmo que vocês não tenham mais conexão direta.

— Você acha, Glória?

— O que eu acho é que todos nós já provocamos alguma espécie de machucado em alguém, seja físico ou emocional, proposital ou sem intenção, nossa culpa ou até mesmo não. Nossas escolhas impactam os outros, e nunca haverá alguma opção que agrade a todos, sem exceção.

Alguém sempre vai sair abalado. Por exemplo: sua família ficou triste ao saber que você partiria, mesmo que tenha, talvez, te apoiado. A minha ficou, e está tudo bem.

— Você tem razão, mas é somente que… É tão complicado, sabe?

— Pois é… Eu sei.

Ela encostou sua cabeça em meu ombro e direcionou sua visão para a mesma direção que a minha. Embora fosse alegre e dona de um sorriso contagiante, naquele momento senti que a parte reservada de Glória carregava algum acontecimento que também era responsável por devaneios inesperados, um que ela escolheu não revelar e eu respeitei isso, pois também havia partes da minha história que eu preferia guardar em um cantinho mais privado em meu interior.

Tentei mudar o rumo de meus pensamentos, e fui parar na porta da casa da minha família. Fiz teorias sobre como eles se encontravam agora, e se estava tudo bem. No outro dia, descobrimos que nosso voo atrasaria quase vinte e quatro horas, portanto concordamos em prolongar nossas "férias" por um tempo relâmpago.

Todavia, acho que nosso combinado saiu um pouco do controle, porque, repentinamente, enquanto eu tomava sol, Glória acabou se interessando pelo surfe e, claro, por um surfista também. Decidi apenas observá-la pedindo ao jovem rapaz que lhe desse aulas e aproveitei o tempo para dar boas risadas vendo minha amiga tentando ter algum progresso em cima da prancha. Quando olhares mais sérios foram trocados entre os dois, fui pegar uma água de coco e deixei Glória aproveitar sua paquera em paz.

Infelizmente, para eles o romance não durou muito, pois o avião

chegou e nós fomos produzir uma matéria sobre o famoso lago Hillier, o que resultou em um dos eventos mais empolgantes do meu trabalho recentemente: fotografar um lago que se diferenciava dos outros por ser literalmente rosa. Li que ele era colorido com aquele tom por conta de microrganismos e algas coloridas, especialmente pelas bactérias *Salinibacter ruber*, que são vermelho-alaranjadas, e pelas algas *Dunaliella salina*, que têm uma cor vermelho-viva. Glória logo superou seu amor interrompido pela distância quando seu lado de jornalista lhe invadiu e ela ficou fascinada em uma incessante busca pelo título perfeito para o texto sobre o lago.

Chegamos a uma pequena cidade de madrugada; Glória, Barth e eu fomos para o hotel para deixar nossa bagagem e descansar. Assim, logo que amanheceu, fomos conhecer o local. Comecei a escrever em meu caderno enquanto esperávamos nossa refeição em um restaurante, onde paramos para almoçar. Dessa vez escolhemos uma costela assada ao molho inglês e de sobremesa comemos *pavlova*, que estava deliciosa.

Algumas semanas se passaram e, graças ao Criador, seguimos para os nossos destinos sem muitos imprevistos. Para finalizar com chave de ouro, fomos convidadas a acompanhar um especialista em vida selvagem. Ele nos mostrou alguns dos animais mais perigosos da Austrália, como vespa do mar, um peixe pedra, uma taipan (uma cobra extremamente venenosa), algumas aranhas e até mesmo aquele polvo-de-anéis-azuis, do qual Glória havia comentado e que nos rendeu fotos extraordinárias.

Corrigimos os últimos erros ortográficos e enviamos todo o material pelo correio, deixando-nos preencher pela sensação de trabalho concluído com sucesso. O telefone tocou e fomos correndo atender, era Olívia com as nossas próximas missões. Os meus pés estavam doendo ligeiramente, mas ainda havia muita estrada para caminhar e eu mal era capaz de conter minha empolgação.



13

Religando as almas

Acenei para um táxi, que parou perto de mim no estacionamento ao lado da calçada. Hoje eu iria até a loja de Rita para visitá-la em sua mais recente conquista.

Para minha surpresa, quando cheguei lá me deparei também com Amélia. Realmente era uma bênção do Criador o fato de eu poder ter o privilégio de encontrar minhas amigas de infância aqui, no Canadá, afinal de contas, agora eu já trabalhava como correspondente estrangeira há dez anos, então eram raras as chances de rever minhas amizades.

— Helena?!

— Amélia! Eu realmente não esperava te ver aqui. Há quanto tempo não conversávamos? Como anda a sua vida?

— Pois é, Helena. Se alguém me perguntasse no passado, eu realmente não adivinharia que trabalharia com a Rita depois que fosse adulta. E as coisas por aqui vão bem, um probleminha aqui, outro ali, mas nada que não possamos lidar, não é mesmo?

— Esse tom está diferente, quais seriam esses problemas? E onde está a Rita, por sinal? Não a vejo em lugar algum.

— Ela está atendendo um cliente que vai encomendar um paletó, de última hora, para um casamento, mas já ela volta aqui. Mas, respondendo à sua pergunta, lembra do Edgar?

— Como eu esqueceria? Aliás, vocês estão bem? Foram capazes de superar aqueles empecilhos em relação à distância?

— Quem nos dera, Helê. Na verdade, nós não estamos mais juntos agora. Por incrível que pareça, optamos pelo relacionamento à distância por um tempo, porém conseguíamos nos ver apenas quando eu

voltava de viagem. Então o namoro foi esfriando, sabe? Aguentamos por vários anos, mas ele acabou conhecendo outra pessoa e nós terminamos há pouco mais de um ano.

— Sinto muito Amélia, eu sei o quanto pode ser difícil.

— Tudo bem. Infelizmente, no fim do dia descobrimos que não era para ser, e eu notei que nem fazia mais sentido continuar, visto que quase nunca nos falamos, não acompanhamos as mudanças um do outro e chegou a um ponto onde mal nos conhecíamos de verdade. Além disso, de vez em quando, os dois tinham fortes crises de ciúmes, o que só piorava tudo. Relacionamentos são dureza.

— Sim, de fato são – suspirei, demonstrando concordância.

Alguns segundos carregados de silêncio passaram e eu puxei assunto.

— Então, agora você está trabalhando aqui, pelo que contou?

— Pois é, a Ritinha estava prestes a abrir sua primeira loja em outro país, mas precisava de funcionários nos quais confiasse. E você sabe como é difícil encontrar pessoas assim. Dessa forma, ela acabou me arrastando para cá, o que não foi ruim, já que eu estava insatisfeita com alguns aspectos do meu antigo emprego. Hoje, sou oficialmente uma segurança profissional.

Interrompemos nosso assunto ao ver um senhor sair do escritório de Rita e ir embora. Em contrapartida, nossa amiga correu em nossa direção com uma bolsa de alça na mão.

— Helena, você chegou! Venha, Amélia, vamos tirar um dia de folga para passear. Você pode me ajudar a fechar as janelas e portas?

Fomos até uma cafeteria, escolhendo uma mesa que ficava do lado de fora, perto de uma árvore com folhas alaranjadas devido à estação em que nos encontrávamos. Pedimos milk-shakes de morango com chantilly e alguns croissants recheados com chocolate. Enquanto isso, começamos a conversar sobre os tempos difíceis antes do fim do socialismo na Polônia.

É interessante pensar que, logo depois que eu terminei a faculdade, meu país enfrentou muitas greves nas cidades, essas que deixaram o governo muito insatisfeito, sendo que esse teve como reação a implementação de algo chamado de "Lei Marcial", uma medida extrema que monitorava conversas de telefone, deixava que o exército controlasse o rádio, dentre muitas outras coisas ruins, além de até mesmo cancelar os passaportes de toda a nação, impedindo que qualquer um viajasse para o exterior.

Comentei que apenas lembrar daquela época trazia à tona antigos frios na barriga, pois, se aquela lei não tivesse sido abolida alguns meses antes de eu ser promovida como correspondente estrangeira, eu teria sido impedida de fazer as matérias na Austrália com a Glória.

Mesmo depois que nós fomos para o exterior, chegavam até mim informações a respeito de como a situação continuava piorando na Polônia, tanto que, em 1988, o governo aumentou tanto o preço das coisas que a minha família quase chegou a passar necessidade, mesmo produzindo quase tudo que necessitava para a alimentação no sítio.

Recordo-me de que sentia uma culpa esmagadora em meu interior ao refletir sobre as dificuldades que minha família enfrentava enquanto eu estava fazendo reportagens pelo mundo e tendo uma qualidade de vida superiormente alta. A partir disso os cidadãos do meu país natal fizeram greves estudantis e iniciaram uma revolta por conta das

precárias condições.

Inclusive eu retornei para lá durante algumas semanas para participar ativamente de algumas das greves e para fazer reportagens retratando ao mundo o que os poloneses estavam passando, pois me sentia responsável e com o dever de também tomar providências, visto que aquelas pessoas também estavam lutando pelos meus próprios direitos, de minha família e amigos queridos.

Com o passar da idade, cheguei à conclusão de que de fato não adiantava somente reclamar das situações e não tomar nenhuma atitude a respeito para auxiliar na mudança, portanto não bastava apenas construir uma opinião a respeito dos assuntos, mas tomar providências e não negligenciar sua parte nas lutas.

Lembrei de específicos temores que eu possuía na adolescência e infância, onde me apavorava a ideia de me transformar em, como eu diria naquela época, mais um rosto carrancudo que andaria pelas ruas insatisfeito com tudo, mas contentando-se em não fazer nada. Naquele instante, agradeci infinitamente ao Criador por não ter deixado aquilo se concretizar e por me permitir ter a impressão de que eu não decepcionaria os princípios da Helena do passado.

Rita contou que foi um alívio tremendo quando finalmente a Polônia fez suas primeiras eleições livres do comunismo, em 1989, o que serviu como inspiração para diversas outras nações iniciarem também as suas lutas pelo fim daquele regime que não estava atendendo as necessidades dos cidadãos.

É claro que o capitalismo também não era as mil maravilhas, pois ele carregava uma perceptível e intensa desigualdade social, porém permitia aos indivíduos uma maior autonomia para tomar suas decisões e administrar seus bens e conquistas.

Hoje em dia, a Polônia das minhas lembranças de criança estava demasiadamente diferente da que eu encontrava quando fazia visitas aos meus pais.

Com o estômago já cheio, levantei da cadeira e afirmei:

— Meninas, eu preciso ir. Foi maravilhoso passar algumas horas com vocês. Ademais, meus parabéns por mais essa sua conquista, Rita, você é merecedora de tudo isso e muito mais.

— Para que a pressa, Helê? Temos muito o que conversar ainda – afirmou Amélia.

— Concordo com a Amélia, Helena. Por acaso você vai a algum lugar? Talvez um encontro? Eu bem que reparei que você se arrumou bastante hoje.

Minhas bochechas avermelharam ligeiramente e eu neguei com a cabeça.

— Não alimente essa sua imaginação, Ritinha. Na realidade, hoje eu vou a uma concessionária. Vou comprar meu primeiro carro.

Não fui capaz de esconder a legítima animação que me dominava.

— O quê? Sério? Eu nem sabia que você tinha habilitação.

— Seríssimo, eu mal posso aguentar de tanta felicidade, Amélia! Ah, eu tirei minha carteira antes de fazer minha primeira viagem como correspondente estrangeira, acredita? Olha, foi muito útil, pois Glória e eu podíamos simplesmente alugar um carro por algumas semanas e ir para os locais de nossas reportagens, sem dependermos de táxis e de

suas demoras.

— E você já tem algum modelo específico em mente, Helê?

— Pesquisei bastante, Ritinha, e tenho uma lista em mente, mas achei melhor vê-los pessoalmente antes de dar o veredito final. Você sabe o quanto eles editam as fotos antes de imprimi-las nas revistas. Entretanto, os meus favoritos por enquanto são o Porsche e a Mercedes.

— Boas escolhas, Helê. Esses carros são sensacionais, sou apaixonada pelos designs deles. É claro que ambos têm pontos fortes e fracos.

A Rita seguiu dizendo diversas informações técnicas que não compreendi, ela aparentava de fato dominar o tema.

— Não sabia que você entendia de carros, Rita.

— Ah, você não viu nada, Helena. Esse rostinho delicado dela engana muito! Uma vez inventei de ensiná-la alguns movimentos de autodefesa, né? Então pensei em pegar leve no início, assim não iria assustá-la, o que teoricamente fazia sentido, mas, no final, fui eu quem apanhou, acredita? Aprendi a nunca mais me iludir com essa carinha aí. Para quem não gostava de esportes na adolescência, ela é bem forte.

— Não seja exagerada, Amélia. Não era que eu não gostava de esportes. Acontece que, naquela época, eu ainda não havia sido apresentada ao mundo das lutas, só isso.

— Ritinha, eu definitivamente não gostaria de estar na pele de qualquer assaltante que passasse pelo seu caminho – comentei.

— Nem é pelos assaltantes, Helê. Quero dizer, eles são péssimos

também. Mas o que mais me preocupa são os casos de assédio, sabe? Eu fico toda arrepiada de pavor só de me imaginar passando por isso novamente. Algumas pessoas simplesmente não entendem que não têm direito nenhum sobre o nosso corpo, e isso é muito triste. Eu gostaria de ter aprendido como me defender quando eu era mais nova, os casos de assédio eram bem mais recorrentes naqueles tempos, quando éramos mais vulneráveis.

— Pois é, Ritinha. Teve uma vez em que eu precisei conversar com a diretora e com os meus pais a respeito de um menino que vivia fazendo comentários desagradáveis, você lembra? Era terrível, ainda bem que aquilo foi resolvido.

— Nem me fale, Helê. Eu estava a um passo de resolver aquilo pelas minhas próprias mãos, ainda bem que vocês me acalmaram e nós avisamos a professora, tomando uma atitude mais racional e que não me levasse de encontro com uma bela advertência. Só de pensar ainda sinto raiva.

Rimos enquanto Amélia estalava os dedos de suas mãos.

Despedi-me delas novamente e paguei um táxi para ir até a concessionária. Dessa forma, quando cheguei lá, fui diretamente conversar com o atendente.

— Boa tarde! O que a senhorita deseja?

— Oi! Eu marquei um horário de atendimento pelo telefone para comprar um carro.

— Ah, sim! É a senhorita Helena, correto? Pode me acompanhar. Aliás, o meu nome é Enricky. Você deixou com a telefonista alguns modelos que gostaria de olhar, certo? Está preparada?

O rapaz mexia freneticamente nas folhas de uma prancheta, cheia de anotações.

— Nunca estive mais pronta! Vamos lá!

— O que a senhorita acha de iniciarmos pelo Porsche?

Ele parou e olhou para o meu rosto por alguns segundos, aparentemente tendo uma relação que eu não pude identificar qual seria.

— Nos conhecemos de algum lugar, não? Suas feições são familiares, mas não consigo puxar da memória de onde as reconheço.

— Será? Eu acredito que não, moço. O senhor costuma viajar muito? Eu sou uma jornalista e também correspondente estrangeira do jornal Plátano News. Pode ter ocorrido de nos vermos enquanto eu fazia alguma matéria, de repente?

— Ah! Agora me lembrei! Eu vi várias reportagens suas! Admiro muito o seu trabalho, inclusive tenho aquela edição antiga sobre as viagens pela Austrália no meu armário. Nossa, você e aquela jornalista, Glória, arrasaram demais.

— Pelo Criador! O senhor assina a nossa revista mensal? Muito obrigada mesmo, fico tão feliz que tenha achado as matérias da Austrália legais, tivemos tanto medo de que vocês não aprovassem.

— Está louca?! Aquelas fotos do lago cor de rosa ficaram sensacionais. Agora, conte-me: vocês não sentiram vontade de dar só um mergulho para ver o que acontecia?

— Posso ser honesta com você? Por impulso Glória e eu mergulhamos o nosso dedo mindinho lá, para testar. Mas depois quase enfarta-

mos de preocupação, pensando que a água poderia ter alguma substância tóxica. Depois achamos um guia e perguntamos para ele. Por sorte ele disse que não era nada nocivo para os seres humanos e que podíamos até nos molhar, desde que fosse por pouco tempo e que passássemos algo para proteger a pele, por conta da altíssima concentração de sal no lago, que podia ser um pouco prejudicial.

De modo inesperado, eu fiquei extremamente empolgada com a conversa, achando graça na forma com a qual o vocabulário do vendedor havia se metamorfoseado muito após ter percebido quem eu era, tornando-se bem mais informal, o que achei contagiante.

— Você pode me dar um autógrafo, por favor? Em menos de cinco minutos corro até o meu armário e pego a revista desse mês e uma câmera para tirarmos uma foto!

Ele parou por alguns instantes, e sua expressão ficou mais séria e meio envergonhada, como se ele notasse ter perdido a sua compostura de vendedor profissional previamente.

— É claro que, caso isso não seja do desejo da senhorita, não precisamos fazer coisa alguma. Afinal de contas, você veio aqui para comprar um carro e não para lidar com fãs.

— É óbvio que eu adoraria tirar uma foto com o senhor! Acredite ou não, estou tão animada quando você por conhecer alguém que lê as minhas matérias.

Um sorriso largo se abriu novamente em seu rosto, assim o rapaz saiu apressadamente para pegar a revista. Quando ele retornou, mais algumas pessoas o seguiam com revistas e canetas nas mãos.

— É você mesmo? A jornalista polonesa da Plátano News.

Fiz alguns autógrafos e saí em diversas fotografias, o que me fez ganhar meu dia. Após isso, o vendedor me mostrou diversos carros, incluindo alguns que eu não havia cogitado em colocar na lista, mas que possuíam vantagens consideravelmente chamativas.

Passamos por um Mustang e eu sorri ao resgatar uma lembrança de meu irmão, que sempre escolhia esse modelo quando brincávamos na infância de escolher entre duas opções de objetos que o outro sugeria. Fui tirada de meus devaneios quando os meus olhos passaram por um reluzente Porsche vermelho e ali pararam. Diferentemente de Theo, aquele era o meu carro favorito quando eu era criança, tanto que eu possuía uma miniatura dele.

— A senhorita está me ouvindo?

Balancei a cabeça para retornar aos meus sentidos.

— Desculpe, você poderia repetir, por favor, Enricky?

— Parece que você se encantou por esse Porsche vermelho, então? Tem interesse em fazer um *test-drive*?

— Você me pegou, fiquei encantada por esse aqui. Você sabe, sonhos infantis sempre exercem uma influência em nosso lado racional. Eu quero fazer o teste sim, caso não seja muito incômodo.

Enricky deixou que eu desse a volta no quarteirão com o veículo, o que foi demasiadamente útil para que eu me sentisse mais confiante antes de assinar o contrato.

Li cada cláusula dedicando toda a minha atenção a cada uma das linhas, visto que era um investimento muito alto para ser feito sem que cada detalhe fosse averiguado. Após isso, toda a parte de papelada

foi finalizada, eu assinei os papéis e também contratei um seguro para o veículo.

O vendedor sumiu ao entrar nos corredores com o intuito de buscar as chaves do meu novo automóvel e eu aproveitei para explorar um pouco o local.

De longe percebi que uma sessão de fotos para as propagandas da concessionária estava acontecendo, então eu me aproximei para assistir. Reparei nas mãos do fotógrafo e em sua câmera profissional, era um daqueles modelos que todo jornalista desejava, uma muito semelhante àquela que eu possuía, porém ele estava utilizando uma configuração diferenciada.

Avancei mais alguns passos para questionar o profissional assim que ele conseguisse uma folga, entretanto prendi minha respiração ao finalmente perceber quem era o modelo.

— Benjamin – sussurrei para mim mesma.

Abri a boca, simplesmente chocada com o que estava presenciando. Os ventos de fato nos carregavam por lugares curiosos, porque não era possível que fosse mera coincidência termos nos encontrado novamente, em uma ocasião completamente improvável.

Quando eu percebi que iriam fazer uma pausa para o intervalo, meu inconsciente sugeriu instintivamente que eu me escondesse para não ser notada, mas eu o contive, pois não teria razão para fugir de meu amigo. Talvez eu estivesse receosa a respeito de conversar com ele, pois fazia tantos anos que eu nem sabia por onde começar, ou como deveria cumprimentá-lo. Éramos próximos antigamente, na adolescência, mas agora nossa idade já marcava o número trinta e cinco. Outrossim, da última vez que entramos em contato um com o outro, eu ainda namorava

com o Thomas e eu não estava nem sequer minimamente animada em tocar nesse tema do passado.

Além disso, ele estava tão bonito e elegante, com um rosto que não possuía mais traços infantis, porém que ainda guardava inalterada a essência de meu amigo. Ele ainda seguia na carreira de hóquei e, vez ou outra, eu escutava seu nome na televisão quando passava pelos canais de esporte.

— Senhorita Helena! Eu estava te procurando, aqui estão suas chaves e o seu carro novinho em folha já te espera no estacionamento. Vejo que encontrou o nosso cenário para o ensaio fotográfico. Você já ouviu falar do Benjamin? Ele é um jogador de hóquei famoso aqui no Canadá. Quer que eu te apresente? Considere uma cortesia pelo nosso negócio fechado e também um agradecimento pelo autógrafo. Venha, venha!

Enricky pegou gentilmente o meu pulso, sem fazer nenhuma força, de modo que eu poderia me soltar facilmente, se não desejasse o acompanhar. Para não fazer desfeita de sua boa vontade, eu o segui, aproveitando o gesto como um empurrãozinho de coragem. Antes que ele nos introduzisse, Benjamin virou o rosto para nossa direção e seus olhos arregalaram.

— Helena?! Eu não acredito que realmente seja você.

A princípio, o vendedor me olhou de forma confusa, porém acenou com a cabeça em sinal de compreensão e se afastou.

— Oi, Ben! Já faz alguns anos, não é mesmo? Eu não imaginava te encontrar por aqui. Como você está? Ou melhor dizendo, você aparenta se encontrar demasiadamente bem – apontei para as câmeras com a cabeça.

— O que acha de um abraço, Helê? Senti a sua falta, sabia?

Demos um abraço apertado e combinamos que eu esperaria sua sessão terminar para conversarmos um pouco.

— Está bem, agora você já sabe que eu estou morando aqui no Canadá há aproximadamente seis anos, desde que assinei um contrato com o *Montreal Canadiens* e comecei a fazer parte da liga principal de hóquei. Eu preciso saber: o que te trouxe para esse lado do mundo? Estamos um pouco longe da Polônia.

Elaborei um breve resumo para o Ben, que ia desde minha promoção no jornal até minhas últimas viagens como correspondente estrangeira. Não senti necessidade de falar do meu antigo relacionamento, portanto ignorei completamente.

— Acho que é isso! Vou ficar aqui no Canadá por alguns meses, mas não sei exatamente quantos. Mas já passei por muitos países, como França e Austrália. Aliás você deveria viajar por alguns países da Oceania, já presenciei paisagens simplesmente deslumbrantes.

— Essa sim é uma longa lista de aventuras. Logo mais vou para outro país para me preparar para alguns jogos importantes, mas isso vai demorar um pouco. Tomara que você fique por bastante tempo, gosto da sua companhia.

— Ben, o que você acha de irmos para um café? Eu posso te dar uma carona – balancei minhas chaves em frente ao seu rosto.

— Então depois de perder tanto o ônibus, alguém decidiu tomar uma atitude. Venha, eu aceito, vamos ver se uma certa pessoa aprendeu mesmo a dirigir – ele provocou e eu mostrei a língua, recebendo uma risada divertida em resposta.

Pegamos a estrada e, como eu já suspeitava que ele faria, Ben me elogiou por ser, modéstia à parte, excelente atrás do volante. Agradeci pelo elogio e segui, concentrada nas sinalizações, até que ele comentou:

— Aliás, para onde você está me levando? Não vai me sequestrar, não é? – ele questionou, levantando as sobrancelhas.

— É claro que não! Vamos para uma padaria conhecida, por mim, por ter o melhor *Nanaimo Bar* que eu já comi. Você deve conhecer, ele tem três camadas, e dentre os ingredientes estão o chocolate e biscoitos waffer.

— Parece bom, vou confiar em você desta vez, mas só se concordarmos que eu escolherei o restaurante na próxima.

— Sem objeções a respeito disso, senhor jogador oficial de hóquei no gelo.

— Como isso é possível? O clima entre nós está tão calmo que nem parece que mais de dez anos já se passaram. Quando foi a última vez que nos encontramos pessoalmente mesmo? Nos Jogos Olímpicos de Inverno?

— Acho que sim, eu estava na faculdade ainda. E fiquei sabendo que você foi visitar sua mãe algumas vezes desde então, mas nunca nos cruzávamos, até que eu comecei a viajar e as chances diminuíram mais ainda.

— Para o quê? Nos encontramos em uma concessionária, no Canadá. A vida dá algumas voltas estranhas, e agora eu estou pegando carona com você em um Porsche vermelho. Inclusive eu gostei, combina com os seus cabelos, é muito bonito.

— Pois é, a vida e os seus mistérios. Muito obrigada, por sinal.

Pressionei os lábios um contra o outro, mas desisti de tentar conter o sorriso que se abriu em meu rosto enquanto o vento que entrava pelas janelas do carro soprava algumas mechas do meu cabelo para trás.



14

O antigo objeto e uma nova emoção

Eu me encontrava preparando o jantar enquanto conversava com meu papagaio.

— Ah, Barth! Estava tão feliz quando Ben e eu fomos até aquele café e… Adivinha? Eu o convidei para vir aqui jantar hoje! O prato principal será macarrão com queijo e, de sobremesa, *beavertail*, uma massinha frita com cobertura que é uma delícia. Eu apenas espero conseguir me conter para não as devorar antes que ele chegue. Inclusive, devo me apressar, caso não, eu irei me atrasar.

— Atrasada! Atrasada!

— Pode parar imediatamente com isso, Barth! Não acontece todas as vezes, tudo bem? Somente em poucas e específicas ocasiões.

— Helena atrasa sempre. É verdade, é verdade!

— O senhor está muito ousado na minha opinião, viu?

O interfone tocou e eu dei um pulo de surpresa. Informei ao porteiro que meu amigo poderia subir e, poucos minutos depois, ele já estava apertando a minha campainha.

— Que massada, Barth! Eu nem terminei os preparos ainda, somente pode ser brincadeira, por que tão cedo? Enfim, não posso deixar ele esperando. Aguarde alguns segundos, Barth, eu já retorno.

Abri a porta e me deparei com Ben, que aparentava estar de bom humor.

— Boa noite, Ben! Pode entrar. Você chegou cedo, portanto de antemão já aviso que terá que esperar até que eu finalize os preparos por aqui.

Ele me acompanhou para dentro, enquanto observava a decoração do meu apartamento.

— Se é assim, eu vou te ajudar a cozinhar. Pode parecer que não, mas desenvolvi pelo menos as mais básicas habilidades na culinária.

— Duvido muito que você faça uma refeição melhor do que as minhas, mas ao menos te concederei o privilégio da dúvida.

— Isso é o que veremos. Eu aceito o desafio!

— Não me diga que sua capacidade na cozinha também "*È il tuo cavallo di battaglia*"?

— Olha só a pronúncia dela! Daqui a pouco está melhor do que eu no italiano.

Eu revirei os olhos, pois duvidava que aquilo fosse sequer possível, enquanto ele levantou as sobrancelhas, pego desprevenido pelo fato de que eu ainda me lembrava daquela expressão tão comumente usada por ele.

— Mas não, eu não me arriscaria a ponto de afirmar isso. Mas, vamos colocar a mão na massa então, ou no que a senhorita Helena estiver inventando?

— É claro! Você termina o macarrão e eu corto os legumes, combinado?

— Sim, senhora. É para já!

— Cuidado para não se queimar, a intenção é cozinhar apenas o macarrão – brinquei.

Ele pegou um avental que eu guardava em uma das gavetas do armário e se aproximou das panelas para trabalhar. Notei um estranho e incomum silêncio na cozinha e senti que estava me esquecendo de alguma coisa. De repente, Benjamin leva um susto e derrama o pote de sal inteiro na panela de macarrão, entretanto o culpado era Barth que havia se aproximado sorrateiramente e gritado " Invasor, invasor! ".

— Pelo Criador! A água quente espirrou em você, meu bem? Quero dizer, Ben.

— Depois desse "meu bem", estou ótimo, muito obrigado. Acho que o macarrão, por outro lado…

Minhas bochechas ficaram quase de uma cor semelhante à de meus cabelos e eu cogitei a possibilidade de acertar um pano de prato em seu rosto por alguns instantes. Eu me recompus e limpei a garganta, fazendo um trocadilho para mudar de assunto.

— Sabia que esse desafio estava ganho desde o início de qualquer maneira.

— Engraçadinha. Trapaceando, até eu sou capaz disso.

— Não é trapaça, se nós não colocamos nos termos que não poderíamos contar com ajuda, Ben. Eu prefiro chamar de… companheirismo. Soa mais agradável.

Nossos olhares se encontraram e uma conexão forte foi estabelecida, tão cheia de intensidade e de palavras não ditas que não obtive capacidade para desviar ou quebrar o contato visual. Ele então se aproximou, deixando seu nariz a meros milímetros de meu rosto e nós dois fechamos os olhos, até que eu limpei a garganta e me afastei ligeiramente, meio sem graça, me perguntando interiormente, e também já

sabendo a resposta, o que eu estava fazendo.

— Eu… Eu vou arrumar a mesa.

Ele engoliu em seco e mostrou um sorriso despretensioso.

— Vou colocar outra porção de macarrão para cozinhar. Demora somente alguns minutos até a água ferver e cozinhar a massa. Até lá terminamos os outros detalhes.

— Parece ótimo, então voltemos ao trabalho. E se alguém me fizer estragar outra porção de macarrão, não vamos ter batatinhas cozidas neste fim de semana, apenas as frutas e outros alimentos cotidianos.

— Ah, Helena chata. Ah, ninguém merece – reclamou meu papagaio.

— Olha que audacioso! A Laura já falou que você precisa ter uma alimentação balanceada, senhor. Não se faça de desentendido.

— Não ouço nada, não ouço nada – ele saiu andando, me ignorando propositalmente.

Voltei-me para Ben e nós rimos novamente, o clima que pairava sob a cozinha não poderia ser melhor. Por incrível que aquilo pudesse parecer, nenhum de nós dois demonstrou ter ficado envergonhado pela situação anterior, como se compreendêssemos o significado daquilo, entretanto sem nos arrepender de nossas intenções ou mesmo negar a existência delas. Diversas vezes, enquanto finalizava minha parte da refeição, precisei pressionar os lábios para conter sorrisos bobos que me pegavam desprevenida enquanto eu pensava sobre o que estava acontecendo.

Por uma vez em muito tempo, permiti-me aproveitar aquela atmosfera sem me sentir culpada ou pressionada a tomar alguma decisão imediata que definiria alguma parte de meu futuro. Eu me senti… Livre.

Sentei-me à mesa ainda preenchida por emoções que ansiavam que aquele momento jamais chegasse ao fim. Fazia tantos anos desde que eu não me sentia tão à vontade com alguém, sem preocupações a respeito de ter que filtrar minuciosamente minhas frases ou me preocupar com gestos ou comportamentos que poderiam ser mal compreendidos e gerar transtorno.

— Ben, eu não sei se é o mesmo para você, mas nem parece que ficamos tantos anos sem nos vermos. Olhe para nós, agimos como se ainda fôssemos melhores amigos que se veem cotidianamente.

— Graças a Deus, algumas coisas nunca perdem a sua essência e, como diria você, sou demasiadamente grato por isso, sabia? Aliás, você ainda tem aquela pulseira que eu te dei no seu aniversário de quinze anos? É ela no seu braço, não é? Não acredito! Jurava que você já teria jogado ela fora a esta altura.

Balancei o pulso de modo que os pingentes fizeram um leve tilintar ao bater uns nos outros delicadamente.

— Eu jamais faria isso! Confesso que não a uso todos os dias, pois tenho medo de perdê-la, mas ela segue muito bem cuidada.

— Deixe-me ver esses outros pingentes? Onde arrumou eles?

— Alguns eu ganhei, outros comprei, mas todos representam momentos ou pessoas importantes para mim, como as viagens e meus melhores amigos.

— E ninguém fica inseguro, por você ainda carregá-la? Quero dizer, por ter sido um presente meu.

Engoli em seco. De fato, eu particularmente não havia comentado sobre o assunto, entretanto, àquela altura eu esperava que Benjamin já soubesse sobre o meu término com Thomas. Afinal de contas, anos se passaram desde então, e não era provável que ele não tivesse escutado ao menos alguns boatos por parte de sua mãe ou de nossos amigos em comum. Levantei as sobrancelhas e o encarei, mostrando uma expressão desconfiada.

Ele era esperto demais para não possuir aquela informação, além disso sua frase havia sido elaborada de maneira extremamente genérica, como quem "joga verde para colher maduro" faria. Assim, em um estalo, eu percebi e tapei a boca para esconder minha risada de forma falha.

— Eu captei o que está especulando, senhor Benjamin. E não. Não há ninguém que se sentiria inseguro devido à pulseira, até mesmo porque não há um indivíduo que ocupe essa posição em minha vida, por enquanto.

Ele concordou com a cabeça enquanto colocava mais uma garfada de macarrão na boca. Reparei que ele se encontrava inquieto por alguma razão.

— Helena, faz muito tempo que não vou à Polônia. Como andam as coisas por lá?

— Totalmente diferente de quando éramos adolescentes, Ben! As últimas eleições trouxeram esperanças para mais mudanças positivas. Novos comércios surgiram e a economia melhorou demasiadamente. Claro, nem tudo é perfeito, mas ela está irreconhecível em diversos aspectos. Mas você já sabia disso, certo? Afinal, sua família ainda mora

lá, não é?

— Eu ouvi algumas notícias na televisão e também vi pessoas comentando sobre, mas nada muito aprofundado. Na verdade, minha mãe voltou para a Itália há alguns anos e, desde então, não retornei para Lublin. E a sua família, como vão o sítio e as plantações?

— Tudo vai cada vez melhor, Ben! Meus pais estão envelhecendo juntos e felizes, você precisa ver a alegria que irradia deles quando estão juntos. Meu pai tornou-se um horticultor reconhecido na região e minha mãe saiu do emprego para se dedicar exclusivamente à pousada. Aliás, eu nem te contei, mas eles transformaram o sítio em uma das grandes. Segundo eles, havia muitos quartos sobrando na casa para apenas duas pessoas, então fizeram algumas reformas e abriram uma pousada muito aconchegante.

— Que maravilha, Helê. Qualquer dia preciso conferir essas transformações, me leve junto em sua próxima visita. Aliás, como vai a Dona Aurora? Você só citou seus pais, ela mudou de país? Foi para a Rússia com o Theodor e Ísis? Vi que ele apareceu em uma entrevista na televisão um dia desses.

— Ah, você não soube? Minha avó agora é uma linda estrelinha, desde que ela faleceu, em decorrência de problemas respiratórios.

— Nossa, eu não tinha a menor ideia. Sinto muito por tocar nesse tema, deve ser difícil para você, Helê.

— Às vezes a saudade aperta tanto que chega a doer, Ben. Principalmente porque não tive muitas oportunidades de aproveitar horas seguidas ao seu lado desde que me tornei correspondente estrangeira, só quando visitava Lublin em algumas oportunidades ao decorrer do ano. Isso me machuca um pouco, mas eu possuía pleno conhecimento sobre

isso quando aceitei a proposta.

— Eu te compreendo completamente, Helê. Morro de medo ao pensar que minha mãe possa passar por alguma situação difícil enquanto estou jogando. Mas é isso: eu não conseguiria seguir a carreira no hóquei em Lublin e nem na minha cidade natal, na Itália. Ligo para ela com bastante frequência, mas acho que você compreende que estar presente pelo telefone nunca vai ser a mesma coisa.

— Nem me fale, Ben. Escolher o rumo de nossa própria estrada infelizmente tem essa consequência: abrimos mão de acompanhar cotidianamente os passos daqueles que são especiais para nós, não sendo mais capazes de ajudar de forma prática e imediata a retirar as pedras do caminho, ou mesmo de ter a garantia de estarmos presentes para nos despedirmos quando as pessoas que amamos encontrarem o fim de suas trilhas. Digamos que eu definitivamente entendo o porquê de tantos indivíduos se recusarem a seguir profissões como as nossas, embora eu não carregue arrependimentos na bagagem.

Suspirei, deixando que minhas mãos repousassem suavemente em meu colo.

— Enfim, tudo está se encaminhando agora. O que me conforta é saber que minha avó reencontrou o vovô Wicenty e que agora ambos podem seguir suas eternidades contando com a companhia do outro. O meu coração aquece com essa consciência.

— Exato, Helê! Dona Aurora era uma pessoa maravilhosa, tenho absoluta certeza de que ela está em um lugar que merece sua presença.

— São essas as minhas esperanças, sabia? Mas o que está achando do jantar? Eu particularmente adorei, mesmo que a primeira versão do macarrão tenha sido arruinada por um certo jogador de hóquei no

gelo.

— Assim como sua beleza, sua graça também nunca acaba, não é mesmo?

— Justamente – dei uma piscadinha para ele, fingindo não sofrer abalo algum com o elogio escondido na frase. Ou talvez estivesse explícito mesmo.

— Sobre a comida: está maravilhosa. Mas a melhor parte é estar com você.

Inesperadamente, ele pegou minha mão, que agora repousava sobre a mesa, e seguramos o olhar um do outro sem desviar.

— Eu sei que estou alguns anos atrasado e que deveria ter te procurado antes, porém não achei oportunidade enquanto você e Thomas namoravam. Minha mãe me contou sobre o fim do noivado, mas você simplesmente sumiu do radar logo depois. Além disso, não era do meu desejo te importunar após o fim de um relacionamento de longa duração. Eu almejava que as coisas fluíssem de forma natural e, como não nos reencontramos mais, eu aceitei que apenas não era para ser.

Meu coração pulou uma batida e eu permaneci estática enquanto prestava atenção em suas palavras, mas não recuei a mão que ele segurava gentilmente. Então Ben tirou um envelope antigo de seu bolso e colocou em cima da superfície da mesa.

— Pretendia te enviar anos atrás, alguns meses depois que me mudei para a Rússia e trocávamos cartas vez ou outra, mas você e Thomas começaram a namorar e eu… Enxerguei que não possuía o direito de tentar estragar aquilo. Decidi dar espaço ao relacionamento de vocês dois, me afastando.

Abri o envelope com cuidado, inundada de emoções, e li o conteúdo da carta sem pronunciar os parágrafos em voz alta.

Helena,

Sei que ultimamente existe um distanciamento notável entre nós e que talvez você esteja confusa a respeito disso, assim como eu.

Como você já sabe, terminei meu namoro com Elizabeth há alguns meses e minha cabeça tem estado uma bagunça desde então. Não porque sinto a falta dela, e sim exatamente pelo contrário. Digo, seria capaz de me explicar o porquê da sua ausência provocar mais impacto do que a dela?

Você é uma grande amiga para mim, e eu sempre vou te apoiar independentemente de suas decisões, simplesmente para ser privilegiado ao ver sua felicidade. O que, no meu ponto de vista, é inclusive meio arriscado em determinadas ocasiões, pois perco um pouco de meu bom senso e percepção de perigos óbvios ao seu lado, e isso é desde a infância.

Agradeço ao Criador por conhecer uma menina tão incrível e maravilhosa quanto você, porém também gostaria de questioná-lo sobre o porquê de nenhuma outra pessoa preencher o meu peito da mesma maneira que você faz. Eu devo ser um romântico ligeiramente tolo mesmo, pois não aprendi a superar minha paixão adolescente: você.

Não importa por qual perspectiva eu tente enxergar, não imagino outra garota que combinaria mais comigo. Todavia, não gaste seu tempo se enchendo de preocupações, como eu sei que provavelmente fará se eu de fato tomar coragem e entregar esta carta na agência de correios. Você já respondeu às minhas declarações na adolescência e não tem a obrigação de mudar de ideia.

Se o romance não for feito para existir como gênero de nossa história, ficará tudo bem, pois, definitivamente não me transformarei em um daqueles perseguidores estranhos que não seguem suas vidas após uma rejeição.

Estou tocando a minha vida adiante, assim como você. Somente citei o tema nesta carta para te deixar ciente de que, neste momento, eu ainda sou seu caso deseje ser minha também. Por mais embaraçoso que essa ideia possa soar, bem… Ela é verídica.

Possuímos tantos motivos para desistir, e talvez eu devesse levá-los mais em consideração, quem sabe? Entretanto, não vejo razão para ocultar as emoções, se isso pode gerar arrependimentos no futuro. O máximo que pode acontecer é eu receber um "não", portanto vale o risco.

Aliás, como estão as coisas por Lublin? O meu treinador disse que tem uma chance de eu ser selecionado para participar dos Jogos Olímpicos de Inverno no próximo ano, você não imagina a amplitude da animação que me consome ao pensar nisso. Pretendo me esforçar ainda mais para que ele continue a pensar assim. Queria que você pudesse estar presente lá, acredita? E quanto a você, alguma novidade?

Com carinho,

Ben

Inesperadamente, terminei a leitura sem nenhuma pressão nos ombros, pois o que me preenchia era alívio e alegria. Solitárias lágrimas brotaram ao passo que minha ficha caía e eu contatava que sentia exatamente o mesmo por ele. Todas as nossas interações nos últimos dias, inclusive durante o jantar e sua preparação, provavam que as emoções transmitidas por aquela folha de papel ainda eram completamente ver-

dadeiras, assim como a reciprocidade por minha parte.

Algum singelo sensor em meu subconsciente apitava mostrando que aquilo era amor. Um sentimento que crescia discretamente, não era passageiro e nem se extinguia com o tempo e as dificuldades da nossa trajetória. Um amor que podia até ficar escondido, mas que sempre voltava à tona. Ele não enfraquecia pela consciência dos defeitos da outra parte, sabia perdoar, esperar e, acima de tudo, respeitar.

Enxuguei minhas bochechas e abri um sorriso enorme e sincero. Decretei que, desta vez, eu tomaria uma atitude e faria o pedido. Estava exausta de aguardar sentada até que as respostas caíssem em meu colo.

— Literalmente, "meu Ben", você aceitaria viver comigo um romance adolescente? De preferência daqueles que terminam com os dois velhinhos ainda ao lado um do outro?

— Embora já tenhamos trinta e cinco anos de idade, os jovens sempre dizem que nunca é tarde, não é?

Decretamos oficialmente o início de nosso namoro e passamos várias horas conversando aconchegados com uma manta no sofá, ignorando qualquer que fosse o programa apresentado na televisão, preenchendo o apartamento com risadas. Mesmo Barth demonstrava estar feliz ao nos observar apoiado no braço do sofá.

Ele foi embora e eu fechei a porta. Quando tive certeza absoluta de ouvir o som do elevador levando-o para o térreo, soltei um leve grito de alegria e apertei meu papagaio em um abraço enquanto beijava o topo de sua cabeça, com carinho. Havia tanto tempo desde que eu me sentia tão esperançosa a respeito de romances.

Comecei a arrumar o apartamento enquanto refletia, porém saí

de meus devaneios ao escutar um nome muito familiar na televisão. O apresentador falava de Theodor, que agora era um cosmonauta ainda mais reconhecido na Rússia. Se não estivesse enganada, sua fama havia crescido principalmente depois de 1986, quando ele foi tripulante na Estação Espacial Russa MIR. Theo estava participando de uma entrevista, que estava sendo reprisada no programa, onde era questionado sobre detalhes da vida no espaço. Naquele instante ele estava falando sobre a alimentação, como as comidas desidratadas eram preparadas, se o gosto delas era bom e como era beber água e outros líquidos. Ele respondeu:

— Como todos sabem, as pizzarias e restaurantes da Rússia não fazem entregas no espaço por enquanto. Por isso, previamente à nossa partida, nós cosmonautas precisamos abastecer a nave com alimentos especialmente preparados e embalados para o consumo fora da Terra. A grosso modo, esses "quitutes" espaciais precisam possuir uma longa validade e serem de fácil preparação, ou seja, nem sempre o gosto é colocado como prioridade, o que eu particularmente acho uma pena.

Risadas ecoaram da plateia.

— A respeito da água, vocês têm absoluta certeza de que desejam saber sobre isso?

As pessoas que assistiam pessoalmente a entrevista falaram que sim, assim eu fiquei curiosa e me sentei no sofá para prestar mais atenção.

— Digamos que não é simples e nem barato para que o pessoal aqui na Terra fique fazendo viagens espaciais para abastecer nossos reservatórios de água, portanto existem alguns meios que diminuem o número de vezes que precisam nos levar água. Na MIR especificamente era através de um tratamento que aproveitava o nosso suor, entretanto também existem tecnologias que permitem separar as impurezas da uri-

na para reaproveitar a água presente nela, que se torna potável após o processo.

Franzi o cenho em uma careta ao obter aquela informação. Definitivamente cada profissão tinha suas desvantagens.

Terminei de arrumar o apartamento rapidamente para que desse tempo de matar a vontade de falar com o meu irmão pelo telefone. Eu não fazia ideia de que horas eram lá na Rússia por conta do fuso horário, que era distinto do Canadá, mas não me importei.

— Alô! Theo? É você?

— Oi, tia – meu sobrinho havia atendido.

— Oi, Valentin! Como você está? Poderia chamar seu pai para mim, por favor?

— Estou bem, tia! Graças a Deus. Espere só um pouquinho que ele já vem, está dando banho na Celeste agora.

Aproveitei para conversar com Valentin enquanto meu irmão não vinha. Ele era bastante inteligente, mesmo tendo apenas dez anos de idade, o que não me surpreendia, tendo em vista as profissões e intelecto dos pais.

— Oi, Helena! Como você está?

— Theo! Que saudade de você! Não vejo a hora de visitar você e a Ísis novamente! Estou ligando, pois acabei de ver sua entrevista na televisão. Foi incrível! Parabéns!

— Obrigado, Helê. Ah, desculpe pelo barulho, Celeste acabou de

sair do banho e está meio nervosa por eu tê-la tirado da água. Às vezes eu acho que ela é um peixe, certeza que vai querer cursar Oceanografia.

— Então é por isso que decidiu trabalhar no espaço, longe dos oceanos, porque não gosta de banho, Theo?

— Se fosse assim, minha irmã mais nova seria a cosmonauta da família, infelizmente.

— Engraçadinho. Mas ela é uma fofa! Já deve ter crescido um monte nesses últimos meses!

Fiquei em silêncio por alguns segundos, ponderando se contaria ou não para o Theo sobre o Benjamin.

— Helê, você está aí?

— Oi? Estou sim, apenas me distraí com a correspondência.

— Mas não é madrugada no Canadá? Tenho certeza que os carteiros não passam nesse horário, a não ser que tenham modificado essa logística.

— Enfim, Theo, tenho uma novidade para você.

— E qual seria?

— Benjamin e eu estamos juntos! Começamos a namorar hoje!

— O quê? Como isso aconteceu? Você não comentou nada a respeito dos dois estarem saindo. Como foi esse reencontro?

— Então, foi de uma forma ligeiramente aleatória, você não acreditaria. Eu comprei um carro novo, inclusive você vai adorar meu

Porsche vermelho, enfim…

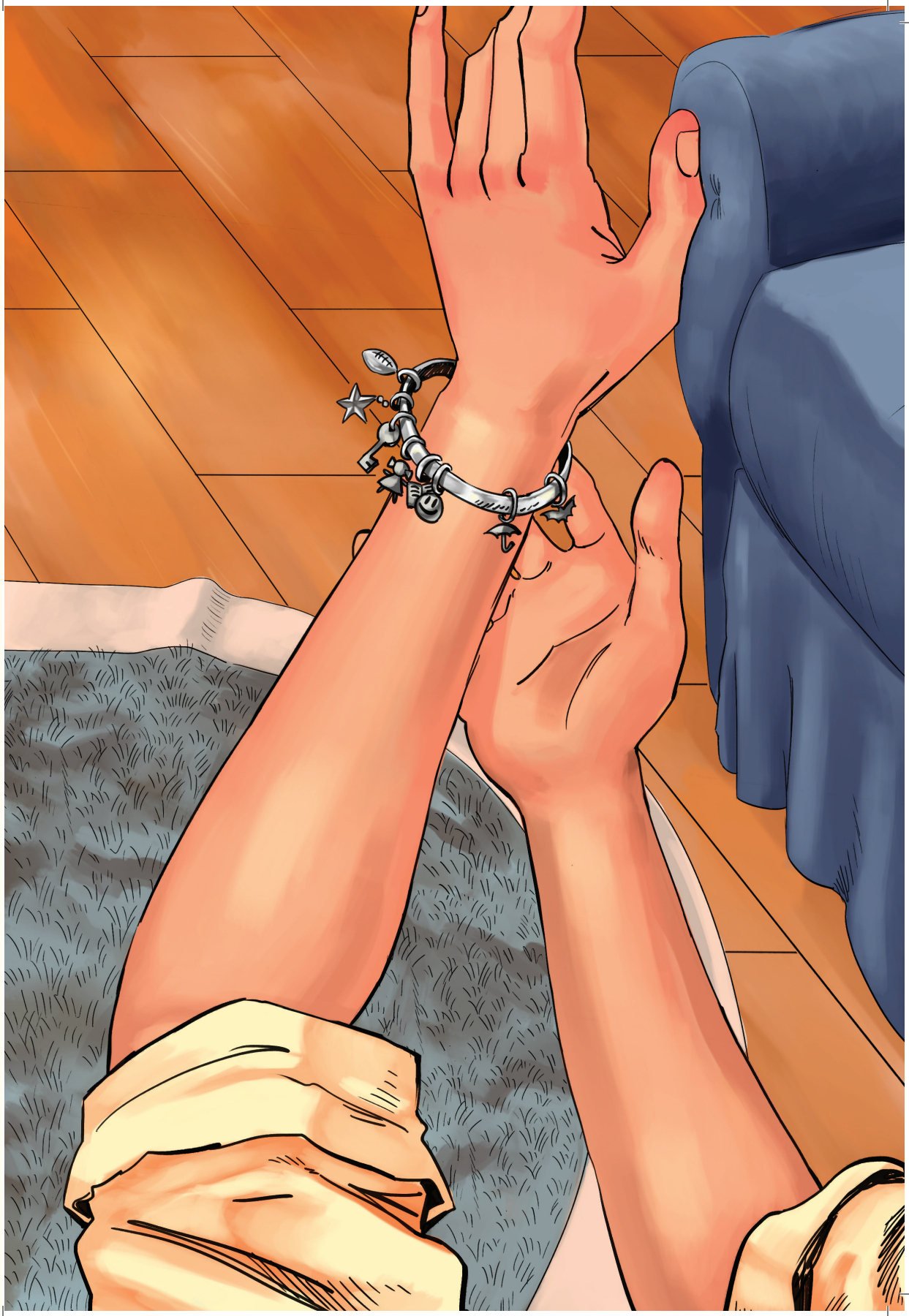
Contei a ele um breve resumo da novela, que demorou tempo considerável, tanto que Celeste adormeceu no colo de meu irmão em um determinado momento.

— Nossa! Realmente foi obra de Deus, não é possível que seja apenas coincidência. Admito que quando éramos menores eu sempre achei que vocês ficariam juntos, mas abandonei a ideia depois que você e ele começaram a viajar pelo mundo.

— Pois é, Theo. Acho que não havia dado certo antes, pois não era o tempo, sabe? Imagine como seria complicado lidarmos com a separação e distância antigamente? Não acho que teríamos maturidade para isso, portanto acabaríamos estragando tudo. Mas eu vou indo, irmão. Não sei como faz as contas a respeito do fuso horário tão rapidamente, mas aqui de fato é madrugada e eu preciso dormir. Até outro dia. E não esqueça que suas ligações são sempre bem-vindas.

— Igualmente, Helena.

Nos despedimos e eu desliguei, indo aproveitar um banho demorado e quente antes de descansar.



15

Outono inesquecível

O outono chegou, trazendo suas belas paisagens e também a ocorrência do dia 11 de novembro, ou *Remembrance Day*, no Canadá.

Nessa data, comemorada em vários outros países, as pessoas fazem dois minutos de silêncio com o objetivo de homenagear os combatentes que deram suas próprias vidas pelo país nas guerras.

Além desse significado, os passeios pelas ruas também são muito bonitos, visto que papoulas, ou *poppy* como eles falam em inglês, são usadas por todos os cidadãos em suas roupas, geralmente representadas por um broche, no formato da flor, posicionado no peito.

Estava animada para ver a prefeitura da cidade com Benjamin, pois ela estaria toda enfeitada para o evento planejado para o feriado. Eles convidavam os cidadãos para prestar os seus dois minutos de silêncio lá, perto das onze horas da manhã. Eu queria muito levar Barth, mas não seria possível, pois eu não sabia se era permitido levar animais.

Embora eu tivesse oferecido uma carona para o Ben, em meu carro, ele se prontificou a me buscar em meu apartamento, visto que da última vez eu o havia levado para o café. Não foi fácil me convencer, porém meus argumentos acabaram quando ele disse brincando que realmente precisávamos chegar antecipadamente. Dei um fraco soquinho em seu braço, fingindo estar ofendida pela insinuação de que eu me atrasaria, mas aceitei desde que eu dirigisse, portanto ele aceitou o acordo.

Dessa forma, assim que o ponteiro do relógio marcou o horário combinado, ele chegou e nós pegamos a estrada. Ben se encontrava extraordinariamente bonito em sua roupa casual, com um broche de papoula perto do coração.

A prefeitura estava deslumbrante, toda enfeitada com papoulas e tecidos brancos, para representar a paz. Passei suavemente as mãos na

saia de meu vestido verde-claro que havia comprado em uma de minhas viagens a trabalho, eu me sentia radiante com ele.

— Helê, eu já te deixei ciente de que você é muito linda?

— E eu já afirmei que você está parecendo um príncipe contemporâneo hoje?

— Digamos que eu peguei algumas dicas de moda com a minha sogra ontem.

— Então foi para isso que você pegou o telefone de casa, semana passada! Olha, daqui a pouco eu desconfio que você vai conversar mais com a minha mãe do que eu.

— Não é minha culpa que ela goste tanto de mim, esse privilégio é para poucos.

— Por outro lado, pelo meu pai, o ideal seria que eu me tornasse uma senhora de idade solteira, para que ele ficasse feliz. Eu conseguia imaginar as rugas se formando em sua testa enquanto eu contava sobre nosso relacionamento para ele pelo telefone, pagaria muito caro para ver sua reação pessoalmente.

— Possuíamos a alternativa de dar a notícia quando fôssemos a Lublin, mas…

— Demoraria tanto – afirmamos em coro.

E eu me sentiria como uma traidora se escondesse esse fato durante nossas ligações. É uma informação tão relevante, sabe? Ah, como foi a reação de sua mãe? Acabei nem perguntando sobre isso.

— Você teria adorado ouvir o grito de animação dela, afirmando que já sabia desde que éramos pequenos que íamos ficar juntos, embora ela já tivesse perdido a paciência depois de tantos anos. Ah, ela também puxou minha orelha, exigindo que fôssemos visitá-la o mais "imediatamente" possível – ele riu baixinho consigo mesmo.

— Acho que nunca fui à Itália, acredita? Eu poderia negociar com o jornal para que minha próxima viagem fosse por aqueles lados. É claro que eu não pararia por um longo período em uma mesma cidade, mas tranquilamente daria para reservar alguns dias pelos arredores de sua casa lá.

— Eu estava pensando em sugerir alguma proposta parecida com essa ideia, acredita? Cogitei marcar uma viagem para lá em algumas semanas, mas ainda não comecei o planejamento. Além disso, eu poderia ser o seu guia pelos principais pontos turísticos de lá, ou mesmo por aqueles que não são tão conhecidos e lotados de pessoas. Aposto que renderia fotos excelentes.

— Agora nós estamos falando no mesmo idioma e você está raciocinando como jornalista, Ben! Sem falar que eu não domino muito o italiano, então sua ajuda seria mais que bem-vinda. Veja, todos estão indo naquela direção, vamos segui-los.

— Achei que você, sem dúvida nenhuma, traria a sua câmera hoje, sabia?

— Fui esperta hoje! Um novo fotógrafo fará as fotos do feriado e eu escreverei a matéria depois. O que é ótimo, pois ele tem muito potencial e precisava de uma oportunidade para mostrar o seu trabalho em uma matéria grande, enquanto eu necessitava de uma folga. Dois coelhos com uma cajadada só, como diria meu pai.

— Muito astuto de sua parte – ele beijou minha cabeça com carinho e nós fomos acompanhar a programação do evento.

Logo após a homenagem, fomos passear pelo parque da cidade. Aparentemente, o clima agradável fez com que os cidadãos saíssem mais alegres de suas casas, pois todos pareciam contentes ao caminhar pela paisagem cheia de folhas avermelhadas nas árvores e no chão, inclusive fiquei encantada ao notar que a maioria realmente levava o evento a sério, pois muitos carregavam broches de papoula, semelhantes ao meu, em suas vestimentas.

Sentamos em um banco de madeira e conversamos sobre diversos assuntos enquanto saboreávamos alguns *bagels*, um pãozinho recheado com o formato parecido com o das rosquinhas, juntamente com dois copos quentinhos de chá.

Era muito interessante descobrir o quanto as pessoas se metamorfoseavam conforme o decorrer da vida, e que mesmo os indivíduos casados há décadas precisavam constantemente se adaptar às transformações de seus parceiros.

Benjamin e eu ainda não estávamos unidos pelo matrimônio, mas eu esperava que, quando isso ocorresse, nós jamais nos esquecêssemos de seguir agindo como se tentássemos conquistar um ao outro diariamente. Não que eu estivesse pensando em casamentos ou coisas assim, por enquanto.

Encostei a cabeça em seu ombro e refleti como tinha percebido, com o vai e vem dos assuntos e o decorrer das últimas semanas, que nós dois éramos indivíduos completamente distintos do que um dia fomos na adolescência, e o mais impressionante era que aceitávamos isso. Quando ele afirmava que me conhecia, não era como se considerasse que minha personalidade era inalterável, e sim como se ele fosse ten-

tando descobrir novos aspectos e complexidades a cada encontro. E isso fazia com que aquela frase fosse verídica.

— Você acha que formamos um bom casal, Ben? – sussurrei com os olhos fechados.

— Para mim, não há melhor. Mas faltou um "meu" antes do "Ben" nessa pergunta, na minha humilde opinião.

— Você não se sentiria envergonhado se eu te chamasse de "meu bem" em frente às outras pessoas? Quero dizer, pelo duplo sentido na expressão? Não parece algo que aqueles casais melosos fariam e os outros olhariam estranho?

— Ninguém vai saber se não contarmos o que significa. Assim, vai soar apenas como uma forma comum de chamar o companheiro, aos ouvidos dos outros. Manteremos a "melosidade" do nosso relacionamento em segredo, só nós precisamos saber desse detalhe.

Ao fim da tarde, estávamos morrendo de fome, afinal de contas, não havíamos feito nenhuma refeição completa até o momento. Então paramos em um lindo restaurante, com uma bela vista para o pôr do sol.

A música ambiente era perfeita, e vários outros casais apaixonados ocupavam as mesas ao nosso redor.

— Meu bem?

Ele levantou a cabeça, surpreso e com a inesperada iniciativa.

— Você me concede esta dança?

— Com certeza!

Estendi a mão para ele e nós fomos para o centro do salão, onde o som do violino era responsável pela composição da bela melodia que ressoava. Eu havia demorado um pouco para encontrar o amor, mas estava valendo cada minuto de espera.

Enquanto dançávamos próximos um ao outro, eu contemplava o brilho daquele momento e me sentia a mulher mais amada do mundo. Definitivamente aquela seria uma memória que eu carregaria com muito carinho.

No período da tarde do dia seguinte, fui até o jornal para entregar minhas recentes matérias e fotografias. Para o meu alívio, o jovem rapaz havia realizado um excelente trabalho no *Remembrance Day*, de forma que as imagens se encaixaram perfeitamente com o texto.

Caminhei com passos leves pelo prédio, demasiadamente animada por conta do recente início de meu relacionamento. O jornal havia crescido tanto desde que eu era mais nova, a ponto de eu não desejar migrar para uma empresa maior, embora já tivesse recebido algumas ofertas. Agora, além de trabalhar no conteúdo das revistas, eu também possuía uma parcela do horário nobre na televisão para a apresentação de algumas de minhas reportagens, onde mostramos lugares interessantes pelo mundo, de forma mais detalhada.

Eu me sentia orgulhosa pela evolução de minha carreira. Havia conquistado uma independência financeira muito satisfatória e não precisava me prender a um local ruim por conta da necessidade, muito pelo contrário, eu era boa no que fazia, portanto a companhia me valorizava. Minha remuneração era mais que suficiente e eu ficava tranquila ao pensar que eu poderia aproveitar minha velhice tranquilamente quando ela batesse à porta, afinal de contas eu guardava e investia parte do meu dinheiro para isso.

Meu novo chefe se chamava Patrício, ele era o responsável pela sede do jornal, que ficava ali no Canadá, perto do estádio que descobri ser palco dos treinamentos de Ben. Além dele, eu podia contar com uma equipe maravilhosa que era constituída pelo meu assistente Naith, o câmera John e pelo técnico Eduard.

— Boa tarde, senhorita Helena. Vejo que trouxe algumas novidades para nós. Soube que tivemos um aumento no número de espectadores na última reportagem, isso é ótimo.

— Nem me fale, senhor Patrício. Mas as filmagens do John ficaram sensacionais, ele se superou da última vez. Será que isso ajudou a chamar a atenção do público? Você já imaginou que um dia teríamos tantos espectadores de outros países? Falando nisso, ainda hoje ou amanhã eu já consigo dar uma olhadinha nas dublagens que foram gravadas. Eu espero que o senhor tenha caprichado na voz da moça escolhida para me dublar desta vez. A última foi um desastre.

— Nem me fale! Ela conseguia ter a voz mais fina que a de uma criança, o meu estagiário Frederick bem que me disse que era uma péssima ideia aceitar indicações de familiares dos funcionários. Coitada da menina! Estava desesperada por um emprego e achou que, só porque sabia o idioma, seria fácil representar alguém, então implorou ao tio que a indicasse. Mas admita que ficou engraçado, você toda séria com uma voz infantil.

— Engraçado?! Não tivemos tempo de contratar outra pessoa e a Glória ficou rindo de mim por uma semana. Ela GRAVOU a cena na televisão. Eu pergunto ao Criador o porquê de ela estar trabalhando em Portugal bem no mês em que isso aconteceu. Depois daquilo eu quase cogitei entrar em um curso de português, para aprender o idioma e nunca mais passar por aquilo. Mas é tão complicado! E eu ia viajar na outra

semana, então não tinha espaço no calendário para as aulas.

— Ai ai, bons tempos! Pena que ela está de férias agora. Por onde será que anda a Glorinha? Você havia comentado algo sobre a Europa, é isso?

— Sim, ela foi para Portugal com o Renan, para visitar a família dele. Quem imaginaria que ela conheceria seu futuro marido naquela mesma viagem?

— E que eles teriam um casal de gêmeos. Lembra-se de quando ela veio apresentar as crianças aqui no prédio? Fizeram sucesso! São duas fofuras com a cara da mãe. Será que eles já completaram um ano?

— Pelas minhas contas, a Asa e o Aslan estão com uns oito meses ainda. Mas, voltando ao assunto, o senhor já pensou na possibilidade da minha equipe explorar a Itália em alguma posterior edição da revista?

Marcamos uma reunião para conversar mais detalhadamente sobre a Itália, entretanto eu me encontrava relativamente confiante que o Patrício aceitaria a proposta e começaria a trabalhar em um excelente planejamento com vários pontos turísticos para escrevermos sobre e até gravarmos para a televisão. Afinal de contas, eu não apresentaria a proposta vagamente e com as mãos vazias. Na realidade, eu tinha iniciado uma lista de argumentos sobre isso naquela manhã e ela aparentava estar sendo construída de forma convincente, englobando até mesmo aspectos financeiros e possíveis custos inesperados durante o trajeto.

Nos despedimos e eu fui pegar um café antes de ir para casa, quando de repente me deparo com Ester, a menininha que era dona de um cachorrinho que conheci na infância e que já havia falecido pela idade, cruzando o corredor.

— Ester?! Você por aqui? O que te trouxe até o Canadá?

— Helena! Eu não acredito que nos encontramos! Tudo bem? Hoje é meu primeiro dia como estagiária no jornal. Vou trabalhar como fotógrafa agora. Faz um ano e meio desde que me mudei para o Canadá.

— Que ótimo, Ester! Que bom que temos a chance de nos reencontrarmos, não é?

— Você me inspirou a seguir essa profissão, sabia? Eu gostaria muito que você me ajudasse com algumas dicas, afinal de contas, com toda essa experiência, você deve ter muito conhecimento para compartilhar.

— Eu ajudo sim, Ester, em tudo que eu puder. Eu sei bastante sobre isso, mas vou te apresentar ao John, ele tem um entendimento bem mais aprofundado nessa área, acredito que irá adorar conhecê-lo. Ah, você já foi apresentada ao mascote do prédio? Cuidamos de um gatinho que eu resgatei em uma de minhas aventuras, o seu nome é Tito. Não há um funcionário sequer que não seja apaixonado por ele, inclusive eu queria levá-lo para casa, mas tenho um papagaio, então não soou como a melhor das ideias.

— Eu imagino – ela cobriu a boca para esconder uma risada sutil – isso por acaso aconteceu durante aquela ocasião em que você escreveu a respeito dos animais abandonados nas ruas de Lublin?

— Exatamente! Vejo que realmente está atenta aos projetos do Plátano News, esse é o espírito! Enfim, eu preciso ir embora para planejar alguns detalhes de um evento que teremos em breve, então qualquer dúvida você pode me ligar ou falar com o restante da equipe. Até breve, Ester.

— Tchau, Helena. Obrigada e boa sorte com essa atividade!

Enquanto dirigia meu Porsche vermelho de volta para o apartamento, Anna e Laura vieram à minha mente. Ambas ainda moravam juntas e não tiveram muita sorte no amor até a última ocasião em que nos falamos. Talvez eu telefonasse para a casa delas na próxima semana para perguntar se elas teriam uma brecha na agenda para debatermos as novidades. Eu rezava para que as três possuíssem um horário em comum, pois com a clínica veterinária de Laura a todo vapor, o emprego de Anna no noticiário local e a minha rotina incerta, planejar nossos encontros, mesmo que à distância, era sempre um caixinha de surpresas.

Entrei no apartamento e parei para observar um retrato de minha família, que estava em uma mesinha, ao lado de um vaso de plantas. Então um aperto de saudade me pegou desprevenida e eu percebi que já fazia quase uma semana desde a última vez que eu ligara para eles. Assim, fui até a cozinha para comer algo e, logo em seguida, peguei o telefone correndo e disquei o número.

— Olá! Mãe? Pai?

Falei ansiosamente assim que o aparelho indicou que alguém havia atendido a ligação.

— Oi? Quem está falando?

Surpreendi-me com a voz do indivíduo que havia me respondido. Era um menino, e não fazia sentido outra pessoa ter acesso àquele telefone, afinal de contas aquele número era o particular de minha casa e não possuía nenhuma ligação com os números para os quais possíveis clientes podiam ligar para adquirir informações.

— Sou a Helena, filha da Kataryna e do Bartolomeu, eles estão?

Com quem eu estou falando, por favor?

Comecei a me questionar se eu não teria discado algo errado, por conta da emoção.

— Ah, eu sou o novo filho adotivo deles e também ajudo na pousada. Meu nome é Akin. Então, você teoricamente seria a minha irmã? É meio estranho falar isso, na verdade… Minha ficha ainda não caiu completamente.

Eu e o chão viramos um só ao passo que a minha mente travou devido ao tamanho e inesperado choque, tanto que só consegui dizer:

— Filho? Como assim filho?!

Escutei chiados do outro lado da linha ao passo que alguém pegava o aparelho do menino que afirmou se chamar Akin. Eu ainda me encontrava boquiaberta quando escutei a voz da minha mãe.

— Alô. Quem fala? Helena, é você mesmo?

Alguns segundos se passaram antes que eu organizasse meus pensamentos suficientemente para ser capaz de elaborar alguma resposta.

— Sou eu sim, mãe, a Helena. Eu poderia questionar quem seria esse tal de "Akin" e o porquê de ele afirmar que somos irmãos, sendo que eu não tinha conhecimento de nada disso?

— Ah, é uma longa história, filha. Pretendíamos contar pessoalmente, mas a senhorita arruinou a surpresa. Seu pai vai ficar muito decepcionado ao saber disso – ela deu uma risadinha, como se aquela fosse uma situação cotidiana que podia esperar para ser revelada.

— Mãe, a senhora vai me explicar o que está acontecendo? Não sei você, mas eu acharia importante avisar os filhos se um novo membro se juntasse à família assim, do nada.

Sua risada se intensificou e ela demorou um pouco para se recuperar.

— Calma, que eu vou explicar, filha. O Akin veio da Nigéria, ele tem quatorze anos apenas e é imigrante aqui. Acontece que seu pai necessitava de uma ajuda com a plantação, então acabou contratando ele por meio período para dar uma mãozinha. Já que acabamos interagindo bastante, pois ele sempre almoçava por aqui, descobrimos a sua história, inclusive a parte de ele ser órfão.

— Que horror, mãe. Como um adolescente conseguiu sobreviver sozinho assim? Eu nem imagino como é a sensação de não ter pessoas que te apoiem ao redor.

— Exatamente, Helena, sabia que você compreenderia. Tomara que seu irmão, o Theo no caso, reaja da mesma forma. Estávamos com tanto receio do que vocês falariam. Enfim, deixe-me continuar contando. Bartolomeu e eu acompanhamos a situação dele e quantas dificuldades ele passava, além de sua luta diária e honestidade. Portanto conversamos muito, nós dois sentíamos que as coisas andavam calmas demais por aqui desde que você e Theo foram embora e, bem, digamos que temos bastante espaço sobrando… Então fizemos para Akin a proposta da adoção e ele aceitou. Ainda é muito recente, faz menos de um mês e todos ainda estão se adaptando a isso, mas no geral está dando certo. Desculpe ter ocultado de vocês, mas eu não senti que esse fosse o tipo de novidade que contávamos através de um objeto de plástico ligado na tomada, entende?

Embora aquela informação ainda estivesse sendo digerida por

mim, eu era facilmente capaz de imaginar meu pai e minha mãe sendo levados pelo coração e tomando uma atitude bonita assim, portanto decidi que não havia como criticá-los. Apesar da ocasião ser repentina, não deixava de ser um gesto de muita coragem e amor.

— E como ele é, mãe? Fiquei curiosa para aprender sobre meu… irmão mais novo?

— Ah, Helena. Ele é um ótimo garoto. Mas as vezes eu fico preocupada a respeito do que ele sente quando repara na reação das pessoas, sabe? Eu sei que não tem problema nenhum nisso, mas já que somos fisicamente bem diferentes, é fácil perceber a adoção e muitos indivíduos olham torto por conta disso, nos chamando de loucos e afirmando coisas absurdas, como se fosse perigoso termos ele por perto. Será que ele vai sofrer preconceito? Tanta gente sem noção não respeita os que possuem tons de pele escuros. Meu Criador! É como se eu voltasse àquela fase onde os filhos vão para a escola pela primeira vez, e ficamos com a cabeça inquieta, nos perguntando se farão amigos e assuntos assim.

— Daqui a pouco ele começa com seus primeiros romances também. Imagino que meu pai vai querer arrancar os próprios cabelos.

— Nem toque nesse assunto perto dele, filha. Ainda mais que Akin é alto e bonito! Enfim, tomara que possamos contribuir um pouquinho, abrindo mais portas para ele escolher seu próprio futuro. Queria que seus pais de sangue pudessem ver como ele se tornou um rapaz maravilhoso. Foi realmente uma tragédia eles terem falecido enquanto a família tentava vir da Nigéria para a Europa. O próprio Akin somente sobreviveu, pois se escondeu em uma embarcação na época.

— Como ele conseguiu chegar à Polônia, mãe?

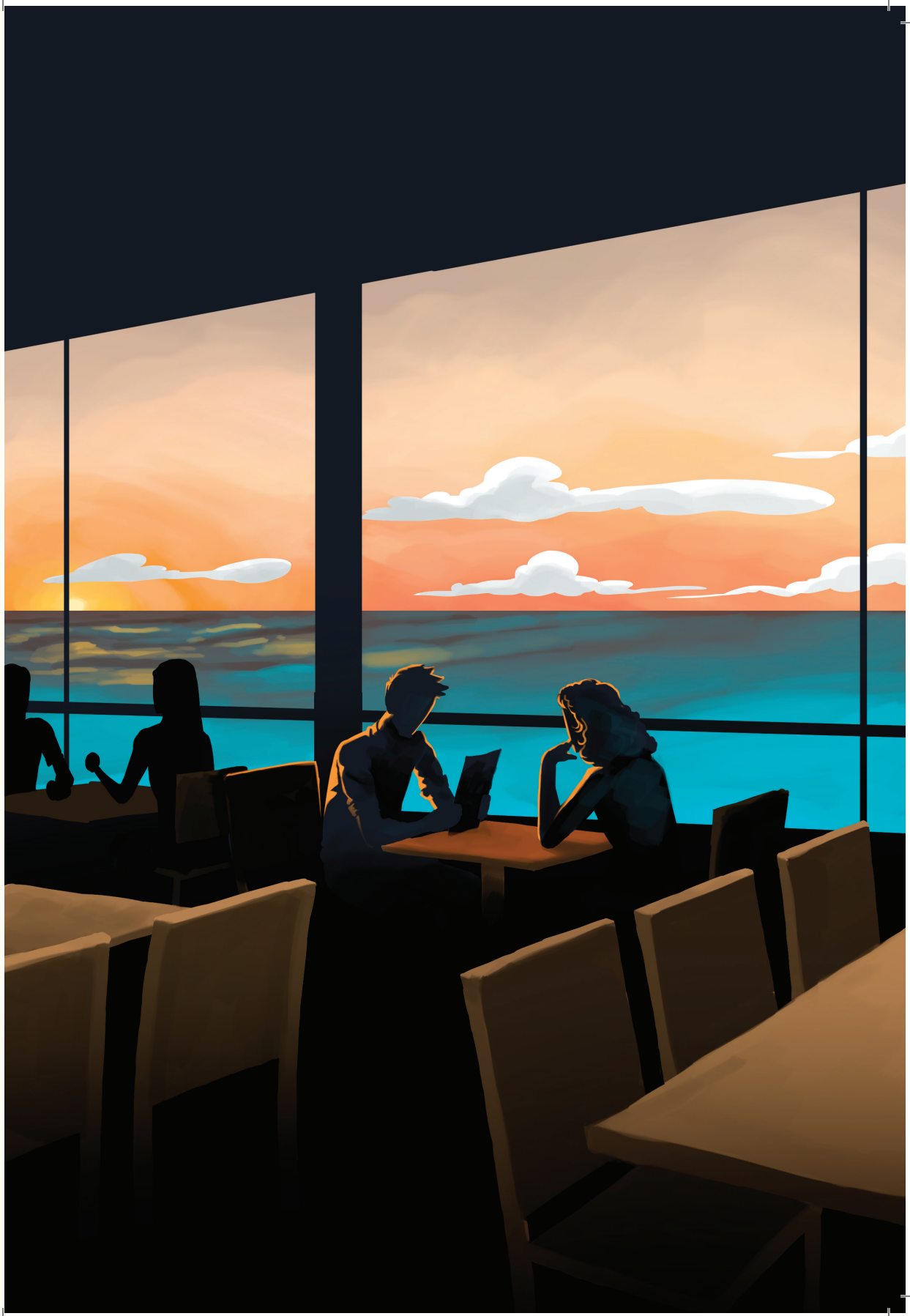
— O Criador abençoou, colocando muitos cidadãos iluminados

em seu caminho, até que ele chegasse na casa da tia, que morava na cidade vizinha de Lublin. Infelizmente a coitada teve um grave problema de saúde há mais ou menos um ano e não aguentou. Foi alguns meses antes disso que ele começou a buscar desesperadamente por trabalho para se manter e também pagar as despesas médicas da tia até seu último dia. Ele é guerreiro, Helena. Você sabe que eu, assim como a sua avó, não deixaria que um desconhecido suspeito, e que tivesse más intenções, invadisse nossa moradia.

— Eu sei – suspirei, lembrando que minha avó afirmou algo parecido quando meu pai entrou em nossa casa fingindo ser um ex-prisioneiro de guerra desconhecido.

— Agora eu quero saber sobre você, filha. Como anda a vida aí na América do Norte com seu jogador de hóquei no gelo? Não vejo a hora de abraçá-la.

Depois de um tempo, meu pai também veio participar, assim passei horas grudada no telefone conversando com os dois e desejando que máquinas de teletransportes já existissem.



16

Juntos até o fim

As flores estavam estupendas do lado de fora e os pássaros criavam uma trilha sonora bagunçada e ao mesmo tempo gentil e agradável aos ouvidos. Eu definitivamente estava amando a primavera de 1993 e o sol que a acompanhava era nosso maior aliado.

Alonguei meus braços preguiçosamente enquanto olhava a paisagem da janela, meus ossos estalaram baixinho com os movimentos, o que me trouxe uma ótima sensação de leveza.

Ao me aproximar da mesa da cozinha, parei por alguns instantes para observar a foto de minha família pendurada na geladeira. Benjamin já havia acordado cedo e saído para a sua corrida matinal, para começar o dia se exercitando, como muitos dos bons atletas. Admirava toda aquela disposição, pois ele permanecia com aquele costume mesmo no inverno, sem reclamações. Eu, por outro lado, me contentava em dar um abraço em meu marido e depois voltar a dormir por mais alguns minutos.

Embora eu também fosse habituada em levantar antes do sol durante as viagens, para me preparar, juntamente com minha equipe, antes de nos deslocarmos para o cenário das próximas matérias, quando eu arranjava uma oportunidade de passar algumas semanas em nossa residência oficial, no Canadá, eu aproveitava cada minuto de paz e chances de acordar mais tarde.

Aventuras eram simplesmente incríveis e também detentoras de alguma habilidade mágica e misteriosa de fazer com que os dias que passávamos em casa fossem demasiadamente aconchegantes e viciantes.

Perdi-me ligeiramente dentro de meus devaneios, refletindo a respeito de como aquele lugar era literalmente meu lar, pois despertava aquelas mesmas emoções acolhedoras e confortáveis que eu tinha ao

lembrar do tempo em que morava com minha família. Talvez fosse por conta de Benjamin, meu coração se aquecia toda vez que eu notava e constatava para mim mesma o fato de viver o romance do jeitinho que eu sonhava, um que era verdadeiro e incondicional. Embora minha imaginação adolescente não tivesse previsto a saudade e as complicações que a distância provocaria, além dos singelos desentendimentos cotidianos, que sempre eram resolvidos com base no diálogo, onde trabalhávamos arduamente até chegar em um consenso.

Em minha percepção, eu aparentava ser a parte teimosa da relação, com ideias mirabolantes que nem sempre iam de acordo com a realidade, então Ben surgia, apoiando minha criatividade, mas me auxiliando a me organizar sem tirar os pés do chão e acabar enfrentando frustrações, apesar de elas serem inevitáveis vez ou outra.

Ainda que não concordasse totalmente com algumas situações, Ben sempre me acompanhava em minhas ideias malucas, me ajudando a concretizá-las, e eu era demasiadamente feliz por aquele aspecto de nossa infância não ter desaparecido. O fato de sermos cônjuges não anulava de forma alguma a forte amizade que seguíamos nutrindo e regando dia a dia.

Antes que eu concluísse minha linha de raciocínio, Benjamin me interrompeu com um abraço e um beijo de surpresa.

— Bom dia, amor da minha vida, detentora do meu coração e de cabelos ligeiramente bagunçados pela manhã. Apenas reforçando que eu disse “ligeiramente”, viu? Acordou há muito tempo?

— Bom dia, meu bem. Não tanto, acredita? E a corrida, como foi? Cogitei fazer um chá ou café, o que acha?

— Ótima ideia! Mas o que acha de eu me encarregar das panque-

cas e do café, enquanto você se arruma para andarmos de bicicleta em volta do Pyramid Lake? O lago deve estar lindo agora que estamos na primavera – sugeriu ele, com uma tigela em mãos.

Dei um sorriso e concordei com a cabeça. Era abençoada por ter meu companheiro ao meu lado, assim como eu me posicionava igualmente ao seu.

Tomei banho rapidamente, ou nem tanto assim, e fui sentar à mesa, que estava pronta.

— Ben, estive pensando. O que acha de tirarmos umas férias e voltarmos para Lublin para visitar minha parte da família e nossos amigos? Seus próximos jogos demorarão para chegar, e eu tenho várias reportagens guardadas e que ainda não foram ao ar e nem publicadas de forma escrita. Sinto tanta falta de todos e…

— É claro! Não via a hora de um de nós dois sugerir isso. Há seis meses que a nossa rotina maluca não afrouxava as cordas. Lublin é uma excelente pedida.

— Exatamente! Vou providenciar as passagens e as malas para partirmos. Aposto que o Barth também vai adorar, aliás vou me despedir dele antes de sair. Aliás, vamos levar ele ao parque para esticar as asas amanhã?

Pegamos nossas bicicletas e fomos para o *Pyramid Lake*, a vista se encontrava magnífica e revigorante. Paramos para almoçar em um restaurante de comida italiana que gostávamos bastante, embora Ben insistisse em comentar, todas as vezes, que aquilo não passava de uma releitura da culinária do país onde sua mãe agora vivia novamente.

Durante a refeição, conversamos a respeito de como estáva-

mos nos saindo muito bem em preservar o nosso casamento em meio às nossas profissões, que não nos permitiam aproveitar de uma rotina tranquila. Muitos nos chamavam de desapegados, mas eu preferia ignorar aquelas opiniões e focar no que eu enxergava: força de vontade, comprometimento, confiança, muito carinho e amor que sustentavam o nosso relacionamento.

Quando eu não estava fora do país, o acompanhava em todas as partidas de hóquei possíveis. Os momentos que dedicávamos a nós eram exclusivamente nossos e não permitíamos intromissões de terceiros, somente em raros e quase inexistentes casos onde algo muito urgente acontecia. E mesmo quando a programação de treinos era pesada, ele não media esforços para separar alguma janela ao menos para uma ligação durante o horário de almoço.

Voltamos para casa e aproveitamos o tempo disponível para fazer uma caprichada faxina, assim dividimos as tarefas e colocamos a mão na massa. Enquanto limpava a estante, encontrei uma caixinha cheia de fotografias do nosso casamento e alguns outros momentos, portanto, embora tivesse serviço para realizar, não me aguentei e chamei o Ben para olhá-las também.

— Meu bem, venha aqui rápido! Ande logo, por favor!

Ele entrou correndo no cômodo, achando que algo de ruim havia acontecido, mas logo o tranquilizei contando sobre as fotografias, então ele logo se empolgou para vê-las também.

As primeiras que apanhei eram do pedido de noivado, na nossa cafeteria favorita, onde havia pedido secretamente para um amigo registrar o momento, a imagem capturou o exato instante em que eu me ajoelhei para fazer a tão importante pergunta. Tinham também registros da cerimônia que foi encantadora e tinha um azul suave como cor pre-

dominante na decoração. Inclusive, o meu vestido seguia um tom claro, apesar de minha mãe não concordar tanto com o modelo, pois ela havia gostado mais de outra opção que a costureira havia disponibilizado.

— Você se recorda do trabalho que tivemos para escolher a data? – questionei.

— Com certeza, tivemos que modificá-la umas duas vezes após a entrega dos convites, pois era difícil encontrar uma data em que todos conseguissem viajar para o Canadá. Mas valeu a pena.

— Sim, cada dor de cabeça contribuiu para que o evento fosse maravilhoso. Além disso, nós já desconfiávamos que a parte dos convites seria complexa, com alguns amigos e parentes morando na Polônia, parcela de sua família na Itália, Glória sempre em países inusitados e até mesmo nós, que não parávamos quietos por muito tempo. Mas não seria a mesma experiência caso alguém estivesse faltando.

— Foi da maneira que deveria ser. Outro ponto perfeito foi a noiva, sem dúvida nenhuma, ela estava deslumbrante, eu diria até que, mesmo se todo o resto fosse por água abaixo, somente a presença dela já salvaria o casamento.

Dei uma cotovelada fraca em Benjamin, brincando, e comentei:

— Por outro lado, o noivo quase me matou de preocupação por conta do atraso, não é? Eu estava quase chorando, pensando que algo ruim tinha acontecido. De repente, vejo você entrando pela porta em cima de um skate, correndo para terminar de se arrumar.

Rimos ao puxar na memória o quão inusitada fora aquela situação, visto que, por conta do trânsito que estava insuportável, Ben havia estacionado seu carro no meio do trajeto e comprado um skate em uma

lojinha próxima, para se deslocar até o local da cerimônia.

Os convidados ficaram chocados ao ver o noivo chegando de skate no casamento, foi literalmente uma entrada única.

Quando tudo se acalmou, caminhamos para o altar e, durante os votos, ele cantou a música "*Here comes the sun*" para mim, enquanto eu apreciava cada parte da letra que, a cada segundo, passava a ter um significado ainda maior e mais especial.

Em meio àquele tanto de fotografias, pegamos uma de quando fomos à praia por alguns dias, logo após a festa, onde nos divertimos a noite inteira com os convidados.

— Você se lembra, Benjamin?

— Não tem como esquecer. Eu faria tudo outra vez.

— Eu também. Nem parece que já faz cinco anos desde que isso aconteceu.

Comecei a cantarolar a música dos nossos votos e voltamos para a limpeza.

De volta à minha cidade natal, com Barth nos acompanhando, fomos recebidos por meus pais e por meu irmão mais novo na pousada que uma vez fora simplesmente a nossa residência.

As reformas haviam ficado ótimas, a decoração era muito bonita, no estilo rústico, e era possível ver em cada detalhe o quanto os meus pais se dedicavam para cuidar e administrar o local, a pousada Davies, em homenagem ao nosso sobrenome.

Os dias passavam de forma calma e tranquila enquanto aproveitávamos todas as experiências possíveis. Conversamos enquanto pescávamos, passeamos a cavalo, e tivemos até a oportunidade de navegar com um barco.

Aproveitei o fato de estar em Lublin para visitar o túmulo de meus avós, acompanhada por Benjamin. No caminho nos deparamos com o rosto muito familiar e, ao me aproximar, percebi que era Thomas e logo fui cumprimentá-lo de forma educada.

— Olá, Thomas. Há quanto tempo eu não te vejo.

— Oi, Helena e Benjamin. Realmente já faz alguns anos desde a última vez. Como vocês estão?

— Estamos ótimos, graças ao Criador. Não tivemos muita chance de conversar durante a festa de casamento, mas o Ben e eu ficamos muito contentes em ver que você estava presente.

— Eu acho que, no final, eu sempre soube que vocês ficariam juntos. Felicidades ao casal. Sem ressentimentos.

— Agradecemos, Thomas. Mas, e você? Como anda a sua vida? – questionou Ben.

— Eu me divorciei recentemente, entretanto, fora isso, estou bem. E a padaria está caminhando de maneira ótima, embora esteja trabalhando com uma equipe diferente. Poucos meses após a queda do Muro de Berlim, minha família de sangue retornou para a Alemanha, inclusive eles abriram outra padaria por lá.

— Que triste, Thomas. Não ter sua família por perto deve ser tão difícil.

— No início era, Helena, mas acabei me acostumando. Eu pretendia ir também, mas me encontrei em Lublin de forma inexplicável, portanto decidi ficar por aqui e seguir com o estabelecimento. É interessante, na verdade. Jamais imaginei que haveria um dia em que eu não desejaria voltar para o local que chamei de lar tantas vezes na infância.

— Que bom que você está bem, Thomas – hesitei antes de continuar – a sua irmã, a Heloísa, foi para a Alemanha também? Como ela está?

— Heloísa… Ela está bem, pelo que conversamos através do telefone. Eu diria que ela era uma das pessoas que se encontrava mais ansiosa para a queda do muro, acredita? E, eu sei que isso é tema do passado, mas, apenas para deixar absolutamente tudo resolvido, peço desculpas pelo comportamento dela após o fim do nosso "quase noivado". Ela não possuía o direito de se envolver e muito menos o de ir à sua casa para despejar uma montanha de palavras ofensivas – afirmou ele, ligeiramente envergonhado.

Benjamin levantou uma das sobrancelhas. Aquela era uma parte da história que eu não havia compartilhado com ele, na verdade com ninguém até onde eu conseguia puxar na memória. Desconfiava que ela não tivesse comentado nada com o seu irmão, também, afinal de contas, eu não havia sido exatamente gentil ao reestabelecer o limite que ela claramente havia ultrapassado na época. Respirei profundamente antes de responder

— Não se preocupe com isso, se encontra no passado e… No final ela só desejava te defender. Acho que é isso que os irmãos supostamente devem fazer e eu não quis magoá-la, mas a situação já era muito estressante para que eu tivesse paciência naquele dia. Na próxima ligação, diga a ela que desejo tudo o que há de maravilhoso para sua vida.

— Pode deixar e não se incomode. Aparentemente ela também não guarda ressentimentos. Discutimos bastante sobre aquele dia até que entrasse na cabeça dela o entendimento de que eu provavelmente teria uma reação ainda pior se os papéis se invertessem e o seu irmão fosse até a nossa casa para me intimidar. Aliás, tenho certeza que agora ela sabe o valor da intimidade em um relacionamento. Contei que a Heloísa se casou?

— Sério? Eu não soube dessa novidade. É recente?

— Você não acreditaria, ela se casou há dez anos com Selene, uma moça da Alemanha. Minha irmã era apaixonada por ela desde o ensino fundamental e elas namoravam muito antes de fugirmos para a Polônia, quando as duas foram obrigadas a se separar sem aviso prévio. Heloísa ficou tão devastada que praticamente parou de pintar. Partiu meu coração vê-la abandonando seu passatempo favorito assim, do nada. Ela apenas se aventurava nas telas para pintar retratos da Selene de vez em quando.

Ele ficou encarando o nada por alguns segundos, com os lábios cerrados, até que prosseguiu.

— Heloísa não via a hora daquele muro ser destruído, deixando de dividir o nosso país, para que ela voltasse. Selene ainda morava no mesmo endereço, para que minha irmã soubesse onde procurá-la e, assim que se uniram novamente, não perderam a oportunidade e logo marcaram uma cerimônia, reservada apenas para os mais próximos da família, e oficializaram a união. Uma pena que eu não estive presente, gostaria de ter visto o seu semblante alegre, mas com tantas mudanças eu precisava treinar o novo pessoal na padaria antes de visitá-la.

— Nossa! É uma linda história. Fico aliviada em descobrir que teve um final feliz. Entretanto, imagino que ela não tenha ficado nem

minimamente satisfeita pela sua decisão.

— Você acertou em cheio. Ela teve um choque de realidade enorme e uma quebra de seus planos quando eu anunciei que não me mudaria de Lublin. Acredito que ela tenha idealizado por todos aqueles anos uma cena da família cruzando a fronteira junta, após um evento tão traumático para nós. Porém, ela acabou perdoando.

— Tomara que a Selena seja uma pessoa tão boa quanto você faz parecer através da sua descrição, Thomas. Sua irmã e eu tivemos as nossas diferenças, mas isso não modifica o fato de eu possuir conhecimento de que ela é boa e indiscutivelmente merece uma vida que vá ao encontro dos sonhos dela. Agora Ben e eu precisamos ir. Foi bom te ver.

— Igualmente. Até uma próxima oportunidade, Benjamin.

Ben acenou com a cabeça e nós seguimos nosso caminho.

Deixei os dois buquês de papoulas que eu carregava nos túmulos, para simbolizar o grande e inabalável amor que eu sentia pelos dois independentemente dos anos. Assim, me posicionei relativamente perto para fazer uma oração, ao lado do meu marido. Após isso, virei-me para ele e disse:

— Meu bem, você pode me proporcionar alguns minutinhos de privacidade, por gentileza? Vou ser breve.

— É claro. Pode levar o tempo que precisar – ele finalizou sua fala e beijou o topo da minha cabeça antes de se afastar.

Iniciei a leitura de uma carta, mesmo tendo pleno conhecimento de que as almas de meus avós não se encontravam especificamente naquele lugar.

Meu querido avô Wicenty e minha querida avó Aurora,

Ocorreram muitos acontecimentos após a partida de vocês, mas não tem problema, pois não me esqueci de vocês nem ao menos por um dia.

Saibam que me dediquei ao trabalho, assim como vocês me aconselharam, e que colhi frutos de todo esse esforço no final, sendo apoiada por todas as palavras positivas que me deram e levando comigo seus ensinamentos. Tenho certeza de que estariam orgulhosos.

Barth segue me acompanhando e Benjamin e eu nos casamos, embora minha intuição esteja aqui sussurrando que vocês sempre desconfiaram que, em algum momento, isso aconteceria. Ele é ótimo. Nosso cotidiano não é exatamente igual aos contos de fada que eu costumava ler, porém, às vezes eu sinto que é até melhor, pois é real, intenso, inabalável e, acima de tudo, nosso.

Ah, apostaria que os dois ficariam surpresos com o fato de possuírem mais um neto agora. Akin é o irmão mais novo que nunca tive. Ele chegou de modo inusitado, quando eu já era adulta, me pegando desprevenida, mas o aceitei com o coração e eu diria que ele carrega a mesma importância que qualquer outro membro da família para mim. Gostaria que ele tivesse a oportunidade de conhecer a compaixão e os abraços dos avós adotivos.

No fundo de minha alma, eu desejaria mesmo é que ambos estivessem aqui, independentemente de qualquer coisa. Pena que o papel de vocês aqui na Terra não possuía mais algumas linhas pelo Criador, mas tudo bem. Ele entende perfeitamente cada uma de suas decisões.

Saibam que sinto falta de ambos e que vocês deixaram um legado incrível.

Com um amor incondicional,

Helena

Depois de ler a carta, despedi-me de meus avós e fui encontrar o Benjamin, que me aguardava pacientemente, sentado em um banco a uma distância respeitosa de onde eu estava previamente.

Mais tarde, liguei para Edgar e marcamos um dia para que eu o visitasse no hospital, onde ele trabalhava.

— Edgar! Eu nem acredito que realmente seja você. Que saudade! Atualize-me sobre tudo que puder.

— Oi, Helê! Como você está diferente, o tempo realmente te fez bem.

Não querendo contar vantagem, mas Edgar tinha razão. Quando eu me encarava no espelho, sentia que estava envelhecendo muito bem, ou pelo menos a maioria das pessoas não conseguia afirmar com absoluta certeza se eu de fato tinha quarenta e cinco anos de idade.

— Obrigada! Você está tão elegante, como sempre!

Encontramos um cantinho que fosse mais tranquilo e passamos algumas horas conversando. Ele me contou sobre quando foi para a Itália para treinar novos residentes e em como isso contribuiu demasiadamente para o seu currículo, possibilitando que ele assumisse um ótimo cargo quando retornou ao principal hospital de Lublin.

Além disso, ele havia se casado e já era pai de uma menina que já passara por treze primaveras. Ele aparentava se sentir extremamente realizado com suas conquistas e isso aqueceu meu interior.

Aproveitamos o almoço contando com a agradável companhia um do outro, até que nos despedimos e eu fui fazer algumas compras, pois Benjamin e eu precisávamos de alguns itens, mas ele havia ficado na pousada para auxiliar meu pai com algumas questões.

O clima estava estupendo, portanto, de volta à minha casa, fui alimentar os patos enquanto observava alguns cães que apareceram depois de alguns minutos para brincar nos arredores do lago.

Na manhã seguinte, fui visitar Laura em sua residência.

O dia amanheceu rapidamente e eu me levantei, antes de Benjamin, para começar a me arrumar. Minha amiga disse que teria uma surpresa, e eu estava muito curiosa.

Ben levantou-se a tempo de tomarmos café juntos antes de ele sair para sua corrida matinal.

— Deus te acompanhe, Helê. Mande meus cumprimentos para Laura e Anna, por favor.

— Conte comigo para isso. Vou indo, tchau. Amo-te.

Ele me respondeu e eu saí apressadamente.

Na portaria do prédio luxuoso onde Laura e Anna agora residiam, eu aguardei até que minha amiga viesse me buscar. Hoje eu veria somente a Laura, pois a Anna não se encontrava na cidade por alguma razão.

No instante em que a avistei, corri para envolvê-la em um abraço extremamente apertado, ao passo que sorrisos leves e sinceros percorriam meu rosto.

— Laura, como você está linda!

— Igualmente, Helê. Olhe este cabelo, que perfeição. Venha, entre. Preparei uma deliciosa torta de maçã.

Assim que passei pela porta, notei o quanto o padrão de vida da minha amiga havia se metamorfoseado. Afinal de contas, seu apartamento era na cobertura e todos os móveis do espaço pareciam ter saído de uma revista de moda.

Por todos os lados, eu via belíssimos quadros de diversos artistas pelo mundo. Laura me contou que eram herança de família, pois quando sua avó faleceu, havia três anos, Laura conseguiu pegar algumas das obras de arte.

A princípio, eu não me recordava do fato da avó de minha amiga ser apaixonada pela pintura, porém logo percebi que ela havia citado aquela informação em seu trabalho sobre árvore genealógica quando estávamos na escola.

Uma obra em particular me prendeu a atenção, ela se chamava "Campo de Papoulas em Argenteuil", um dos principais quadros de Claude Monet, feito por volta de 1873. Pelo menos foi o que minha amiga afirmou quando percebeu para onde eu me direcionava.

— Vejo que tem bom gosto, Helena. Você acreditaria se te dissesse que Anna e eu decidimos presenteá-la com essa pintura especificamente? Achamos a sua cara, e sabemos que papoulas vermelhas são as suas flores favoritas, então pensamos que seria perfeito. A Anna queria estar aqui, para entregarmos juntas, mas ela precisou ir para a Espanha há uns dois meses. Ela está trabalhando para um canal de televisão e teve que cobrir algumas reportagens por lá – explicou Laura. O orgulho em seu tom de voz era quase palpável.

— Pelo Criador, Laura! Eu…. Eu nem sei o que dizer. Muito obrigada. Podemos telefonar para Anna mais tarde? Eu gostaria de agradecê-la também.

Meus olhos quase se encheram de lágrimas pelo fato de minhas amigas estarem dispostas a me presentear com aquele quadro único e inestimável e por terem se preocupado com cada detalhe na escolha. Abracei Laura novamente e desejei que morássemos mais perto para não precisarmos nos separar todas as vezes.





17

O amor vem dos escombros

Tirei os sapatos e fechei os olhos para aproveitar a sensação refrescante do chão gelado em meus pés, que já estavam doendo por conta do sapato apertado. Benjamin e eu havíamos acabado de chegar em casa após nossa visita à Polônia e eu me encontrava exausta devido a alguns problemas que enfrentamos com as bagagens no aeroporto.

— Daria qualquer coisa por um banho de piscina neste momento. Viajar é ótimo, mas faz as horas que passamos em casa terem o dobro de valor, ou o triplo – ele esticou seus braços, se espreguiçando, enquanto colocávamos as malas para dentro.

— Quer saber, meu bem? Isso soa como uma ótima ideia! Vamos deixar nossos pertences no quarto e depois arrumamos a bagunça. Qual é a graça de ter um imóvel deste tamanho, com um belo jardim e uma maravilhosa piscina, se quase nunca entramos nela?

— Vejam só o jogo virando, senhoras e senhores. Eu avisei que não seria desperdício de dinheiro investir nesses pequenos luxos e que nós os usaríamos.

— Por que será que eu tenho a impressão de que você nunca me deixará esquecer isso? Eu só sugeri que comprássemos um lugar menor, pois raramente passamos longos períodos na cidade, meu bem, porém preciso dar o braço a torcer, você tinha razão – dei um beijo rápido em sua bochecha.

— E pela primeira vez na história deste ginásio, o jogador com a camiseta vinte e dois marca um ponto, ultrapassando a esperteza de sua queridíssima esposa! O povo ouviu isso? “Ele tem razão!!!” E a torcida vai à loucura, impressionada com esse grande feito! – Benjamin falava rapidamente e com acentuadas entonações, fingindo ser um locutor que narra a partida de um esporte no rádio.

Comecei a rir tanto que meus olhos lacrimejaram e joguei uma almofada macia em sua direção que, como esperado, pegou o objeto enquanto este ainda estava no ar.

Peguei nossas roupas de banho enquanto ele tirava a lona que protegia a água da piscina e ligava o aquecedor.

Aproveitamos a água morna, mergulhando, brincando de guerrinha de água ou apenas deixando o corpo flutuar livremente, até que as pontas de nossos dedos se enrugaram e decidimos que era hora de sair. Apanhamos nossas toalhas para nos enrolar e, ainda com os cabelos molhados, fomos para a cozinha externa, perto da churrasqueira, para preparar espetinhos de frutas com kiwis, morangos, pedaços de manga e melancia, para o lanche da tarde.

— Se o paraíso criasse forma, acho que se assemelharia a tardes como esta.

— Concordo plenamente com você, Ben.

Respirei profundamente, deixando que o aroma das flores de nosso jardim invadisse meus pulmões e estalei as costas, me inclinando para trás.

— Vou ligar para Glória e perguntar como vai o trabalho.

— Você comentou que farão a próxima reportagem juntas, mesmo.

— Sim. Coitada, planejamos nossas férias e eu acabei deixando os preparativos nos ombros dela. Tomara que tudo esteja em ordem. Informaram-me que eu teria que viajar logo após o nosso retorno.

— E combinei com o treinador de fazer uma programação de exercícios que compense esse período que fiquei longe – ele suspirou – aparentemente a nossa vida insana cansou da nossa folga e retornou com força total. Aliás, a amo, mas estava cogitando seriamente me aposentar daqui a alguns anos ou, de repente, ser treinador dos novatos.

— Eu já consigo até te imaginar perdendo a paciência com os adolescentes quando eles enrolarem, por conta da dor nas pernas causada pelo treino. Seria engraçado. Mas eu refletiria muito a respeito antes de fazer essa escolha. Já pensou se todo o trabalho que você deu na época que iniciou no hóquei fosse retribuído, em dobro, através deles? – brinquei.

Ben ergueu as duas sobrancelhas perguntando, sem palavras, se eu havia insinuado alguma coisa, enquanto eu me dirigia para o interior da casa, sorrindo.

— Alô. Glória?

— Oi, Helena! Vi mesmo no calendário que você retornaria hoje, mas pretendia telefonar mais tarde. E aí? Como foi na Polônia?

— Ah, Glória, foi ótimo! Tinha tanta saudade da minha família, que não cabia no peito. Porém, já me encontro prontíssima para novas aventuras. A nossa viagem já tem dia e hora marcados? Inclusive, como foram os processos enquanto eu estive longe? Te sobrecarregaram?

— Você não ficou se preocupando com isso lá em Lublin, não é mesmo, Helê? Tive bastante demanda de trabalho, mas o jornal liberou um dos novatos para ser meu assistente temporário, então deu certo. Sobre a reportagem, não temos apenas dia e hora marcados, mas também passagens compradas e hospedagem reservada. Saímos do Canadá amanhã, depois do almoço, e partiremos para a Somália.

— Somália? Sempre quis ir para mais países africanos, mas esse em específico não está passando por um volume muito grande de problemas sociais? O jornal tem certeza que seria seguro nos enviar para esse destino? Sem falar que as gravações, diferente das últimas, provavelmente não teriam um tom alegre.

— Acredito que achará a proposta tão inusitada quanto eu. O país realmente está enfrentando uma situação complexa em diversas regiões, pois está dividido em vários pedaços, cada um controlado por líderes distintos, o que muitas vezes tem gerado conflitos armados e mortes. Mas ficaremos por lá apenas por alguns dias, para fotografar e registrar momentos assim, além de escrever textos sobre isso mais tarde. O jornal reconhece que as nossas experiências com esse gênero de confusão, como quando você foi para a Polônia na época de transição do socialismo para o capitalismo, nos torna as profissionais mais indicadas para o trabalho.

— Soa promissor, Glória. E qual seria a nossa estratégia de jogo?

— Obviamente não vamos sair despreparadas para o meio de um conflito. O jornal sabe que somos duas das raras jornalistas que topam correr alguns riscos, mas não é para tanto também. Teremos equipamentos de segurança de alta qualidade. Além disso, acompanharemos uma equipe armada e de confiança que nos levará para esconderijos e locais estratégicos, com rota de fuga, onde teremos uma boa visão com as câmeras, sem nos colocar no centro da confusão em si.

Um silêncio tenso tomou conta antes que Glória soltasse um longo suspiro e continuasse.

— O pessoal pediu para eu conversar com você a respeito disso, pois, embora sejamos acompanhadas e treinadas para algumas situações, ainda há perigos. Portanto, temos que refletir muito bem antes de

aceitar, pois é uma ocasião que foge bastante do que já estamos acostumadas. Afirmaram que, de verdade, compreenderão se recuarmos.

— E o que você acha?

— Pensei em perguntar para você primeiro, antes de tomar essa decisão. Sei que posso contar contigo, pois já trabalhamos juntas e não deixaremos a outra na mão. Sem falar que sabemos o que fazer se a situação ficar complicada.

— Se você for, eu vou Glória. Alguém precisa mostrar ao mundo as dificuldades que os outros povos passam, é necessário que alguém estoure a bolha em que vivemos, onde só notamos os nossos problemas. Todavia, definitivamente não vou aceitar ir com mais ninguém. Os novatos ainda não estão preparados para esse tipo de cenário, precisam de um pouco mais de experiências em greves e outros momentos um pouco mais leves, para aprenderem a lidar com o medo e eventos inesperados. E a galera da nossa geração… Você sabe, eles…

— Não aceitariam de jeito nenhum? Ou pulariam para trás no primeiro barulho de tiro que escutassem? Então, lá vamos nós. O time foi restaurado! Nos vemos amanhã, vou arrumar minhas malas.

— Farei o mesmo, Glória. Até lá, beijinhos.

Refiz a minha mala com outras roupas, colocando as que eu havia usado em Lublin para lavar. Falei com Benjamin a respeito de minha nova tarefa e ele me convidou para jantarmos em nosso restaurante preferido para nos despedir.

Encontrava-me conversando com Glória, no helicóptero, há algumas horas, quando finalmente chegamos à cidade de Mogadíscio, a capital da Somália.

Durante o pouso, avistamos uma explosão no horizonte e, assim que descemos do veículo, fomos apressadamente até o local. Durante aqueles minutos, sorri comigo mesma ao pensar em como a carreira de jornalista era contraditória, visto que a maioria dos indivíduos buscaria se afastar o máximo possível daquele cenário, enquanto nos direcionávamos para lá. Imaginei o que minha avó Aurora diria, caso presenciasse aquela cena.

Fomos guiadas através de ruas estreitas, com tantas curvas que se assemelhavam a um labirinto. Perto do local da explosão, Glória notou que um homem, usando uma boina vermelha que se destacava na visão, se escondia atrás de um muro de pedras. Ele carregava uma metralhadora na cintura. Escondemo-nos em uma esquina, em completo silêncio, até que ele se afastasse e, alguns minutos depois, estridentes sons de tiros atingiram nossos ouvidos; ao que parecia, eles aconteciam vários metros de distância.

Apanhamos nossas câmeras e nos despedimos das pessoas que nos acompanhavam, reforçando novamente qual seria o nosso ponto de encontro, dali a aproximadamente uma hora, ou quando a confusão cessasse.

Ademais, eles nos entregaram uma espécie de aparelho que servia para comunicação, cuja estrutura lembrava a de um *walkie-talkie,* porém mais moderno. Ganhamos também outros equipamentos, que poderiam nos auxiliar de alguma forma, incluindo dois pequenos punhais, sendo que escondemos um na parte de trás da cintura e o outro dentro da bota. Estávamos preparadas. Afinal de contas, as três primeiras semanas após a nossa chegada haviam se resumido a treinamentos e aulas a respeito da atual situação do país.

Glória e eu nos separamos assim que os disparos pararam e foi

possível escutar barulhos e grunhidos que indicavam brigas nas proximidades. Havíamos estudado os mapas, portanto sabíamos para onde ir de modo que ficássemos escondidas e, ao mesmo tempo, soubéssemos retornar ao ponto de encontro. Portanto, peguei uma das estradas e me escondi em uma casa abandonada, deixando a lente da câmera disfarçada em um dos buracos da janela quebrada, para capturar boas imagens.

Mais uma explosão foi provocada, em uma casa que ficava um quarteirão para frente de onde eu me encontrava. Peguei meu *walkie-talkie* para falar com minha companheira.

— Glória? Helena falando, você está me entendendo.

— Estou aqui sim, Helena. Você ouviu a explosão?

— Com certeza. Ela veio de uma casa nas proximidades de minha localização.

Informei a ela onde estava, detalhando a casa e o cômodo onde me escondia.

— Já estou chegando aí, espere nessa exata coordenada que apareço em alguns minutos. Vou desligar.

Um sinal agudo foi emitido, indicando que a ligação havia sido encerrada.

Civis passaram correndo por mim, apavorados e buscando alguma alternativa de fugir daquela situação. Pressionei os lábios juntos, me esforçando para continuar parada e me contentar em apenas tirar fotografias e fazer alguns vídeos pela janela. Nada de bom viria se eu saísse para fora.

— Cheguei, Helena. Desculpe a demora, tive que esperar algumas pessoas suspeitas passarem antes de atravessar a rua, então… Só um minuto.

Glória interrompeu sua fala e se dirigiu à outra extremidade do cômodo, conferindo se não escutava sinal de nenhuma pessoa por perto, além de nós. Então ela inclinou suas costas para frente e segurou o cabelo com uma das mãos e, antes que eu tivesse a chance de perguntar se estava tudo bem, ela começou a vomitar, produzindo um grunhido molhado que me fez virar o rosto na direção oposta.

Ela limpou a boca com a manga de sua blusa enquanto recuperava sua postura. Sua respiração estava ofegante, assim eu aguardei até que ela fosse capaz de prosseguir.

— Assassinaram uma moça bem na minha frente, enquanto eu me ocultava na escuridão de um beco estreito. Pelo pouco que eu entendi, o marido dela trabalhava como espião para outro grupo, então descontaram a traição dele na esposa. Eu…

Por um segundo, eu pensei que ela fosse colocar o conteúdo dentro de sua barriga para fora novamente, mas foi capaz de conter a ânsia, então concluiu sua linha de raciocínio.

— Eu só pude observar, enquanto imobilizaram a jovem que não tinha nenhuma chance de escapar, não com tantos a sua volta. Então um disparo foi feito e eles foram embora, como se não fosse grande coisa abandoná-la por lá. A moça nem havia parado completamente de respirar ainda quando foi largada no chão, como um saco de lixo pintado em vermelho escuro. Tentei não olhar para baixo quando passei, mas foi impossível, foi simplesmente demais para aguentar sem que meu corpo tivesse alguma reação.

Soltei um longo e profundo suspiro.

— Era habitada – fiz uma pausa.

— O que, Helena? O que era habitada?

— A casa onde soltaram a bomba. Acredito que vi os sobreviventes correndo desesperados, instantes atrás. Era uma família inteira. Nenhum deles estava armado e um homem carregava um menininho ferido nos braços. Ele não fez nada de errado para receber um ferimento terrível como aquele. Absolutamente nada. Mas estava lá, no colo do senhor, desacordado enquanto lutava internamente pela própria vida.

Meu estômago revirou e eu engoli em seco antes de continuar.

— Não há hospitais abertos na região, não é mesmo, Glória? Não a menos de dez quilômetros de distância e, pela gravidade da situação, eles jamais chegariam lá a tempo, não sem um veículo.

— É mais pesado do que podíamos imaginar. Quero dizer, possuíamos pleno conhecimento de que seria horrível, mas a mente não é capaz de reproduzir este tipo de sensação, em sua íntegra, sem antes tê-la experimentado. Enfim, não podemos parar agora.

— Tem razão. A essa altura do campeonato, não deve ter mais ninguém armado perto dos escombros da residência que foi atingida. Acho que já é seguro fotografar por lá. Vamos conferir?

Estendi a mão para ela, que aceitou o gesto. Então, com cautela, fomos para o quarteirão de cima.

Questionei-me se os jornalistas que filmaram alguns trechos das Guerras Mundiais se sentiram daquela mesma forma: culpados por se-

rem impotentes. Incapazes de darem um fim a toda aquela violência desenfreada.

Sinalizei com a mão para diminuirmos a velocidade de nossos passos, quando avistei uma pobre garotinha chorando no meio da rua.

Para o meu desespero um indivíduo com o rosto coberto com um pedaço de tecido, simplesmente acionou um explosivo e fugiu, transformando uma parede de uma construção do outro lado da rua em ruínas.

Abaixamos atrás de uma mureta para não sermos descobertas e posicionamos a câmera para capturar seus movimentos de longe, sem precisar erguer a cabeça para isso, e também conseguindo boas imagens.

Pela tela, notamos que ele chutou um escombro para o lado, revelando uma garotinha de aproximadamente seis anos de idade. Ela ainda estava consciente, porém, quando imaginei que o senhor fosse ajudá-la, ele a ergueu pelo pescoço, estrangulando-a enquanto gritava.

Embora eu houvesse aprendido o básico da língua local, chamada de somali, não era o suficiente para entender o que ele dizia. As palavras eram confusas e se misturavam em sons esquisitos, sendo que tudo que pude identificar era a pronúncia do nome de um dos grupos que rivalizavam.

Fechei minhas mãos fortemente em punhos, quase machucando a pele em minhas palmas. Ele havia se dirigido a alguém previamente, o que significava que não estava sozinho, portanto era muito provável que eu me deparasse com uma arma apontada para minha cabeça se revelasse minha posição.

Encarei Glória, que segurava firmemente e com raiva o cabo de um de seus punhais, seu rosto estava todo franzido e lágrimas fartas

emergiam de seus olhos furiosos.

Repentinamente, outra sequência de tiros iniciou, o zunido das balas e gritos tomaram conta da atmosfera, acelerando meu coração. O homem soltou a menina, mas foi atingido no peito por uma bala, ao mesmo tempo que os outros indivíduos que estavam ao seu redor fugiram na direção oposta.

Pressionei minhas costas contra o muro gelado, contendo um grito de pavor que havia se enroscado em minha garganta. Fechei os olhos, ignorando completamente a câmera e cobrindo as orelhas para me acalmar até que a cena se tranquilizasse.

Glória encostou no meu ombro e fez um sinal indicando que, aparentemente, era seguro levantar. Minha mente clareou e eu percebi que os disparos haviam terminado. Tudo que se ouvia era uma tosse carregada e os gritos da criança, que se encontrava presa, debaixo do pesado e alto homem que antes fora uma ameaça, mas agora apenas agonizava antes de seu fim.

— Vamos, Helena. Estamos sozinhas, os amigos dele fugiram e os outros foram persegui-los. É a nossa oportunidade.

Fiquei sobre meus pés em um pulo, porém tive que agarrar no braço de minha amiga para ganhar estabilidade durante os segundos que me recuperei de uma forte e inesperada tontura, que fazia minha cabeça girar.

O homem arregalou os olhos quando reconheceu a nossa presença, tentando se levantar. Porém, no momento de desespero, Glória pegou um pedaço de ferro em meio aos escombros e o acertou com força, de modo que ele não chegou a levantar novamente.

Libertamos a menininha e, em meio a uma série de dificuldades de comunicação, por conta da nossa falta de domínio no idioma dela, mostramos que não representávamos ameaça e que a levaríamos para um lugar seguro em breve.

— Helena, vou entrar em contato com o pessoal do jornal pelo *walkie-talkie*, em contrapartida você tira algumas fotos, combinado? Já te ajudo com isso também. Se meu senso de orientação não se enganou, alguns dos indivíduos foram na direção das nossas rotas de fuga. Então é perigoso irmos para lá.

— Combinado, Glória. Você está certíssima. Daqui a algumas horas já vai anoitecer e é complicado pedir para uma criança ser discreta. O melhor seria eles nos buscarem mesmo.

Ela acenou com a cabeça, concordando.

— Central de comando? É a Glória. Nossa rota de fuga mais próxima foi interditada, há pessoas armadas por lá. Precisamos que vocês nos busquem. Repito: precisamos que vocês nos busquem. Vou enviar as coordenadas e descrição do local. Não será difícil encontrar, pois houve uma explosão recente por aqui, vocês devem ter visto. Ah, resgatamos uma criança sobrevivente, é preciso um lugar para ela no veículo…

Afastei-me de Glória e fui posicionar a câmera em diferentes ângulos para registrar o cenário carregado de poeira e tristeza das vidas perdidas.

Levei um susto ao sentir algo agarrando a parte de trás de minha camiseta, mas fiquei aliviada logo depois, pois era somente a pequena menina, que não desejava ficar sozinha. Ela estava assustada e com os olhos vermelhos de tanto chorar, mas se mantinha em pé, fazendo uso de toda a sua coragem e força.

Finalizamos o nosso trabalho e nos sentamos em uma calçada, onde oferecemos água e alguns biscoitos para a garotinha.

O helicóptero chegou sem muita demora e nós entramos nele, felizes por finalmente encontrar feições conhecidas.

Um moço se prontificou para atuar como um tradutor, assim ele perguntou para a menininha se ela sabia se alguém de sua família morava por perto.

— O nome dela é Ayana, disse que não vê seu pai desde o começo do dia, mas que ele vestia um uniforme diferente, carregava uma arma que ela não sabe o nome e usava uma boina vermelha. A criança notou que seu pai estava preocupado com alguma coisa muito séria, mas não quis contar o que era. Do nada ele pediu para que ela e a mãe saíssem da cidade o mais rápido possível, mas não deu tempo. A mãe desconfiou que estavam sendo seguidas de longe, então deixou ela com uma família, naquela casa que acabou sendo explodida mais tarde, e saiu apressada, com o rosto pálido. Ela tinha longos cabelos escuros e usava uma calça marrom e uma blusa verde-escura, com mangas.

— Glória, o homem com a metralhadora que vimos quando chegamos… Não é possível, seria muita coincidência.

— Acho que sei de quem estão falando. Se era ele mesmo, talvez isso represente péssimas notícias. Ele foi em direção a um prédio que foi atacado algumas horas depois, com sorte ele pode pertencer ao grupo que atacou, caso contrário…

Como não ouvi reação nenhuma por parte de Glória, encarei ela e reparei que o sangue havia sumido de seu rosto.

— Helena, a moça que foi assassinada na minha frente bate com

a descrição. Se isso for verdade, ele não pertencia ao grupo que atacou, provavelmente era exatamente o contrário. Deviam estar atrás dele.

— Não há espaço para mais crianças no orfanato que fica nas proximidades. Não sei o que faremos com ela – um dos rapazes que estava presente no helicóptero afirmou.

— Vamos ter que pedir para que uma das famílias da cidade a acolha, é a única opção.

— Se caçaram os pais dela como animais, talvez façam o mesmo com a menina. Que péssimo grupo para pertencer, os rivais dela tomaram conta dessa região.

— Como assim, foi uma decisão ruim da parte dela? É uma criança de seis anos, não entende nada sobre política e nem tem que sofrer por conta do que os pais defendiam. Ela não defende lado nenhum, simplesmente foi jogada na cova dos leões – ergui o tom de voz, repreendendo o rapaz que havia cuspido aqueles absurdos e ele encolheu os ombros.

Uma mulher chamada Chiamaka deu um passo à frente e fez uso da palavra.

— Ei, ei! Calminha. O Bomani não quis ofender ninguém. Ele não afirmou que foi escolha dela, somente disse a realidade. Não tem o que ser feito, você já viu quantas crianças perderam seus pais? O pessoal do orfanato está mais do que sobrecarregado. Nós estamos fazendo o máximo para ajudar, garota, não finja que não sabe disso, mas não temos condições de salvar todo mundo, infelizmente. Aliás, não adianta espernear e gritar, se não vai tomar nenhuma atitude e nem trazer soluções. Você está aqui para registrar os fatos, não é? Pois seja bem-vinda a nossa realidade. O que fará agora? Vai levar a menina com você?

— Eu vou! – respondi, no calor do momento, e a mulher me mostrou um sorriso sarcástico.

— Vamos ver quantos dias você leva para voltar atrás, antes de voltar para o Canadá.

Glória arregalou os olhos e gesticulou com a boca, perguntando se eu estava maluca.

Assim que chegamos no local onde nossos dormitórios ficavam, fui diretamente pegar um telefone para ligar para o Benjamin, pois eu me encontrava desesperada. Havia respondido no calor do momento e não sabia o que fazer. Desejava adotar a menina, mas parecia ter tanta responsabilidade para assumir de um instante para outro.

Assim que ele me atendeu, eu expliquei toda a situação. Ben parecia inseguro, mas não me desmotivou.

— Eu nem sei o que dizer, Helê. É uma mudança repentina e muita responsabilidade de uma vez só, mas – consegui ouvir um sorriso do outro lado da linha – me sinto muito animado para ser pai. Vamos mergulhar nessa, juntos?

Juntos. Como uma simples e curta palavra era capaz de tirar tanto peso dos meus ombros, eu não sabia, porém quase chorei no telefone quando concordei com ele.

No aeroporto de Toronto, Benjamin ficou ligeiramente assustado em nos ver, mas estava nos esperando com uma larga faixa de "Boas-vindas" e um buquê de flores para nossa nova filha e eu.

Enfrentamos um processo demasiadamente burocrático, afinal de contas tivemos que entrar em contato com o departamento da ONU

que cuidava de refugiados, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), para que assim conseguíssemos a devida autorização para proceder a adoção. Todavia, obtivemos sucesso e finalmente fomos capazes de nos desprender de toda aquela ansiedade.

Naquela mesma semana, quando oficializamos a entrada de Ayana em nosso lar perante a lei, liguei para os meus pais, para agradecer por todo o ensinamento que me proporcionaram. Percebi que, se não fosse pelo exemplo deles ao adotar Akin, eu jamais teria tido coragem para me aventurar por aquelas estradas.

— Estou muito orgulhoso de você, minha querida. Você é um exemplo a ser seguido. A sua mãe concorda comigo, mas ela está chorando tanto de felicidade que não consegue te falar isso agora. Nós amamos muito você e não vemos a hora de conhecer a Ayana.

— Eu também amo vocês e logo estarei aí. Apenas vamos nos dar alguns meses para resolver um pouco do problema de comunicação com nossa filha – meu coração aqueceu ao chamá-la assim – pois ela fala outro idioma. Temos um amigo que está nos ajudando com algumas traduções, e também o contratamos para nos ensinar a língua. Além disso, ela é muito inteligente e já aprendeu um monte de palavras em inglês, então vai dar tudo certo.

— Claro que vai, filha. O Criador já está abençoando vocês para isso.

— Obrigada, pai.

Desliguei o telefone e fui contar para Benjamin que, oficialmente, a notícia já havia sido transportada para nossas famílias, visto que ele havia conversado com sua mãe mais cedo.



18

Desenterrando memòrias

O ponteiro se encontrava perto de marcar dez horas da noite, Benjamin e eu assistíamos um filme de ação, dublado na língua de minha terra natal. Ultimamente costumávamos nos comunicar bastante em polonês e italiano dentro de casa, com o intuito de não ficarmos enferrujados, apesar de usarmos o inglês no dia a dia, do lado de fora.

— Lembra da primeira vez em que colocamos um filme em polonês e a Ayana perguntou se aquilo era o idioma dos maias, Helena?

— Com toda certeza. Coitada, ela era tão nova, mas fiquei bem feliz por se interessar pelos nossos idiomas. E pensar que hoje, já com dezesseis anos, ela é praticamente fluente, conseguiu se comunicar sem ajuda nenhuma com a nossa família em Lublin. Embora não tenhamos obtido exatamente o mesmo sucesso quando a sua mãe insistiu em falar exclusivamente em italiano quando fomos visitá-la – respondi, também em polonês.

Comecei a rir sozinha ao recordar o quão engraçada foi aquela cena. Ewa era muito gentil e paciente, mas ficou ligeiramente frustrada após insistir tanto naquilo, fazendo uma expressão muito fofa ao franzir sua testa, já cheia de ruguinhas profundas.

— Pelo jeito o italiano "Non è il suo cavallo di battaglia".

— Pois é, definitivamente não.

Encostei a cabeça no ombro de Benjamin e pensei a respeito do quanto eu gostava de criar nossa filha, embora de fato houvesse muito trabalho e dedicação envolvidos. Apesar disso, não me arrependia da escolha de não ter sido mãe na juventude, Ayana veio no tempo certo e isso era extremamente claro para nós dois.

A meu ver, estávamos dando conta da missão. Os primeiros anos

foram os mais difíceis, pois ela chegou cheia de traumas e feridas que ainda não haviam cicatrizado, além de ser demasiadamente complicado transmitir o que queríamos sem o auxílio de alguém que nos apoiasse, como um tradutor. Em compensação, agora, ela era quase uma poliglota e sabia até mesmo a linguagem de sinais.

Machucava levemente ver Ayana esquecendo o idioma de seu país de nascimento a cada dia que passava e saber que possuíamos alguma responsabilidade nesse fato, visto que nosso amigo da Somália não pôde nos auxiliar por muitos meses, portanto, por falta de uso, os vocabulários iam lentamente se apagando de sua esperta mente.

De qualquer forma, meu irmão mais velho me aconselhou dizendo que a culpa por eventos que não temos a capacidade de controlar aparentemente era comum na vida dos pais e que a conduta mais adequada era de fato tentar aceitar que não podíamos planejar e moldar detalhadamente cada ocasião que passaria na existência de nossas crianças. O mais importante era sermos capazes de descansar nossas cabeças tranquilamente no travesseiro, na maioria das noites, tendo a consciência de que não realizávamos nada menos que o nosso melhor.

Tapei um bocejo com a mão e fechei os olhos, aconchegando-me.

— Teve também aquela nossa primeira viagem a Lublin com ela, quando Ayana falou um palavrão sem querer, ao tentar pronunciar palavras de agradecimento para um senhor de idade que parou seu veículo para atravessarmos a rua. A feição de choque dele ainda permanece gravada na minha cabeça.

— Essa vez foi engraçada. As linhas de expressão dele só suavizaram quando pedimos desculpas e resolvemos o mal-entendido.

O assunto se desenrolou e, quando nos demos conta, já estávamos citando diversos momentos cômicos da infância e adolescência dela, trocando sorrisos sinceros e carinhosos, que emanavam minúsculas parcelas do amor e carinho que carregávamos.

Nossa filha voltou da cozinha mexendo no celular e segurando um pedaço de manga com a boca. Ela terminou de comer a fruta e perguntou qual seria o tema de nossa conversa.

— Falávamos sobre fases divertidas do passado. Seu pai trouxe à tona algumas de nossas viagens. Você se recorda de quando um rapazinho italiano tentou te encantar levando um buquê de flores até a casa de sua avó? Juro que naquele dia quase tive certeza de que ele pediria sua mão ao seu pai.

— Acredita que não acho esse dia em minha memória, mãe? – respondeu ela com ironia, brincando e sem ser mal-educada. Ben e eu rimos de suas bochechas pegando fogo, avermelhadas.

Precisei me esforçar para manter uma falsa expressão de seriedade, enquanto ela reclamava afirmando que não deveríamos ficar lembrando daquelas coisas.

Embora ela nos chamasse de "pai" e "mãe" e guardasse pouquíssimas recordações nítidas de sua história na Somália, fizemos questão de que seu passado jamais fosse enterrado nas areias da ampulheta do tempo, sempre contando até aqueles pedaços mais tristes de sua trajetória, para que ela tivesse pleno conhecimento de quem era e de suas raízes. Embora tenhamos recebido várias críticas, de indivíduos declarando que o correto seria aproveitar que ela era nova para manipular a ponto de ela acreditar que carregávamos laços sanguíneos desde o princípio, para que ela se apegasse, pois, caso contrário, ela jamais nos veria como sua real família.

Graças ao Criador, nós não seguimos aqueles venenosos conselhos, pois mentiras assim sempre caíam por terra, cedo ou tarde, e não desejávamos que ela se sentisse traída ou alienada quando descobrisse. Talvez, por conta disso, não enfrentamos desconforto algum sobre a adoção, mesmo quando ela atingiu sua fase adolescente.

Muito pelo contrário, a minha frente eu enxergava uma bonita jovem, bem resolvida, que não nutria vergonha de sua história e cheia de compaixão no peito.

— Venha, sente-se aqui. Como anda a escola? As provas deste trimestre são difíceis?

— No geral vai bem, mãe. Entretanto, a personalidade de algumas pessoas é o que incomoda um pouco. Compreendo que seja um colégio bastante renomado e que vários dos estudantes passarão em universidades famosas e reconhecidas, mas isso não deveria ser razão para nos coroarmos com títulos de "melhores do que os outros", não acham?

— Não poderia concordar mais com você.

— Então, pai! Não é possível que somente nós enxerguemos isso. Alguns estudantes tratam os outros das demais escolas com tanta arrogância que chego a ficar com raiva. Não faz sentido se engrandecer por uma boa condição de vida que nem foi você que conquistou. Digo, várias das famílias que têm um enorme poder financeiro atualmente, já carregam um histórico de ancestrais que também tiveram isso, portanto foram contando com privilégios durante toda a trajetória, conseguindo aumentar a fortuna por conta de oportunidades que a população em si normalmente não alcança. Temos exceções, claro. Mas vocês entendem o que quero transmitir, não é? Moramos em uma casa enorme, pois vocês trabalharam muito até comprá-la, e mesmo assim não presenciei vocês sendo esnobes com os outros.

— A cada sol que se põe, meu orgulho cresce ainda mais – Ben elogiou e eu beijei a testa dela.

— Além disso, é demasiadamente inteligente e altruísta. Nem parece que uma vez já foi uma miniatura de gente que, sem intenção, falou um palavrão para um velhinho.

— Mãe! Para com isso! Vamos mudar o assunto. Por que não nos conta mais sobre sua viagem para a Coreia do Norte?

— Não fui para lá, minha princesa. Já tentei, mas é complexo de entrar e geralmente os governantes não permitem que jornalistas gravem livremente. Fiz reportagens na Coreia do Sul, uma experiência maravilhosa por sinal. Daria tudo para comer um Kimchi ou um Tteokbokki agora.

— Adoro seu trabalho, mãe. Você é aventureira e sempre surge com novas informações de vários países pelo mundo.

— Obrigada, meu amor. O jornalismo é realmente uma de minhas paixões. Mas admito que já vivi uma época de mais aventuras em minha carreira, viu? O seu pai é prova disso. Quando ele jogava hóquei no gelo, nenhum de nós dois parava em casa. Nossos pés sempre se localizavam em terras distantes e, no meu caso, até perigosas em específicas ocasiões. Atualmente eu vou fazer matérias para locais distantes muito raramente. Sou abençoada pelo Criador pela chance de escolher ficar mais com a nossa família sem ter que me desgastar tanto trabalhando.

— Sem falar que sua mãe consegue vender as matérias por valores bem mais elevados, se comparados aos do início da profissão dela, o que faz sentido, já que, por ser uma jornalista famosa, um enorme público a acompanha, então as reportagens normalmente tendem a atingir um considerável sucesso.

— Você também é famoso, pai. Direto você nos leva para eventos, faz propagandas e pessoas te param na rua para pedir autógrafos. É como se você ainda jogasse.

— Filha, às vezes eu honestamente me pergunto se seria menos trabalhoso jogar, ao invés de treinar os novatos.

A campainha tocou e Ayana saiu correndo para abrir o portão. Alguns de seus amigos viriam para que eles terminassem um trabalho de escola.

— Mãe, pai, vocês se lembram do Tedy, da Hannah e da Charlotte?

— Claro que sim! Podem entrar e fiquem à vontade. Nós deixamos a mesa da área externa preparada para que vocês estudassem. Benjamin e eu preparamos um bolo de laranja, espero que gostem.

Todos nos cumprimentaram, pedindo licença antes de se dirigirem ao local indicado. Deixei escapar um singelo sorriso ao ouvir os amigos da minha filha me chamarem de "tia", enquanto Benjamin achou engraçado.

Quando eles se afastaram, olhamos um para o outro e rimos. Nunca imaginei que gostaríamos tanto daquela sensação, de construir e manter nossa família.

Ayana era uma menina de poucos amigos, mas os que possuía eram sinceros, divertidos e, aparentemente, leais, daqueles em que se pode confiar nos momentos complexos da vida. Se fosse verdade o que me disseram uma vez sobre atrairmos o que transmitimos, eu nutria a esperança de que ela sempre fosse cercada por indivíduos gentis e que a guardassem com tanto carinho, como ela fazia.

— Sabe no que eu estava pensando, meu bem?

— Sobre o quê?

— No Barth, saudades daquele papagaio voando pela casa. Lembra de como ele implicava com Ayana, mas eram inseparáveis?

— Como esquecer? Cozinhei muitas batatinhas para ele. Mas, você sabe que ele está onde deveria. Era o melhor para todo mundo.

— Eu sei, mas sinto tanto a falta dele desde que o deixamos na Polônia. No fim eu não me arrependo, pois ele realmente está sendo de uma grande ajuda para o meu pai. Observá-lo esquecendo de mais momentos a cada dia foi horrível, e quando ele ficava confuso sem entender onde se encontrava …

Minha visão ficou embaçada por conta das lágrimas que se formaram, então Benjamin me envolveu em um abraço.

— A perda de Kataryna foi um susto para todos nós, mas ele foi quem mais ficou abalado com isso. Queria ser capaz de fazer algo por seu pai, mas é uma ocasião que não se encontra em nossas mãos.

— Ele sofreu tanto na época, Ben. E nada ajudava.

Houve uma temporada que eu peguei férias, assim como Theodor e Ísis, e nós voltamos para Lublin, reunindo toda a nossa família, para ajudar Akin a cuidar do nosso pai em suas crises. Muitas noites ele despertava desesperado, achando que ainda era um prisioneiro de guerra trancado em uma cela sombria e imunda, com o estômago se contorcendo de fome. Quando Theo e eu entrávamos no quarto, ele gritava e chorava, afirmando que nossas imagens não passavam de sonhos que vieram para atormentá-lo, mostrando pessoas que ele nunca reencontra-

ria antes de sucumbir àquelas precárias e cruéis condições.

Durante as manhãs, o horário em que ele despertava era sempre uma caixinha de surpresas, pois ele podia simplesmente não reconhecer os móveis da pousada, nos acusar de ter roubado as folhas e canetas que ele supostamente havia guardado ao lado da cama ou mesmo tentar expulsar os hóspedes que se moviam pelos corredores, acreditando que eram ladrões que invadiram a residência.

De vez em quando, somente ao focar em seus olhos, percebíamos o quanto ele se encontrava confuso, sem nem ao menos reconhecer o seu reflexo no espelho ou as pessoas que ele amava ao seu redor. Outros dias eram mais pacíficos, quando ele vivia no presente ou em alguma parte do passado próximo.

Buscamos orientações de um médico especialista, um dos melhores de Toronto, sendo que fizemos questão de pagar por sua passagem para Lublin, bem como sua hospedagem na região. Ele nos ajudou a compreender o Alzheimer melhor, bem como lidar com as crises e sugeriu alguns exercícios que auxiliariam ligeiramente. Afinal de contas, não existia cura conhecida ainda.

Treinamos o Barth para repetir a história de vida de papai quando ele acordava ou se confundia. Por ser uma imagem familiar e que não mudara drasticamente, nosso papagaio sempre era melhor recebido, afinal de contas, sua presença era reconhecida independentemente do ponto da linha do tempo escolhido.

Contratamos alguns funcionários de confiança para trabalhar na administração da pousada, além de algumas enfermeiras para tratarem de meu pai, pois Akin estava sobrecarregado e nossa estadia em Lublin não durou muito. Logo voltamos para os respectivos países onde residíamos. Afinal de contas, embora Theodor estivesse aposentado, Ísis

ainda trabalhava, assim como Benjamin e eu.

Abracei meu esposo mais forte, agradecendo internamente ao Criador por colocá-lo em minha trajetória. Formávamos um casal ótimo e eu tinha plena consciência de que sempre poderia contar com o seu apoio.

Suspirei e afrouxei os meus braços, a vontade de chorar havia se dissipado.

— Vamos ver se sobrou algum pedaço do bolo das crianças para experimentarmos, meu bem?

— Não via a hora de você sugerir exatamente isso. Mas não vamos chamar a Ayana de criança na frente dos amigos, ela reclamaria durante trinta minutos seguidos depois, argumentando sobre como os pais deveriam ter mais consideração pela reputação dos filhos.

— Ah, mas seria tão fofo ver aquelas bochechas ficarem vermelhas de vergonha…

Eu dei de ombros e ele levantou as sobrancelhas.

— Tudo bem, você venceu – dei uma leve cotovelada em seu braço – mas eu sempre vou vê-la como aquela miniatura adorável de pessoa que trouxemos para nosso lar há dez anos.

— Helê, ela já é adolescente. Logo finalizará o ensino médio. Como você vai reagir quando ela trouxer o primeiro namorado para casa?

— Ei! Essa não deveria ser a minha fala?

Na tarde seguinte, convidei Ayana para fazer compras comigo no shopping. Analisando as vitrines, paramos em uma joalheria demasiadamente elegante e de uma excelente reputação, portanto resolvemos entrar.

Em meio às divinas peças, uma pulseira berloque prata capturou minha atenção.

— O seu pai me presenteou com uma semelhante a essa no meu aniversário de quinze anos. Fiquei tão feliz naquela ocasião.

— Você chegou a citá-la uma vez, mas nunca me mostrou de perto. Essas são tão lindas e acompanham uma série de pingentes diferentes.

— Olhe, que perfeito este enfeite em formato de avião! É tão delicado! Leva-me novamente à Somália, quando Glória e eu fomos fotografar cenas para fazer uma matéria, onde te conheci. Moça, poderia separar este para mim, por favor? Vou comprar.

— Você vai acrescentá-lo a sua pulseira, mãe?

— Essa é a minha intenção, filha, embora eu não tenha certeza de que seja possível arranjar espaço para mais nada nela. Inclusive tenho alguns pingentes que estão até separados em uma caixinha, pois eles também não couberam. Mas não tem problema, colocarei o seu no lugar de algum outro.

— Com licença, se a senhora me permite interromper, que tal levar mais uma pulseira vazia? Assim terá lugar para todos os pingentes – sugeriu a atendente.

— Na realidade essa é uma ideia estupenda, por favor veja duas

desse modelo para mim. De minha parte vou levar isso, então. Gostou de algum acessório, querida?

— Eu posso pegar um?

— É claro!

— Vou escolher esse colar que tem uma borboleta azul, então. Muito obrigada.

Paguei os itens com o meu cartão e voltamos ao nosso passeio. No caminho, passamos em frente a uma das lojas de Rita e eu cogitei a possibilidade de entrar para falar um "oi". Todavia, o estabelecimento se encontrava demasiadamente cheio e ela parecia muito ocupada.

Rita se tornara uma estilista e empresária de sucesso no ramo da moda. Por ter uma ideia inovadora e executá-la de forma caprichosa e criativa. Suas roupas fizeram sucesso mundialmente. Afinal de contas, ela descobriu um grande público em um ramo que era pouquíssimo explorado.

— O que acha daquele restaurante de comida indiana? Na nova coluna do jornal, sobre críticas gastronômicas, elogiaram bastante o prato *Vindaloo*. Acredito que você iria gostar, Ayana, é feito com carne de porco.

— Acho que vale a pena experimentar, mãe. Vamos? Você na frente.

Depois do almoço, minha filha me apressou a levá-la para casa, então peguei o carro e nós seguimos pela estrada. Ela iria sair com alguns amigos, eles queriam ir ao parque de diversões recém-inaugurado. Aparentemente ele possuía brinquedos extremamente altos e que gera-

vam muita adrenalina.

— Eu particularmente me questiono o porquê de isso ser positivo, afinal de contas eu adoro viajar, entretanto praticamente todas as ocasiões de adrenalina pelas quais passei não foram planejadas, e eu normalmente aprecio mais os momentos tranquilos.

— Mãe, quem a senhora está querendo enganar? Eu tenho a leve impressão que saltar de paraquedas não era necessariamente indispensável para nenhuma matéria.

— Mas eu aposto que você não se lembra do contexto da situação. Afinal de contas, não possuía nem oito anos de idade na época. Pois saiba que eu tenho absoluta certeza que eu tinha um bom motivo, viu mocinha? Eu realmente não sou capaz de enxergar razão nenhuma para alguém querer sentar em uma cadeira que será elevada a tantos metros do chão.

— Mãe, nós estávamos de férias naquele dia.

— Mesmo assim…

— Deixe a menina, ela tem um ponto. E eu sinto que alguém somente está sendo superprotetora porque aprontou bastante na juventude. Isso não significa que Ayana fará o mesmo, pelo menos é para isso que eu rezo, para o seu próprio bem, filha – Benjamin a defendeu preguiçosamente, e deu uma piscadinha para ela no final.

— Não sei o porquê de o senhor acreditar que está em seu lugar de fala com esses argumentos, meu bem. Não é o senhor quem me acompanha em tudo?

— Outro conselho para você, Ayana, não siga meu exemplo. Ga-

ranto que até hoje eu me arrependo de ter pulado daquele avião. Paraquedismo não é para mim, sua mãe ficou sorrindo e dando risada enquanto eu gritava de desespero – ele franziu o cenho, como se ainda enxergasse a vista aérea da cidade.

— Vocês formam um casal adorável, sabiam? Mas às vezes tenho a impressão que você é ligeiramente influenciável pela minha mãe, pai.

— É um hábito que venho tentando mudar há décadas, viu? Mas nunca funciona. Vou tirar o carro da garagem enquanto vocês terminam de se arrumar.

— Combinado. Ah, essa é uma boa oportunidade para te mostrar a minha pulseira. Veja, eu terminei de colocar os pingentes que estavam sobrando na outra.

— Nossa, mãe. Praticamente encheu as novas, prevejo que compraremos uma quarta dessa em breve. Você afirmou que tinha alguns pingentes sobrando.

— Pois é, eu não tinha consciência de que eram tantos – uma risada descontraída escapou.

— Eles são muito lindos. Essa pequena chave dourada é antiga? Não sabia que produziam enfeites nesse formato.

— Ah, essa aqui foi o seu bisavô Wicenty que me deu. Ela não é um pingente, mas tem um significado especial, ela representa ele e o quanto ele me amava. Queria que o tivesse conhecido, sabia? A bola de futebol americano eu ganhei do seu pai, no meu aniversário de quinze anos, ele jogava esse esporte antes de migrar para o hóquei no gelo. O que tem o formato de uma menina é da Laura, aquela minha amiga que

mora em Lublin.

— E a estrela alaranjada, mãe?

— Ela foi presente de um antigo amor.

— Agora eu fiquei curiosa, pode contar mais sobre?

— Tudo bem. É uma pequena joia de âmbar que eu ganhei de um menino chamado Thomas, em Gdansk, uma cidade famosa na Polônia, quando eu ainda cursava o ensino médio. Nós namoramos durante alguns anos, porém terminamos alguns dias antes de eu ser promovida como correspondente estrangeira, lá no início de minha carreira.

— Se vocês não estão mais juntos, porque ainda guarda o presente?

— Mesmo não namorando mais com ele, o Thomas faz parte de minha história, filha. É uma parte dela que ficou no passado, mas foi importante mesmo assim. Não precisamos apagar nada, pois todas as estradas de nosso caminho contribuíram para que chegássemos onde nos encontramos agora. Aliás, não teria sentido jogar fora, a estrela é tão bonita e Thomas e eu não temos raiva um do outro. Inclusive ele é dono de uma padaria que fomos, lá em Lublin, então é provável que você até já o tenha conhecido.

"Ding Dong". A campainha tocou, e eu fui atender o carteiro que entregou uma carta e uma série de pacotes que embrulhavam produtos de algumas marcas que patrocinavam Benjamin.

Guardamos os produtos e depois Benjamin e eu sentamos na varanda enquanto segurávamos xícaras com cappuccino e assistimos aos pássaros que voavam dentro daquele maravilhoso pôr do sol. Encostei

minha cabeça em seu ombro enquanto ele me fazia cafuné.

— Será que a Ayana está bem? – questionei.

— Com certeza. Ela é inteligente. Mais do que nós na adolescência.

Sorri. Ele pegou uma flor de um vaso próximo e a colocou em meus cabelos.

— A beleza dessa flor é incomparável à sua, já te informei disso?

— Amo você, sabia? É incrível como é romântico, mesmo após mais de dez anos.

— Acho que isso é o que proporciona graça aos relacionamentos, no fim de tudo. Nunca vamos perder esse costume, não é?

— Exatamente.

O vento que balançava as folhas no jardim esfriou, assim fomos para dentro e assamos um frango no forno para o jantar.



19

O nascer da vida

— Bom dia!

Benjamin gritou todo animado enquanto abria as cortinas do quarto de hóspedes da casa de Theodor e Ísis, na Rússia.

Decidimos reunir toda a família para uma visita na residência de meu irmão mais velho. Nosso pai se encontrava extremamente animado. Se alguém visse de longe, não diria que ele estava sofrendo de Alzheimer. Quando olhou Theodor, o reconheceu imediatamente, bem como a todos os seus netos, o que me preencheu de alegria.

Era uma das raras ocasiões em que Ayana conversava com os primos pessoalmente, pois, nas outras viagens que fizemos à Rússia, eles geralmente se encontravam ocupados com a universidade ou com seus empregos.

Eu particularmente achava encantador a forma como Theo e Ísis tratavam meus sobrinhos, sempre com amor e financiando os sonhos deles. Ambos estudavam na França, sendo que Celeste praticava e buscava o objetivo de se tornar uma grande pintora surrealista, enquanto Valentin era um renomado chef de cozinha.

Meu sobrinho mais velho se prontificou a preparar o almoço, assim o restante de nós se dirigiu para a sala de estar, com o intuito de colocar a conversa em dia, visto que Valentin não gostava que ninguém o observasse durante o preparo dos alimentos e nem que dessem opiniões.

Naquele instante, desejei que meus avós e que minha mãe estivessem presentes, sentados no sofá conosco, para que fossem capazes de enxergar meus sobrinhos e Akin já adultos, além de também acompanhar Ayana.

Sorri sozinha ao imaginá-los ocupando uma das cadeiras para

prestigiar o evento onde meu pai recebeu um prêmio de honra por servir corajosamente a marinha polonesa por tantos anos. Ele foi homenageado com a entrega de uma medalha diante dos marinheiros e dos outros convidados, por conta de sua bravura e perseverança.

— O que acha de tocar algo para nós, vovô? – sugeriu Valentin, depois de anunciar que a refeição estava servida.

— Eu? Ótimo! Vou tocar uma que eu dedicava a Leninha quando ela era apenas um bebê tão pequenininho que cabia no meu colo com espaço de sobra.

Imaginei a cena. Por ser muito nova naquele tempo, eu não fui capaz de guardar aquela memória, porém a minha mãe me contou que costumava dançar comigo ao som do piano de meu pai quando as cólicas não me deixavam em paz, nos meus primeiros meses de vida.

— Eu adoraria, pai – comentei.

Desde que descobrimos o Alzheimer, convencemos meu pai a voltar com aulas de piano, visto que o médico afirmou que poderia ser uma boa alternativa para treinar o cérebro, além de ser uma atividade prazerosa e que prendia a atenção, visto que ele sempre apreciara música.

Meu pai começou a tocar e Benjamin e eu fomos até o centro da sala para dançar, o que fez com que Theo puxasse Ísis para nos acompanhar, contagiando Valentin, Ayana, Akin e Celeste a se juntarem ao grupo. Embora tivesse uma deficiência auditiva desde o nascimento, minha sobrinha mais nova parecia se divertir muito dançando conosco; aparentemente ela seguia o embalo do irmão, mesmo que não escutasse perfeitamente as notas em si.

Se minha câmera não se encontrasse ainda na mala, eu certamente congelaria aquele momento para revivê-lo mais tarde. Ocasiões como aquela me faziam ter a impressão de compreender o porquê de todos os acontecimentos pelos quais passamos, afinal de contas, se eu fosse capaz de me teletransportar para o exato lugar onde gostaria, eu não me moveria nem um passo sequer.

Como se fosse capaz de desvendar o que se passava nos meus devaneios, Benjamin disse:

— Vamos tirar uma foto? Trouxe a câmera comigo do quarto – ele balançou o equipamento, animado.

"Ótima ideia! ", respondeu Celeste, usando sinais. Apesar de ela fazer leitura de lábios e também saber falar, mesmo que com certa dificuldade, preferia usar os gestos na maioria das situações, visto que Ísis a ensinou desde criança e praticamente toda a família já conhecia tal forma de comunicação. Inclusive, ela havia descoberto sua paixão pela pintura em uma escola especializada na linguagem de sinais que frequentou durante a infância.

Fiquei curiosa quando descobri que Ísis tinha um primo que era surdo e por isso dominava o assunto.

Almoçamos, apreciando todos os complexos sabores dos pratos, afinal de contas não era parte da rotina ter um dos melhores chefs do sul da Rússia como responsável pela nossa refeição. Valentin era ótimo no que fazia, tanto que ganhou a maioria dos concursos gastronômicos dos quais participou, o que era impressionante, já que seus pais o inscreviam em diversos deles.

Após todos se levantarem da mesa, Benjamin e eu nos encarregamos de arrumar a cozinha.

— Adoro este lugar, meu bem. É tão calmo e lindo, eu passaria horas contemplando as flores que Ísis cultiva.

— Igualmente, Helê. As nossas vindas aqui geralmente são carregadas de tanta paz – comentou ele, enxaguando as mãos cheias da espuma provocada pelo detergente.

— Vamos descansar? A cozinha já está limpa e pronta para sujarmos novamente - afirmou ele, rindo.

Sentamos na varanda, ao lado do meu pai que se encontrava encantado, observando o lago no horizonte.

— Gostaria de pescar, senhor Bartolomeu? A Helena comentou que o Akin trouxe alguns dos equipamentos de pesca.

— Parece excelente, meu bem. Você deveria aceitar pai, a temperatura está agradável. Aposto que pegaria um peixe para o jantar. Posso até preparar alguns lanchinhos. Nessa época do ano, provavelmente outras pessoas também estarão lá. Quem sabe não fazemos alguns amigos?

— Vamos então, filha. Vou arrumar os itens necessários antes que escureça. Eu não tenho problema em pescar de noite, mas a Ayana é pequenininha, então pode ser perigoso por conta das cobras. Ela não seria cuidadosa o suficiente na hora de andar pela trilha. Ainda não decidi se vou levar o Barth desta vez, ele foi muito mal-educado com a Ayana da última vez, são duas crianças.

— Fica a critério do senhor, pai.

Mostrei um sorriso triste e, depois que ele foi para dentro, pressionei os lábios juntos para conter as lágrimas enquanto encarava Benjamin, que havia percebido o mesmo que eu, portanto ele se aproximou

e me envolveu com seus braços, encostando seu queixo no topo de minha cabeça.

— Ele está há pelo menos uns oito anos no passado agora, não é, Ben?

Meu esposo suspirou profundamente antes de responder.

— Sim, meu amor. Não vamos corrigi-lo desta vez, deixe meu sogro perdido na linha do tempo por alguns minutos, ele parece feliz.

— É que ele sempre fica com uma expressão tão confusa no rosto quando percebe que se esqueceu novamente. Parece que nunca tem certeza de suas individuais conclusões, e eu não quero que meu pai pense que é tolo ou que duvide da própria inteligência, Ben. Eu o amo. E desejo ajudar, mas… Você sabe. Você vê como ele fica chateado e se sentindo um peso quando não reconhece os netos ou os móveis dos cômodos, como se, em várias manhãs, sentisse que acordasse e fosse simplesmente jogado em um mundo completamente novo e estranho.

— Não se preocupe. É assim mesmo. Vamos aproveitar que ele está perto desta vez. Ninguém aqui carrega nenhum questionamento a respeito do Bartolomeu e de suas capacidades. É só que… Por enquanto, o que podemos fazer é continuar apoiando e ajudando com os recursos disponíveis e com carinho.

— E não desistindo de nos esforçar para continuar proporcionando boas experiências e criando novos marcos…

— Mesmo que ele não se recorde de nenhum deles amanhã – completamos em sintonia e uma lágrima solitária escorreu pela minha bochecha.

Recuperei minha postura e enxuguei o nariz com o pulso.

— Vou lavar as mãos e providenciar alguns sanduíches. Vem comigo nessa tarefa?

— Eternamente. Além disso, já te acompanhei em locais muito piores.

— Engraçadinho – dei uma cotovelada em seu braço, de brincadeira.

— Não adianta me tratar assim, senhorita, pois eu sei que você me ama. Aliás é recíproco, pois eu também te amo.

— Amo você, Ben. Verdadeiramente.

Chamamos o restante da família e arrumamos a canoa para levar com o carro, onde os equipamentos de pesca já haviam sido organizados.

— Vamos? Eu dirijo um dos carros e a Ísis o outro, eles vão na frente.

— Espere, Helena. Para que essa pressa? Sua mãe não chegou ainda.

— Pai, nossa mãe não está mais aqui em sua forma física, mas ela torce para que um peixe enorme se prenda no anzol – Akin afirmou após colocar uma mão no ombro dele.

— Ah, é verdade. Desculpe.

Nosso pai abaixou a cabeça, com as bochechas avermelhadas de vergonha, e entrou no carro muito desanimado, ao passo que o brilho de

sua felicidade ficava opaco.

Coloquei o cinto de segurança e olhei para trás.

— Não se incomode com isso, papai. Nós estamos aqui com o senhor e prometo que vamos nos divertir juntos, tudo bem?

Estendi minha mão e ele a pegou, apertando forte e concordando com a cabeça, mais confiante, o que me fez relaxar os ombros, os quais havia percebido, apenas naquele instante, estarem tensos.

Coloquei as duas mãos no volante novamente e dei a partida no carro, seguindo o carro de minha cunhada que mostrava as direções.

O sol aqueceu minha pele depois que estacionei e fui ajudar a retirar os itens do porta-malas. Meu irmão e sua esposa pegaram a canoa.

— Na opinião do senhor, qual isca será mais vantajosa, pai? Estava cogitando a possibilidade de lançar a linha da margem, ao invés de entrar no barco.

— Ora, mas eu já te ensinei quando era adolescente, Theodor. Sempre as minhocas. Chamam mais atenção por ficarem se mexendo.

— O senhor tem certeza, vovô? Na peixaria perto do meu restaurante espalharam boatos de que a tuvira é boa também.

Notei que Benjamin estava quase tendo ânsia de vômito ao ver as pessoas perfurarem as pobres minhocas com os anzóis, portanto chamei ele para nos afastarmos para tomar um ar mais fresco e limpo.

— O que é isso que o Valentin citou, Helena?

— Ah, meu bem, é um peixe pequeno. Aliás, me surpreendi que

você deu a ideia de virmos aqui, principalmente depois que você decidiu começar uma transição para se tornar vegetariano.

— Achei que o Bartolomeu fosse gostar. Eu especificamente não vou comer o peixe, pois estou me liberando para comer carne apenas uma vez no mês, mas, se fizermos um churrasco, posso grelhar alguns vegetais.

— Muito esperto de sua parte, meu bem. Não sei como você consegue ficar por perto quando comemos carne. É sério mesmo que isso não te incomoda?

— Sim. Eu não sinto nojo da carne, na verdade eu ainda gosto do sabor e do cheiro. Eu parei de consumir por conta de outros motivos, então é por isso que não ligo quando comem perto de mim. Até porque seria bem chato se eu me importasse, pois, por enquanto, sou um dos únicos por aqui que deseja ser vegetariano. É uma escolha que fiz, mas isso não precisa me afastar da nossa família.

— Não se preocupe, da maneira que a Ayana vive te imitando, logo ela decidirá te seguir com esse pensamento. Esses dias ela já começou a comentar que você tinha razão e que era extremamente injusto e um absurdo nos alimentarmos de outros animais, quando várias empresas proporcionam uma péssima qualidade de vida para eles. Agora ela só me deixa comprar os ovos daquela granja que cria as galinhas soltas em um amplo espaço, ao invés de aprisioná-las em gaiolas.

— A menina é esperta.

— Ela é.

Após aproveitarmos a tarde, dando risada, pescando e nos divertindo, retornamos e Ayana deu a ideia de fazer um bolo com Benjamin.

Ela parecia ligeiramente receosa para convidá-lo, pois cozinhar não era uma de suas melhores habilidades, entretanto eu a incentivei, sem falar que uma parte de mim desejava muito ver aquela cena.

Antes de sair avisei que, caso faltasse algum ingrediente, eles poderiam pegar na dispensa e que eram livres para me chamar caso precisassem.

Sentei no sofá para passar um tempo sozinha com o meu pai, afinal de contas, depois de viajar tanto e ficar meses inteiros longe de casa, aprendi da pior forma que não podemos desperdiçar nem mesmo as minúsculas chances de ficar ao lado das pessoas que dão luz aos nossos dias, pois, embora representem o universo para nós, elas não compartilham de sua infinidade. Infelizmente.

Meu pai estava dormindo, então deslizei alguns dedos levemente por seus cabelos grisalhos e fiquei curiosa para saber com o que ele sonhava. Independentemente de qual data ele se fizesse presente ao despertar, eu carregava a esperança de que fosse em um dia feliz e tranquilo.

O relógio não movimentou seus ponteiros nem por dez minutos completos antes que Benjamin e nossa filha viessem pedir socorro com o bolo e eu precisei conter uma risada de incredulidade ao me deparar com toda aquela bagunça.

— Vocês claramente esqueceram a arte de quebrar um ovo sem deixar cair cascas na tigela.

— Em minha defesa, a Ayana me desafiou, afirmando que eu não era capaz de quebrar os ovos com uma mão só, então eu obviamente não tive outra opção a não ser provar que ela estava errada.

— Que bonito, pai! Jogando a culpa em mim. O senhor não tem

vergonha? – antes que ela completasse sua linha de raciocínio, Benjamin passou farinha no rosto dela, despertando uma fera em nossa filha durante alguns segundos.

Organizamos todo o processo: Ayana buscava os ingredientes e Ben misturava a massa. Eles passaram manteiga antes na forma para que o bolo não grudasse nela, e levaram tudo ao forno. Em quarenta e cinco minutos, a massa assou. Nesse tempo, sob minhas instruções, os dois fizeram um brigadeiro com chocolate meio amargo, uma receita extraordinária que eu havia aprendido em uma das matérias que fiz em um país chamado Brasil.

Depois de várias tentativas e muita persistência para rechear e cobrir o bolo sem que ele ficasse feio, a sobremesa ficou pronta, deixando os chefs orgulhosos de seu trabalho.

— Prontinho. Agora é só colocar para gelar e servir com granulado. Viu, pai? Eu disse que conseguiríamos.

— Não, não e não. Não demoramos tudo isso para ter que esperar mais. Nós comeremos agora. Vou chamar a galera – decretou ele, com pressa.

Ayana ofereceu uma fatia generosa para cada um e Ísis se encarregou da oração. Ela agradeceu pela família e pediu ao Criador que continuasse cuidando daqueles que já haviam cumprido o seu papel na Terra, incluindo o seu amado pai, Alberto. Ao mesmo tempo que ela falava, Ísis gesticulava a prece na linguagem de sinais, por conta de Celeste.

A noite chegou e acendemos a churrasqueira. Estava levando os pães de alho cortados para a mesa quando começou a tocar "*Gangnam Style*", uma música muito famosa ultimamente. Meus sobrinhos se jun-

taram com minha filha para dançar, enquanto meu pai os gravava com Barth no ombro.

Cheguei mais perto da churrasqueira, onde meu esposo cuidava do fogo, cercado por algumas pessoas.

— Ué, Benjamin! Assando algo que não vai comer?

— É claro, Theodor. Alguém precisava ser o responsável e, por ser o mais habilidoso para a função, assumi a tarefa.

Logo em seguida, a carne que estava na parte mais baixa pegou fogo com a chama que estava alta demais e o Ben caiu para trás com o susto.

— Eu falei que vegano não sabe fazer churrasco! Se fosse eu, a carne não queimaria.

— Fique quieto e resolva a situação, ao invés de reclamar.

Meu irmão ficou pensativo por alguns segundos antes de falar que correria para dentro e buscaria o extintor de incêndio.

— Mas vocês são dois molengas mesmo, viu? Aprendam com a profissional.

Borrifei um pouco de água para apagar as pequenas chamas que cobriam uma parte do pedaço de carne e o separei de lado para oferecer aos cachorros quando esfriasse. Após isso, usei algumas técnicas que aprendi nas viagens para ajustar o carvão na churrasqueira, de forma que o fogo ficasse na intensidade mais adequada.

Ensinei a eles alguns truques, porém, quando ia passar o comando para o meu irmão, Valentin surgiu e tomou posse do garfo, se recu-

sando a permitir que estragassem mais uma peça de carne, ou mesmo os espetinhos de vegetais, pães de alho e os pedaços de abacaxi com canela. Enquanto nos alimentávamos, colocaram jazz para tocar e eu me levantei, apontei para minha filha e falei:

— Eu escolho você!

Instantaneamente, Benjamin me olhou com uma das sobrancelhas arqueadas, demonstrando que havia compreendido a referência ao nosso baile da escola, durante o ensino médio. Portanto, trocamos sorrisos discretos.

Peguei o braço de Ayana, que carregava uma expressão ligeiramente confusa, e a puxei para dançar.

Não havia mais mágoas em relação àquele dia, nem uma Helena indecisa que não sabia o que esperar da vida. E sim um casal que possuía uma história demasiadamente interessante para contar.

As notas animadas nos contagiavam ao mesmo tempo que eu mostrava à minha filha passos familiares que eu conhecia muito bem.

— Mãe, o que foi aquela troca de olhares entre você e o papai? E por que disse aquilo e apontou para mim, repentinamente?

Coloquei a mão no queixo e refleti sobre aquela pergunta. Existiam tantos eventos do passado que nem passaram pela minha cabeça revelá-los para Ayana. Todavia eu imaginava que seria divertido observar suas reações ao conhecê-los, embora eu verdadeiramente rezasse para que ela não fosse influenciada pelas minhas escolhas “nem sempre prudentes”.

— Ah, essa sim é uma longa história. Ainda vou te contar… algum dia.



20

Um novo recomeço

Minha amada mãe,

Estou completando quinze anos agora e minha vida passa em minha cabeça como um filme. A essa altura você já deve estar no andar de baixo preparando toda a decoração para a minha festa, obviamente que com sua câmera em mãos, para registrar cada instante.

Embora restem limitadas recordações do período em que residi na Somália, ainda tenho a memória de como as suas sardas deixavam seu rosto cada vez mais doce e de como seus cabelos vermelhos e cacheados reluziam como fogo no meio de um cenário majoritariamente acinzentado.

Aliás, saiba que, mesmo agora que seus fios estejam se tornando grisalhos, eu enxergo toda a vivacidade da infância, a curiosidade e a determinação que habitam em você.

A forma como gentilmente retira as pedras de seu caminho e a sua maturidade para perdoar as pessoas que, mesmo sem querer, quebraram o seu coração, são inspiradoras.

Vejo que segue os ensinamentos de meu bisavô, Wicenty, e que passa por trilhas que alegrariam a minha bisavó Aurora, portanto peço que não fique se pressionando e achando que eles não se orgulhariam de ti.

Assim como a vovó Kataryna, você se transformou em uma fortaleza que nos protege de todas as dificuldades, todavia jamais desistiu de tentar encontrar a bondade nas pessoas. Você vê o mundo de uma forma que eu nunca imaginaria e me incentiva não somente a cultivar esperanças, mas também atitudes que sejam responsáveis por de fato gerar mudanças significativas.

Obrigada por ser essa mãe esplêndida, detentora de um espírito aventureiro, que se arrisca e traz luz nas noites mais frias. Eu te amo muito, e me sinto abençoada por Deus me permitir esse privilégio de estar em sua presença e contar com a sua ajuda cotidianamente.

Um abraço apertado,

Ayana.

Guardei a carta que eu havia feito para a minha mãe, durante minha adolescência, na gaveta da mesa de cabeceira, e saí do conforto dos edredons com relutância, desvencilhando-me do calor da cama que se tornara meu refúgio nos últimos dois meses. Por mais que a vida ultimamente se encontrasse em um estado melancólico que parecia ser interminável, eu precisava voltar, até mesmo porque a última coisa que eu desejava era reprovar na faculdade de Medicina. Quem diria que os anos voariam assim e agora eu já teria vinte e cinco anos de idade?

Tomei uma ducha gelada que por algum motivo afrouxou o aperto das garras ásperas de solidão que constantemente se encontravam ali, segurando-me e impedindo que eu fizesse qualquer atividade de forma natural e eficiente.

Deixei que a água varresse o desânimo e o sono, coloquei as primeiras roupas que avistei no armário e desci para tomar um café gelado que eu havia feito durante a madrugada, para finalmente terminar o bendito trabalho sobre minha árvore genealógica.

Deveria estar animada para contar sobre minha família, que sempre foi maravilhosa, mas eu, Ayana Benetti Davies, seria capaz de transparecer isso desta maneira? Embora carregasse o sobrenome de uma jornalista tão alegre e criativa, sentia-me como uma bomba relógio prestes a explodir.

Dentro do ônibus, enquanto tentava memorizar a apresentação, perdi-me em meus pensamentos, refletindo a respeito da forma com que a vida nos prega algumas peças, nos ensinando o valor de cada segundo e como aproveitá-los acima de tudo.

— Ela veio mesmo! Isso é uma surpresa e tanto!

Escutei os cochichos assim que adentrei a porta principal da universidade. Mesmo com uma vontade enorme de retrucar, permaneci de cabeça baixa e continuei caminhando em direção a minha sala.

— Ayana? Ayana? Você está melhor? Não imaginei que voltaria hoje, poderia ter te dado uma carona – Charlotte me recebeu.

Ela era sempre muito gentil e uma das únicas amigas que permaneceram ao meu lado quando eu fui egoísta e tentei me afastar de todos por conta de meus problemas.

— Oi! Não se preocupe com isso, eu vim de ônibus. Não te avisei, porque não planejava mesmo vir hoje, apenas decidi de última hora – respondi com um pequeno sorriso no canto da boca.

— Ah, fico tão feliz em te ver! Senti muito a sua falta e meus dias não foram os mesmos sem você! Poderíamos ir ao cinema à noite, o que você acha? – sugeriu Charlotte ligeiramente receosa, o que notei através de sua voz um pouco rouca.

— Também fiquei com saudades, Charlotte. Você sabe disso! E eu aceito sim. Vamos na sessão das sete horas da noite? Quero ver o filme do Elvis, vai ser a primeira vez que vou ao cinema depois da pandemia. Quem diria que, em um piscar de olhos, já estamos em 2022.

— Elvis Presley? Você tem certeza disso? – perguntou Charlotte

espantada.

— Sim! Eu sei que...

— Bom dia, turma! Espero que estejam prontos para nosso seminário, não vou aceitar desculpas hoje – disse Marco, meu professor de Genética, enquanto fixava os grandes olhos em minha direção.

— Posso começar? – perguntei com a voz falha, enquanto minhas pernas tremiam levemente. Queria acabar logo com aquilo e ir embora.

— Ótimo, senhorita Davies. Finalmente alguém tomou a frente. Espero que continue assim, vocês não estão mais na idade do professor ter que fazer sorteios para decidir a ordem da apresentação. Pode vir e começar.

Assenti com a cabeça e me levantei rapidamente, para iniciar a apresentação.

— Como alguns sabem, eu fui adotada. Convivi com meus pais biológicos durante seis anos na Somália, mas não consigo me lembrar muito deles. Um médico inclusive afirmou que um pouco desse esquecimento pode ser por conta de más recordações, já que uma das únicas cenas que tenho guardada envolve barulhos de tiros, explosões e gritos de socorro. Apesar disso, me falaram que os meus pais pareciam se preocupar muito comigo e fizeram de tudo para me proteger. Visitei a Somália algumas vezes, é um belo país, mas não obtive muitas informações sobre eles, infelizmente.

Respirei profundamente antes de prosseguir.

— Apesar disso, não vim contar nenhuma história triste hoje.

Vou falar da genética de minha família adotiva, da qual eu tenho muitas recordações e convivi por mais tempo. Vamos lá. Minha mãe é uma bela polonesa ruiva. Isso ocorreu pelo fato de meu avô Bartolomeu carregar o gene recessivo que, devido a uma mutação do gene receptor Melanocortina-1 (MC1R), foi o responsável pela produção da melaninaela, determinando que os cabelos dela fossem dessa cor, assim como minha tia Tarsila. Estudando um pouquinho mais, percebi que esse gene também esteve presente no DNA dos meus pais biológicos, fazendo com que meus cabelos fossem dessa coloração acobreada, diferentemente deles.

Limpei a garganta e me localizei em minhas anotações.

— Outro traço genético da minha árvore genealógica é a forte presença de olhos claros, esses que somente oito por cento da população mundial tem. Meus avós paternos provavelmente possuíam os genes OCA2 e, por conta disso, meu pai Benjamim também tem íris azuis.

Continuei a minha apresentação de modo confiante, pois me recordava claramente do conteúdo estudado dos livros daquela matéria, e entreguei o sequenciamento genético da minha família em um HD para o professor Mário. Antes que eu pudesse terminar, fui interrompida por uma pergunta.

— Que livro é esse em sua mão? Ele faz parte de seu trabalho? – questionou Ella, uma das estudantes mais promissoras do curso de Medicina.

— Não exatamente. Pretendo mostrá-lo como um complemento.

Naquele momento, senti algo diferente no peito, uma leveza, como se uma brisa de coragem me atingisse repentinamente. Ninguém havia perguntado sobre o livro até então, nem mesmo Charlotte, que era sempre atenciosa e observadora.

— Este exemplar foi escrito por uma escritora muito importante, Helena Benetti Davies, que carrega o mesmo sobrenome que o meu, pois ela é minha mãe, como vários aqui já tem conhecimento. Sou capaz de defini-la como uma grande jornalista, aventureira, esposa, filha e mãe. De Corpo e Alma não é apenas um amontoado de folhas, mas sim uma parte de minha mãe, de nossa família, da minha própria história e de todos aqueles que estão presentes nele.

— Conhecendo os trabalhos de sua mãe, de fato deve ser uma publicação ótima, mas por que achou que ela poderia contribuir com esta matéria, senhorita Davies? Ou seria por uma razão mais sentimental?

— Professor, e demais estudantes, eu sei que parece estranho trazer uma obra assim para uma aula de Genética, porém, embora isso não seja claro à primeira vista, os registros de história sempre foram extremamente necessários para pesquisas científicas. Vejam só, apesar das palavras escritas aqui carregarem um significado extraordinário para mim, através delas eu pude conhecer diversos parentes que já se foram, bem como alguns de seus hábitos e aparência física, o que foi indispensável para a realização deste trabalho. Portanto, acabou servindo como modo de reforçar que as informações que me contaram sobre o assunto são verídicas.

— Na verdade, este argumento faz demasiado sentido, senhorita Davies. Os relatos são muito úteis, principalmente quando não temos acesso a fotografias ou elas são em preto e branco, por exemplo. A apresentação ficou excelente, parabéns. Já pode se sentar. Quem será o próximo?

Charlotte me lançou um sorriso de aprovação e orgulho, que eu retribuí. Assim, a aula prosseguiu sem perturbações.

— Quer tomar um café? Eu posso levar você para casa mais tarde.

— Muito obrigada, Charlotte, porém hoje tenho um compromisso. Mas não tem problema, deixamos para amanhã.

— Estou preocupada com você, Ayana. Depois dos problemas pelos quais passou, não quero te ver recaindo novamente. Fiquei tão aliviada quando você surgiu pelas portas. Sabe que podemos conversar a qualquer instante, não é?

— Sei sim. E igualmente. Estarei aqui, caso você passe por alguma ocasião difícil, assim como você esteve para mim. Eu te amo, sabia? Você é uma amiga maravilhosa.

Ela afirmou o mesmo para mim e fomos por caminhos diferentes ao passo que o táxi, que eu havia chamado, chegou.

Já eram quase cinco horas da tarde quando cheguei na floricultura perto de casa, um lugar que era como um sonho e fora nomeado como Sinfonia dos Ramalhetes.

Acredito que uma das coisas que mais acho encantadora em minha mãe é seu amor pelas papoulas, creio que herdei isso dela pela convivência. Sou apaixonada, principalmente pelas vermelhas, portanto fiquei muito interessada quando enxerguei um buquê delas perto da entrada do estabelecimento.

— Boa tarde, Dona Esthefania! O de sempre, por favor – cumprimentei enquanto colocava a minha mochila no balcão.

— Boa tarde, querida! Infelizmente só temos uma, você vai levar a última?

— Sim, por favor, aqui está o dinheiro – digo colocando um dólar canadense na palma da mão de Dona Esthefania, uma das pessoas mais alegres que conhecia. Era um desrespeito não retribuir um sorriso para ela.

Saí da floricultura e senti o cheiro da papoula, aparentemente aquele buquê já estava reservado no final das contas.

No trajeto até a minha casa, pensei em um dos trechos do livro que eu não havia citado na universidade, um que não existia em mais nenhum exemplar, além do meu. Fui atingida por uma súbita vontade de rever aquela parte o mais rápido possível, então caminhei apressadamente até uma padaria que eu adorava e fiz o meu pedido, pois aproveitaria uma das confortáveis mesas para fazer a leitura.

— Boa tarde, bela moça, o que deseja? – disse uma simpática moça com cabelos tingidos na cor de vinho.

— Boa tarde! Um leite quente com calda de avelã e cereja e dois bolinhos de chocolate com massa folhada, por favor.

— Claro, volto daqui alguns minutos. Meu nome é Flor, chame se precisar de algo.

Apenas assenti e a observei desaparecer pelo corredor que levava até a cozinha. Esperei Flor trazer os bolinhos para que pudesse tomar coragem, enquanto tomava o leite quente.

Abri na página já marcada, *"Minha linda e adorável Ayana"*. Essas palavras ressoavam dentro de mim.

Aparentemente os famosos ventos do destino sopraram uma brisa de bênçãos e me levaram até você, minha admirável filha. Escrever

para ti e sobre ti não é uma missão fácil, devo admitir. Entretanto, quero que leve essa pequena carta como uma das únicas recordações materiais mais valiosas que deixarei para você.

Nos conhecemos em uma ocasião isenta de qualquer traço de um cenário encantador e repleto de magia, porém arrisco-me a afirmar que foi um dos melhores dias da minha existência até agora. E não por ter sido necessariamente cheio de felicidades, mas por simbolizar um marco tão importante e por ser responsável por uma das mudanças mais drásticas, inesquecíveis e sublimes pelas quais já passei.

Minha pequena flor, explicar-te sobre a vida definitivamente não é simples e nem intuitivo, ilustrar a respeito da relevância e precisão das dificuldades é pior ainda, e eu sempre temi que seu pai e eu não tivéssemos a habilidade de ensinar a um pequeno e delicado ser humano a como enxergar beleza no mundo e ao mesmo tempo lutar para que esse melhore continuamente, sem se perder de si mesmo pelas trajetórias.

Todavia, eu notei que por muitas vezes quem atuou como professora foi você. Eu jamais imaginaria que tamanha força pudesse ser guardada dentro de uma pessoa que possuía pouco mais de um metro de altura quando a encontrei. Impressionantemente, você provou que estava tudo bem nos desprendermos ligeiramente daquele enorme desejo de te proteger e te permitir o privilégio de escolher os próprios caminhos e lidar com eles, contando conosco como um apoio, mas deixando que você fosse a protagonista e andasse sempre na linha de frente. No final, não eram apenas os seus cabelos ruivos acobreados que combinavam com os meus, mas a nossa teimosia e perseverança.

Meu amor por você aumenta diariamente e eu nem entendo como isso é possível, afinal de contas, sempre que te olho é como se meu cora-

ção estivesse inteiramente repleto desse tão almejado sentimento. Você era a pecinha que eu nem sabia que faltava no quebra-cabeça de nossa família, nos tornando completos. Você foi um arco-íris que se formou em meio a uma tempestade, e que não esperou as nuvens se acalmarem para mostrar suas belas cores.

Sei que já enfrentou muitas feras até agora, e que dói saber que existem parcelas tão tristes na sua história. Entretanto, por favor, nunca pense em passar uma borracha para esquecer tais linhas. Caso alguém tente fazer com que se envergonhe do fato de não sermos sua família de sangue ou menospreze seus pais biológicos por não terem tido a oportunidade de te criar, levante a cabeça e faça com que sua voz seja ouvida. Afinal de contas, as estações são muito curtas para perdermos minutos preciosos com mentiras sem sentido, que ganham forma nos lábios das pessoas conforme a maldade e falta de empatia falam mais alto.

O tempo é um mistério e passa demasiadamente ligeiro por nós. O meu medo é que você foque tanto nos aspectos que a população considera relevante e não aproveite o que aquece seu coração.

Tenha plena consciência de que seguirei te abraçando apertado em absolutamente todas as minúsculas chances, pois, após ter enfrentado mais de uma década afastada de meu pai e tantos entes queridos terem se direcionado para o lado do Criador, entendi que demonstrações de amor verdadeiro são preciosidades inestimáveis e passageiras que deixam marcas eternas.

Se você me permitir um conselho: colecione momentos como se fossem pingentes que enfeitam uma pulseira prateada e brilhante.

Porque, apesar dos desafios, a vida é extremamente divertida. E, embora isso se assemelhe a um pensamento adolescente, o indivíduo que determinada vez afirmou que somos movidos por sentimentos se

encontrava completamente correto.

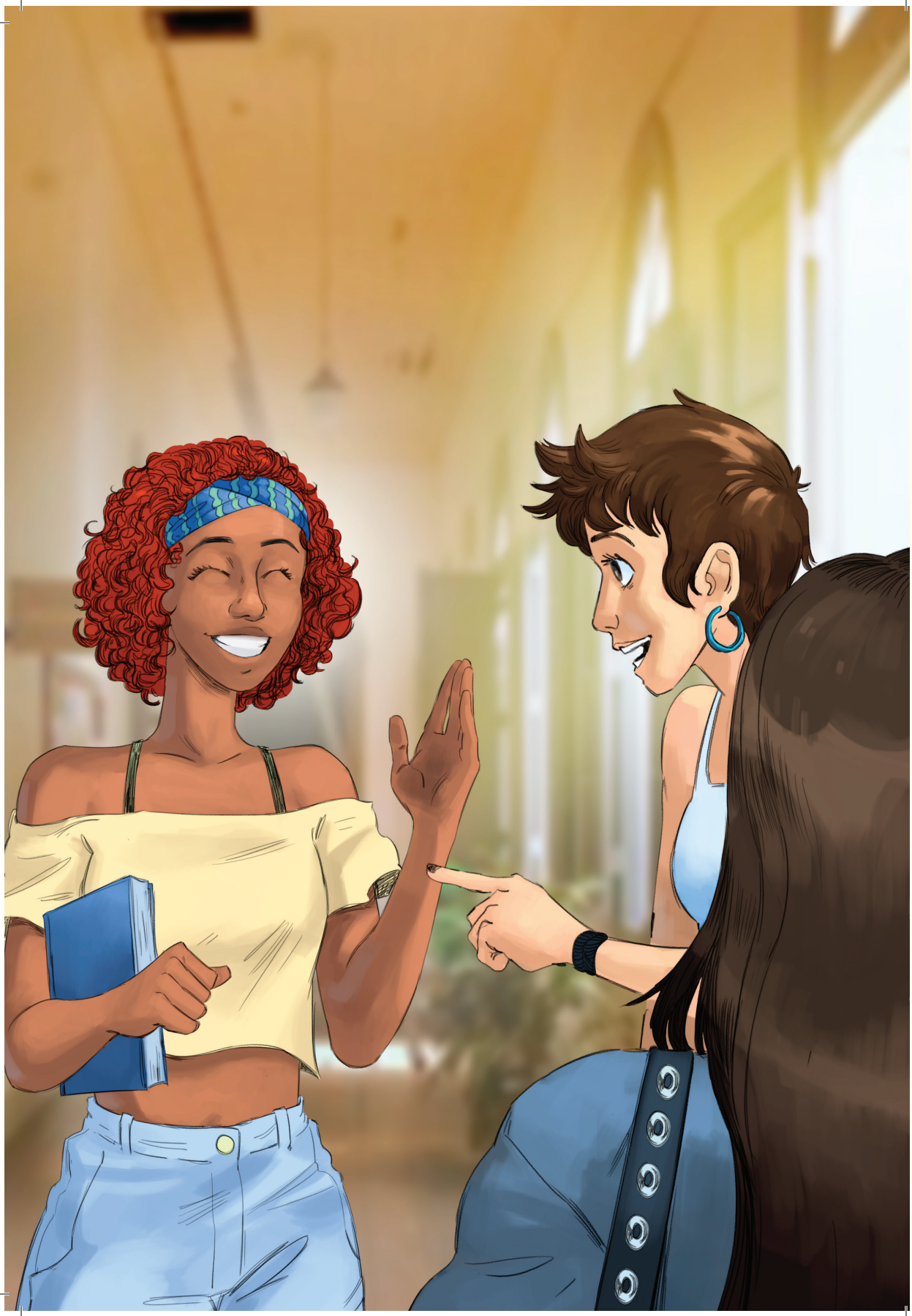
Meu pai falava que a felicidade está nos sorrisos, lágrimas, trocas de olhares e na capacidade de enxergar os mais humildes detalhes. Sendo assim, eu não poderia concordar mais com ele. Até mesmo porque eu sigo tal conselho há mais de quarenta anos e ele ainda funciona.

Ver você feliz quando um dentinho mole caía e reparar na forma como seu pai, você e eu constituímos um maravilhoso lar sempre me encheu de alegria. E eu rezo para que encontre razões para rir e agradecer em cada ponto de sua linha do tempo.

Neste exato instante, enquanto a tinta da caneta ainda nem secou no papel, encontro-me aproveitando uma doce xícara de chá em meio a várias de minhas flores preferidas, no campo de papoulas em Lublin, com o branco de minhas mechas contrastando com o vermelho vivo das pétalas. Digo isso com a intenção de que, no futuro, imaginemos essa cena e consigamos sentir a paz e calmaria deste lugar, mesmo longe, fazendo uso das lembranças para materializar cada detalhe.

Inclusive, preservar memórias bonitas é indispensável, afinal de contas, durante a leitura de um bom livro, em diversas ocasiões, quando estamos envolvidos dentro da história, podemos simplesmente virar a folha e somente então perceber que nos deparamos com a última página.

A carta não possuía despedida, apenas um singelo risco na próxima linha como se a mão de minha mãe tivesse escorregado ao iniciar a frase, no momento em que ela se rendeu ao sono e adormeceu. Aquele dia foi a última vez em que ela se aventurou pela escrita.



Autores das ilustrações

Projeto Crescer I

Kimberly Vithoria Kondazeski ..... 6º E

Dafne Monique Leal de Oliveira ..... 7º A

Giselle Maria Garcia ..... 7º A

Júlya Fernandes Pereira ..... 8º D

Giulia Gabriela dos Santos Calizotti ..... 9º B

José Romeu Pereira Neto ..... 9° C

Projeto Crescer II

Nicolas Oliveira de Souza ..... 6º C

Júlia Oliveira do Nascimento ..... 7º A

Matheus Bigoli de Vasconcellos ..... 7º A

Pietra Yasmim Covre ..... 8° B

Maria Eduarda Minella Berbert ..... 8º A

Mariane Lorenzato de Lima ..... 8º B

Sabrina Pereira da Luz ..... 8º B

Sabrina Cavicchio Furlan ..... 8º B

Professor de Arte

Rafael dos Santos Calizotti

Participação dos alunos Autores Projeto Crescer I

Ana Beatriz de Matos.....5°A

Gustavo Henrique Timoteo Patek.....5°A

Heitor Fanelli de Oliveira.....5°A

Jeferson Timoteo Patek.....5°B

Paola Zanelato Scalco.....5°C

Arthur de Gouveia Ponci Pereira.....6°A

Carlos Eduardo Rodrigues Marques.....6°A

Caroline Rangel Moura dos Santos.....6°A

Emanuela Fernanda dos Santos.....6°A

Kimberlly Eduarda Nunes de Melo.....6°B

Lara Gonçalves dos Santos.....6°B

Lavinia Gabriela Garcia de Souza.....6°B

Luana Gabriele de Lima.....6°B

Maria Eduarda de Melo França.....6°B

Maria Gabriela Garcia.....6°B

Matheus Henryck Heringer Garbelini Silvano.....6°B

Ana Clara Wenceslau da Silva Costa.....6°C

Eduarda Gabrielly Nascimento Ribeiro.....6°C

Maria Eduarda Parra ..... 6°C

Otavio Augusto Barbosa ..... 6°C

Emily Isabelly dos Santos Rigo ..... 6°D

Dafne Monique Leal de Oliveira ..... 7°A

Davi Soares Schwendler ..... 7°A

Emanuele Vitoria da Silva Romualdo ..... 7°A

Emily Cristiny Coelho Fernandes ..... 7°A

Giselle Maria Garcia ..... 7°A

Jean Rene Junior Anselme ..... 7°A

Júlia Rafaela Golfeto ..... 7°A

Luca da Costa Bomfim ..... 7°A

Matheus Vinicius Violado Andrade ..... 7°A

Stefany Vitória Garcia ..... 7°A

Matheus Henrique da Costa ..... 7°B

Maysa Ramos de Jesus ..... 7°B

Mikaela Nathalia Ferreira Wilke ..... 7°B

Raissa Mirella Volpato dos Santos ..... 7°B

Raphael Kauã Faria da Silva ..... 7°B

Thaylla Alana Barbosa Rocco ..... 7°B

Vinicius Henrique da Silva Morais ..... 7°B

Angeles Bortoluzzi ..... 7°C

Thamires Lucio Izidoro Pereira ..... 7°C

Ana Júlia Rubim Baptistella ..... 8°A

Ana Luísa da Cunha Da Silva ..... 8°A

Antonio Ceolin Bassani ..... 8°A

Ariadny de Souza Gomes ..... 8°A

Daniel Luis Ferreira Bortolassi da Silva ..... 8°A

Ellen Beathrice Santana ..... 8°A

Eloa Maria Carlos Alves ..... 8°A

Giovana Arissa Takechi ..... 8°A

Giovana Duarte do Amaral Felix ..... 8°A

Giovanna Kauane Teixeira da Silva ..... 8°A

Graziele Domingues Maciel ..... 8°A

Jhennifer Cristina Castro Ferreira ..... 8°A

Juliane Ferreira Silva ..... 8°A

Jullia Edhuarda dos Santos de Oliveira ..... 8°A

Kayky Gabriel Rodrigues de Moura ..... 8°B

Kelly Cristina Garcia ..... 8°B

Larissa Barro Nascimento Silva..... 8°B

Luana dos Santos Carnicelli..... 8°B

Luis Otavio Pavanelo..... 8°B

Nhandeara Alves Favaretto ..... 8°B

Nicolas Augusto Crivellaro da Rocha..... 8°B

Pedro Henrique Paulozza Batista..... 8°B

Rafael Kenzo Irie ..... 8°B

Samuel Vitor Pancioni Soares..... 8°B

Ana Gabriella de Almeida Roza ..... 8°C

Beatriz Schwarz Negri ..... 8°C

Bianca Schwarz Negri ..... 8°C

Pedro Henrique Aguiar Achapar ..... 8°C

Vinicius Evangelista da Silva..... 8°C

Vitoria Gabrielle dos Santos ..... 8°C

Brian Teixeira da Silva..... 8°D

Gisely Souza Vieira..... 8°D

Júlya Fernandes Pereira ..... 8°D

Larissa Alexandre da Silva Barbosa ..... 8°D

Lavinia Martins Incão ..... 8°D

Maria Clara Hernandes Alves ..... 8°D

Marina da Silva Domingos dos Santos ..... 8°D

Arthur Dias Guimarães ..... 9°A

Bryan Emanuel da Silva Romualdo ..... 9°A

Bryan Marques Vieira ..... 9°A

Everson Sales Silva Cruz ..... 9°A

Pedro Henrique Borim Nunes ..... 9°A

Gabriel Santana de Oliveira ..... 9°B

Gean Lucas e Silva Vaz ..... 9°B

Giovana Gasparino Cestari ..... 9°B

Giulia Gabriela dos Santos Calizotti ..... 9°B

Isaac Mutsuo Shimizu Firmo ..... 9°B

Joana Isabelle Lima de Oliveira ..... 9°B

João Vitor Bettiol Ribeiro ..... 9°B

Maria Clara de Melo Trajano ..... 9°B

Maria Fernanda Dos Santos Faria.....9°B

Yasmim Gasparini Belini.....9°B

Ana Beatriz da Silva Nonato.....9°C

Ana Heloisa da Silva Nonato.....9°C

Arthur Fanelli de Oliveira .....9°C

Danielly Horacio Bisterço dos Santos .....9°C

Eduardo Correia Bressler.....9°C

Gabriella Eduarda Pereira Coelho .....9°C

Guilherme dos Santos Firmino .....9°C

Gustavo Santana de Oliveira.....9°C

José Romeu Pereira Neto.....9°C

Maria Eduarda de Oliveira Caldeira .....9°C

Mariana Marrone .....9°C

Mariane Ferreira Franzin .....9°C

Otavio Francisco Izidoro Costa .....9°C

Coautores

Projeto Crescer I

Ana Beatriz Victor Ribeiro .....6º A

Ana Hadassa Silva Afonso.....6º A

Ana Luiza Barros Alves .....6º A

Cristopher Arthur Dos Santos Rodrigues.....6º A

Davi Jussiani .....6º A

Eduardo Henrique Lopes Nunes .....6º A

Enzo Augusto Valloto .....6º A

Felipe Damião Depoli .....6º A

Gabriel Heitor Brito Magro .....6º A

Heloa Vitoria de Souza .....6º A

Hugo Gabriel Luiz dos Santos .....6º A

Isabele Alves de Oliveira .....6º A

Isabele Barbosa Andrade Paladini .....6º A

Isadora Caroline Patek da Silva .....6º A

João Pedro Calisto de Campos Olanda .....6º A

Juan Carlos Gomes de Moraes Filho .....6º A

Julia Alves Guirelli .....6º A

Julia Nicole de Jesus .....6º A

Marcos Miguel Dias Domiciano.....6º A

Maria Clara Lopes dos Santos .....6º A

Lara Gonçalves dos Santos .....6º B

Mariana Sanches Batista .....6º B

Adrian Samuel Soares Oliveira.....6º C

Gabriel Henrique dos Anjos.....6º C

Luan Gustavo Rosalino Gonçalves.....6º C

Yanni Bentes Batista .....6º C

Yasmin de Oliveira.....6º C

Yasmin Kosciuk Rossatti .....6º C

Ana Beatriz de Morais Silva .....7º A

Thaylla Alana Barbosa Rocco.....7º B

Yasmin Cavalcante Alarcon .....7º B

Eloa Maria Carlos Alves .....8º A

Evandro Eduardo dos Anjos.....8º A

Gustavo dos Santos Firmino .....8º A

Gustavo Henrique do Nascimento .....8º A

Jullia Edhuarda dos Santos de Oliveira .....8º A

Maria Eduarda Santos da Silva.....8º B

Vitoria Gabrielle dos Santos .....8º C

Everson Sales Silva Cruz.....9° A

Autores
Projeto Crescer II

Nicolle Sophia Menezes Martins ..... 5° A

Paola Gabriela Batista dos Santos ..... 5° B

Anna Clara Dias do Carmo ..... 6° A

Mariane Emanuele Rodrigues Luiz ..... 6° A

Rafaella Bortotti ..... 6° B

Thiago Freitas Medeiros ..... 6° B

Vanessa Scaratto de Freitas ..... 6° B

Yara Beatriz Batista Meriso Fedurruski ..... 6° B

Julia Vitoria Pinto de Souza ..... 6° C

Maria Eduarda Simão ..... 6° C

Marina Martins Nunes ..... 6° C

Milena Romão da Silva ..... 6° C

Thamara Fernanda Rosa Ribeiro ..... 6° C

Yasmin de Almeida Abolis ..... 6° C

Ana Luisa Gabriel Nobile ..... 7° A

Clara Rufato Rodrigues..... 7° A

Maria Eduarda de Souza ..... 7° A

Matheus Bigoli de Vasconcellos ..... 7° A

Alexandra Bugada..... 8° A

Arthur Martins Trettene ..... 8° A

Camila Albuquerque Ferreira..... 8° A

Camila Souza dos Santos..... 8° A

Júlia da Costa Alves..... 8° A

Karolayne Chaves dos Santos Maia ..... 8° A

Maria Eduarda Minella Berbert ..... 8° A

Mariane Lorenzato de Lima ..... 8° A

Melyssa Testai do Nascimento ..... 8° A

Matheus Henrique Flejs Rodrigues ..... 8° B

Pietra Yasmim Covre ..... 8° B

Sabrina Pereira da Luz ..... 8° B

Nathan Scaratto Bragas Ferreira ..... 8° B

Bruno Lenharo Costa..... 8° C

Lucas Henrique Silva ..... 8° C

Manuela Maier dos Santos ..... 8° C

Maryana Greppi de Almeida ..... 8° C

Rafaela Trettene da Silva ..... 8° C

Rayane Rozzi Belo dos Santos ..... 8° C

Riana de Siqueira ..... 8° C

Viviane Aparecida de Matos Trevisoli ..... 8° C

Beatriz Monteiro Argolo ..... 8° C

Patricia Aparecida Rodrigues da Silva ..... 8ª B

Ana Rita Xavier dos Santos Silva ..... 9° A

Emanuel Elias Messias de Cristo ..... 9° A

Kawan Belisário Alexandre ..... 9° A

Mariane Dias do Carmo ..... 9° A

Talita Dorocinski Delmonaco ..... 9° A

Amanda Carolina Gonçalves Barbosa ..... 9° B

Arthur Gabriel Velasco de Oliveira ..... 9° B

Danilo Semião Rigo ..... 9° B

Eduardo Francisco da Silva ..... 9° B

Julia Harumi Hirata Kague ..... 9° B

Leticia Quenehen dos Santos Lima ..... 9° B

Maria Eduarda dos Santos Araujo ..... 9° B

Mikaele Yasmin Casa Grande ..... 9° B

Sophia Lenharo Costa .....9° B

Victor Hugo Rodrigo dos Reis .....9° B

Graziella Ferreira de Bonfim .....9° C

Nicole Vitoria Pereira .....9° C

Paulo Henrique Jorge .....9° C

Ryan Camilo de Souza .....9° C

Coautores

Projeto Crescer II

Ana Beatriz Santos Aguiar.....5° B

Eduardo Faustino Figueiredo .....5° B

Heitor Ricci Vieira Corsini .....5° B

Isabella de Souza Rangel .....5° B

Letícia Magirski Ferreira dos Anjos .....5° B

Maria Luiza de Brito Mota .....5° B

Nicolas Gabriel Rezende.....5° B

Pedro Henrique Lamin da Silva.....5° B

Pedro Miguel de Souza .....5° B

Pyetra Marçal Pereira .....5° B

Victor Eduardo Moreno Nunes .....5° B

Anderson de Almeida .....5° C

Bianca Farias de Oliveira Taconi .....5° C

Brayan da Silva Faita .....5° C

Davi Lemes Monteiro .....5° C

Eduardo dos Santos Balarin .....5° C

Giullia Milena Duarte Bonhotti .....5° C

Gustavo Faverzani .....5° C

Hadley Sebastian Gonçalves .....5° C

Isac Veloso Lisboa .....5° C

Laura Lourenço Rodrigues .....5° C

Livia Gabriela Barros Taborda .....5° C

Nycolas Raphan Flauzino Correia .....5° C

Thiago Augusto Martins de Oliveira da Silva .....6° B

Beatriz Caroline Dias da Rocha .....6° C

Beatriz Vitória dos Santos .....6° C

Emanuelle Teixeira Lopes .....6° C

Emanuelle Vitoria dos Reis .....6° C

Gabriel Luiz Tesoto .....6° C

João Lucas Sabino .....6° C

Nicolas Oliveira de Souza .....6° C

Nicole Oliveira de Souza .....6° C

Thiago Orlando Bittencourt .....6° C

Pedro Mariano Fernandes da Silva .....7° B

Pedro Henrique Cavalcante de Brito .....8° B

Cauã Henrique Soares dos Santos .....9° B

Patrocinadores

PATROCINADORES LEI DE INCENTIVO À CULTURA 2010 A 2022

































































Genious Pneus
































































Selmi
DESDE 1887


BRDE
BANCO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO DO EXTREMO SUL


COPRALON


Vale Fértil


JAZAM


GRUPO
FASOUTO


GRUPOmalwee


CBN


ATMAN
BRASIL


QMOVI
Industria Moveleira Ltda


mercantil
NovaEra


METALÚRGICA
TSB


ROMAGNOLE


VOX


VALDAR
móveis


VENEZA


Supermercado
Pavão


colibri


ROPEL
Ferramentas

PATROCINADORES LEI DE INCENTIVO À CULTURA
PESSOA FÍSICA 2022

Apoio: Unimed

Alberto Fornazieri

André Tosca

André Itiyama

Anesio Cangussu

Delmo Giandon

Fabiano Azevedo

Fabricio Bussadori

Geraldo Salomão

Jorge Gonçalves

Josemir Queiroz

Lincoln Koarata

Milton Pennacchi

Paulo Pennacchi

Pieker Migliorini

Romeu Bessa

PATROCINADORES LEI DE INCENTIVO À CULTURA 2022

DOADORES MENSAIS 2022 - VALORES

A PARTIR DE R$ 500,00 MENSAIS

DOADORES MENSAIS 2022 - PRODUTOS E SERVIÇOS

A PARTIR DE R$ 500,00 MENSAIS

DOADORES PONTUAIS - PRODUTOS, VALORES E SERVIÇOS

A PARTIR DE R$ 500,00 MENSAIS



Missão

Edificar pessoas através da educação.

Visão

Ser reconhecida como instituição de excelência no ensino e nas ações transformadoras na realidade social, com um olhar voltado para valores de cidadania, diversidade e igualdade, com vistas à formação de sujeitos críticos, autônomos, munidos de ética e de solidariedade.

Princípios/Valores

Responsabilidade, gestão democrática, humanismo, igualdade, transparência, respeito à vida, liberdade/autonomia.

.....

CNPJ 77.355.675/0001-88
RUA PATO BRAVO, 197 - JARDIM CULTURA
ARAPONGAS - PR - CEP 86707-670
FONE: (43) 3056-8777

LEI 8.313/1991. LEI FEDERAL DE INCETIVO À CULTURA

.....

www.casadobommeninodearapongas.org
projetocrescer@casadobommeninodearapongas.org
casadobommeninodearapongas
casabommeninoarapongas
ProjetoCrescerArapongas